

AGOSTINHO BOTH

O
Sonhador
e o
Sofrimento



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura



O Sonhador e o Sofrimento



AGOSTINHO BOTH

O
Sonhador
e o
Sofrimento

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2018

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

Creative Commons Atribuição-Compartilha Igual 4,0 Internacional;

Para ver uma cópia desta licença, visite:

[http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt BR](http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR) ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

Revisado pelo autor em: 23/11/2017

B749s Both, Agostinho

O sonhador e o sofrimento [recurso eletrônico] /
Agostinho Both. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2018.

7,2 Mb ; PDF.

ISBN 978-85-8326-320-3

Modo de acesso: World Wide Web:

<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Narrativas pessoais.
3. Biografia. 4. Frei Joel. I. Título.

CDU: 869.0(81)-94

Sumário

O Intenso Frei Joel	9
As dores jesualdas	13
Jobi ensina	17
As merecidas férias de São Jobi	21
Entre índios	25
Retornando	27
Jobi, o exegeta	29
Outras inconformidades	33
Aventuras de Abrão.....	35
De dores	39
As mortes de Sara	43
e do patriarca	43
Preleção sobre os males	45
José no Egito	49
Os caminhos de Moisés.....	55
Antes do deserto	59
O deserto educa	61
A virtude social.....	63
no deserto.....	63
Jobi entre dúvidas	69
De Josué e suas conquistas	73
Os Juízes guerreiros.....	77

Jobi em dúvidas	81
Primeiro livro de Samuel.....	83
Segundo livro de Samuel.....	89
Pode isso?	91
Dos desmandos de Davi e suas consequências.....	93
Salomão: o fim de um povo	97
Uma leoa que ruge.....	103
Um confessor no meio do caminho	105
Jobi e duas mulheres dos hebreus.....	107
Do sonho perturbador	111
Breve estudo dos profetas.....	113
O levita	117
Jobi o educador.....	119
Nada se havia resolvido.....	121
Pobre Jó, pobre Jobi, pobre cristandade!	125
Dos salmos: a poesia de Deus	133
O conhecimento e a vontade boa: provérbios.....	135
Jobi, um pároco cansado.....	137
Dia seguinte	139
Estudos finais	141
João	147
A casa sofre.....	153
Um monólogo virtual.....	157
Minhas despedidas.....	161
Da morte e outras histórias	163
Desdobramentos da confissão de Félix Berquó.....	169
Um constrangido sermão.....	171
Ponderações em torno de Berquó	175
De quantos pecados	179
Eu investigador me confesso	181

Que noite, rapazes	187
A conversa com Adriana.....	189
Colloqui con Pierina	193
Entre o mal e a solidariedade.....	195
Ainda de meu povo.....	199
Antes da pane geral.....	207
Palavras finais	209
Um lugar pra morrer	215
Em algumas noites de frio	217
Lembranças da Enfermeira Madalena	219
O diabo espia os santos.....	223
Razões para cuidar.....	225
Juliana e Jobi	227
Outro dia	231
Um retiro faz bem	233
O despertar da natureza	235
Histórias de pastores.....	237
O retorno de Juliana	241
Rascunho para o segundo domingo do advento.	243
Dia seis de janeiro.....	245
Sermão para as irmãs no dia da Assunção de Nossa senhora.	247
Numa sexta desvairada	249
Ressurexit sicut dixit,	251
alleluia!!.....	251

O Intenso Frei Joel

Por exigência de meu psiquiatra vou falar de minha vida. Velho, concluo meus exercícios de escrita, entre esquecimentos e lembranças. Ao desmoronar de meu espírito, me escondo na terceira pessoa que é pra não passar tanta vergonha de meus feitos e defeitos. Por vezes vou incursionar na primeira pessoa, tamanhos são meus sentimentos, pois não consigo me ver distante de mim. Divido, então, por mérito franciscano o que me pertenceu. Não esgoto minha história ainda que me revele mil vezes. Falo porque Deus é grande numa só pessoa.

Joel Francisco Bigliardi é meu nome.

Por força de costumes e da fala, tornei-me conhecido por Jobi. Meu pai, Jarbas Patrício Bigliardi, casado com Jesualda Veríssimo. Homem de compenetradas intenções, queria ter um filho santo para garantir sua salvação, entendendo as políticas divinas com vícios de nepotismo. Jesualda, colaboradora, firmava os desejos de seu homem, seguindo com rigor o que era pretendido: vai ser um homem de bem nem que seja na marra. Assim me educaram. Uma vara à altura das mãos sobre a prateleira era um dos meios eficazes em direção à santidade. Começo como guri, andando pelos doze. Os pais já percebiam que o santo nem das varadas se assustava. Até minha bunda resistia à submissão, ainda que roxa das varadas.

A mãe, certa feita, moeu a pau o meu lombo só pela razão de não querer ordenhar a vaquinha Jaguané.

— Isso é judiaria. A pobrezinha anda seca. Só falta arrancar as tetas. É capaz de o ubre cair inteiro pra que se tire a última gota, argumentava.

— Vai lá piá, o que é que tá pensando que é?

O sangue adolescente subiu pelas ventas indo todo parar no couro cabeludo.

— Vão todos à merda!

A vara cantou pela última vez sobre mim.

Muita tensão e dúvida atravessaram a casa.

— Pegou pesado demais, disse o pai.

— Menos que você pega, retrucou a mãe.

Os dois passaram mais de uma hora em severa discussão. Não chegaram a se bater por causa de um vizinho, que chegando, falou.

— Por que isso, gente?

— Por causa do Jobi.

Não é ele que está indo pros franciscanos?

— É ele mesmo, suavizou o pai.

— O que tem o guri?

— Não quis tirar leite da vaquinha Jaguané!, interveio a mãe.

— Foi por causa daquela coisinha que começou tudo?, brincou o vizinho.

— Foi!, resmungou Jesualda.

— Acho que é porque carrega o nome de Francisco que ele se penalizou da pobrezinha, falou o pai.

— Pode ser, pode ser, concluiu o vizinho Rafael, esgotando o papo.

Nesse momento apareci com uma malinha na mão.

— Fui, gente. Tô indo pegar o ônibus. Vou pro seminário antes que tirem o meu couro pensando que sou boizinho. Vou me consagrar a Deus pra ver se tiro essa natureza, que a mãe diz que é do diabo.

— Vai não filho, vai não, meu menino. Desculpe o jeito nervoso da mãe!

— Meu anjo diz que é pra ir, e vou! Tomei de meu dinheirinho ganho na primeira comunhão: o suficiente pra pagar um semestre. Se acaso sentir saudade vou lembrar a última surra.

Agarrei a estrada, decididamente.

— Deixe que vá, falou Jarbas.

— E eu como é que fico, filho?, gritou a mãe.

— Fique com teu Deus e com tua vara.

Cena inusitada ocorreu: a mãe resfolegava atrás do filho e o filho, de mala e cuia, corria mais que ela. Por fim, ela voltou sufocando lágrimas e cansaço.

Jarbas pra consolo dela se expressou: Deixa o guri! O que não fizemos, os franciscanos fazem. Tem mais: do jeito que é o nosso menino será capaz de mandar o diabo pro inferno.

Como sói acontecer, aconteceu. O vizinho Rafael contou pra mulher dele, o mesmo que tivesse contado pra toda comunidade: *a mulher do Jarbas quase matou a pau o guri deles que fugiu pro seminário. Eu mesmo vi a dona Jesualda correr atrás dele, querendo impedir a fuga. O guri fugiu vertendo sangue e ninguém sabe pra onde.* Chegou a tanto a conversa final.

A maldade e as versões são gratuitas, antes fossem pagas, o que seria um belo imposto aos bocudos. Foi o que o vigário falou na rádio tentando amenizar o falatório. Padre Adriano Collet, não andando bom de humor, se irritou ao final do programa com o comentário do entrevistador, homem desconfiado das coisas da fé.

— Pois é vigário, não fizeram do homem de Nazaré assim como fizeram com a história do Jobi?

— Aí é diferente! Os evangelhos não são obras de vizinhos, é trabalho bem feito pelo Espírito Santo.

— Mas quem escreveu foram homens e as penas eram de gansos.

— Não me tire do sério, homem, que eu tenho mais o que fazer.

Mas vamos ver Jobi no seminário, enquanto a mãe morria de dor.

As dores jesualdas

Dores agudas se voltavam contra Jesualda por causa da comunidade: coisa danada a língua, como vespas africanas. Os olhares das amigas incriminavam a forma abusiva de bater no piá, deixando-a furiosa. Sabia que faziam o mesmo na educação dos filhos. Não tinham nada que se meter na educação do seu Jobi. Bati, sim, confessava, mas a causa era nobre. Endireitar um piá pro lado do bem requer severidade, que a raça é braba!, se justificava. Aos poucos as falas foram se tornando amistosas. Jesualda, aliviando o seu lado, contava maravilhas de seu garoto, que andava bem acompanhado nos caminhos do Senhor. Numa versão atualizada, explicava a pedagogia dos franciscanos às amigas. Não vão pensar que eles vão deixar meu piá um santo só com conversas delicadas. Lá o bicho pega. Sei do frei Anselmo da última vez que chegou aqui em casa. É estudo, oração e trabalho desde as cinco e meia da manhã até o piasedo cair de sono às oito e meia da noite. Lá é que é que se aprende, não é como com filhos de vocês que andam levando ovelhas não sei pra onde nem sei pra fazer o que. Vocês vão ver só meu guri falar lindas palavras. Pra terem uma ideia: vejam o que ele escreveu. Tá escrito, não tá falado: *sei que vos feri com minha irreverência*. Isso é escrita de doutor. Acho que ele quis dizer que se arrependeu da falta de respeito. Isso que tá só no começo. Cada palavra vai sair mais bonita que os embrulhos da dona Antônia. Não é verdade que todo mundo manda ela embrulhar até porcaria, pra aparecer coisa dotro mundo? É o que tou falando do meu Jobi: as palavras dele vão ser melhor que os pacotes dela. Deus vai sai uma beleza da boca do meu piá. E tem mais: ai de quem desviar o meu santo dos caminhos de Deus. As guria que se cuidem, e tem mesmo muitas oferecidas por aí. Não vou deixar por menos. Aí, então, vão conhecer a força de minha vara. O que é de Deus é de Deus, e que não venha qualquer filha querer dele a sua parte consagrada, que vai ter. Riram muito de Jesualda, por

causa da vara e das últimas palavras. De fato, resmungava depois. Com essa gentalha não dá pra falar sério. Gente simples e sem instrução têm cabeça de vento: não dá pra confiar.

Jesualda maquiava o seu menino, mas a verdade era uma só. Não havia recebido carta alguma. E desse jeito a noite é que sabia de seu sofrimento. Fazia mais de mês que não dava a mínima pras insistências de Jarbas. Se explicava toda: mãe ferida é o mesmo que mulher sem desejo. Chorava quieta quando ia pra cama com ele. Chorava soluços. Até que certo dia não aguentado mais, escreveu um bilhete pro frei Anselmo.

Querido frei.

Meu piá está aí com vocês. Diga pra ele que mãe é mãe, que aprenda de uma vez por todas que meu coração sente falta dele. Tive até dor de barriga de vontade de ver ele e se ele não me escrever diga pra ele que vou aí. Ai sim, ele vai ver o que é bom pra tosse.

Saudades saudades saudades do meu piá cabeçudo!

A mamãe ainda sou eu!

A carta levou quase um mês pra transportar a mensagem. Foi tempo demais pra ficar sem consequência. O nariz estava um pimentão de tanto assoar. Os olhos fundos de tanto olhar a estrada. Um dia ela perdeu toda a coragem. Achou que se ia ela, o cavalinho e a aranha estrada abaixo. Tremia toda. Sentia que se perdia na mínima inclinação do caminho. Até o declive do pátio deixou-a sufocada. Foi ao médico que garantiu:

— Sofre de pânico. Você tem uma neurose afetiva, um excesso de ameaça entalada no fundo da alma.

— Que bicho é esse doutor?

— Não sei se esse teu sofrimento é antigo ou novo. Quanto mais antigo pior pra arrancar.

— Já sei doutor: é novo! É meu filho!

— Vê, então, se encontra um jeito de acabar com essa dor.

— Me ensina doutor.

— Vou receitar também um sossega leão.

Retirou-se.

Tomou da água de uma sanga pra descer o comprimido. No primeiro declive, ao sentir-se perdida, começou a brincar. Sei que és tu filhote. Raça braba que não perdoa. Na próxima vez vou deixar tua bunda mais roxa que as veste de Nossa Senhora na semana santa. Não, vou deixar como está. A mãe fez e está bem feito. Prometo quebrar a vara e nunca mais vou ouvir ela cantar. Vê, filho, como são os tempos. Era desse jeito que aprendi a tirar tudo que não fazia bem. Mas você vai só ver: Nosso Senhor não salvou a gente de tanto apanhar? É isso mesmo: você também vai ser um salvadorzinho.

Curiosamente seu diabinho doido foi diminuindo a pressão devastadora. Merda de educação, pensou, que nunca se sabe o meio de encontrar o que é certo. Ao chegar em casa, retirados os arreios do malacara, viu seu Jarbas com uma carta na mão. É dele, falou seu homem. Vê se melhora da cabeça, lendo essas linhas.

Melhorou.

Jobi ensina

Bênção, mamãe. Fugi de casa pensando tudo melhorar, mas a coisa tá osca. Não vou retornar de pura vergonha. Levanto de sonera. Já começo a rezar. Quando vou dormir fico sem sono, matutando na vida que eu tenho, mãe. Vou levando. O frei Anselmo conversou que a gente acostuma como abóbora que vai se aprumando no andar da carroça. Se aparecer por aí não me leve a mal. Bênção pro filho que precisa da senhora. Beijo de teu Jobi, que quase morre se saudade. Minha bunda te perdoa, mamãe! Não sei se as varadas não eram melhores que esse latim que estou aprendendo.

Beijo de teu filho!

A bênção recaiu sobre ela. Poderia, depois da paz, pôr sua aranha em qualquer perau que o medo não aparecia. Serena estava sua alma. Agora a cruz pendia pro lado do filho.

Ele foi maneirando ao tomar gosto pelo estudo. Começou a entender pelas explicações ousadas de um professor: padre Umberto. Por outro lado não se dava por satisfeito com as explicações religiosas, muito ingênuas pro seu gosto. Numa das férias a mãe deu a entender que ele refazia a personalidade de seu avô Nicanor. Havia um DNA condenado, metido naquele corpo. À medida em que crescia, cresciam dúvidas afoitas em torno de Deus e de toda narrativa ao exigir que acreditasse num Deus feito, ora um velho cruel, ora um pai bonachão. Foi desse jeito, e por detalhes, que não o expulsaram do seminário. Estaria contaminando a boa fé dos colegas.

A pau e corda se esgotaram os dias do seminário menor, todavia, levou preciosas lições pra iluminar seu pedaço de chão. A geografia foi-lhe excelsa: aí mora muito mais sabedoria que a vã filosofia pode instruir. O padre Walker, frei de primeira, traduzia a terra como a melhor escritura de Deus. Se alguém quiser falar com Deus, fale direto com

a natureza. Se alguém quiser compreender a história, veja primeiro a geografia. Jesualda é que sofria, nas férias. Pouco entendia das falas do filho, mas escutava como se escutasse Deus:

O silêncio da Ásia propiciou o pensamento mais certo. Quem é essa Ásia, perguntava a mãe. Jobi tomava de um papel de embrulho. Mostrava pra mãe onde ficava a tal da Ásia e de como aí começaram a explicar o funcionamento do mundo. A Grécia, vizinha continuou com as explicações, mas, mãe, a pobre da Grécia apanhou de Roma. Perdida a dignidade para os romanos, povo muito peleador, a sabedoria se foi novamente para o outro lado do Mediterrâneo, que por séculos guardou o jeito de explicar o mundo. E sabe mãe, que o nosso jeito de falar tem tudo a ver de como falavam os romanos? Sabe, ganhei um prêmio por traduzir um tal de Cícero? *Quousque tandem abutere, Catilina, patientia nostra? Quamdiu etiam furor iste tuus nos eludet? Vai devagar, filho que assim até o cusco se assusta. Isso quer dizer, mamãe, até quando, Catilina, vais abusar de nossa paciência? Até quando nos vais enganar com teu ódio? Até que ponto vais com tua audácia contra a nossa república?* O mesmo dá pra dizer de nossos políticos: até quando abusarão de nossa paciência? A mãe contrapunha dizendo que pra saber disso não carecia muito estudo. Que todos carregam os mesmos pecados, mudando apenas de casa. E desse jeito continuavam falando:

— Cruzes, filho, pra ser feliz é preciso dar tanta volta na cabeça? Não basta a nossa terrinha. Pra que saber de tantas constelações e mais outros universos que você fala?, reclamou Jesualda. É preciso mesmo saber tudo isso, filho, sobre a máquina do universo e das brigas velhas?

— É pra gente se impressionar com a força do Senhor.

— Já me basta uma manhã e uma noite pra me espantar.

Cansada a mãe, continuou sozinho o resumo de um longo aprendizado. Pudera, o que aprendera em anos, a pobre mãe devia ouvir em horas.

Durante as férias nos discursos do filho lembrava para a mãe um pouco da história da ciência e da fé até chegar ao nosso tempo.

Ao preço de muita saudade e de tantas lágrimas, espalhadas pelos cantos do seminário, Jobi conseguiu ver todas essas coisas. Apagaram-se nele, quase por completo, os apetites eróticos, descobrindo, então, que

a alma pode amenizar o corpo, dispondo-a a voos semelhantes aos que se pode imaginar na eternidade. Povoaram-se nele os sacramentos da Igreja, os mandamentos e as histórias sagradas. A disciplina monástica deixava marcas até em seu rosto, todos sabendo que aí andava um diferenciado filho de Deus.

Concluído o ensino médio, sentia-se preparado para as filosofias. Sentiu-se à vontade para avaliar as formas do pensamento, andando sempre com Aristóteles e Platão porque o resto da filosofia era um pouco mais que uns escritos no rodapé. A sensibilidade trazia-lhe um intenso sofrimento. Vinha-lhe recorrente, a dor de um sentimento de infinitude. À noite aparecia-lhe Nossa Senhora de roupas coloridas com vagos traços de uma garota, Juliana... os pensamentos são loucos como as fantasias, deduzia. Cristo passou a ser uma norma e a escolha por ele foi pela imensa caridade mais que por razão da fé em sua divindade. Falava essas coisas pra sua mãe, tentando com palavras caseiras esclarecer seus anos gastos sobre livros.

Na mediocridade se iam os dias das férias. Quando se esgotavam os dias doía-lhe a alma e o corpo por saber que não mais teria o silêncio do campo, os amigos de infância nem sua mãe pra ouvir filosofias entre os repolhos. Era tempo de voltar, o dia bendito da volta se aproximava. Ao acordar: era o dia da ida ao seminário. O ônibus, as paredes grossas, o peso das horas, o salve Regina antes de dormir, os soluços, a limpeza geral, o retiro e desta vez a distância maior de casa: o seminário maior. Que merda, é preciso tudo isso? Dou razão pra minha mãe. Lá ia ele guentando o destino franciscano. O pensamento a se afiar na observação de Aristóteles. Os diálogos platônicos, o vir a ser da existência mais que as paradas essências, as imposições do mundo da vida e das razões universais, bem mais que as particulares, a magnífica observação de Hegel em torno do reconhecimento dos outros na determinação do pensamento e do afeto, tudo em boas medidas e admiração em torno da prevalência social da palavra na criação do pensamento. Sentiu-se até ferido ao descobrir de sua razão caber dentro das configurações do tempo. Puta merda, filosofou, quem sou eu, pouco mais sou que a determinação das instituições. Uma quimera: Deus e Jesus o que são eles senão o fruto de desejos e configurações culturais: uma fábrica de sonhos humanos, brigas de árabes e judeus na busca de suas soluções. Ainda bem que ao final da sua caminhada filosófica foi salvo por um padre velho ao lhe afirmar que apenas sobrava o amor e a

solidariedade: ao final de tudo a caridade e o cuidado, mais importantes que tudo que se possa pensar, mais que os interesses das nações, dos artificios das ciências e dos tratados sociais para evitar a selvageria. A bondade é necessária pensou o bom rapaz, antes de se atracar na teologia. Dias destes estando cansado de pensar, viu Deus sentado numa longa escadaria. Por cansar-se ao subir um pouco mais, ouviu dele:

— Dá uma mão aqui, cara. Não vê que me canso.

— Tá bem, aqui estou. Achei que era mais poderoso!

— Sou, mas não recuso as leis e as formas postas em tudo que se possa ver, ouvir e tocar. E vê se deixa de ser besta. Me dê, de uma vez, a mão, não vê que desmaio.

— Não acredito no que vejo!, exclamou Jobi.

— Muito mais tens a crer, piá. Vai na frente! E não se meta a se achar mais do que és. As circunstâncias me carregam, vê se não esquece disso, disse o Senhor.

Ao tocar sua mão infinita, pequena a estender-se, pôs-se entre o sonho e a vigília. Não sem antes sentir grande conforto tendo nas mãos a mão calejada do Senhor e algumas palavras para satisfação do vivente, filho de Jarbas Patrício Bigliardi e de Jesualda, cabocla de primeira, já envelhecendo. E para completar o sonho, apareceu-lhe a figura de Jesus, um humilde judeu entre poeiras, a entregar a sua carteira de identidade mais humana que divina:

Jesus Cristo

Filiação:

José de Cananeia

Maria de Cananeia

Naturalidade;

Belém.

Acordou-se. Havia concluído a filosofia, tinha direito a umas férias merecidas. Poderia pescar e ajudar tirar o leite da filha da vaquinha Jaguané.

As merecidas férias de São Jobi

O diabo é semelhante à morte, cerca por todos os lados os atentos e os descuidados. O primeiro faz arregalar os olhos, ela faz fechar. Contra fatos não há argumentos e contra crença não há fatos. No caso presente em que Jobi andava folgazão, os fatos foram mais fortes que os argumentos e até a crença perdeu para os acontecimentos. Linda manhã, mal se havia feito luz no horizonte por onde se estendia o campo ondulado: hora do corpo alerta. Lá se foi em passos molengas ver o rio das águas limpas, fazendo um véu na cachoeira. Pelas gramas se ia o nosso filósofo. Calor convidativo para um banho devoto que a água inspira elevações. Ria-se o diabo entre os guamirins. Coisa divina, sôfrega a hora para encantos e bizarras devoções. Água de batismo, purificadora de pecados, consoladora dos aflitos, transformadora de ilusões, alegrias caídas dos céus. Saltitava o espírito das águas. Bem aí saltitava, eufórico, o diabo mundano. Despido o pensador, fez erguer a água em espumas iluminadas pelo sol entre árvores. Ria-se a natureza, cúmplice das alegrias marotas. Mal havia descoberto os caminhos do conhecimento: da observação passiva para as avaliações ativas, das informações precisas para as hipóteses renovadoras, dessas para a comunicação e os desdobramentos de conversas: uma comunidade sincera edificando realidades mentais, pós-convenções para a dignificação humana. Disso sabia o seu prazer, mas bem aí, na superfície das águas, outras venturas espiavam contentes. E mais se ria o diabo entre as folhas.

A árvore da vida se apresentava florida. O filósofo boiava distraído na ternura das pequenas ondas. E o som da cachoeira ocultava o chapinhar de alguém. As sombras suaves, na extremidade do poço limpo, não davam chance ao incauto. O diabo tem suas surpresas, fazendo a natureza se pronunciar em seus tesouros. O susto do filósofo foi tal que os pássaros da pitangueira, em revoada, farfalharam a

árvore toda. A natureza exigindo o direito de exercer seu poder, vindo das telúricas estações; os páramos celestes derramados sobre o poço, iguais àqueles debruçados sobre as primeiras águas, advindo peixes e monstros marinhos. Virtude divina dos contrários imperando sobre as razões do bem e do mal. Devastação solene das doutrinas prudentes, disciplinadoras das almas. Vulcão sem regras, fogo no ar e pedras candentes rolando pela montanha. Era Juliana, filha do vizinho Astor, incalculável talento pra vencer um santo. Não existe quietude nas horas ao clamor da bem-aventurança.

— Que tá fazendo, Juliana?

— Descansando meus seios sobre tua cabeça santa.

— Não faz isso com um filósofo.

— Deus é que me deixou assim nessa manhã.

— Não vê que me perturbas demais?

— Acaso fui eu que impôs essa lei de estar feliz contigo.

— Nunca tive nada contigo. Meu destino é maior.

— Quem diz que se consome a santidade numa hora dessas?

— O bem não combina com o prazer.

— E que sabemos do destino?

— Eu sei. E fui. Nasci para o bem solidário e não pra essa alegria limitada.

Jobi agradeceu Juliana, que decepcionada, voltou com ele.

— Puta, cara, todos os franciscanos são assim?

— Não, mulher, é minha vontade.

Chegou a noite em que mais coisas se esclarecem, mais que a vigília possa esclarecer. O rapaz sonhou vendo sua casa se desmanchar. Uma tristeza medonha o apavorou.

Dias depois adoeceu possuído de tremores, o corpo não mais obedecia sua vontade. Mais tarde o padre espiritual avaliou: o diabo se vinga quando não se cumprem seus propósitos. O desejo ficou preso e ele o provoca até a velhice chegar. A conversa espiritual serviu de consolo diante da avalanche da tristeza. Mais ainda se estreitou Jobi em colóquios com o infinito, transpondo seus desejos para a virtude da fé. Orações mediavam o desalento do corpo.

Esse o primeiro sofrimento: perder a intimidade, única certeza da infinitude humana: a parte perdida deixada em nome da parte sonhada. Mais tarde compreendi, pensou o reprimido Frade de primeiros votos, o mais difícil, a castidade.

Não se dera mais de uma semana de leituras campeiras e de perspectivas de estudos da tradição local pra que o rapaz visse a ternura dos costumes e nela a alegria de Deus imanente, quando uma carta chega, mandando o santo reprimido para um estágio nas nascentes do rio Tapajós. Uma indiada sem nada a ver com seus interesses, apenas um treino para o voto de obediência. Chegada a madrugada beijou sua mãe e lá entre brumas se foi obedecer. Não alimentaria sua alma de suas intenções nem ao menos pra cantar suas canções. Ouviria o bubububu dos sons primevos, saídos de bambus gigantes, perdendo os sons bravios da fortuna espanhola, ou árabe que fosse, ajustados aos ventos do sul. Amansou-se um tanto da saudade juliana, e agora, nesse mandamento superior: salvaria a indiada de quê?

Foi conformado às intenções alheias, macerado na vontade, dita de Deus, versadas nos propósitos franciscanos. O padre da paróquia pedira uma oferta para a missão de seu paroquiano, partindo com dinheiro de ovelhas vizinhas. O pai chateou-se: uns pila poderia te alcançar, mania de padre passar a cestinha, apelando pra força alheia. Pior: por voto, pelo resto da vida, haveria de pedir auxílio financeiro a seus superiores: como inválido caminharia pelo resto da vida. Miserável se faria, ainda que da maior competência. Choraria misérias, como um rapaz chamado Jesus em Samaria, sem alforje, como São Francisco olhando passarinhos e fontes: com promessas de pagas invisíveis. De bolso vazio, pedindo esmolas, pra se mostrar dependente, andando em nome Deus, sem nunca tê-lo ouvido. Mas de tantos sofrimentos, somente a dor juliana foi excessiva, ainda que escondida. Resistiu, descendo-lhe pela alma a perda irreparável, o que carregaria com sistemáticos apelos em seu corpo revoltado.

Entre índios

Envolveu-se com os ritos daquela gente. Deuses eram trazidos e invocados. Ainda bem que as divindades selvagens não exigiam sacrifícios humanos para se acalmarem em suas insatisfações, semelhantes ao seu que, pela tradição equivocada, exigia seu filho. A floresta inteira ardia de graças e pavores. Mas e ele, pobre homem, com três deuses, dizendo que os seus eram verdadeiros. E se punha a fazê-los acreditar no inferno por pequenas faltas antes inexistentes. Dores enormes em suas mentes, crentes de uma feroz eternidade. Erros completos, dizia em sua alma.

Frei Turíbio, afiançava da dignidade da missão, buscando afastar as dúvidas de seu neófito. Cristo não pode ter morrido em vão. A cruz é um sinal de salvação. Bem aí, Jobi sufocava seus clamores internos: precisava um Deus morrer pra se ter tão pouca salvação. É isso que via ao ligar o rádio, mas, sobretudo, ao ver a selvageria cristã nas águas dos rios e nas margens. Na Igrejinha encimada pela cruz se dizia de amor e aí a fatigava por ver do outro lado do rio a concupiscência financeira das toras carregadas. Que salvação os cristãos haviam trazido? Os freis aí amenizavam com promessas enquanto a morte rondava as aldeias. Isso é da raça humana. É pra isso que ele veio: morreu na cruz pra mostrar melhor destino.

Noite alta, uma febre absoluta tentava levá-lo de vez. Veio-lhe em socorro a índia Nazarena, trazendo-lhe uma planta pra mastigar. A filha, linda pagã, afagou seus cabelos. Em delírios, Jobi chamou Juliana. Dia seguinte andava renovado, mostrando às crianças o filho do carpinteiro como o grande pescador, contrariando a lenda da população. Acreditavam que as grandes pescarias se renovavam de tempos em tempos graças à viúva das águas que, ao chorar, chamava tantos peixes. Jobi, habilidoso de palavras ia apagando a memória das crenças antigas. Culpava-se, por invadir a privacidade de arcaicos devaneios. Por outro

lado, conformava-se por acreditar que poderiam obter vantagem buscando a proteção ao saber com quem lidavam. Driblava sua inconformidade ao conversar com o chefe: infelizmente devo alertar contra os brancos que se aproximam. Sabia redigir bem e por ela enviou a denúncia dos acontecimentos. E de frei Turíbio conseguiu apoio irrestrito ao propor alfabetização, trazendo em seus escritos o respeito por suas crenças e a consciência de seus direitos. Escandia a sua proposição: uma boa defesa é saber dizer bem das nossas pretensões. Não bem se havia acabado três meses de suas férias, chamaram nosso rapaz pra fazer teologia. Ao se afastar da missão chorou na despedida, por pensar: a sanha que vem é maior que a nossa santidade. Na sonoridade das canções de seus alunos, sentiu uma tristeza, a melancolia de partes que se rompem. Essa itinerância a que leva? Mal se começa e nada se conclui, deixando essa gente entre ameaças, saiu pensado assim.

Muito mais aprendera que ensinara. Não convenceu muito ao mostrar o perigo. Levava, porém, consigo uma alma diferente. Não foram tantas as palavras, mas seus significados que o fizeram dele outro homem. Já haviam lhe avisado: a palavra é a casa do homem, mas não sabia o quanto os três meses tornaram-no morador de outro mundo. As palavras de sua cultura como água, noite, branco, morte, fome, amor, sexo, não provocavam nele sensações de profundidade, ao contrário, tais palavras aí pronunciadas concediam-lhe sensações exuberantes, semelhantes a sonhos exóticos trazidos nos lábios.

Retornando

Se frei Turíbio não se convencera sobre a proteção e a defesa necessária aos índios, produziu, todavia, efeitos na tribo: a que se protegessem e tivessem meios de defesa, antes que fosse tarde. Seu latim foi traduzido para a língua deles. *Si vis pacem para bellum. Se queres paz te prepara pra guerra.* No caso, suas flechas eram poucas face à sanha devastadora dos brancos famélicos. A fome do ouro é contagiosa. Essa a melhor lição que deixou, ainda que filósofo de primeira viagem. A observação aristotélica e o diálogo platônico foram de grande utilidade.

Pelo esforço missionário, a congregação deixou o filósofo passar alguns dias com sua família.

Foi deitar-se no campo e tomar banho na cachoeira. Uma mudança se fizera em seu jeito pelos meses da floresta, refletido no andar e na expressão das palavras. Sabia do que falava, havendo uma gravidade diante das pessoas. De fato, sabia com quem estava lidando... mais e mais se aprofundava nele o desejo de intervir na revisão dos costumes, ainda que se sentisse como um pequeno pássaro no incêndio da floresta.

Ao se despir, viu a danada da Juliana chegando e se fazendo de tonta.

- Ué, querido, de onde você veio?
- De uma estrelinha.
- Deixe que te toque. Acaso não és um anjo vestido?
- Cai fora. Fim de banho.
- Tens medo de uma pobre pecadora.
- E muito, de outra vez, lembra, acabei passando mal.

— Cara, deixa Deus falar por mim.

— Pode ser, mas não comigo. Ele me basta.

— Deixa eu dar uma mãozinha. Tome teu banho que me vou.

— Tá Bueno!

A noite veio entre suspiros, trazendo um sonho de um pássaro azul que se morria entre nuvens. A tristeza da manhã foi dominada por riso particular ao ver uma gralha azul devorando os primeiros pinhões de abril. Veio, a seguir um bando delas. O bulício alegre das aves despertou-o para o dia. Louvou o Senhor pelo verde e pelo azul. Nem bem se fazia uma semana que se alegrava em sua casa: um telefonema retirou-o de seus banhos e da tentação juliana, mandando-o ver a teologia.

Jobi, o exegeta

Os caminhos do bem e do mal se apresentam nas circunstâncias, semelhantes às plantas e aos animais: dependem das condições nas quais se inserem. Deus não oferece muito mais que as leis e os momentos para dar conta da graça. Para muitos é oferecida entre cardos, ou melhor, o diabo anda à vontade e Deus parece dormir em seu longo dia de descanso. Palavras do professor de teologia: vamos encontrar um Deus justificador de violências. Os fenômenos bíblicos foram narrados em consonância com o pensamento mítico e a necessidade de buscar refúgio em tempos de barbárie. Os eventos se explicavam por razões do imaginário e não da lógica. Os gregos atribuíam aos deuses e às parcas o destino humano. Os hebreus traduziam as circunstâncias e as inspirações destituídas de forças inerentes à natureza; apenas um Deus governava de acordo com os preceitos dados pela cultura sacerdotal. A diferença entre os gregos antigos e os hebreus está em que esses traduziam os eventos em nome de um só Deus. Os apelos da violência nas narrativas vitoriosas, nos profetas, nas leis não se justificavam por competência de generais, ou por necessidades sociais, mas pelo braço divino.

O professor Frei Norberto iniciou: em algum lugar é preciso ter esperança quando nos aflige o desespero. O Deus dos hebreus é uma invenção necessária para que não se perdessem. Deixo, entretanto uma questão. Se a criação hebraica, em seu pensamento mágico, buscou no Senhor a salvação, aonde buscamos a nossa? A manhã deixou Jobi perturbado. Se assim é, porque sacrificar minha natureza, queixava-se como se fosse o próprio Jó. Lembrou-se da cachoeira e tudo que ela lembrava... Juliana, Juliana. *Pero que si pero que no*, não dormiu enquanto não tivesse paz em seu caminho teológico. Onde pôr seu caminho de salvação? Que pensamento sustentaria a razão de existir.

Sabia ser pequeno, entretanto, não jogaria pérolas aos porcos. Dia seguinte abririam os primeiros estudos sobre a exegese, a começar pelo livro das leis, o Pentateuco.

Se é mágica a interpretação dos fatos hebreus, o que faria com a lógica e a ciência? Se não se ilude com a imaginação, seria pensamento criador, reformador, o instrutor de confiança? Se Deus não seria o mágico fazedor de mundos, águas e animais, qual seria a explicação a ser dada? A imanência das forças seria a expressão mais legítima do Senhor? Seria o sentido da solidariedade universal a melhor resposta? Ou simplesmente deixaria a vida rolar em sua bondade franciscana. Mergulharia na divindade de tudo, aliviando os fracassos das leis, principalmente, da fragilidade humana? *Andiamo via*, envidou, então, cuidar de Deus onde quer que esteja. Sentia-se só e ninguém para atender as respostas. Repentinamente uma lágrima embestou de cair e outras mais. Santo Deus, comoveu-se todo. A beleza, quem a dispôs tão displicente? A organização solidária entre as partes do solo? E dos mundos quem ousaria negar a ordem? Foi assim até a aula, esquecendo Juliana para dar conta de Deus.

O frei iniciou semelhante a um profeta, ou melhor, um poeta. *A terra estava informe e vazia, as trevas cobriam o abismo e o Espírito pairava sobre as águas. Fez-se o dia e a noite. Sobreveio a tarde e depois a manhã: foi o primeiro dia. E não contente com seu trabalho fez o firmamento.*

Digo a vocês que aí reside o que a ciência pode comprovar. Num momento determinado alguém se envolveu dando forma e direção, tendo-se em tudo a ordem e a força criadora. A quem competiria o primeiro movimento e os subseqüentes? A terra em comunhão com o alto, dirigindo-se conforme a proposição divina. Força natural ou não, ela foi criada. Nada existe que não tenha passado pela energia, sendo o início a semente de todas as coisas. *Sobreveio a tarde e depois a manhã: foi o segundo dia. Deus fez o mais difícil: o tempo e o espaço e com eles a semente de todos os acontecimentos.*

Do mar nasceu a vida: da grandeza de seus movimentos e da inquietude inicial nasceram a diversidade de plantas e animais, inscrita na comunhão das circunstâncias. Sobreveio a tarde e depois a manhã: foi o terceiro dia.

Concomitante a isso se fez a oportunidade de tudo crescer, o tempo pra medir os momentos e os lugares pra saber das distâncias. *Pela força do luzeiro maior instalou-se a multiplicação do que havia sido criado; o que já não pertencia à eternidade tornou-se semelhante a ela. Aí é que se revela o bem e a graça do Senhor. Sobreveio a tarde e depois a manhã: foi o quarto dia.*

Seguiu-se a sorte definitiva das plantas e dos animais, cada qual com a sorte reservada de acordo com a natureza e as exigências do viver. Solicitou Deus que ninguém ficasse quieto, mas se desse a força da multiplicação das espécies e, pelo espaço e alimento, mais outras. Sobreveio a tarde e depois a manhã: foi o quinto dia. Nada mais se continha, pois o tempo avança e faz avançar, diferente do silêncio eterno.

Ao sexto dia competiu uma sorte especial. Se fez o homem e a mulher. Tirou o homem do pó e a mulher de um osso do homem.

E como na história grega o homem e a mulher não se contentaram na quietude da incompetência. Por buscarem a ciência do bem e do mal e por conta própria encaminharem ações e entendimento. O grego foi condenado a carregar pedras enquanto uma ave devorava-lhe o fígado. Não menor mal recaiu sobre o homem e a mulher dos hebreus, expulsos do paraíso, passaram a ter que tomar conta do sustento. Tornaram-se mortais e nada mais lhes era tão claro, pois passaram a depender de si mesmos para sobreviver. Deus amaldiçoou a terra por causa da ousadia humana. Ora, pois, o narrador se equivocou por ter esquecido que o homem fora criado à imagem divina, reconhecendo: *eis que o homem se tornou como um de nós, conhecedor do bem e do mal.*

Sobreveio a tarde e depois a manhã: foi o sexto dia.

Depois descansou, sem demorar muito para arrepende-se do que havia feito.

O coração do homem continha o princípio do mal, predispondo-o a encher a terra de violências: o castigo divino por comerem o fruto da inteligência. Por isso os dois primeiros filhos se desentenderam gravemente, pois quem mandou querer entender sobre o bem e o mal. Acabou Caim por matar Abel. A razão da morte envolvia o Senhor, uma vez que o matador achou-se desprestigiado por causa da fumaça, pois não se elevava durante a oferenda como oblação. Os males não pararam por aí. Deus viu que sua obra humana não tinha jeito. Resolveu acabar

com a raça que fizera com tanto cuidado, levando a que realizasse uma delicada cirurgia, salvando apenas Noé e sua família pra ver se saísse daí coisa melhor. Mal acabara a navegação da arca, mais uma vez Deus mostrou sua face intranquila diante da raça difícil. Cam, um dos filhos de Noé, espiou seu pai nu no meio da tenda. A que tudo parece, se divertiu com a cena, comunicando o fato aos irmãos, Sem e Jafet. Para pasmo geral, o Senhor castigou a falta de seriedade de Cam ao ver o pai nu. Tornou-o escravo dos dois irmãos. Aconteceram os primeiros sofrimentos exegéticos de Jobi. A vingança divina parecia inscrita entre as palavras. Naquele dia e naquela noite, Jobi não dormiu. Via o mesmo que via nas hordas primitivas. Que maldita história é essa nas quais os deuses costumam se divertir às custas dos pecados humanos, exigindo grave reparação? Como dormir com um barulho desses?, lastimou-se Jobi, no primeiro dia.

Outras inconformidades

O primeiro sentimento de Jobi foi de profunda irritação. Não poderia acusar o narrador, afinal o estilo é o próprio homem. O pobre escriba deveria estar em profunda dor e em dores toda a horda. Seja lá pela falta de pão, seja em razão de sentir-se acossado pelos inimigos, seja pela inconformidade de ver sua gente indo de mal a pior, o pobre homem deveria estar debaixo do mau tempo. Foi em tal contexto que escreveu a criação: deveria estar, talvez, envolvido em depressão por ver a miséria humana que se fazia. De fato, pobre de Deus nas mãos dos homens. Não havia paz nos dias. Por essas e outras razões concebeu a Deus como uma autoridade vingativa e intolerante. Suas explicações imaginárias não poderiam ser das melhores. Mal se haviam os filhos. Nem bem crescidos e já se matavam. Posto isso, conforme o narrador.

Outros espantos de causar admiração vinham assustar a alma do religioso. Os educadores relevaram a imagem raivosa de Deus. Sentiu ânsias em relação a narrativa na qual Deus autorizava a escravidão. Por certo, tal proposição justificava o uso de escravos, parecendo haver prazer na submissão. A mensagem cristã seria frágil para inibir a força avassaladora da história. Não há como negar: a salvação está por se fazer. E haverá redenção se a sorte lançada é tão funda?

O neófito pensador das escrituras se tornou irreverente ao perceber as contradições firmadas nos eventos primeiros da criação. Se Deus sabia de tudo, onisciente, qual a razão de criar o homem se logo aí adiante se encheria de rancor afogando a quase todos. Não poderia entender jamais tamanha irracionalidade: qual seria o maior crime: o das criaturas? Uma nuvem negra toldou seu ânimo ao ver o absurdo de milhares de anos depois: Deus sentir-se em desagravo ao oferecer seu filho, de maneira cruenta, para compensar o muito mal explicado pecado original. Qual seria o problema de os primeiros pais terem se alimentado do fruto da inteligência? Que soberba seria essa em avaliar as

causas e os efeitos das leis geradas pela ciência divina? Se havia criado esse ser tirado do barro, semelhante à sua face, que mal proviria em deixar que continuasse a obra? O narrador de Deus fora longe demais. Jobi aprendera ser de sua autoridade aperfeiçoar a incipiente obra. Aprendera: Deus se espelha na criatura, sabendo do poder pelo poder dos filhos. Nada a ver com esse limitado entendimento sobre a criação. E qual a razão do Criador confundir os filhos deixando-os confusos. Ao contrário do aprendizado: as falas comunicativas denominam a divindade humana. São elas que edificam a liberdade. E o que é isso de Deus ter que confundir seus filhos, fazendo com que se perturbem não podendo erguer uma torre para celebrar a vida? Por que deixá-los como animais perdidos diante dos males inerentes às próprias leis?

Confuso, foi ter com seu confessor. Frei Claus disse-lhe pra não levar à sério a conversa hebraica em torno da criação. Deus fora mais maravilhoso ao desenhar a evolução, inspirando um poder criativo à natureza. Tome como encanto a forma do narrador revelar a criação. As explicações míticas do surgimento do homem são interpretações precárias. Observe o poema da criação e as dificuldades humanas de andar bem. Por outro lado, filho, a criação ainda não se esgotou; é isso que está escrito. As leis, filho, postas em tudo necessitam de nosso aperfeiçoamento. Sim, sim, frei, contestou Jobi. E quem me garante que as palavras de Cristo não serem, também, uma interpretação de seus narradores? Por certo, o pensamento dos evangelhos possui a carga afetiva e imaginária, porém bem menos, pois eles não se contradizem em suas versões. Deus continua sobre as águas e sobre nossas cabeças pra que possamos ver melhor. Nada está tão claro que não necessite ser esclarecido. O homem primitivo e o de hoje clama por salvação. Retire um pouco mais das leis, das narrativas e dos profetas, tendo em Cristo a principal referência. A história humana clama pela bondade e veja se decifra esse clamor, ainda que entre lágrimas. Em Cristo se vislumbra uma direção coerente para o destino humano. O certo é que estamos aí como salvadores em contínua tarefa para encontrar a paz e a melhor comunicação diante de nossos desafios.

Jobi saiu da conversa como um cavalo no campo: muito horizonte pela frente.

Aventuras de Abrão

Palavras de Frei Norberto:

A divina interlocução provaria a grandeza e a certeza dos andares hebraicos. Desde Ur, hoje, região do Iraque, antiga Caldeia, o velho pai, Taré, aconselhou seu filho Abrão a buscar melhores terras, pois os caldeus andavam de mal a pior. Deus soprou-lhe: levasse também o neto, que a miséria ronda a casa. Abrão se encorajou também de levar a mulher Sarai. Mesmo linda como só ela, pôs a mulher sobre um camelo, não temendo os perigos que rondavam as terras de gente com fome de toda ordem. À exemplo de Ulisses, inspirado pela deusa Atena, Abrão ouviu a Deus: *deixa tua terra e vai para o lugar que eu te mostrar. Farei de ti uma grande nação, abençoarei quem te abençoar e amaldiçoarei quem te amaldiçoar*. Lá se foi o servo, juntamente com Lot, tendo certeza que não se perderia no caminho.

De acampamento em acampamento, passando por Canaã, chegou a Negep, meio caminho andado, antes do Egito. Se deu mal: a miséria era geral. Buscou, então, o Egito. Sentiu perigo à vista. Sua mulher tinha talento físico, por isso Abrão falou pra ela: querida, sei que você é linda, muito linda! Se perguntarem: esse é teu marido?, responda: não, é meu irmão. Se disser que sou teu marido, me matarão sem dó nem piedade. Assim aconteceu: se passando por irmã foi dar na casa do faraó que a tomou por esposa. Em favor da troca, Abrão recebeu grande recompensa em camelos, ovelhas, bois, servos e servas. Deus não gostou nada dessa história, castigou faraó, mandando pragas e mais pragas. O faraó se vendo mal na história, auscultou sobre o azar que caía sobre sua gente, descobrindo que esposara a mulher de Abrão. Chamou-o, e o advertiu: por que me levaste a tomá-la por esposa? Agora vai, toma tua mulher e vai-te! Ordenou que fosse conduzido pelo mesmo caminho donde viera. De acampamento em acampamento

voltou pra Negep e daí pra Betel. A essa altura dos acontecimentos, tanto Abrão como Lot já haviam acumulado muita riqueza em animais do campo. Abrão vendo que o campo se reduzia pra tantos bichos, aconselhou a que Lot fosse procurar outro lugar. Em respeito ao tio, não titubeou, retirou-se para as margens do rio Jordão, o qual formava uma planície rica em águas. Abrão acabou se fixando em Canaã. Novamente Deus externou sua vontade: vai e toma pra ti as terras até onde tuas pernas alcançam. O homem que conversava com Deus com muita familiaridade viu as terras, levantou as suas tendas e veio fixar-se no vale dos carvalhos de Mambré. Cada vez mais aumentavam seus homens e seus animais, constituindo-se um povo de valentes. Isso foi provado de maneira contundente quando Abrão soube que Lot fora feito prisioneiro por vários reis da região de Sodoma e Gomorra. Ele, então, formou um exército de homens e derrotou os inimigos, devolvendo a Lot o que lhe era devido e mais vantagens financeiras aos lutadores. Isso é: não poupou aos reis vencidos. Que aprendessem a não se meter com quem não deve, muito mais que se cuidassem dos filhos preferidos de Deus. De como Abrão formou seu exército não nos seja motivo de nossa preocupação. Pra vocês, caros teólogos, verem o quanto valiam as mulheres daquele tempo. Brincadeira...

Depois desses acontecimentos guerreiros, Abrão se queixou pra Deus, temendo deixar para um escravo a herança dos bens. Deus aliviou o lado dele afirmando: sairá de tuas entranhas quem herdará tudo que tens. Erga teus olhos para as estrelas e conte se és capaz de contar todas elas. Pois bem, bem maior será a tua descendência. Daí por diante muitas coisas se sucederam.

Abrão teve um sonho no qual foi revelado que sua gente futura viveria como peregrinos pelo mundo afora e, também, serviriam como escravos por quatrocentos anos. Mas te acalme, disse Deus, eles serão libertados e terão muitas riquezas. Muito mais aconteceu para o velho homem. Aos oitenta e seis, o filho dos encantos divinos teve autorização de Sarai para ter um filho com a escrava Agar, da qual nasceu Ismael, não sem haver confusão entre as duas mulheres, o que, por fim foi satisfatoriamente bem resolvido.

Treze anos depois o Senhor exigiu uma aliança com a condição de a descendência masculina retirar o prepúcio, deixando a glande livre. Nossa! Naquele mesmo dia, todos os homens passaram pela mesma cirurgia. Era muito prepúcio para o Senhor! Pra acontecer a aliança tudo mudaria a partir do nome: Abrão seria Abraão e Sarai, Sara. Por

esses dias de sofrimento preucial o Senhor apareceu novamente nos carvalhos de Mambré. Quando estava assentado à entrada de sua tenda, no maior calor do dia, viu que se chegaram três jovens: eram anjos do Senhor. Até hoje o povo judeu se pergunta: por que três? Bem, não é essa a questão principal. O acontecimento mostrou o tamanho do poder divino. Foi afirmado que, dentro de um ano, Sara daria a luz a um menino. Sara se riu toda, é fácil saber a razão. Os anjos não gostaram do riso da pouca conta que Sara fizera do anúncio. O Senhor protestou: por que se riu Sara? Ela saiu da tenda, protestando cheia de medo: Eu não ri, mas o Senhor respondeu: sim, tu riste. Entretanto, tudo seguiu conforme a promessa, como se nada tivesse acontecido. Maravilhoso jogo de palavras! Nada se disse na aula, mas Jobi brincou em seu silêncio, entendendo que os anjos teriam dito, pelo menos, tentem!

O nosso teólogo, ao ser questionado, causou certo desconforto pela forma propositiva de falar:

Não posso deixar de pensar sobre a violência que cerca a trajetória do patriarca. Mais uma vez vejo a morte cercando aqueles que devem ser amaldiçoados. Vejo também o sofrimento de Abraão ao encontrar um meio pouco corajoso, preferindo entregar Sara ao faraó a ter que dizer: ela é minha mulher. Por outro lado, o narrador teve que invocar pragas sobre o Egito, o que vai acontecer novamente mais tarde, para ter de volta o que pertencia ao povo de Deus. Admiro também o faraó por encher o nosso protagonista de benefícios. Por fim, concluo sobre a sorte humana da peregrinação, assemelhando-nos a estrelas perdidas que mal se acendem, já se apagam, bem de acordo com o poeta asteca:

*Eu, Nezahualcóyotl, te pergunto:
Acaso se vive com raízes na terra?
Nada é para sempre na terra:
Só um pouco aqui!*

De muito caminhar neste pouco tempo, encontramos nosso destino em diferentes lugares e de diferentes maneiras. A correria do nosso querido patriarca é de causar espanto. As circunstâncias parecem conceder nosso destino, mais que nossas proposições. Parece verdade que faz bem ter uma decisão, porém, o modo de chegar varia de acordo com as oportunidades. A fé, por outro lado, revela-se importante naquilo que nos impomos fazer.

De dores

Frei Norberto, parecendo azedo: a graça de Deus nem sempre anda de sorrisos quando os ossos começam a doer, desculpou-se o teólogo franciscano, queixando-se de suas dores lombares.

A nossa narrativa de hoje envolve questões da liberdade e da morte. Já falamos que Deus não andava contente com os acontecimentos de Sodoma e de Gomorra, pois haviam se apossado dos bens de Lot. No caso, podemos avaliar Deus como um legislador que traduz a ética hebraica. Se nesses dois lugares se praticavam atos injustos e ímpios e outros desmandos, haveria de se encontrar um caminho de salvação. Eis um diálogo razoável:

Abraão, por estar cheio de compaixão, negocia com Deus, solicitando perdão às cidades se encontrasse cinquenta justos. A pedida, sucessivamente, diminuía o número dos justos. Não encontrou o número combinado de justos, derramando-se lavas incandescentes sobre as casas de todos os habitantes. Parece-me, concluiu Frei Norberto que a liberdade e a bondade possuem seus limites. Em tudo existe um ponto em que tudo se dissolve.

O narrador fez Deus pôr fogo nas duas cidades. O Senhor hebreu andava tão irritado a ponto de converter a mulher de Lot numa coluna de sal. Não sei a razão de ela se tornar em sal e nem, tampouco, sei o que o narrador sugere quando Lot sai da pequena cidade de Sengor para se proteger do fogo que caía. Se durante o fogo Lot não encontrou forças pra subir a montanha sugerida pelo anjo protetor, por que teve depois? O narrador anuncia o que parece também uma barbaridade: as duas filhas de Lot embebedam o velho senhor e copularam com ele, tendo filhos. Se o Senhor Deus, na voz do escriba, puniu os sodomitas, as filhas não poderiam ter seus filhos em Sengor com homens que não fossem do mesmo sangue? De todo o jeito que tenham nascido, pouco

importa. De um mal aparente pode nascer a vida. Podem abrir suas bíblias e encontrar os nomes de Moab e Bem-Ami e saber que deles nasceram gerações de moabitas e de amonitas, filhos do vinho e de umas gurias sem muita vergonha. É de causar espanto o quanto de gente nasceu dessas mulheres. Moral da história: quem há de saber os melhores caminhos? Todavia, era um tempo de pouca razão, de pouca caridade e de muita fé.

Alguma questão, fratres?

Frater Francisco, quem mais de todos os teólogos se esforçava por imitar o fundador da ordem, levantou uma questão muito pertinente.

— Frei Norberto, por favor, me diga o quanto as decisões e o entendimento se aproximam das circunstâncias e essas de Deus?

— Homem de Deus, você me deixa em palpos de aranha. Olhemos as duas filhas de Lot. Qual o entendimento e a razão que tiveram em deitar-se com o velho pai? Por certo Deus não teria nada a ver com tal desejo, possivelmente as circunstâncias eram mínimas, pois estiveram em Sengor e lá encontrariam jovens que poderiam dar-lhes filhos, entretanto, os preconceitos em relação aos moradores foram tão fortes a ponto de não verem aí uma boa oportunidade na procriação. Tem mais, Francisco: o que pretendia o narrador? As explicações são sempre precárias. Assim é, muitos andam cegos diante de um museu, fazendo passar objetos de história por quinquilharias. De fato, a ignorância e os preconceitos fazem loucuras. Acho, então, que Deus mora em nossas intenções, em nossa compreensão e nas circunstâncias. Assim mesmo, sem maior inteligência e solidariedade pode-se fazer mil diabos. *Capice?*

Aço que o senhor quer dizer que deveriam ter filhos em Sengor, ma não seriam de sua raça, *varda questa verguenza!*, murmurou Frei Francisco.

Não havendo mais nenhuma questão, o frei olhou demoradamente sobre o grupo, sabendo que Frater Jobi teria muitas questões a considerar. Por fim, ergueu a voz.

Continuemos nossa tarefa de hoje. Rindo maliciosamente externou-se: começemos pelos resultados de Abraão e Sara. Depois de algumas tentativas Sara concebeu. Isso significa que Deus não tem boa vontade aos que desistem facilmente. No dia em que o menino nasceu Abraão comemorava cem anos de existência, isso é, se fez homem velho

carregando uma vida e sendo que a vida lhe concedera mais do que sonhava: a disciplina divina, dadas pelas bondades divinas, oferecidas pelas fadas da sorte. Vejamos, pois, os divinos acontecimentos: o filho Isaac, assim se chamava o menino. Abraão dizia rindo: Deus me deu algo do que rir. Os dias transcorriam fartos e ledos a ponto de Sara ter muito leite sem susto. No dia em que Sara o desmamou, Abraão ofereceu uma grande festa à sua tribo.

Depois de alguns anos, Deus exigiu que sacrificasse o piá, que em tupi-guarani significa meu coração. Pelas minhas contas o velho patriarca ia pelos cento e quinze anos. Abraão não titubeou. Levou Isaac para uma montanha, fazendo o garoto carregar em seus ombros a lenha para o sacrifício. Coisa de louco essa de se ver em diversos povos: apreciam muito ver deuses exigir o sangue dos filhos. Vamos aos fatos. Lá chegados, deitou o filho sobre o altar das lenhas. Ao erguer a faca para feri-lo, ouviu uma voz muito forte, mandando-o parar com aquilo. Vejam, pois, meus alunos, um exemplo de uma ideia fundamentalista. Não existem justificativas a ponto de se fazer verter qualquer sangue para se chegar ao pretendido.

Nesse momento, Jobi teve um grande susto por lembrar Juliana, com quem se sentia muito disposto a fazer amor e tudo o mais que a sua imaginação leva até os santos a fazerem. Não teve vergonha. Sabia que aquilo que é mais íntimo a alguém é o mais geral entre os homens e mulheres. Pela atenção renovada, Jobi, à sua maneira, pensou o quanto as mulheres se insinuam e, aqui, a santa Madre exige sacrifícios do mesmo tamanho ao de Abraão. Afinal, em ambos casos, põe-se a perder a intimidade.

Vejam bem mais, minha gente, falou frei Norberto, não sei se teria, por vocês, a mesma fé e tanta generosidade de Abraão. Vejo todos distraídos como se fossem pássaros voando. Me sentiria melhor se os visse atentos, antes que ponha fogo sobre as lenhas da minha ira. A gente morre por alguém quando é capaz de ter a reciprocidade de entendimento e de sentimentos. Voltemos pra casa com Abraão e seu filho. Antecipo uma ideia: por certo o nosso Deus não exige a morte do filho, que morreu por caridade, assim como Sócrates pela racionalidade.

Voltemos a Ismael, o filho da escrava. Pois não é que inventou de dar uma de valentão pra cima de Isaac. Sara, não suportando a humilhação ao seu filho, exigiu que Abraão expulsasse a ambos, mãe e filho. Assim foi feito. Em manhã de céu limpo, Abraão, aconselhado por

Deus, tomou pão e um odre de água, mandou-os embora, prometendo grande posteridade ao filho. Deus, durante o caminho foi servindo Agar de pão e água, acabando seu filho a se casar com uma egípcia com quem se deu muito bem. Novamente chama atenção o fato do Senhor. Bem, vejamos a morte de Abraão e de Sara. Eles merecem nosso velório.

As mortes de Sara e do patriarca

Abraão veio prantear sua mulher. Imagine-se o velho senhor, longe de casa, receber a notícia: Sara não suportou mais carregar a vida. Ele baixou a cabeça e lá se foi para comprar um lugar onde enterrá-la. Raios de sol acesos sobre a cabeça enquanto caminhava para enterrar a companheira das travessias de montanhas e desertos.

A velha senhora tornou-se defunta aos cento e vinte e sete anos. A única preocupação nesse momento era oferecer uma sepultura a ela que, por milagre, dera-lhe um filho. Falou aos filhos de um conhecido: sou um simples estrangeiro no meio de vós. Concedei-me a propriedade de uma sepultura. Abraão, por ser tido como um príncipe de Deus não negociou muito em razão do respeito que todos lhe creditavam. Adquiriu, então, uma terra na qual se encontrava uma caverna conforme o seu desejo. Aí repousaria sua amável senhora. Bonitas árvores cresciam ao redor dos limites da terra adquirida por quatrocentos siclos de prata. Abraão enterrou Sara na caverna de Macpela, defronte de Mambré, na terra de Canaã. Nada se fala mais do que esse relatório. Não se faz nenhuma referência sobre o destino final daquela que se riu toda ao saber que poderia ser mãe na velhice. Nem ao menos se diz haver qualquer movimento que apontasse para a crença posterior de sua alma.

Vamos ver agora o que é dito na morte de Abraão. Viveu cento e setenta e cinco anos. Pode-se imaginar o jeito de suas pernas, uma vez que andou por tantos e tão longos caminhos. Nem sequer estava em casa quando sua mulher se enfraquecia toda. Diferente de Sara, nas primeiras e curtas palavras é dito ter morrido bem, se é que assim pode ser dito na morte. Abraão partiu em sua ditosa velhice, cheia de dias e de outras tantas noites. Isso é o melhor que se pode desejar a um ser humano. Por certo morreu sem tremores de medo, uma vez que sabia que seus dois filhos teriam uma grande descendência. O interesse daquela gente era esse, tanto quanto a vida de cada um, preferiam viver

nos filhos, nos filhos de seus filhos e assim por diante, mesmo que para tal tivessem que morrer. Os dois filhos o enterraram junto da caverna de Mambré. Por tudo que se realizou e do jeito que falava com Deus durante cento e setenta e cinco anos, não causa nenhuma estranheza ser Abraão reconhecido como a principal figura a conceder identidade a um povo e, por isso, seja invocado como referência de imortalidade. Por certo, assim se tornou por lutar bravamente com todas suas forças e ter a humildade suficiente para ter o respeito de quem lhe fosse confiado. Lutou com reis para defesa de Lot. Sempre providenciou pelo melhor ao conversar com Deus, ainda que não tenha chegado sempre a bom termo em suas decisões. Pela clareza dos fatos nos fica a crença de que a atenção e a luta em torno de todas as possibilidades para se chegar às melhores realizações são os únicos meios para promoção, proteção e defesa de nossas vidas. Esse jeito decidido em busca de riqueza e andanças marcou todas as gerações judias. Diferentemente de Cristo, não era de muito diálogo, preferindo um exército à comunicação.

A narrativa diz o seguinte de Ismael: teve doze filhos e cada um deles se tornou chefe de uma tribo.

A seguir teremos uma narrativa sobre os filhos de Isaac.

Não sei se estou sendo fiel ao pensamento de Deus. Esta é minha maneira de dizer o que li, ouvi e penso. Palavras de Frei Norberto. É a minha versão a respeito dos fatos.

Preleção sobre os males

A aula havia sido transferida para o entardecer, fazendo com que alguns teólogos faltassem. Talvez fosse uma das razões de Frei Norberto sentir-se irrequieto chegando a dizer impropriedades. Essas são as horas em que se cometem as piores coisas e as magníficas também. Muitos amores se praticam e mortes aos milhares. Se Platão afirma que humores austeros o perturbavam ao amanhecer, eu entendo desse jeito: os males se precipitam ao anoitecer. O pior acontece ao se concluir um ano. Tem-se como provar que ao fim do ano as pessoas se tornam mais violentas, crescendo os suicídios.

Jobi avaliou: o professor está perturbado. Ironicamente pensou: isso nada tem a ver com a graça de Deus ou terá alguém capaz de entender os meandros divinos em tais circunstâncias?

Frei Norberto começou: vamos a que viemos. *Nel mezzo al cammin de nostra vita, mi ritrovai per una selva oscura*. É o tempo em que me encontro e da maneira em que me sinto ao estudar o que vos apresento. Não fiquem aí, minha gente, pensando que eu esteja de bÍlis prejudicada. Vou fechar meus olhos e dizer tudo que penso e sinto.

Voltemos às escrituras e vejamos mais um pouco do sofrimento humano que nos leva a pensar se não vale mais nos tornarmos rudes e toscos que aprofundar o conhecimento humano sobre mais um pedaço da caminhada feita pelas terras defronte o Egito, na direção da Assíria. Vamos, então, adiante na descendência de Abraão. Tudo começou quando Abraão, sabendo que a morte andava cercando seus dias, fez um servo meter a mão debaixo de sua coxa e falou: vai buscar a esposa para meu filho. *Deus me falou o seguinte: Quando tu, junto a fonte de Nacor, pedires água para ti e teu camelos e chegar uma jovem e disser: Bebe água, meu senhor, de meu cântaro. Vou buscar água também para os teus camelos, para que todos bebam, essa será a esposa de meu filho.*

Pra encurtar a história: ela falou bem assim e por isso o servo soube que era essa a escolhida por Deus para esposa de Isaac. Depois de muita explicação junto aos familiares, o servo trouxe Rebeca da terra distante. Isaac a desposou sem perda de tempo.

Ser pai e ser mãe é coisa fácil, as coisas se complicam depois do nascimento. No caso presente, já se anunciavam dificuldades antes do nascimento. Deus teve que intervir duas vezes, uma pra encontrar a mulher e outra para conceber. Rebeca, como Sara, era estéril. Isaac pediu e levou a melhor. Ela concebeu, mas teve que consultar o Senhor uma vez que duas crianças lutavam em seu ventre. Deus falou claramente: *Tens duas nações no teu ventre, dois povos se dividirão aos saírem de tuas entranhas*. E pra azar dela, ouviu: *um vencerá o outro e o mais velho servirá o mais novo*.

Deus não mete a mão no destino humano, Ele se serve das circunstâncias. Somente em situações extraordinárias ocorrem eventos extraordinários. Ainda assim duvido que o Senhor fique por aí manejando a direção dos eventos. Ele não é o timoneiro dos males, tampouco da sorte. Isso faz parte das explicações ingênuas.

O nascimento dos gêmeos se revelou extraordinário através de dois fatos incomuns. O primeiro, ao nascer, era ruivo e peludo. Esaú quer dizer cheio de pelos. Em seguida saiu o segundo segurando pela mão o calcanhar de Esaú. Anuncia-se, como nos filmes, os futuros acontecimentos. Pessoas e momentos podem também nos ter pelos calcanhars. Eles nos têm assim mais pela nossa fragilidade que pela força de quem nos agarra.

Vamos aos nossos protagonistas. Esaú tornou-se um grande caçador e Jacó estava mais pra casa que pra os lides do campo. Pra azar de Esaú, a mãe se afeiçãoou mais a Jacó. Certa tarde, Esaú veio cansado de uma grande caçada. Logo foi falando ao irmão, que preparava guisado na tenda: deixa-me comer dessa coisa vermelha, por que estou muito cansado. Jacó, aproveitando-se da situação disse-lhe: venda-me primeiro o teu direito de primogenitura. Esaú jurou, vendendo assim seu direito de primogênito pelo guisado com lentilhas. Jacó, então lhe deu um prato de lentilhas, fazendo o irmão perder um direito. Em razão das secas das terras de Isaac, tiveram que se retirar para outras plagas e novamente o narrador apelou para as mesmas dificuldades que Abraão tivera com sua mulher. Os meninos cresceram rapidamente, tornando-se adultos. Esaú teve duas mulheres e na opinião dos sogros, Isaac e

Rebeca, as duas não prestavam, causando incômodos severos aos dois. Pelo jeito o homem se dava mal em todas as iniciativas.

Isaac ficou cego de tanto olhar areias e, chegando que fora o tempo de passar os bens, chamou Esaú pra falar: Vai ao campo e traga-me uma caça. Prepara a caça como só tu sabes fazer. Depois te abençoo e te passo o que te é de direito. Rebeca ouviu a conversa dos dois. Chamou Jacó e alertou sobre a situação e ordenou: vai ao campo e traga dois cordeiros. Vou prepará-los. Logo que foram preparados, vestiu Jacó com as vestes de Esaú, cobrindo também o pescoço e as mãos com a lã dos animais mortos. Serviu Isaac do alimento preparado, depois mandou Jacó pedir a bênção da primogenitura.

Um parêntesis: pela história parece emblemática a dificuldade daquela gente oriental amar, ainda que lhes seja azul o céu, da cor de safira.

Esaú, ao pedir a bênção que lhe era devida, percebeu que havia sido enganado. A que tudo indica não lembrava mais da venda da primogenitura. O desejo dos benefícios a receber refreou a lembrança das lentilhas. De fato, os caminhos de nossa vida são muito complicados. É muito difícil saber quais deles sejam os melhores a seguir. Não só nos atrapalhamos, como existem acontecimentos que nos atrapalham. Vamos exemplificar com os acontecimentos em torno de Jacó. Existem diversas versões. Fiquemos com a mais conveniente. Ao pedir a bênção não a obteve, nada sobrando para o verdadeiro peludo. A raiva foi iminente e eminente, levando a jurar a morte do irmão. Rebeca avisou Jacó aconselhando-o a fugir para a casa de Labão, irmão de Rebeca. Na viagem Deus apareceu-lhe em sonhos. Sonhou que se erguia uma escada que ia da terra aos céus e na ponta de cima Deus prometeu tudo de bom pra ele. Ao acordar, se ajoelhou dizendo: essa terra é de Deus. Por pior que seja a situação e mesmo que não mereçamos, a sorte pode nos oferecer um bom prato. Foi até a casa de Labão, acontecendo, então, coisas de poucos elogios. Essas figuras exemplares vivem de entreveros, confusão e sofrimento, imaginem as gentes do resto das tribos hebraicas.

Para merecer Raquel, filha de Labão, Jacó esfalfou-se no campo durante sete anos. Labão, malandramente, fez entrar a filha Lia na câmara nupcial. Somente pela manhã, Jacó percebeu que fora enganado. Trabalhou mais sete para merecer Raquel. Não menos esperto foi Jacó, multiplicou seu rebanho usando de técnica particular para ter

suas ovelhas malhadas em maior número que as de Labão. Jacó fugiu, por fim, levando Raquel com os ídolos da casa. Semelhante em tudo àqueles que carregam pequenos amuletos ou santos não confiando na competência divina. Não faltaram os filhos, as mulheres, os camelos, os jumentos, as ovelhas, nem os deuses pequenos escondidos nos pelegos dos camelos. Labão não gostou da fuga do genro e primo, perseguindo-os. Deus, como sempre, do lado de Jacó, exigiu que Labão supitasse suas intenções, mandando-o para casa de mãos vazias. Jacó, ao contrário, voltou para a sua, todo feliz em poder rever sua terra Canaã, não sem antes lutar com um anjo. Lutou e venceu, recebendo mais uma bênção do anjo lutador.

Para terminar bem a história de Jacó e Esaú, basta dizer: se abraçaram, choraram e mal nenhum aconteceu depois de tudo. Lição de sempre: o tempo pode aplacar raivas e medos ou, acaso, não sofria Esaú do mal do esquecimento?

Vale dizer que foram doze os filhos de Jacó. Doze assim divididos: seis de Raquel, dois de Lia e dois de cada uma de duas escravas. Nada é dito sobre as reações das filhas de Labão, ao ver que nasciam filhos com escravas. Raquel, pobrezinha, morreu ao dar a luz a Benjamin. Por serem muitos, de diferentes temperamentos e caráter, os filhos não se entenderam como veremos na história de José. Os sofrimentos continuam, dando continuidade aos conflitos familiares. Lugar difícil onde o mal cresce mais que o trigo. Impressiona o quanto gostam de pelear tanto com os de dentro como *los de afuera!*

Esaú, para evitar qualquer atrito com Jacó mudou-se para longe de Canaã, pois, sabendo de sua força, poderia ferir seu irmão, se acaso houvesse novo desentendimento ou lhe voltasse a memória por inteira. Perdoar não era o costume muito difundido entre os hebreus, e de perdoar duas vezes não se tem notícias. Bem pode se ver: nelas são postas as vontades humanas, de acordo com a graça do narrador. Vê-se por tudo o que foi dito: as oportunidades oferecem desejos com difícil decisão.

José no Egito

Não dá prá negar, continuava o Frei, sem dúvida nenhuma, somos movidos por acontecimentos, fixando-se aí nosso caráter e nosso jeito de ver e, por entre tais recorrências, formamos nossas atitudes. E por tantos apelos se nos torna difícil optar por um estilo de vida bem qualificado ainda mais numa cultura onde matanças e invejas se viam como areias. Vejam só, Deus foi conivente com o destino de Esaú e com a esperteza do irmão. É oportuno pensar-se Deus como provedor de circunstâncias, conforme os desejos do narrador, tendo-se tantas dificuldades que se firmam no caminho. Fica mais uma vez dito e por todas: os fatos não são tão significativos quanto o que dele dizemos e fazemos. A ética, minha gente, nada mais é que convenções geradas nos propósitos de um tempo, nada impedindo Jacó de ter quatro mulheres. Nem tampouco se inibem as violências nas casas quando a inveja começa a se instalar. Isso é visto na casa de Jacó. Muita inveja aconteceu em relação a José, o mais novo dos filhos de Israel de Jacó. Por ser caçula, José era o preferido. E José na sua ingenuidade, em razão de sonhos, instigava ainda mais ódio contra si mesmo. As vestes dadas a José eram mais finas que as vestes dadas aos irmãos. Mais ódio. Quando o caçula disse aos irmãos que feixes de pasto e estrelas se inclinavam para ele, despertaram mais motivos de inveja.

Jacó, certo dia, sentiu saudades dos filhos, pois guardavam rebanhos bem longe de Canaã. Mandou José ver o que acontecia, solicitando que trouxesse notícias deles. Foi pra não mais voltar. Antecipo, caros teólogos, uma recomendação: não deixem ninguém ficar ressentido se não quiserem chamar o pior. Ressentidos estavam os irmãos de José por causa das deferências. Encontrou os manos, mas estes andavam de más intenções. Ao vê-lo, os irmãos diziam: lá vem o sonhador. Quiseram matá-lo, em primeiro momento. Em segunda decisão: foram jogá-lo numa cisterna seca. Vendo, porém, alguns

beduínos ismaelitas, preferiram vendê-lo por um preço muito baixo que era mais para se desfazer do preferido do pai. Os ismaelitas compraram o menino porque o costume da escravidão andava solto. As violências de hoje apenas mudam de figura. Alguns vendem sua alma por latas velhas ou até por algumas horas de satisfação.

Pra justificar ao pai a ausência de José, embeberam as vestes de José com sangue de ovelhas. Imaginem só: venderam o piá pelado. Mostraram-nas ao pai. O pai reconheceu a túnica manchada de sangue. Entristeceu-se tanto a ponto de dizer: *é chorando que descerei junto de meu filho para a habitação dos mortos.*

José no Egito: por ser jovem valia um bom dinheiro. Um guarda de Faraó, Putifar, comprou-o dos ismaelitas. Passou a servir em sua casa. E o Senhor de olho no garoto, fazia de tudo pra que tudo andasse de bem a melhor. O rapaz mostrava-se muito competente e desejável. A mulher de Putifar ficou tentada dele, mas a iniciativa não prosperou. Por não prosperar, José pagou cara a fidelidade ao seu senhor. A mulher, não obstante a resistência, caiu sobre ele, então, forçando a barra, mas José, soltando as vestes, conseguiu escapar. É isso, minha gente: do ódio feminino livrai-nos Senhor. Ela, tomada de uma raiva descontrolada, gritava histericamente, dizendo que havia sido assediada e, como prova, ele deixou as vestes. Insistia gritando: o escravo hebreu quis abusar de mim. Pela tarde repetiu a história ao marido. Por acreditar na mentira, José levou a pior. Ora vejam vocês que mentira de autoridade cola fácil, uma vez que os súditos precisam acreditar, sejam presidentes ou chefes de gabinete, sejam até jornalistas que precisam fazer de conta que nada aconteceu. É isso mesmo, quem acaba sofrendo é a vítima das inverdades bem contadas. Tornou-se prisioneiro.

Na prisão José interpretou sonhos de dois prisioneiros: do padeiro-mor e do copeiro-mor. O primeiro levava três pães numa cesta e as aves do céu vieram e os devoraram: em três dias serás enforcado, disse José. Eu sonhei que exprimia três cachos de uva e entregavas o sumo ao faraó, disse ao copeiro. Em três dias terás tua liberdade. Vejam o que aconteceu: numa festa do faraó deu-se a brutalidade. O padeiro foi enforcado na frente dos convidados e ao copeiro foi dada a liberdade. *Asi no más*: sem nenhum julgamento. Como era de se esperar, o copeiro se esqueceu de José. Dois anos depois, foi a vez do faraó sonhar. Sonhou que sete vacas gordas pastavam junto ao Nilo, outras sete, magras, pastavam também. Pra decepção faraônica, as

magras devoraram as gordas. Sonhou, a seguir, com sete espigas gordas saindo de uma haste. Germinavam também sete espigas magras e secas pelo vento do oriente. As gordas, como as vacas, foram devoradas pelas magras. Faraó despertou: era apenas um sonho, mas por questão de segurança, mandou chamar os sábios do Egito e todos ficaram calados porque não tinham o que dizer. O copeiro-mor lembrou-se então de José. O faraó, por saber do intérprete de sonhos, mandou-o chamar.

— Me disseram que basta contar um sonho que já o explicas, falou o faraó.

— Não sou eu, mas é Deus quem dará ao Faraó uma explicação razoável, respondeu José.

Veio, então, a exposição do sonho de faraó e a breve explicação de José: os sonhos representam a mesma coisa, comentou José. São sete anos de fartura contra sete anos de miséria. Concluindo falou sério: *Se o sonho se repetiu por duas vezes é que a coisa foi bem decretada da parte de Deus, que vai apressar-se em executá-la.* José, finalmente, aconselhou que se recolhesse a quinta parte das colheitas, prevenindo-se da fome que estaria por chegar. Como, de fato, ocorreu: a fome veio e faltou trigo no Egito e toda região.

Jacó, vendo que faltava pão, mandou dez dos filhos comprarem trigo no Egito. Nada mais verdejava e o sol castigava as grammas, morrendo, nas pastagens secas, ovelhas com todos os animais do campo.

Para encurtar a conversa, sucedeu que os filhos de Jacó foram duas vezes ao Egito, encontrando o irmão feito governador, o vendedor de trigo. José reconheceu seus irmãos. Esses, porém, não o reconheceram. José os prendeu, libertando-os depois de três dias, menos a um deles, dizendo: esse eu vou libertar somente quando me trazerem o menor de nome Benjamim. Encheu, então, os sacos de trigo.

Na volta, os irmãos encontraram, na boca dos sacos, o dinheiro que servira como pagamento. Estranharam muito. Voltando para casa, narraram o acontecido ao pai. Esse resistiu em mandar o menor, Benjamim, para libertar aquele que ficara preso. Mas o risco não seria tão grande uma vez que se não partisse, morreriam de fome. Partiram todos juntamente com o menor. Lá chegados, conversa vai, conversa vem, José se deu a conhecer. Percebeu que seus irmãos se mostraram honestos, devolvendo o dinheiro das bocas dos sacos, e não mais mentiam como mentiam anos atrás. Moral da história: a fome e os

apertos ensinam a nos tornarmos melhores, quando não nos matam.

José, então, trouxe seu pai para o Egito, alimentando o pai e a tropa de seus filhos. Jacó, vendo que findavam seus dias, solicitou a José que o enterrasse em Canaã. Foi feito conforme sua vontade. Jacó, antes de morrer, fez um longo discurso enquanto abençoava os doze filhos. A alguns não deixou de puxar as orelhas e a outros fez elogios. Aos que venderam seu filho José, falou:

— *Maldita a cólera que os levou à violência.*

Maldito o furor que os induziu à crueldade!

Referindo-se a José da maneira diferente:

Te dou as bênçãos, bem maiores que as antigas montanhas.

Que elas desçam sobre a frente do príncipe de seus irmãos!

Ao frei pardo, Eusébio, doeu-lhe as maldades praticadas:

Sofri em minha casa de um sofrimento nada menor que o de José. A inferioridade perpassou minha família de geração em geração. Meu trisavô não conheceu a liberdade. Meu bisavô, continuou a escravidão ao trabalhar em Rio Grande. Ao lhe darem a carta de alforria mudou muito pouco, me parecendo ter menor valor do que se fora escravo, uma vez que já envelhecia. Meu avô, por generosidade de uma professora, descobriu um talento precoce, fazendo dele um contador. Meu pai sentiu o prazer maior da liberdade. Não lhe molestaram o frio e a fome. Nasceu podendo erguer os olhos, olhando estrelas. Eu que diga do sofrimento da exclusão entre meus colegas de escola. Me senti menor que um hebreu entre egípcios, mesmo que a pobreza não nos devastasse mais, mas a cor e a feiúra me fizeram escravo dos preconceitos. Parece-me hoje um tempo melhor para excluídos. Não se machucam tanto irmãos da mesma família. Esperança minha.

Frei Miguel continuou, aproveitado o silêncio de Eusébio:

Causou estranheza a escala das injustiças dentro de casa. Na minha opinião, as circunstâncias postas na vontade divina e nas mãos de Abraão foram rudes com Agar e Ismael. O que que é aquilo de mandá-los para o deserto com côdeas de pães e um pouco de água? Certa era a fé de Abraão, incerta a caminhada de mãe e filho. Onde está

a compaixão de Sara? Me pareceu desproporcional o castigo imposto a Ismael por causa de se sentir valentão contra Isaac. Este me pareceu um menino mimado, mais que um injustiçado.

Me penalizei de Putifar, o egípcio eunuco, casado com a mulher tão tentadora. Castrava-se e matava-se como se a vida fosse a coisa mais vulgar. É só olhar para a Síria e o Egito de hoje. Dá a impressão que a morte do padeiro do faraó, entre risos de uma festa, não é menos cruel que as vítimas de Vietnam, dos campos de concentração e na política brasileira.

Gostaria de me reportar ao que o Frei Miguel falava, animou-se Jobi ao entrar nas considerações finais da aula. Qual a razão de Rebeca privilegiar a Jacó? O pobre do caçador Esaú, peludo e vermelho, não tinha culpa de se sentir de aparência grosseira. Não foi ela injusta ao insinuar a que Jacó se vestisse como Esaú para obter as bênçãos do velho marido? É engraçado que o velho Isaac sofria de cegueira bem como Abraão e o seu filho Jacó haveria de sofrer do mesmo mal. Por falar em Jacó, não foi ele o despertador de ódios em seus filhos por causa da diferença de tratamento dada a José? O que tem essa gente de ter filhos para serem preteridos? Não posso deixar de referir que o sofrimento da escravidão de José resultou em salvação. Mais uma vez parece que se afirma haver um sentido para a crueldade. O sofrimento e a morte causam estranheza, mas a banalidade com que se revelam, mostram a naturalização de um mal que parece ser exigido por Deus. Me arrepio até de pensar em Deus precisando de sangue para lavar os pecados do mundo. Isso também se observa entre os astecas. Que barbaridade é essa de se jogar em Deus a crueldade humana.

Frei Norberto interferiu, dizendo: frater Joel Bigliardi, acho que você está indo longe demais em ver a morte de Cristo apenas como a morte banal de um homem. Vamos parar por aí que o tema está fora de ordem. Continuemos com o sofrimento histórico de um povo e ver de perto a história dos filhos de Jacó. Por hoje é só.

Os caminhos de Moisés

Os hebreus possuem duas virtudes: a multiplicação de filhos e a excelência em seus ofícios. Quiçá tais fatos sejam a razão de serem perseguidos no decurso de toda a história. Sabem lidar com os acontecimentos, as circunstâncias e o dinheiro, trazendo-os em seu favor, não importa o tempo e o lugar, e é isso que atrai ódios dissimulados ou não. Para mim, falava Frei Norberto, a história da película *O falsário* mostra como um judeu é capaz de transformar papel em dinheiro, não importando se for esterlina, dólar ou marco. Deixemos de lado meus pressupostos históricos e vejamos os acontecimentos do Êxodo. A palavra êxodo é um eufemismo, pois esse povo vive de saída.

Não vou repetir toda a história de Moisés, surrada de tanto ser contada. Me aterei a alguns acontecimentos que valem ser pensados e transpostos para a nossa realidade. Não vou me ocupar de Moisés, de sua valentia e da sua compaixão por ver os maus tratos aos de sua comunidade, nem tampouco do balaio que o salvou. Tomem nota sobre a recorrência da escravidão e da morte desse povo até nossos dias, a começar pelo Egito.

Lembremos da morte de Jacó. Seus filhos se estabeleceram no Egito juntando riquezas, mais aquelas acumuladas por José, não levando muito tempo para se cumprir o que foi dito nas premissas anteriores.

Subiu ao trono do Egito um novo rei sobre o qual José havia perdido sua influência. O rei falava ao seu povo: *Vede, os israelitas tornaram-se numerosos e fortes demais. Vamos! É preciso tomar precaução contra eles e impedir que se multipliquem para não acontecer que, sobrevivendo uma guerra, se unam com os nossos inimigos e combatam contra nós.* Ordenou a seus feitores a que construíssem para o rei diversas cidades. Continuaram, porém, a se multiplicar. Mandou para os campos para que os cultivassem. Continuaram a se

multiplicar. Por fim, ordenou às parteiras do reino a assistir os partos das mulheres israelitas. Se for filho: mate-o! Elas se condoeram dos meninos. Continuaram a se multiplicar. Tudo se tornou mais grave. O rei, então, mandou jogar ao rio todos os meninos. Uma mulher, filha de um dos filhos de Jacó, em defesa do filho que lhe nascera, ocultou-o o quanto pode em sua casa. Vejam a maravilha desses versículos: *Não podendo guardá-lo por mais tempo oculto em sua casa, tomou uma cesta de junco, untou-a com betume e pez, colocou dentro o menino e a depôs à beira do rio no meio dos caniços. A irmãzinha do menino colocara-se a uma distância para ver o que havia de acontecer.*

Bem, não carece outros esclarecimentos. A história da mãe do menino, do menino e da filha de Levi já é por demais conhecida. Do caminho das águas para os caminhos do deserto ocorreram fatos dignos de consideração. A história do arbusto crestado pelo tempo a arder em chamas de onde Deus fala para Moisés levar seu povo de volta para sua casa também é conhecido de todos. Talvez não seja tão bem conhecida a história da dificuldade de Deus em convencer Moisés a partir. As histórias da mão leprosa, da serpente e do cajado, da água convertendo-se em sangue, não são tão conhecidas. O fato me parece relevante. As circunstâncias favoráveis nem sempre são percebidas por causa dos hábitos que tapam nossos ouvidos e vedam nossos olhos. Diversas foram as razões alegadas por Moisés ao justificar sua resistência ao pedido divino. Não bastou o olhar de Moisés sobre o sofrimento dos irmãos. Creio que sua mãe não perdia oportunidade de avaliar com ele a realidade de sua raça. Tratado como filho de reis, não podia esquecer a sua escravidão. Ver um escravo ser ofendido não representava nenhuma novidade, mas pela identidade do sofredor fez que brotasse nele um grande sentimento de reciprocidade. Diversos foram os fatores e as dificuldades até convencer os seus a que tomassem o caminho do deserto. Convencer alguém sobre a liberdade não custa muito. Confrontá-lo com as perdas, ainda que poucas, e os sofrimentos do caminho para alcançá-lo, não é coisa pouca. Moisés tinha lá seus motivos: sofria da palavra difícil. Tenho boca e língua pesadas, queixava-se ele. Deus fez com que fosse adiante, mesmo de boca pesada. Reuniu, então, os líderes das comunidades para que considerassem também a possibilidade da saída. É isso: repartir o medo para ver melhor o que pode ser feito, faz bem até aos gaiatos em suas malandragens, imaginem, então, quando a missão é necessária e espinhosa.

A primeira iniciativa foi feita, tendo poucos resultados: a força da escravidão tem lá seu poder. Vejam, por exemplo, aqueles que fumam. Falou ao povo sobre a promessa divina da libertação. Por certo, fez ver as dificuldades de água, de pão, do calor, dos partos difíceis, da saudade das casas no Egito. Fez, mais que tudo, ver, com intensidade, a promessa divina. Repetiu o discurso por duas vezes. Eles, entretanto, *não o ouviram, tão grande era-lhes o abatimento da alma*. É isso gente, a fragilidade da vontade e a falta de costume de pensar um ano na frente tiram da alma o que possa ser melhor. Pensem nos pobres das periferias: expliquem que o estudo é o caminho da sorte. Se os meninos acreditam, os pais rivalizam com a decisão. As raízes dos costumes são fundas. Gente, pela extensão de minha conversa, os israelitas vão todos morrer junto ao Nilo.

Frei Norberto silenciou por momentos.

— Bem, agora é a vez de vocês imaginarem os acontecimentos.

— Nnnão Iiiii...magino, se expressou Frater Ambrósio, que também tinha a língua um tanto travada ao pronunciar as primeiras palavras de suas falas. IIII! Ta...ta...ta escrito. MMMoisés falou pra Deus que estava muito chateado. Se...se...se não convencia seu povo pra ir para sua casa, como é que ia convencer o faraó. Mmmmoisés que não era bobo andava junto com um cara cheio de decisão. Ooooo Arão. Ddddeus, então, falou pros dois: vão falar com o faraó, vvvão logo!

Os colegas de teologia se admiravam da melhora de Frater Ambrósio. Frater Jobi elogiou seu colega.

— É isso aí, Ambrósio. Cada dia melhor. Não te miche.

— Nnão me mmmicho. Eu também tenho alguém que me ajuda. Ttttô como Moisés com Arão, é a minha fffono. Eeela me deixa melhor. Mmmodésia a parte, vou ser um bom pregador. Vou falar bem. NNNninguém vai rir de minha gagueira. Não vai ter mais pra ela. Ffffalei!

Riram todos, aplaudindo o frater, já de pouca gagueira.

Antes do deserto

Durante a explicação das pragas mandadas por Deus, frei Norberto demonstrou o quanto o pensamento mágico produz seus efeitos:

Os males advindos sobre os egípcios começaram a ser explicados de forma mítica pelos israelitas. Corria de boca em boca ser as negativas de Faraó a causa das pragas. Entendo que a mentira é ética quando favorece o bem, evitando-se um grande mal como o caso da opressão sobre o povo de Moisés. Deus vai acabar com vocês, diziam os faladores hebreus. Falavam também de um grande prodígio: Arão havia lançado o cajado e este transformou-se em cobra. Faraó desdenhou, rindo da façanha enquanto dizia: meus encantadores de serpente fazem o mesmo. Mandou-os chamar e eles fizeram sair uma porção de serpentes dos cajados. Arão irritou-se, mandando que sua cobra devorasse aquelas dos encantadores. Ela as perseguiu, acabando por engordar o ventre da serpente saída do cajado de Arão. O faraó tornou-se ainda mais cabeça dura. Isso também correu de boca em boca. Possivelmente as cobras de ambas as partes tivessem sido criadas no imaginário popular, aumentando o desprestígio do faraó. E não existe coisa pior para os políticos: não serem reconhecidos. Possuem um sentimento de grandeza exagerado. Como as pragas se multiplicavam, faraó começou a vacilar, crendo que o Deus hebreu o estivesse castigando.

Houve até molecagem de Frater Toni: varda, con um monton de rã assim, os gringos iam fazer una bela festa.

Riu-se Frei Norberto. Sabia dessa possibilidade: não tem descendente de italianos que não se assanha por uma rã. Continuou sua aula. Tudo é possível suportar. Romper, porém, com quem se ama, diminuiu a resistência. Pois é, quando os hebreus começaram a dizer que a morte de jovens egípcios era por causa da tez dura de faraó, aí o homem vacilou de vez.

Assim aconteceu: a onda das queixas dos egípcios contra o faraó se extremou, temendo que outras viessem. A imaginação se encarrega de piorar os eventos. Nesse caso o benefício da ignorância recaiu sobre os hebreus. Mandou, por fim, que partissem.

— Algo a acrescentar?, instou o frei.

Vieram diversas alocações. A mais forte veio de Bepi, um prosélito defensor da verdade bíblica.

— Dio santo! Alora, Dio non faiz milagre.

— Faz, Bepi! Só precisamos entender com a razão e não com a fantasia. Quer maior milagre que esse dos hebreus enfrentar as hostes do faraó? Quer maior milagre que esse de aproveitar as circunstâncias para livrarem-se da escravidão? Deus não é desumano. Quem poderá imaginar um criador de bondades sair de porta em porta a matar os filhos inocentes dos egípcios? Capiche, Frater Bepi?

Vamos adiante que não podemos retardar em ver o quanto é complicado ter paz com uma gente de dura cerviz.

O deserto educa

Vejam bem o que é o temor. Não bastasse o sofrimento das perdas egípcias, o maior advinha do temor dos castigos imaginários. Houve pouca alegria entre os egípcios, muito luto, por anunciarem: os hebreus vão se mandar! A tristeza restava por perderem seus escravos. Certo alívio, entretanto, parece ter havido: Deus já não mandaria outros males. Fomentavam os medos dizendo até: na próxima praga os egípcios perderão o poder masculino. Quando se exaltam os ânimos rolam os assombros.

Autorizados, os hebreus começaram a se organizar. Dá para avaliar o movimento de seiscentos mil homens, sem contar crianças e mulheres. Bem mais que seres humanos eram os animais para o alimento e o transporte.

Muitos hebreus não tiveram a mínima vontade de partir. Estiveram por aí por mais de quatrocentos anos. A escravidão não afasta o amor pelos lugares. Os vínculos afetivos com seus senhores, os alimentos, as vestes, as casas, o ar, o rio, os peixes, os costumes aprendidos. Isso é posto pra saber que o êxodo não se deu sem o sofrimento de ambas as partes.

Um grande evento merece uma grande comemoração. Para tanto foi instituída a celebração pascal. *Um cordeiro será imolado e comido. Se escravo ou estrangeiro, pouca importa, poderá comer dele, contanto que seja circuncidado.*

Bom, chega de conversa, vamos ao deserto. Qual o caminho? Deus fez com que dessem uma volta pelo deserto, para o lado do mar Vermelho. Notem a razão: se fossem para Canaã, caminho mais breve, encontrariam os filisteus, o que geraria muitas lutas e o medo de não chegar. Por valentes que fossem e muita fé, sobrava-lhes muito temor.

Faraó ao saber da partida voltou atrás da sua decisão. É claro, muito mais movido pela reclamação, provavelmente da minoria que detinha escravos. Armou seu exército: seiscentos carros cheios de guerreiros foram ao encalço dos israelitas. Quando o exército se aproximou do povo de Deus a coisa encrespou pro lado de Moisés e o criticavam fortemente: *não havia, por ventura, túmulos no Egito, o que deu de nos conduzir pra morrer no deserto?* É melhor ser escravo no Egito do que morrer perdendo o sangue nas areias. Fiquem calmos, respondeu Moisés, vocês vão ver o bem que o Senhor nos fará. E fez. Os ventos sopraram permitindo passagem pelo mar. Os homens de faraó perderam a chance de alcançá-los, pois as águas se fecharam fazendo muitos deles morrerem atolados. E Israel viu os cadáveres dos egípcios na praia do mar. O povo hebraico voltou a confiar em Deus, o matador e protetor, e em Moisés.

— Desse jeito até eu aumentaria a minha fé, falou frater Aristides.

A questão posta, tempestivamente, foi bem respondida pelo professor.

— É verdade, meu querido franciscano, nunca se sabe do tamanho do mar que, por vezes, nos impede viajar. Do jeito que for o mar pouco importa, vale a pena confiar nos ventos, mesmo que sejam austeros.

— Vou pensar no assunto, mestre.

Sobre os sinais de Deus, aconselho prestar atenção na disciplina de Teodiceia. Sigamos os hebreus na próxima aula, animou-se mais frei Norberto. Teremos a canção de Moisés lutas e as leis duras da moral judaica.

A virtude social no deserto

Nossa Senhora!, depois que os egípcios se perderam no mar, Moisés ficou possuído de um grande entusiasmo. A cabeça tornou-se tão vibrante a ponto de produzir um poema de guerra.

Bendita a glória de nosso Deus.

Afundou os egípcios no mar como se fossem pedras.

Os filisteus se encheram de pavor.

A angústia tomou conta dos parentes moabitas.

Que se cuidem os cananeus, essa terra nos pertence!

É esse o nosso Deus: precipitou no mar cavalos e cavaleiros!

Bem que se note a dificuldade de diálogo entre povos, parecendo a morte um chamado de Deus. Imaginem vocês que do outro lado, nem dois mil anos depois, Maomé veio com tudo, dizendo: morram os infiéis. A imagem de Deus desse jeito é perversa. Se Deus nos fez à sua imagem e semelhança, o que parece difícil crer, os homens pagaram com a mesma moeda: fizeram dele um matador. Para se ter uma ideia das dificuldades entre os povos da região e do testemunho difícil da natureza humana: os hebreus foram matando em todo o percurso por onde passavam como se os residentes de seus lugares devessem deixá-los passar sem resistência. Quarenta anos com mais de um milhão de pessoas andando em direção à Canaã ensinam a que pensemos em longas paradas. Anos e anos de andanças fazem crer em grandes dificuldades nas relações com outras comunidades. Por vezes eram agredidos como no caso do ataque de Amalec contra Israel. Moisés mandou Josué reunir seus melhores homens para se defenderem. Amanhã estarei no alto da

colina com a vara de Deus na mão. Enquanto Moisés conseguia levantar as mãos, Israel vencia. Quando Moisés, vencido pelo cansaço, baixava as mãos, Amalec vencia. Amontoaram pedras, então, para que não caíssem as mãos de quem orava por todos: suas mãos puderam assim ser levantadas até o pôr do sol. Josué derrotou o exército de Amalec, passando-o ao fio da espada. Agradeceram a Deus pela morte de tanta gente. Continuaram a caminhada, os líderes tendo a imensidão de uma pátria a ser definida.

Ao meio de tumultos, o sogro de Moisés viu que seu genro andava esgotado de tanto aconselhar seu povo. Orientou a que dividisse tamanha responsabilidade. Que delegasse a um número de mil líderes o poder de aconselhar. O sogro foi obedecido e Moisés ficou apenas com os tumultos mais difíceis. Chegaram por fim ao deserto de Sinai, onde existe uma montanha com características muito especiais: o ribombar dos trovões produz uma expressiva sonoridade. No dia em que se fez uma nuvem escura, ouça bem a minha palavra, falou Deus a Moisés. Na manhã do terceiro dia houve estrondos de trovões. Relâmpagos cortavam a escuridão; o som da trombeta soou com força. Toda a multidão que estava no acampamento tremia. E o povo conservou-se à distância de Moisés e da nuvem, onde se encontrava Deus. Sinai, o simulacro do poder histórico para enganar a inocência de quem deve obedecer. Para pôr ordem em tamanha multidão, somente enchendo-a de terror.

Moisés, cheio de autoridade, promulgou, então, uma série de leis advindas da montanha consagrada. Frei Norberto, pausou seu discurso por um breve momento, depois continuou afirmando: aí foi o momento mais importante na constituição de um povo. Cada qual começou a aprender sobre costumes a serem cumpridos de maneira inquestionável. Bem, gente, o trânsito das individualidades no meio dos outros e os papéis a serem cumpridos fornecem a identidade. O não cumprimento faz com que não se sabe quem se é. Isso significa que não ter o que fazer e não ter destino social certo torna as pessoas desorientadas.

Aproveitando-se daqueles dias de total respeito, foram postas outras leis inquestionáveis e, por certo, fortemente discutidas com os líderes previamente escolhidos. Falei sobre as circunstâncias das leis. Em nosso contexto seria uma crueldade, por exemplo: se um homem tiver vendido a sua filha para ser escrava, ela não sairá em liberdade nas mesmas condições de um escravo. Este terá melhor sorte. Por aí se avalia as opressões sobre as mulheres. Se for comprado um escravo hebreu, ele

servirá por sete anos, podendo, então, sair livre sem pagar nada. Se o escravo disser: eu amo minha mulher e meus filhos, não quero partir, o senhor furará sua orelha. A marca é sinal que será escravo para sempre.

Se o escravo for punido até morrer, o senhor será punido, mas se não morrer, não será imputado mal algum, afinal o escravo é de sua propriedade. Se ferir seu escravo no olho e ficar cego, o senhor não mais será dono dele. Quanta bondade! Cego, poderá buscar livremente a sua vida.

Vieram um sem número de leis menores como as questões de terra, de animais e de outras propriedades. Interessante é a proposição das terras: ninguém é dono permanente de sua propriedade, Deus é seu dono: as terras não serão vendidas para sempre, por que a terra é minha, diz o Senhor. Inúmeras são as formas de adquiri-las e perdê-las. Enfim, leis e mais leis sobre tudo: sacerdócio, holocaustos, prescrições litúrgicas, leis religiosas, de higiene, de impostos e de purificação masculina e feminina. E uma vez desrespeitadas, todas elas continham as devidas punições. Ofender a Deus, machucar os pais e outras de desrespeito grave levavam ao apedrejamento e, na falta de pedra, enforcamento. Mesmo que alguém falte por ignorância deverá saldar sua transgressão sacrificando um boizinho pra reparação.

Queridos fratres, a questão das leis não significa ofensa desde que haja equidade, respeitando-se a essencial condição humana, o que veio a acontecer de maneira mais efetiva a partir o pensamento moderno, a começar por Kant e pela declaração dos direitos humanos a partir de 1800. Cristo antecedeu a este apelo de igualdade, mas os costumes históricos inibiam e inibem sua resolução. O tempo e os discursos são bons remédios para corrigir as doenças morais, mas Deus sabe o quanto ainda as leis estão devendo para a dignidade.

Para concluir a questão das leis, sugiro a leitura do livro Levítico, dos Números e o Deuteronomio. Cansarão de ver a que ponto as autoridades podem chegar para controlar a razão e o coração humano. Nada muda. Vejam o que faz o governo chinês no controle dos emails do povo chinês.

Jobi, no momento em que o teólogo franciscano deixou de falar, pôs-se a pensar em torno da aula:

Coisa de espantar pelos séculos! O que esse povo viveu!, uma vez que as leis eram inquestionáveis, pois a autoridade do legislador se

sobrepuña à compreensão humana. O sagrado não admitia o profano, a tradição contrapunha-se à inovação. As verdades postas pela cultura do imaginário têm poder. Os representantes da autoridade divina viviam de tais leis, não admitindo casualidades nem argumentos: os fatos se dobravam dolorosamente à crença. A avaliação pessoal humilhava-se aos ditames absolutos. Todas as espinhas se dobravam sob a obediência e a fé. Ainda bem que Cristo afirmou: *a palavra mata, o espírito vivifica*, entretanto nem ao menos isso foi respeitado: a Igreja assumiu por longo período a mesma postura de maneira cruel. É só pensar em Galileu Galilei ter que dizer publicamente: *fui julgado de heresia por ter acreditado e defendido que o sol está no centro do universo e não se move, e que a terra não é o centro e se move. Sinceramente abjuro e abomino os citados erros e heresias*. Bilhões de pessoas, no decurso da história, seguiram leis em nome de autoridades absolutas ou passageiras. É só ver as recorrências mais recentes na Europa. E o que é isso de a Igreja ainda defender a desigualdade de direito ao ministério do culto e a obrigação do celibato? E com quantos medos São Francisco foi à Roma defender sua ideia de pobreza e de encantos naturais? Reflito com amargura ao me dar conta dos horrores humanos sobre as culpas, castigos e mortes em torno das leis vis de todos os governos e de todas as igrejas.

Os outros estudantes puseram-se em alerta, alguns alegando que a Igreja resgatou a razão desde Santo Tomás de Aquino. Outros teólogos firmaram posição: se a Igreja pecou em sua caminhada, não se pode negar, porém, que sempre defendeu o principal: a fé e a caridade, ainda que tenha vacilado com os muçulmanos, com os negros, os índios, as mulheres, e ainda vacila em questões, faz tempo deveriam ter melhor solução.

De fato, concluiu Frei Norberto, o tempo é remédio para os sofrimentos e a boa vontade ainda carece de melhores esclarecimentos e de exercícios em torno das melhores virtudes. Queridos, o que fazer, porém, com o desespero de todos os tempos? Essas questões podem ser medidas de maneira melhor ao se considerar a história da Igreja mais recentemente. Outras questões sobre o antigo testamento serão analisadas por mim no segundo semestre. Pouco tempo para uma análise de tanto sofrimento e de pouca glória. Veremos ainda, o quanto era grande o sonho da libertação sob a proteção do divino. A morte inimiga era santa. Gente, tenham em conta em tudo que foi dito: a história narrada depende dos narradores. Lembrem que o exagero dos fatos e dos números diz respeito ao interesse de se mostrar grandezas.

A realidade foi dita pelo pensamento simbólico, longe das exigências do conhecimento científico. A narrativa épica é livre, feita pela paixão.

Nenhum dos alunos pode explicar, eis que Frei Norberto tomou-se de uma espécie de loucura pronunciando-se de um só borbotão:

Moisés foi possuído de uma paixão devastadora entre os trovões, uma vez que se lhe punha um sentimento devastador pela pátria. Acabara de encontrar a certidão de uma identidade entre todas as tribos mortas. Em tudo se lhe tinha a certeza semelhante a Hernan Cortez. Índio algum poderia assumir os antigos deuses. Morte àqueles que não se encaminhavam de acordo com as normas dadas sobre as terras conquistadas. As tribos daqui foram submetidas mudando-se apenas os seus nomes em relação às de lá. Um devaneio eufórico se havia erigido por toda a parte e ai de quem protestasse. Bem disse um sacerdote asteca: os três deuses de vocês matam! A contemplação da grandeza leva a atitudes extremas, leva os conquistadores a estarem possuídos do infinito, as medidas da prudência minimizadas. Caros irmãos, tenham em mente tal perigo. Não há quem não possa sofrer de iguais inclinações. A euforia de uma ideia pode matar. Lembrem dos excessos das ideologias exacerbadas na Alemanha e Rússia. Curiosamente em ambos os lugares tornaram Stalin e Hitler símbolos dos sentimentos carregados de pavor. Leis fortes e força absoluta em torna de crenças podem matar. Lembrem sempre o que conta é a vida.

Jobi entre dúvidas

As certezas foram sumindo. Não mais ficaria na habitação de um Deus semelhante a um pai que assume a direção da casa. Suficiente lhe dizia uma certeza substituta das antigas visões: carregaria em si mesmo um poder divino e, nas circunstâncias, anjos anunciadores. Tudo seria avaliado em probabilidades inscritas na criação de um mundo cuja autonomia se relativizaria pelo contexto e complexidade. A ética da alteridade seria sua filosofia: a mais absoluta ontologia. Assim como os pássaros, as leis: ambos se acertam pelos ares do diálogo edificante. Não simplificaria o tecido de causas somente em explicações imaginárias, ainda que divinas. O principal já estava assegurado: uma solidariedade existente desde as esferas celestes até as cadeias da vida, assim como pela extensão do pensamento dado pela lógica e pelo poder de criação. E ele, em tudo, um pequeno elo.

Tais pensamentos desciam-lhe alma abaixo, enquanto o ônibus sacolejava na direção de sua vila. Jobi daqui e Jobi dali foram as saudações frequentes de parentes e conhecidos. As mulheres saudavam com maior respeito, tendo-se a impressão de terem maior admiração pelo rosto santo do teólogo. As meninas olhavam-no com carinho em razão da pele bem conservada de estudante e seu olhar instigante. Por saberem-no seminarista mais dele se aproximavam, mas Jobi havia criado uma proteção por pensamentos teológicos: a direção divina de suas intenções. Arrefecidos andavam seus desejos eróticos. Os lençóis testemunhavam o derramamento involuntário de sua masculinidade. Saudava a todos com igual gentileza. Percebia nos campeiros uma espécie de rejeição disfarçada à sua presença. Os ares do campo com seus rudes costumes não se davam bem com ares de santidade. As confissões, as missas, a piedade, Deus e os santos não diziam respeito às questões das preocupações campeiras. Ao contrário, causavam desagrado visível, sendo a ida à igreja um costume de arrasto. A confissão era-lhes tormento. Contavam de Tenório, índio xucro de pensamento, o fato

acontecido com o velho Frei Thiago. O frei vendo que o homem dizia ter somente pecados leves, sabedor que era das idas às outras mulheres que não a de casado, perguntou ao Tenório sobre o pecado da luxúria. E tuas idas pra zona não contam? Vou sim, mas pago religiosamente o serviço prestado. Riam da brincadeira, mais por desconsiderar o valor do sacramento que da tirada do pecador. As mulheres não se pejavam de ter homens mais afeitos às aventuras que dos voos espirituais. Como é difícil a santidade neste campo desbragado, cogitava Jobi. Seus amigos de infância sentiam ciúmes do padeco, assim o chamavam. Corria de boca pequena a espalhada notícia do interesse de Juliana por ele. Cobiçada que era pela herança e beleza, mais ainda se inclinavam as más intenções da rapaziada em relação a ele.

A chegada do ônibus na vila era motivo de alegria. Seu Jarbas o esperava. A primeira pergunta de Jobi se referiu à mãe. Depois seu Jarbas se movimentou com sua ilustre figura, mostrando, pelo orgulho manifesto, seu troféu. Buenas, pensava, terei meu aval garantido diante dos céus.

Dona Jesualda, não suportando esperar quieta em casa foi-lhe encontrar no portão. A brava senhora mostrava um orgulho maior, por acarinhar seu filho: cada vez mais se transformava em filho de Deus. Pães novos, verdes da horta, feijão com manjerona, bife acebolado, sorrisos fartos, vizinhas amáveis chegando pra ver o exegeta. Ao momento de dona Antônia se referir a Juliana, sua filha, Jesualda dirigiu-lhe um olhar de rapina, fazendo-se imediato silêncio.

Veio a noite e a madrugada envoltas em sentimentos familiares. Pios tristes das corujas conversavam com a noite. A grande bufo-bufo era a mais conversadeira.

A cachoeira o chamava na manhã clara. Te cuide, meu frei, falou-lhe a mãe. Não te meta com aquela guria e você sabe muito bem de quem eu falo. Aquilo é um pedaço de inferno. Não se achegue nela que a rapaziada fala mal de ti por causa dela. Deixa pra lá, mãe, que do diabo eu entendo. E se foi.

Ia de moles reflexões, quando vieram de encontro a ele Filipe, Artur e Calegari. Os seus cavalos fortes contrastavam com a fragilidade do franciscano. A boca de Jobi se abria para a saudação, quando percebeu que os cavalos, subitamente, tomaram impulso contra ele. Caiu fora como pode do cavalo de Artur. Sofrenou o corpo, negaceando contra o de Calegari, entretanto, um rebenque o atingiu pelas costas. Pra sorte sua o baio de Felipe, afundou a pata num ninho de coruja e lá se foi o cavalo e o cavaleiro. Um relincho desesperado ecoou na canhada.

Felipe gritava vendo a pata partida de seu animal. As dificuldades se multiplicaram. Ia passando o Libório e mais dois campeiros em seus cavalos anchos e altos. Foi esse padrego filho da puta que assustou nossos cavalos!, xingou Felipe. Meu animal se assustou e tá aí desse jeito. Podem sacrificar o bicho, disse o Libório.

Jobi ficou atraído pelo olhar triste do cavalo tombado. Acarinhou-lhe as orelhas. Uma lágrima mostrava seus sentimentos. Deixa de frescura, seu merda, gritou Felipe. Puxou de seu revólver. Um estampido seco dobrou a cabeça do animal. Um ronco fundo foi o sinal da morte.

Imediatamente Jobi voltou-se para Libório, defendendo-se.

— Nada do que foi dito é verdade. Eles é que vieram pra cima de mim. O rebenção que levei nas minhas costas foi gratuito.

— O desgraçado faz essa cara de santo, mas vem todo malandro mexendo com nossas gurias.

— Sei, disse Libório. Tirem os arreios do animal e enterrem aí no campo. E vou te dizer uma coisa, Felipe. O compadre Salustiano não vai se agradar do serviço feito. Jobi, continue teu caminho. Acreditamos em você, esses queras vivem aprontando. Tome cuidado que não são trigo limpo. Deixa eu ver o ferimento. Tou vendo sangue nas costas.

Jobi tirou a camisa e um risco violáceo mostrava a marca da violência.

— É nada, seu Libório. Isso passa. Mas não pense que não vou à delegacia. Perdo a chicotada, outra coisa é não fazer justiça. Escutem vocês, não nasci ontem. Se não sabem lidar com as gurias, não será o ciúme de um padrego que vai resolver o problema de vocês. Cara feia pra mim é fome. Sou seminarista, não quer dizer que não tenho culhões, mas façam deles o que bem entender.

Seguiu o caminho em direção à cachoeira pra lavar sua ferida.

Bateu-lhe aquela tristeza quase indomável. O próprio verso de uma poesia persa: *meu pó que será o que sou*. Uma melancolia de fazer dor no peito deixou-o vulnerável a qualquer atenção. Entrou na água e chorava pelo acontecido e pela impotência diante do momento. Mais que tudo, doíam-lhe as costas e a inimizade. Desejou que lhe abatesse a morte sobre seus ombros caídos. A água, porém, aos poucos foi afastando a dor da alma. Imaginou os hebreus no deserto se havendo com seus filisteus. De fato, avaliou, o homem é um ser de casualidades e de instintos precários. Lembrou-se dos cavalos de Platão. Por lembrar

o indomável animal e a pouca competência do cocheiro fizeram com que amenizasse seus contraditórios sentimentos. E como se mede a Deus no meio disso tudo?, pensou. A salvação cristã parece ser uma possibilidade distante, todavia se não for a esperança, a fé e a caridade *todo se va como se va una mierda en la lluvia!*

A raiva, o medo, o poder, o sexo, a contradição, a inveja, o ciúme e todos demais bichos: que se há de fazer com um pouco de água e uma promessa distante. Ficar à deriva com esses animais agitados é que não dá para viver. Vale meu sacrifício de pureza e minha solidariedade a ver se ajudado um pouco a raça humana tão devastada por seus pecados de origem.

— Não acredito no que vejo! É muita história prum dia só! Lá me vem a mulher de Putifar!

— O que fala, meu Jobi? Que saudade, meu Deus!

Ela se vestia de um vestido leve, quase transparente. Moviam-se os seios delicadamente como se tivessem desejos próprios. As pernas roliças e as coxas mal ocultas insinuavam a ver mais. Seu rosto mais expressivo que as promessas de um santo.

— Santa Maria, o que é isso em tuas costas?

— Nada que não se dê um jeito.

— Deixa que eu dou!

Jobi sentara-se sobre uma pedra negra. Ela sem qualquer delonga foi entrando na água, abraçando-o pelas costas, querendo com seu colo confortar o corpo ferido.

— Por favor, Juliana, não faça isso comigo. Deixa que saia da água. Desse jeito não dá pra conversar.

Foi se saindo, enquanto Juliana contemplava a tentação jobiana!

Vieram depois, sucessivamente: os cuidados da mãe sobre as costas do filho, o pedido do pai pra que voltasse ao seminário, a queixa na delegacia. O diabo se segura pelos chifres, defendia-se Jobi. Sem força, nem Deus segura a natureza. Não sabia Jobi, os trâmites que se iam carregando em sua alma. É verdade, pensava com Aquino: a graça supõe a natureza, mas nunca é de graça!

Voltou ao seminário pra ver de perto a barbaridade humana dita pelos escribas. Como em Moisés ia-lhe na frente o Anjo, seu grande devaneio e glória, inteira afirmação de sua identidade, sopitando tudo que lhe parecesse passageiro, enquanto Juliana travava lutas em seu interior.

De Josué e suas conquistas

Frei Norberto começou a se pronunciar, sentindo repulsa às suas próprias palavras. Não é aceitável nem se imaginar Deus sendo constituído como justificativa para a morte de tantos inocentes. Abjuro este Deus das aventuras cruéis a se estenderam do Egito até a terra prometida. Mais de trinta comunidades foram destruídas em seu nome. Quantas mortes para criação do povo de Deus? Quarenta anos foi um tempo de sangue. Os costumes da violência não têm como não se estabelecerem, pois a morte traz consigo seu sabor ao se casar com o poder e tende a se perdurar. Quando se instalam, em nome do absoluto então, tendem a não ter fronteiras e nunca tiveram. Antes de começar a narrativa dos contos incontáveis dos hebreus, convém salientar que os mandos divinos não são da culpa de Deus, mas justificativas de Israel para promover conquistas.

Veremos, em Jó, a melhor lição da visão que alimento de Deus. Aconselho ler Borges e seu discurso sobre a versão que tem de Deus. Olhem o texto dele deixado pra vocês na intranet, espaço do aluno. O nosso Deus não tem nada a ver com os eventos que a seguir veremos. Os livros de Josué e dos Juízes mostram muito bem a terrível situação humana do período da chegada dos hebreus em Jericó. É um tempo no qual a aliança de Deus foi deixada dentro da Arca. Isso significa que a orientação da identidade israelita se promovia pelas lutas, conquistas e aprendizados de costumes terríveis do decálogo reunidos àqueles exigidos pelos levitas, dos Números e do Deuteronômio. Saliente-se ainda: o domínio do pensamento conquistador como um serviço a Deus, fez e faz afastar a graça humana e o sentido espiritual das comunidades. Gente do coração!, a brutalidade humana a ser narrada não foi abandonada na história do ocidente.

Os duzentos anos depois de Jericó foram de constantes lutas para manutenção do território conquistado. Começamos por Jericó. As carnificinas de Josué, como falei, são semelhantes às de Pizarro e de Hernán Cortés. O bem e o mal são cíclicos. Ambos inspiraram Maquiavel: massacrar o inimigo pra não provocar ressentimentos. *Matenlos a toos!*

Tem-se a tomada de Jericó como o começo da conquista: *o Senhor disse a Josué: Vê, entreguei-te Jericó, seu rei e seus valentes guerreiros.* Na verdade, semelhante à tomada de Tróia. Apenas uma diferença: em Tróia um cavalo, aqui uma puta. A meretriz Raab, havia introduzido espiões, os quais promoveram ações facilitadoras da queda dos muros. A dança dos sacerdotes e as trombetas serviam como demonstração de força, o que metia medo à população entrincheirada. Caídos os muros passaram ao fio da espada bois, jumentos, homens, mulheres, velhos e crianças, consagrando a cidade aos filhos de Israel. Foram salvos somente a prostitua e sua família, salvando-se somente os tesouros aí existentes. Isto foi feito para glória do Senhor, desqualificando-se deste modo a sua presença. Na América nem os tesouros arquetônicos foram salvos.

Outro exemplo de causar pasmo aos diabos foi a conquista de Hai. Josué, sem mais nem menos, utilizou de covardia e de um expediente de guerra muito próprio dos grandes generais. Eram 30.000 soldados bem preparados contra uma cidade de 12.000 moradores. Moveu parte de seus combatentes para um extremo da cidade e outra, para o outro. Aqueles do sul abriram as portas e os defensores da cidade avançaram contra os invasores. Estes fugiram fazendo de conta que os temiam. A cidade toda se encheu de coragem e os perseguiu. Aqueles combatentes do norte, então, tiveram para si a cidade livre, pondo fogo nela. Os haitianos vendo sua cidade em chama ficaram atordoados, não sabendo se apagariam o fogo ou dariam continuidade à perseguição. Os combatentes do sul, conforme o expediente preparado, se voltaram contra os perseguidores. Fácil é de se saber o resultado: não sobreviveu um só haitiano.

Na verdade, foram, bem contados, 31 reis vencidos nas façanhas de Josué. É claro, nem todos foram vencidos. Alguns reis, sabiamente, tornaram-se escravos em proteção de sua gente e de suas terras, como foi o caso dos reis dos cananeus, amorreus, jebuseus, heveus e outros. O exército do Senhor combatia por Israel. Saliento aqui a importância

da crença dos hebreus. Uma vez que tinham fé por saberem-se maiores pela crença e pela unidade concedida, estas lhes davam grande poder. Sentiam-se possuídos de um sentimento de imortalidade, o que os deixava sem temor. A irracionalidade da fé pode se converter em perigosa arma. Atrás de um grande bem pode se esconder um diabo esperto.

Saliento ainda: muitas grandes e pequenas comunidades se aproximavam de Josué solicitando aliança. Feita a aliança havia a escravidão. Exemplo disso diz respeito aos gabaonitas. Ressalto, também, de Josué a crença estúrdia de ser a terra o centro do universo. Numa das lutas contra os amorreus, mandou que o sol parasse e o sol parou e a lua não se moveu até que o povo se vingou de seus inimigos. Essa história, lembrem, quase custou a vida de Galileu. Feitos tais estragos na vida das gentes da terra prometida, Josué procedeu à divisão de toda a região.

Pura brutalidade a justificar uma visão de um Deus imaginário, transformado, pela fé, num guerreiro, valente protetor.

Como dizem os pós-modernos, estou desconstruindo o Deus de Israel para ver se consigo antecipar o Deus do cristianismo. Que me perdoem o Deus dos judeus de hoje. Acredito não comungarem com os antigos conceitos sobre a divindade. Vamos aos Juízes, que se não é para conhecer a Deus, é para conhecer melhor a raça humana. Espertezas e misérias nos aguardam. Sem tirar nem pôr, elas estão a céu aberto. Vejamos!

Os Juízes guerreiros

É isso mesmo, os juízes, juntamente com os levitas, além de julgarem as transgressões, detinham o domínio das artes guerreiras. Os pecados civis e os religiosos tinham seus administradores. O bem, como sempre, era um luxo para quem mandasse. Quem detinha o bem-estar social detinha as verdades para os outros.

Após a morte de Josué, os hebreus começaram a perder a ortodoxia do decálogo e outras exigências sagradas. A comunicação com outros costumes não se tornou gratuita, uma vez que começaram a dar lugar aos costumes dos povos conquistados. As famílias trocavam raças e os costumes. A nação hebraica, então, por perder sua identidade e natural entendimento de poder, começou a desgastar-se, aproveitando-se disso outras nações que não perdiam a memória de seus territórios. Perdeu-se o devaneio do estado emergente de uma nação. O mesmo havia de ocorrer mais tarde com a Grécia que, por não possuir a devida unidade, rendeu-se aos romanos, como, por sua vez, renderam-se aos bárbaros.

Os sacerdotes avisavam o povo que isso levaria a um grande mal. Ao aviso dos sacerdotes choravam os hebreus. As lágrimas eram tantas que uma das cidades levou o nome de Boquim: lugar daqueles que choram. Por tomarem alento e tento, pediam alguém que os pudesse guiar, tomando conta das antigas tradições e orgulho. Os narradores desse período explicavam: os israelitas fizeram mal aos olhos do Senhor, adorando outros deuses, por isso vinham os castigos de Deus. Suscitava-se novamente o retorno às tradições. Os sacerdotes, vendo as perdas sucessivas e também a ameaça que recaía sobre eles por perder a clientela, foram inteligentes, criando os juízes, que a par de protegerem as suas comunidades, garantiriam a identidade religiosa. O primeiro deles que se tem notícia foi Aod, o canhoto. Mostrou-se maquiavélico contra seus inimigos. Os primeiros a entrarem em sua mira foram os moabitas, cujo rei era Eglon, o gordo. Aod armou um esquema vil e

cruel, mas de grande resultado. Foi a uma festa dos moabitas para levar um presente ao seu rei. Mandou fazer uma espada de um côvado de comprimento que alojou junto de sua coxa direita. À noite, depois de entregar os presentes a Eglon, solicitou um momento particular. O rei, ao levantar-se do seu trono, sentiu a espada de Aod mergulhada em seu ventre. O golpe do juiz canhoto foi de tamanha potência que atravessou o rei gordo. A lâmina ficou coberta pela muita gordura. Aod fechou as portas, retirando-se por uma galeria. Os seus guerreiros comentavam que seu rei estaria em seu quarto fazendo suas necessidades. Como demorasse por largo tempo, subiram e viram o rei morto. Aod disparou rumo aos seus soldados. Aproveitaram a perplexidade dos soldados moabitas matando cerca de dez mil deles. A terra dos hebreus descansou por um tempo de oitenta anos. Vieram muitos outros juízes de grande competência e outros de menor pensar e agir. Isso significava que eram cíclicos os dias de bem e de mal sobre os hebreus. Eventos interessantes ocorriam no meio da instabilidade da pátria na qual eles viviam. Abimelec, um rei estrangeiro, dominou sobre Israel por três anos. Ao perseguir os judeus na cidade de Tebes, uma mulher que se achava presa no alto de uma torre, vendo Abimelec, prestes a prender fogo na fortaleza, jogou uma grande pedra esfacelando o crânio do rei incendiário. Ele caiu dizendo, me matem para não dizerem por aí que fui morto por uma mulher. Assim os israelitas voltaram felizes para suas casas. Tais juízes possuíam muitas mulheres e muitíssimos filhos. Citamos Abdon que teve quarenta filhos e trinta netos que sentavam em setenta jumentinhos. Não sei o sentido que o narrador pretendeu dar aos jumentos, mas me parece curioso, contendo certa poesia.

À hora de fechar o texto dos Juízes, fechemos com Sansão com o qual podemos nos divertir e aprender. Por ele veremos coisas de espantar, incluindo o suicídio em favor de seu povo, parecendo Getúlio Vargas de seu tempo. Sigamos.

Veio o anjo do senhor anunciando a uma mulher estéril, casada com Manué. Um anjo anunciou-lhe: *toma cuidado com bebidas e com comidas, pois darás à luz a um menino. A navalha não tocará a sua cabeça, por que esse menino será o nazareno de Deus. Será ele quem livrará Israel das mãos dos filisteus.* Nasceu o menino a quem deram o nome de Sansão o qual, passada sua adolescência, mostrava-se forte e alto, bem mais de dois metros. Andando de lugar em lugar até que, em Tamma, encontrou uma jovem filisteia. Ele, por ter se agradado muito,

foi falar com os pais dela sobre o interesse. Estes não gostaram muito, dizendo: acaso não existe uma jovem de Israel? Não respondeu, que pergunta pra apaixonados leva a nada. Casou-se com ela. A partir de então a vida do homem forte se complicou.

Para saldar uma dívida com os amigos perdeu tempo caçando trinta homens inimigos. Vendeu as túnicas dos defuntos pra pagar o que devia.

Ao ter com o sogro, este simplesmente falou:

— Você se ausentou, por isso pensei que minha filha não fora de teu agrado. Dei-a a um amigo teu.

— Ah, é assim? Pois bem não descansarei em quanto não tiver me vingado.

Teve, então, o trabalho de capturar trezentas raposas. Prendeu fogo no rabo das pobres vítimas que fugiram para as lavouras dos filisteus, queimando até as oliveiras. Estes saíram a perguntar quem fizera esse serviço sujo. Foi Sansão!

Vieram eles pra cima do homem da grande cabeleira. Sansão os feriu. Foi o mesmo que mexer com vespeira. Os filisteus se armaram e subiram a Lequi, lugar no qual Sansão já havia esquartejado um leão. Os homens de Judá perguntaram-lhes: por que subistes até nós. Viemos prender Sansão, responderam os filisteus. Três mil homens de Judá foram ter com Sansão. Disseram: por que fizeste isso contra eles? Acaso não sabes que eles nos dominam? Este não se defendeu. Apenas solicitou que não o matassem. Que o prendessem em cordas fortes e o levassem diante dos filisteus. Não é difícil saber do acontecido. Rebentou as cordas como se fossem fios podres. Tomou de uma queixada de burro e matou mil filisteus.

As aventuras de Sansão são conhecidas de todos. Apresso-me para não perder tempo. Sansão teve novamente desejos de casar. Agora encontra outra, de nome Dalila, que tanto fez até Sansão revelar o segredo de suas forças. Bom, a jovem esposa ao saber que a razão era sua cabeleira, fez o pobre marido dormir e por pouco dinheiro entregou o homem, agora careca aos filisteus. Prenderam-no, furaram seus olhos e o jogaram no fundo de um calabouço. O cabelo cresceu, devolvendo-lhe as forças. Os filisteus julgando que por estar cego pouco poderia fazer, levaram-no ao templo para se divertir com ele. Debocharam dele, dizendo: dança pra nós! Ele dançou, ao mesmo tempo em que tentava se encostar em colunas. Matou-se ao destruir o templo, com três mil

filisteus. Magnífica história narrada aos meninos hebreus para saberem de suas forças: até um hebreu cego pode muito, muito mais que três mil inimigos de olhos normais.

Acabada a aula, frater Filinto comentou: Não existe uma página dessa história sem que se possa rir da alegria por causa de Sansão ou nas circunstâncias que o envolviam. Até a morte se torna natural, como se morrer fosse uma brincadeira de ser e não ser.

Outros frades falaram de boca cheia sobre os acontecimentos. Jobi, se pronunciou sobre as mulheres da história, fazendo alusão sobre as dificuldades entre os casais.

O preciosista Frater Jacó não deixou de observar a falta da história de Rute, acontecida durante o mando dos Juízes pelo período dos anos mil e cem antes de Jesus.

Frei Norberto aceitou a observação de Jacó, continuando.

Pois bem, vale dizer pra início de conversa, meu jovem teólogo, que uma grande pobreza dizimava a população dos moabitas. Em seu meio vivia uma família: Noemi, judia, viúva e mãe de dois filhos, viúvas também as suas duas noras. Rute, uma delas, resolveu acompanhar sua sogra por onde quer que fosse. Ela insistiu que ficasse com a outra. Rute falou com muita convicção: irei por onde fores, habitarei onde habitará, adorarei para sempre o teu Deus. Noemi viu a gentileza e a decisão de Rute, deixando que ficasse com ela. O falecido marido de Rute já havia vendido as terras de onde tiravam o parco alimento, não sobrando mais nada. Noemi partiu, então, para junto dos seus irmãos hebreus. Atravessaram terras, até que foram dar num campo de cevada. Rute se pôs a colher o que havia caído dos segadores. O campo era de Booz, parente muito distante de Noemi. Este, vendo o esforço de Rute, mandou que seus servos deixassem cair alguns cachos para alimento das duas. Noemi aconselhou a que Rute dormisse junto aos pés de Booz para que pudesse servi-lo. De conversa em conversa, Rute se deu bem, casando-se com Booz. Deles nasceu um menino chamado Obed, o qual veio a se tornar avô de Davi.

Nenhum dos teólogos achou tão importante a história a não ser pelo comentário de Jacó. Tudo valeu a pena porque da caminhada nasceria um menino que seria avô de um libertador, de cuja descendência nasceria, oitocentos anos depois, outro libertador, rompendo com a tradição das leis severas e de um Deus muito severo nas decisões.

Jobi em dúvidas

Conforme a solicitação de Frei Norberto, Jobi leu Borges. Percebeu então, as possíveis e as impossíveis formas de se pensar. Levou das lições: não, Deus não cabe em nossas interpretações. Podemos criar algumas versões, sem jamais poder alcançar sua categoria.

Os cabalistas chegam a crer em diversas emanações divinas das quais outras emanariam, não se esgotando nunca suas manifestações. Os gnósticos criaram um Deus indeterminado, pois nunca se constitui completamente. Ninguém pode encontrá-lo, com certeza, por ser infinito. Ele vai se revelando também em emanações e vai se fragilizando, ou seja, não consegue manifestar todas as forças que lhe seriam próprias. A terra seria uma criação imperfeita. É por aí que os gnósticos tentam responder algumas questões. Por que ele criaria esse mundo tão cheio de erros, tão cheio de horror, tão cheio de pecados, tão cheio de dor, tão cheio de sentimentos de culpa, tão cheio de crimes? É que a Divindade foi se minguando e, ao criar o mundo, criou também um mundo falível. Existe, então, por origem, uma espécie de afastamento da força primordial sem a amperagem da luz original.

Borges diz que a ideia de Deus contida na filosofia gnóstica não é absurda; estamos diante de um problema eterno que é o problema do mal, abordado esplendidamente no livro de Jó, que é a obra maior de todas as literaturas. Nessa obra podemos ver o discurso do próprio Deus ao se afirmar como um ser inconcebível, semelhante à dificuldade de Leviatã em compreender os homens. Nada do que sabemos pode ser atribuído a Deus, nem ao menos o que existe de melhor no ser humano pode ser atribuído a Deus. Ele transcende à toda natureza.

Jobi viu, pois, sua inofensividade e inoperatividade ao pensar qualquer ideia do que seja o infinito. Apenas recolheu-se na certeza de que seu conforto reside na possibilidade de se inteirar da solidariedade

espalhada em tudo que acontece. Nada se opera sem a multiplicidade de conexões. Nem a vida nem a morte acontecem sem o espírito da surpresa. O mal emerge das probabilidades que tende a diminuir quando a vontade humana busca se acertar com virtudes feitas de constantes exercícios. Sentiu um vazio existencial profundo, de pouco ar e de pouca esperança. Foi o momento em que se alertou todo pela lembrança de Juliana. Era ela que retiraria o desconforto, ou seria Deus a lhe conceder a graça em tudo? Resolveu assumir sua dúvida aperfeiçoando seu entendimento na compreensão do ser humano exposta nas aulas de Frei Norberto. Seria infantilidade sair campo afora, dizendo pra Juliana: eu te amo! Nem ao menos lhe poria o pão na mesa nem daria certeza alguma em seu cambaleante humor. E lá se foi o Joel buscar em Norberto alguma convicção.

Primeiro livro de Samuel

Havia uma mulher casada, Ana era seu nome, a qual não havia jeito de ter um filho. A estas alturas dá para achar que a infertilidade residia nos homens. Buenas, a tal judia foi ao templo e orava, movendo os lábios. Heli, o sacerdote, achou que estivesse cheia de vinho. Ela respondeu: não é assim, meu senhor, eu sou uma mulher aflita. Meu marido é casado e tem outra da qual gerou filhos. Essa mulher vive tirando saro de mim e isso me dói muito. Te console, filha, terás um filho, consolou-a. Conheceu seu marido e desse conhecimento nasceu Samuel. Cresceu em idade e dignidade e, por razões louváveis, tornou-se Juiz. Muitas coisas aconteceram com ele. Deus o chamou em particular, pois havia perdido a Arca para os filisteus. Isso é: nada andava bem pro seu lado, entretanto, teve sorte. Não precisou matar ninguém pra ter a Arca de volta. Sempre que ela era posta junto de outro deus esse se partia, e, pior para seus adoradores. A população de Azot: todos tiveram terríveis hemorróidas. Passaram a Arca para outras comunidades de filisteus. Não havia remédio que curasse a inflamação anal. Associando a passagem da arca aos sofridos traseiros filisteus, acabaram por devolver a Arca. Vinte anos depois desses acontecimentos, os filisteus buscaram vingança, mas a fé de Samuel foi grande. Durante o combate, fortes trovões e tempestades atacaram os filisteus fazendo com que retornassem para casa.

Samuel, o profeta, teve vida breve. Conseguiu fazer juízes dois de seus filhos. Ambos julgavam em Bersabeia, porém, não conseguiam andar bem em seus trabalhos. A cobiça tomou conta deles. Os anciões, por conta disso, vieram até Samuel, pedindo um rei. Recaiu sobre Saul, um homem quase de dois metros, a autoridade real. Não o encontraram, pois havia se escondido no meio de bagagens. Trouxeram-no mesmo assim para o meio do povo, do qual se distinguia pela altura. Samuel falou: vedes aquele que o Senhor escolheu? Não há quem lhe seja

semelhante. Todos o aclamaram dizendo: Viva o rei! Por sinal da covardia de haver se escondido, muitos duvidavam de sua competência e não lhe deram presente algum. Pior: os desconfiados estavam cheios de razão. Saul não obedeceu as ordens do Senhor que havia mandado matar Agag e toda a população, bem como todos os animais. Vejam que pela segunda vez errou: por covardia e por não saber matar. Todavia, não dá para negar que foi combativo. Além de tudo isso, aconteciam fenômenos e sofrimentos humanos que até Deus duvida. Saul nutria péssimos sentimentos tais como depressão e ciúmes. Os pecados de Saul atrapalhavam a ponto de Samuel ficar arrependido de tê-lo conduzido à realeza. Deus inspirou-o a buscar alguém que não o decepcionasse tanto. Foi dar na casa de Isaí, filho de Obed, neto de Rute e aí, obedecendo o que ouvira, entendeu que o escolhido seria Eliab, o mais velho, por ser forte como um carvalho e belo como uma flor de sândalo: esse é o cara, pensou Samuel. Deus alertou-o: *você se equivoca, pois o que o homem vê não é o que importa, o homem vê a face, Deus vê o coração*. Isaí, fez passar a todos em número de oito, dizendo: falta somente o menor que está pastoreando. Isaí mandou que o chamassem. Ao chegar, Samuel ouviu de Deus: *É ele, unge-o!* Samuel tomou o corno de óleo e ungiu Davi no meio dos irmãos.

Acontecia que, em outra região, Saul entrara em depressão. Seus servos diziam, o nosso rei precisa de música. Saul concordou, mandando vir um músico. Os homens de Saul sabiam de um pastor, ótimo tocador de flauta. Era Davi o tal pastor tocador de flauta. Veio e tocou flauta depois de longa viagem, montado num jumentinho, comendo pão e bebendo vinho. Saul gostou da música e do flautista que fazia o espírito mau se afastar dele.

Os filisteus de outra região vieram guerrear contra Saul. Sabendo disso, Isaí mandou o filho Davi levar pães para o acampamento dos irmãos. Davi foi. Ao chegar no acampamento, Eliab passou uma carraspana no irmãozinho. Que ficasse cuidando das ovelhas. Malandro, veio só espiar as batalhas! Soube, então, que um filisteu de nome Golias, fizera um desafio. Pra se ter uma ideia: imaginem um homem que possui mais ou menos dois metros e meio com uma couraça de bronze de sessenta quilos e uma lança cuja ponta pesasse seis quilos. O desafio consistia no seguinte: que encontrassem um hebreu para lutar com ele. O vencedor levaria para seu povo, o povo vencido. O gigante confiava demais na força dos braços. Não é que Davi aceitou o desafio.

Saul falou: pelo menos leve minha espada. Davi não se sentiu à vontade com ela. Pediu que o deixassem lutar com sua funda e algumas pedras lisas. Pois bem, quando o jovem Davi se apresentou diante do gigante, este vendo aquela figura delicada, riu-se Golias, dizendo:

— Tá achando que sou um cusco que se faz correr com uma vara?

— Tu vens contra mim com espada, armadura e lança e eu vou lutar tendo o Senhor ao meu lado!

O filisteu correu contra o hebreu e este contra ele. Enquanto corria David meteu a mão no alforje, dele tirando uma pedra. Armou a funda, rodopiou-a, lançando a pedra contra o gigante. Ela foi dar de cheio na testa do filisteu, causando um ferimento de morte. Ao cair, caíram todos os filisteus.

Muitas lições podem ser tiradas disso tudo para a pastoral, para a política e para toda a teologia. Isso vou deixar para vocês. Não esqueçam de aproximar os acontecimentos às práticas políticas e às atividades do cotidiano. Depois o incansável Frei Norberto deu sequência à sua aula.

Pois bem, voltemos ao exército de Israel. Morto o filisteu, libertas as cidades, as mulheres saíram ao encontro do rei Saul, dizendo umas à outras: Saul matou milhares, Davi dez milhares. Imaginem um político vendo outro político saindo-se melhor ou apenas sendo honesto.

Pois bem... Saul irritou-se. Desagradaram-lhe tais demonstrações. *As desgraçadas cantam dez mil pra ele e só mil pra mim! Só falta dar-lhe a coroa.* No outro dia o espírito da prostração abateu-se sobre Saul e Davi, que ganhava pra isso, pôs-se a tocar sua flauta. Saul jogou a lança contra ele, falando com raiva: *Vou cravá-lo na parede!* Depois disso, como Davi se saísse bem em todos os empreendimentos, Saul encheu-se de mais ciúmes e medo.

O rei fez de conta que não sentia o que estava sentindo, e propôs sua filha Merab em casamento. Quando foi pra casar Saul deu-a a outro. Ofereceu, então, Micol, outra filha com a condição que trouxesse cem prepúcios filisteus. Davi foi à terra dos filisteus, matou cem, trazendo na bandeja os prepúcios. A armadilha que Saul preparara não vingou. Davi, por outro lado, achou-se o tal por ser genro do rei. O rei tentou mais ainda matar Davi, fazendo uma proposta indecente à sua filha. Que deixasse seus homens penetrar em seu leito enquanto Davi dormia.

Micol não entrou na conversa do pai. Armou o leito parecendo que aí dormia seu marido. Os homens do rei vieram e viram que foram enganados. Saul ainda tentou matar Davi através do filho Jônatas. Este afeiçoou-se além da conta de Davi, avisando-o sobre as intenções do pai. Para encurtar a história, vejamos as graças de Davi em mais dois fatos ocorridos. Numa das idas e vindas, Saul entrou numa caverna, pra fazer necessidades; desfez-se de seu manto, jogando-o bem onde se escondia Davi. Este cortou parte de seu manto enquanto o rei se aliviava das exigências da natureza. Na saída da gruta, Davi gritou: meu rei, meu senhor! Veja que não quero o trono, olhe para o manto ao qual falta um pedaço. Acaso não será esse que está em minha mão? Nem ao menos o gesto nobre de Davi diminuiu a ciúmeira saulina. Doutra vez Davi entrou na tenda de Saul e, durante o sono, roubou o cajado do rei. Avisou ao rei de seu feito e de sua boa vontade. Mais ainda Saul perseguia o pastor que já não era tão inocente. Fugiu então para junto dos filisteus. Os príncipes dos filisteus, vendo o poder de Davi, diziam palavras duras contra ele: mande esse cara embora! Quando lutarmos contra os hebreus ele estará ao lado de Israel. O rei dos filisteus se viu obrigado a mandá-lo embora. Houve, depois, algumas escaramuças nas quais Davi derrotou os Amalecitas em Siceleg, de maneira a agradar mais uma vez os hebreus.

Saul, por estes dias, foi consultar uma necromante que lhe fez aparecer o já falecido Samuel, o qual falou: por que me levantaste da morte? Te anuncio teu mal: vais perder o trono pra Davi! Imaginem, vocês, o sofrimento de Saul diante daquele que o tornara rei. Aconteceu o que previra Samuel. Saul foi lutar contra os filisteus que vieram com tudo pra cima dele. Ao ser ferido, preferiu atirar-se contra a própria espada, morrendo pelas próprias mãos. Morreram muitos hebreus na batalha de Gilboé, entre os quais o filho do rei, Jônatas.

Davi, ao saber da notícia, escreveu o canto do Arco que entre outras palavras dizia:

*Montanhas de Gilboé
Não haja sobre vós
Nem orvalho nem chuvas
Campos assassinos
Onde foi maculado
O escudo dos heróis.*

*Jônatas, meu irmão, por tua causa
Meu coração se comprime
Tu me eras tão querido!
Tua amizade me era mais preciosa
Que o amor das mulheres.*

Recolhidos os corpos dos falecidos, Davi subiu até Hebron onde foi ungido rei de Judá. Começou seu discurso de posse dizendo: Coragem! Sede homens valentes! Tiveram que ser.

Agradeço os comentários, facilmente dedutíveis, finalizou o professor de teologia.

Apenas um dos freis, de voz muito delicada, lembrou o grande amor de Davi por Jônatas.

Segundo livro de Samuel

-Falemos do segundo livro de Samuel, ma antes Frei João o que quis sugerir com o comentário. Apenas não sei o grau e a natureza do amor de Davi por Jônatas. Deixe assim... mas por tudo que se seguiu na história de Davi, me parece, seria mera amizade.

-Resta uma dúvida... concluiu João.

-É isso, a verdade é esquiva. Os dados não são suficientes para uma completa afirmação.

Bem, seguimos com o segundo livro de Samuel. Ele, na minha humilde opinião, ficaria melhor chamar-se: o livro de Davi. O novo rei de Judá começou a firmar posição em torno de novecentos antes de nossa era. Seu reinado não se configurou como rei de um povo unificado. Os filhos de Saul e o chefe de seu exército não se conformaram em aceitá-lo como seu rei. Abner, em nome da autoridade militar, declarou Isboset, filho de Saul, rei de Israel.

Resumindo a reunião das duas casas, digamos o seguinte: tanto o chefe do exército de Israel, Abner, como o rei de Israel Isboset foram mortos traiçoeiramente e sem o consentimento de Davi. O rei de Judá chorou as duas mortes. A que tudo indica pretendia reunir em paz as duas nações. Aquele Davi pastor já se havia transformado num político muito esperto e nem tão santo como se apregoa, isso veremos adiante. Isso de tudo acontecer em torno do rei e ele de nada saber sobre as mortes se repete até aos nossos olhos. Pois bem, inocente ou não, Davi tornou-se rei de ambas as nações. Ao fim do qual se escreveu: Seu reinado levou 40 anos: sete anos e meio sobre Judá e trinta e três em Jerusalém.

A partir da união dessas tribos, Deus se inclinou ainda mais em favor de Davi. Venceu os jebuseus em Jerusalém e os filisteus por todo

seu reino. Davi fez uma bela oração pedindo por ele e por toda sua reconstituída nação. Como vocês já perceberam: ponha gente sem gosto pela paz. Essa violência endêmica, portanto possui séculos e séculos. Vejam: ao falecer o rei dos amonitas, Davi enviou condolências ao seu filho Hanon. Os chefes dos amonitas ironizando as intenções de Davi diziam: *Julgas que Davi pretende honrar teu pai mandando-te consoladores?* Podes tirar teus jumentos da chuva. Vieram mais para espiar do que consolar? Hanon, para ofender Davi, mandou raspar a metade da barba e cortar as vestes dos consoladores, enviando-os de volta quase nus. Imaginem a cara de Davi. Guerrearam pra valer, resultando a vitória de Davi.

E é só pra ver quando não se tem o que fazer, pois até o rei Davi se deixou vencer pela luxúria, pela covardia e por outros instintos mais primitivos como trair e matar. Vale a pena conferir.

Pode isso?

Começo minha aula envergonhado. Mostrar a perversidade de homens de Deus me deixa sem jeito. Lá vai o mestre Norberto:

Pela tarde, nas quais os diabos atacam, sabedores das maiores fragilidades, das carências, das mazelas, dos vazios, Davi ao passear no terraço de seu palácio, viu uma mulher que se banhava, provando mais uma vez que era bom de funda e de vista, quis saber quem era aquela que o atraía. Disseram-lhe é Betsabé, mulher do hiteu Urias, teu lutador de muitas batalhas. Davi mandou chamar a mulher, pra conhecer, possuir e dormir com ela. A mulher retirou-se, avisando pouco tempo depois que trazia uma criança em seu ventre. Davi ainda mandou chamar o homem traído, agradando-o de modo muito especial. Teve ainda o peito de, na manhã seguinte, enviar uma carta a Joab, o general de seus exércitos. O seu teor ordenava ao general: mande Urias brigar na frente dos soldados e bem na frente. Os soldados de Joab lutaram no campo. Por fim, fizeram com que recuassem até a cidade dos inimigos. Esses, protegidos pelas muralhas, continuaram a defesa. Urias na frente de todos, lutava tentando invadir a cidade. Os arqueiros lançaram suas flechas. Várias delas atingiram os soldados de Joab. Entre os feridos contava-se Urias que veio a morrer lutando por seu rei. Davi recebeu a notícia, enviando recado: continuem até que caíam as muralhas.

Frei Norberto, com voz embargada, solicitou ao frater Teodoro para ler sem tirar nem pôr o capítulo 12 de II Samuel. Teodoro também se sentia constrangido por ouvir o assassinato mais covarde até agora ouvido por ele. Respirou fundo iniciando a leitura.

Deus por se desagradar de tudo que o rei havia feito, enviou o profeta Natã: este entrou em sua casa e disse-lhe: Dois homens moravam na mesma cidade, um rico e outro pobre. O rico possuía inumeráveis bois e ovelhas; o pobre, porém, tinha uma ovelha pequenina. Ele a

criava e ela crescia junto dele, comendo de seu pão, bebendo de seu copo e dormindo no seu seio; era para ele como uma filha. Certo dia, chegou à casa do homem rico a visita de um estranho, ele, não querendo tomar as suas ovelhas nem de seus bois para aprontá-los e dar de comer ao hóspede que lhe tinha chegado, foi e apoderou-se da ovelhinha do pobre, preparando-a para seu hóspede. Davi indignado contra tal homem, disse a Natã: Pela vida de Deus! O homem que fez isso merece a morte. Ele restituirá sete vezes o valor da ovelha, por ter feito isto e não ter tido compaixão. Natã disse então a Davi: Tu és esse homem. Eis o que diz o Deus de Israel: Feriste com espada a Urias, o hiteu, para fazer de sua mulher a tua esposa, e o fizeste perecer pela espada dos amonitas. Por isso, jamais se afastará a espada de tua casa. Vou fazer que se levantem males vindos de tua própria casa.

Davi disse a Natã: pequei contra o Senhor. Natã respondeu-lhe: O Senhor perdoa o teu pecado; não morrerás. Todavia como desprezaste o Senhor com esta ação, morrerá o teu filho. Natã, então, voltou para casa.

Frater Jobi nem bem havia se concluído a leitura, ergueu seu braço e começou a explodir em palavras: Não dá para entender a necessidade de Deus na versão do narrador. Que prazer terá Deus em matar crianças, vendo assim aplacada a cólera? Isso depois é dito também de Jesus que, pela morte, aplaca um antigo pecado até agora não bem esclarecido. Frei Norberto apenas silenciou, pois ainda estava muito comovido.

Na próxima aula concluiremos as definições sobre os caminhos de Davi, da família, de Judá e de Israel.

Dos desmandos de Davi e suas conseqüências

Deus falou que levaria o menino e levou. Vejamos, de relance, os acontecimentos. Avisaram a Davi que seu garoto, filho de Betsabé, passava mal. Davi, então, se prostrou diante do Senhor, jejuando dia e noite, mas de nada adiantou. Quando à tarde os servos se aproximaram, ele perguntou: morreu? Morreu, falaram os servos, temendo a reação do rei. Pra surpresa geral, Davi levantou-se, tomou seu banho, se vestiu bem e pediu que o servissem de um bom jantar. Vendo Davi que todos andavam estupefatos, explicou. Orei, Deus não atendeu, paciência. O que me resta é viver. Não tem o que fazer, ou posso por acaso trazê-lo de volta?

Davi foi consolar Betsabé, não dormiu com ela, mas da vigília nasceu o grande Salomão.

Sobre o mal acontecido sobre o resto de sua família, nem faz bem falar. A história, muitas vezes, é cruel até pra quem não tem culpa alguma. Davi, por causa do poder, possuía outras mulheres. A história gira em torno de três dos filhos, tendo outros mais: Tamar, Amnon e Absalão. Vejamos a tragédia de três de seus filhos. Amnon se sentiu fortemente atraído pela irmã. Fingindo-se de doente, pediu para a irmã que lhe servisse dois pasteizinhos no quarto. Aceitou os pastéis e pediu: quero você também Tamar. Ela disse que isso não era permitido, a não ser que nosso rei autorizasse. O homem não lhe deu ouvidos. Estuprou-a. Sentiu a seguir uma grande aversão por ela e gritou: vai-te daqui! Davi soube e perdoou. Absalão, porém, se calou. Dois anos esperou até oferecer uma festa à toda a família. Davi desconfiou. Disse para Amnon: não vá! Ele foi. Não deu outra: Absalão ordenou que oferecessem o melhor vinho ao irmão. Este bebeu e dormiu. Ordenou então que o matassem! Os servos de Absalão atenderam ao pedido. O assassino escondeu-se em Gessur. Três anos depois deu as caras

novamente. As suas intenções, porém, não eram das melhores. Davi, de sua parte, se conformou. Perdoou a Absalão, julgando que seu castigo já lhe fora suficiente.

Absalão pediu licença ao pai para viajar. Davi abençoou seu filho dizendo: vai em paz! Foi, mas sem paz. Absalão enviou emissários secretos a todas as tribos com trombetas para dizer: Absalão é o vosso rei! Davi se assustou inicialmente. Mas refazendo-se viu o que tinha que fazer. A causa de Israel e a promessa do Senhor estavam acima da vontade de um filho. Houve guerra entre o pai e o filho. Sobrou pro filho. Entre uma e outra das escaramuças os homens de Davi deram de frente com Absalão. Este assustado picou a mula. A cabeça dele, entretanto, prendeu-se nos galhos de um carvalho, ficando suspenso entre o céu e a terra. Um dos homens comunicou o fato a Joab. Este interrogou: porque não o abateste. Me faltou coragem. Ele é o filho do rei. Joab insultou: não tenho tempo a perder contigo. Foi até onde Absalão estava suspenso. Tomou três dardos na mão e plantou-os no coração do filho do rei. Dez jovens de Joab completaram o serviço com golpes até que morresse. Davi, ao saber do fato abateu-se. Chorava de todo o coração gritando: Meu filho, meu filho, meu filho Absalão!, por que não morri em teu lugar?! Absalão, meu filho, meu filho! Aquele dia o exército entrou na cidade no mais completo silêncio, ouvindo-se apenas os passos cansados das bestas. Maior silêncio havia em Davi.

Apesar disso, muitas alegrias se apresentavam, dia a dia, na casa de Judá e de Israel, mas sempre aparecia alguém para estragar a festa. Joab, o grande arqueiro, não perdoava. Se não perdoou a Absalão, filho do rei, como perdoaria a outros inimigos? Fez assim com muitos, mesmo que fosse necessário aproximar-se do inimigo, fazendo de conta que ia beijar a face, enquanto enterrava o punhal entre as costelas dos desafetos do seu rei. Foi o que fez com Amasa e faria com qualquer outro.

Assim se iam os dias e as noites, contudo e, por mais fama que tivesse, Davi ia envelhecendo desse jeito: pecando, fazendo salmos e matando pra defender o reino unido. As areias eram muitas e nelas o sangue sumia. Com bons e maus sentimentos chegou o tempo de seu fim. Chamou o filho Salomão, aproximando sua boca ao ouvido do jovem, que a voz andava sumida; sussurrou: observa as leis, não esqueça, porém, de acabar com Semei. Perdoei, tu farás, por tua parte, que desça ele com as suas cãs à habitação dos mortos. O sacerdote Sadoc e o profeta Natã ungiram o novo rei, que uma grei sem direção é um perigo iminente.

Diversos comentários foram feitos pelos alunos de Frei Norberto. Todos giravam em torno da violência e da necessidade de se obedecer aos princípios legais para que se tivesse bem firme a unidade do povo, para que não morressem ao andarem dispersos, falando cada qual ao seu modo. Jobi ainda lembrou Martin Fierro que repetia as ideias de Davi:

*Los hermanos sean unidos em cualquier tiempo,
Que sea porque se entre ellos se pelean,
Los devoran los de afuera.*

Frater Policarpo, rapaz de Bagé, reforçou a ideia de que Deus não poderia ser aquele ser em forma de vingador. Que cada povo tivesse em si o cuidado de seu próprio couro. Deus não oferece escudo a ninguém. Só a irmandade salva!

Salomão: o fim de um povo

Parece inevitável: há um tempo pra viver e um tempo pra se morrer, quando se tem péssimas manhãs. Frei Norberto também sentiu que lhe fugia o seu tempo de exegeta. O padre provincial chamou-o, alertando para as queixas de alguns de seus discípulos. O teólogo baixou seus olhos respeitosa­mente diante da admoestação. Não se defendeu, sabedor que era da ortodoxia religiosa do superior. E a aula que se iniciava fazia das palavras uma reflexão sobre si mesmo, enquanto os alunos julgavam que somente avaliava o tempo dos hebreus sob a inspiração de Salomão. Estava um levita sem saída diante do sumo sacerdote.

Vale a pena uma pequena reflexão antes de se entrar no tempo em que os sacerdotes tinham o que dizer, já que a política, os exércitos e a vontade civil andavam nas mãos de dominadores estrangeiros. Os hebreus, depois de Salomão, nunca mais possuíram uma pátria livre até que em 1948 foi lhes dada uma por compaixão de toda a humanidade. Havia culpa geral por causa do massacre de milhões deles. Mataram boa parte deles e para o resto ofereceu-se o deserto.

Iniciemos pela grandeza de Salomão. Na oração da posse brotaram-lhe palavras mais limpas do que as águas do Jordão: *Eu não passo de um adolescente e não sei como me conduzir. Dai, pois, ao vosso servo um coração sábio, capaz de julgar o vosso povo e discernir entre o bem e o mal.* O narrador diz que Deus se agradou da oração. *Não me pediste longa vida nem riqueza, nem morte aos inimigos, mas inteligência para praticar a justiça. Vou ter dar o que me pediste e o que não me pediste,* falou o Senhor.

Seus conselhos não brotavam do Senhor, do conhecimento e da inspiração. Entendia que Deus morava no pensamento e por ele se revelava. Nada lhe era oculto, pois se dedicava a conhecer os caminhos de um grande político. Mais do que isso, organizou um grande

parlamento de intendentos que eram ouvidos e a eles confiava as ordens e preocupações. A autoridade do homem emanava de argumentos e não do temor ou mera popularidade. Na verdade fazia-se ouvir pelas autoridades desde a Mesopotâmia até a Arábia.

Clássica nos é a história das duas putas que disputavam a maternidade de um menino. A mãe verdadeira implorou que o deixassem viver, preferindo perder seu filho a vê-lo morrer. Fazer brotar verdade é uma tarefa que, em primeiro lugar, exige a audição: pela palavra dos outros se vê melhor: a nossa sempre é precária. A verdade, mais que tudo, nasce das palavras ditas e da capacidade de entendimento que delas emanam. A palavra da mãe era sincera e reveladora da verdade sobre quem era a geradora. Leiam o texto e aprofundem o que mais ele possa dizer. Continuemos os textos sobre Salomão a ver aonde pode chegar a falta de identidade.

Salomão, para mostrar a grandeza espiritual e material de seu reino unido, mandou construir o templo e o palácio real. Para se ter uma ideia da grandeza do templo vale imaginar apenas o lugar do santuário onde foi depositada a Arca: dez metros de altura e de largura, todo coberto de ouro fino, tendo à frente uma corrente de ouro para guardar a entrada. E para maior admiração, imaginem que uma das colunas de bronze tinha dez metros de altura, encimada por um capitel de um metro e meio, todo trabalhado com romãs. Nada contra tal grandeza, pois tinham e ainda temos por relevância as aparências pelas quais a cultura espelha o poder e o orgulho de um povo.

O Rei mostrava, também, uma atitude democrática, ao orar: *quanto ao estrangeiro que não pertence ao povo de Israel, quando vier de uma terra longínqua, ouvi-o Senhor e atendei a sua prece*. Assim sendo, os hebreus se sentiam cheios de valor pelo rei, sua generosidade e pelos símbolos postos no templo e no palácio, também cheio de arte e extensão. Valeria aqui uma reflexão aplicada para nossas casas: se nossas casas forem bem feitas e bem postas em seu interior, também isso diz respeito à nossa identidade. É claro, se seus habitantes tiverem bom espírito, a natureza humana é compreendida com maior perfeição. Isso significa que de pouco adianta uma grande casa se os habitantes não tiverem bons olhos.

Vamos ao objeto principal. Pra começar, os olhos de Salomão imensificavam-se cada dia mais. Suas atitudes eram glorificantes, voltadas para sua própria causa e por dirigir-se assim estragou a virtude

principal da gente hebraica: a espiritualidade que fazia consistir viva a dignidade da ordem histórica dos livros das leis. É o que falei: de pouco adianta grandes obras se não houver a atenção ao principal: a vida dos outros.

Ele mesmo se depravava se achando o tal na muita glória. Casou-se com a filha do Faraó do Egito. Seu casamento não está bem explicado, pois nada é dito sobre seu interesse, se pessoal, ou se para o bem da nação hebraica. Uma loucura, porém, era a fome erótica: possuiu setecentas mulheres de todas as tribos e de povos vizinhos e mais trezentas concubinas. Uma festival. Ora, ora, não tem casa que subsista com tantas mulheres. Construiu pequenos templos para os deuses de suas mulheres, perdendo-se o respeito pela tradição das leis e pelo culto de Moisés. A perda da identidade religiosa, mais os destemperos reais, produziram muitos inimigos dentro e fora de casa. Possivelmente passasse mais tempo agradando e controlando seus afetos que olhando para a nação. Os sacerdotes sem apoio e os conselhos sem serem ouvidos, levaram a nação ao desprestígio. Por isso se falou: de nada adianta uma casa bem feita se seus habitantes não tiverem retidão de propósitos e respeito por si mesmos.

A grandeza real cresceu no coração, perdendo o sentido da realeza. O tempo pode tornar as pessoas sábias, mas quando se convencem pode haver devaneios ilusórios. Aí é que está o perigo: abandona-se a própria causa. Perde-se a visão da realidade. Assim foi: não percebeu que os espaços de Judá e Israel se dividiam. Agravou-se mais a cisão quando os filhos de Salomão, Roboão e Jerobão, se estranharam, cada um querendo a melhor parte. Por fim dividiram os reinos. Salomão pagou caro o luxo e a luxúria.

Assim que Salomão faleceu em 931 antes de Cristo, tudo foi se reduzindo aos poucos. Formou-se a separação dos reinos de Judá e de Israel. Reis se sucederam, sem jamais obterem a qualidade de vida do povo hebreu. Bem como diz o canto de Martin Fierro se os irmãos não se unem, os de fora os devoram. Não se fez duzentos anos de separação, quando Israel conheceu o último rei, Oseias, o qual governou de 731-722. Sargon II, o rei da Assíria, vendo a fragilidade hebraica, invadiu a terra dos israelitas, dominando-os, cobrando tributos. Oseias não suportou a humilhação, revoltando-se. De pouco adiantou a revolta. Infligiu-se pena maior: os filhos de Israel foram deportados para a Assíria. Pois é só pra ver, meus teólogos, a gente pode ter devaneios

diante de uma floresta e até de uma flor, pode ter devaneios com águas e musgos, nos silêncios da noite e na alegria de uma festa, mas entender-se a si mesmo como o devaneio principal é muito perigoso. A humildade e a fraternidade é que conta. São muito ameaçadores os devaneios sobre suas próprias contas, esquecendo-se de Deus que mora entre nós. *Buenas*, vejamos:

Mal dá para avaliar o sofrimento recaído sobre Judá e Israel. Josias foi o último grande rei de Judá. Fez de tudo para devolver ao seu povo o verdadeiro Deus. Descobriu um antigo texto para a orientação dos hebreus, mas pouco conseguiu, mesmo queimando os deuses com suas estátuas, afastando as meretrizes do templo e reavaliado a própria escritura. As coisas andavam de mal a pior, de pouco adiantando a reforma do culto e a tentativa de mudança nos costumes. Pela perda das escrituras pode-se ver melhor o estado em que andava a vida em Judá. Ao encontrá-las, a perdição já avançara. Havia, que mal compare, uma espécie de septicemia, ou seja, uma infecção generalizada, não adiantando qualquer remédio. Tudo se havia fragilizado desde a política, a religiosidade e a força dos exércitos.

Os esforços de Josias são dignos de consideração até hoje. Convém ainda pensar: quando a casa está caindo não adianta guindaste. Foi o que aconteceu. Josias morreu pelas mãos do Faraó Neco em 609AC. Veio, então, Joacaz. O faraó não contente com ele, impôs Joaquim a reinar. Em 597, não bastando a humilhação dos egípcios, o rei da Babilônia, Nabucodonosor, veio do norte e acabou por espezinhar ainda mais o reino de Judá. Afastou o rei Joaquim, o assustado, mal feito das negociações com os egípcios. Em seu lugar colocou o rei Sedecias, hebreu, mas dependente da Babilônia. Este, como Oseias, revoltou-se. A situação, então, tornou-se pior que se poderia imaginar. Nabucodonosor, expulsou o resto da população de Judá, uma vez que a primeira leva já havia acontecido com o pobre do rei Joaquim. Além disso, prendeu Sedecias, degolou seus filhos em sua presença, furou-lhe os olhos e o enviou para o cativeiro sob trabalhos forçados na Babilônia juntamente com seu povo. Para acabar com tudo que havia de bom, o rei Nabuco, retirou tudo que havia de precioso no templo, prendeu fogo e pôs abaixo suas paredes.

Muito difícil é avaliar os próximos 80 anos, entre os anos 600 e 520, em razão da opressão de Nabucodonosor e a chegada do rei Ciro. Este entendeu que seria melhor para o reino fazer retornar o povo hebreu

à sua terra. Que fossem trabalhar livremente, contanto que pagassem os tributos. Mediante o decreto, o povo de Deus começou a retornar livremente. A primeira ideia, tanto dos primeiros governadores como dos sacerdotes foi erguer o templo de Jerusalém e seus muros. Depois do sufoco, houve a primeira grande alegria que foi o fato de inaugurar os alicerces do templo, além, é claro, de poder voltar pra casa. Um dos reis persas, Ataxerxes, foi fundamental para que se desse todo bem aos hebreus. Um relatório que pode ser lido em Esdras, 4-5, porém, foi enviado a ele dizendo o seguinte: *Saiba também o rei que se esta cidade for reconstruída e os muros levantados, os habitantes não mais pagarão impostos nem seus tributos, o que ocasionará prejuízo ao rei, o que valeu a suspensão das obras.* O rei Dario, porém, mandou dizer: *Deixai continuar os trabalhos da casa de Deus; que o governador dos judeus e seus anciãos reconstruam-na no seu lugar.* Não só isso. Dario investigou nos documentos reais da Babilônia, contendo as ordens de Ciro. Resultado: que fossem devolvidos todos os objetos do templo, deixando que reconstruíssem o templo da melhor maneira possível. É verdade, nunca mais o povo de Deus teve liberdade, mas a bem dela seja dito que os reis persas foram magnânimos, concedendo liberdade, contanto que pagassem tributos e impostos o que até para nós não é estranho. Possivelmente, bem menor foi o peso dos impostos daquele que nós pagamos hoje no Brasil. Em tudo, porém, a situação se assemelha: aqui como lá, todos se submetem aos abusos de poder.

Bem, terminemos esse tempo de dores com o seguinte: De 520 até 330 dominaram os persas, quando, então, vieram os gregos, a começar por Alexandre Magno, educado por Aristóteles. Alexandre, possivelmente esclarecido pelo mestre, que entendia de política como ninguém, além da ousadia, inaugurou um tempo de prosperidade até 64, quando os romanos assumiram o poder. Estes viram um homem anunciando um novo poder a ser implantado, o da solidariedade, mas que ainda hoje busca ser resolvido. Por fim, o sofrimento judeu chegou ao máximo no ano 64 DC, quando Roma destruiu o templo, fazendo com que os judeus se espalhassem pelo mundo todo. As dificuldades que tiveram e ainda têm são conhecidas por todos.

Uma leoa que ruge

Jobi não sabia o que fazer com a dor da saudade. Seu físico reclamava Juliana. Não cedia aos reclames do corpo por mais que se instigasse a lembrança da cachoeira. *Cosa fare? Orate et laborate!*, consolava-o Bepi na hora da *correctio fraterna*, durante a qual, de dois em dois, os frates buscavam a aperfeiçoar a vida. É verdade, ao chegar o fim do ano voltavam as lembranças como se fossem pássaros vorazes. *Para mim elas voltam como gavionas loucas para minhas carnes*, Jobi desabafava pra Bepi. *Santo Dio*, vá pra tua vila e resolva, de uma vez por todas, esse sofrimento, orientava-o o Frater, desbravador do espírito alheio. *Ma parla una cosa: desde quando você tem mais forte questa cosa de Juliana?*

Falou com voz suave e triste ao seu amigo: desde quando Esdras, o sacerdote do povo judeu, falou ao seu povo: *Vós pecastes tomando mulheres estrangeiras, agravando o pecado de Israel*. Até aí tudo bem. Por tantas leis, o que mais faziam era pecar. O pior aconteceu depois, por puro preconceito e, pior ainda, porque Esdras entendia ser a vontade do Senhor romper com todos os vínculos. Como é mesmo que ele disse? *Agora, tomem a melhor decisão, separai-vos dos povos dessas terras e das mulheres estrangeiras*. Tudo bem que se mandasse pra longe os escravos, mas as mulheres? Somente alguns poucos judeus não concordaram, o resto aceitou despedindo as mulheres e os filhos. Vê se pode!

É isso mesmo, causou-me revolta essa mania de tratar dos outros como se fossem impuros e a gente como filho privilegiado de Deus! Fiquei pensando também: se eu não estaria fazendo o mesmo para com Juliana, enfiando minha decisão de castidade nas mãos de Deus e ele nada tendo a ver com minha frustração.

Para resolver melhor o caso do colega, Bepi aconselhou que fosse ter com o padre espiritual. O gringo, para finalizar a conversa, brincou: *Que bela tosa, bel qu'el diavolo, questa Juliana!*

Jobi ainda de manhã foi ter com o padre espiritual. Ele que não andava de bons bofes, falou curto e grosso: cara, não pense que Deus precisa de ti! No máximo poderá te dar um sentimento de grandeza. Quem precisa de ti são todos aqueles que precisam de palavras e ações boas para melhorar as pessoas. Se ainda tiveres um oceano de sentimentos para com as formigas e outros bichinhos, se olhares os pássaros e o sofrimento alheio como realidades para teres alívio, então poderás pensar em dominar teus sentimentos na direção de Juliana. Mas não faça pensando que Deus está agradado com a renúncia de tua intimidade. Agora te digo: vai e conversa com a Juliana e diga de teus sentimentos. Já conversaste com ela? Já trocaste ideias com ela? Ela será capaz de suportar tua solidão, teu conhecimento e teus sonhos? Vai logo ver se tua alma combina com a dela, pois até agora apenas teu corpo anseia por ela. Veja se ela não é uma estrangeira para com teus costumes! Voltou para casa dos pais e teve a conversa necessária. Mais: deitou-se com ela e tiveram uma relação que o deixou mal. Um sentimento vazio assaltou-o. Percebeu que jamais conseguiria dar à Juliana todo seu ser. Uma mísera comunhão é isso que se deu. Juliana percebeu que lhe fugiram o encanto e a ternura tão bravamente desejada.

Voltaram a se falar antes de Jobi retornar. Os dois se deram conta de o desejo mais fundo não fora atendido. Ele voltou para sua teologia e ela para um curso de férias a ver se lhe aprimorassem o entendimento e a palavra, pois Jobi falou que sua alma poderia ter uma grandeza ainda desconhecida. Jobi teve suficiente sutileza para que ela percebesse as distâncias entre um sonhador e uma mulher voltada para uma família. As palavras bem pronunciadas e bem medidas tiveram seu devido efeito. Assim Jobi percebeu melhor sua vocação de franciscano e Juliana a de sua bela vida caseira. Ao se despedirem ela, olhando-o nos olhos, falou: ainda nos encontraremos. A leoa que quase o devorava passou a se tornar uma simples mulher. Ria-se o diabo nos meandros jobianos. No fundo dos infernos, ele avaliou: o corpo reclama o que lhe pertence.

Um confessor no meio do caminho

A primeira palavra de Jobi ao retornar ao seminário maior de São Francisco foi dirigida ao seu espiritual.

— Então, meu quase presbítero, resolveu-se ou deixou pra resolver, perguntou-lhe o confidente?

— Meio caminho andado. Estive com ela.

— Conversamos, e, para usar uma expressão bíblica: dormimos!

— Deu uma de cusco faminto, comeu e se mandou?, disse o frei, enquanto sorria pra aliviar a grosseria.

— Teve ternura e tanta, que até a gralha azul cantou de voz alegre no alto do pinheiro.

— E a culpa onde ficou?

— Não entendo que Deus estaria preocupado com uma relação numa cachoeira.

— Não, se fosse a de um gaúcho qualquer.

— Não me vejo maior nem menor que um deles.

— Nenhuma culpa, mesmo? Insistiu co confessor.

— Quando me dei por conta de minha atitude, vi de minha precipitação. Iniciava aquela dor de tê-la deixado mal. Ela, como se tivesse havido apenas uma brisa, agradeceu-me. Nadamos nus sobre as espumas das águas e nos vieram palavras boas. Disse-lhe que não estava preparado. Ela me respondeu que tivesse tudo como graça divina. E a felicidade não precisa de consequências, Jobi. As despedidas foram serenas. Julguei-a de uma sabedoria maior que a minha. Me encheria de culpas que não levariam a nada e ela deixou-me agradecida.

— Mulher dissimula bem, lembra disso. Foi assim na história de Adão.

— Não vi dissimulação nenhuma em Juliana.

— A gente nunca sabe de tudo. Holofernes não viu as intenções de Judite.

— Por que me preocupar, padre, sobre o que eu não sei?

— É bom estar atento.

— Padre, parece que o fato mais o afetou que a mim! Creia, estou livre para a teologia.

— Vai em paz e se Deus sentir qualquer ofensa, que te perdoe. Vai em paz.

Feita a conversa, atendeu o celular que chamava. Era Juliana que agradecia ter resolvido também seus sentimentos. Falou-lhe com serenidade, afirmando que retornaria com maior decisão para o Calegari, aquele que lhe havia dado um bordoaço nas costas. Jobi expressou aborrecimento de ela não ter falado nada sobre o namoro com aquele campeiro de merda. Logo a seguir, sofreu seus sentimentos:

— Esquece minha atitude, Juliana. Vamos em frente, que, como você me falou: muitas linhas fazem parte de nossa sorte.

— Me contento com as linhas que tenho, Jobi. É isso, é isso, desejo que você esteja bem, é o que conta, falou comovida ao se despedir do teólogo.

Por fim, tudo me pareceu como se houvesse engolido um leão. Mais sentia que sabia: punha palavras e explicações sobre um tumulto que se desenhava de vozes mal pronunciadas.

Jobi e duas mulheres dos hebreus

Frei Norberto foi desautorizado a dar continuidade aos seus estudos teológicos; proibido de ministrar as suas aulas pela razão de não respeitar a unidade divina constituída nos dois testamentos. O provincial não aceitou os mais honestos entendimentos sobre Deus e a natureza, obscura aos olhos dos homens, posto ser Deus de outra categoria, jamais compreendida pela razão e pelo coração dos melhores homens e das melhores mulheres.

Solito Jobi foi ver as partes antigas que se referiam à história nem tão sagrada. Pensou e avaliou a história de duas mulheres que serviram a Deus, ou melhor, ao povo ao qual pertenciam. Por tudo que acontecia, Jobi sentiu-se mais ou menos perdido como cusco em procissão. Ficou quieto pra ver se a vida o deixasse em paz enquanto uma graça repentina pudesse soprar sobre ele. Entre a teodiceia e a história da Igreja, resolveu continuar os estudos bíblicos. Queria ver as mulheres, pois de ver tanta violência masculina, acabou se cansando

Judite veio-lhe como apoio para a compreensão da força da mulher hebraica. A força da beleza e da erótica pedia para serem heroínas de seu povo. Na proteção de sua gente, vale tudo. A solidariedade de sangue é a mais forte, ainda mais quando o desespero pode salvar. Espero ter a força de Judite nestes dias em que estou como o marisco, entre o mar e o rochedo. Poderei, talvez, ter um pouco de glória por merecer o máximo do que sou. Rigorosamente como Judite, carecia encontrar um pouco de glória e certeza.

Ela, ao estar diante dos dias cheios de sombra em que perderia a sua vida e a dos seus, despertou dentro de si o desejo de matar Holofernes, o general que conduzia cento e vinte mil guerreiros. Pior que perder a visão, pior que a velhice ao afastar tudo que está próximo, é sentir que em cinco dias a morte chegará irreversível. Era o tempo do milagre

esperado, era o tempo dos israelitas sitiados na cidade de Betúlia. Não havia mais o que esperar. Lugar protegido junto às montanhas de onde retiravam água, pelo único canal. Fechado o caminho das águas pelos soldados inimigos, não havia como resistir. Oravam em desespero dando cinco dias a Deus para libertá-los. Ele poderia conceder um pouco mais. A viúva Judite, admirada pelo exemplo de fé, advertiu sua gente: como é que pode, pôr a Deus na prensa dando cinco dias para a libertação daquilo que não havia chance de escapar? Ela sabia muito bem o que era perder, pois já perdera seu marido no tempo da colheita da cevada, ferido de insolação quando fiscalizava os ceifadores que ligavam os feixes no campo. No momento da maior dor de perder a si e a todos que amava, teve a inspiração de ir ao encontro de Holofernes e entregar-se a ele, confiando seus passos no Senhor. Se pôs a orar pra saber se, acaso, seria essa sua missão. E soube. Foi até o segundo andar. Solicitou a uma das empregadas que desse um jeito para ajeitar as melhores vestes. Explicou ao sacerdote a inspiração e se foi. Abriram-se os portões e deu de cara com os guerreiros inimigos. Estes viram a beleza e se encantaram dizendo: com certeza ela será do agrado do general. Conduziram-na até ele e ele dela se agradou. Perguntaram rapidamente por que saíra da cidade; ela franca ao afirmar: quero salvar minha vida e não há como salvá-la, uma vez que todos estão a morrer de sede e fome. Os soldados ainda comentavam: pobre dos hebreus por perder tão lindas mulheres! Por sua vez o general já havia consolado a dama ricamente vestida:

— Não temas em teu coração. Nunca fiz mal algum a quem serve ao meu rei Nabucodonosor.

— Sirvo ao meu rei e ao meu Senhor.

Chegada a tarde e logo a noite, foi o tempo de o general promover uma grande festa. Rolou de tudo. Holofernes prelibando a vitória sobre os hebreus e, por agradecimento pelo presente feminino, tão raro em tempos de guerra, bebeu como nunca havia bebido. Deitou e esqueceu-se de Judite. Dormiu profundamente. Ela com muita coragem tomou a espada do chefe geral. Orou pra que não lhe faltassem as forças e dando dois golpes, decepou sua cabeça. Pediu para a empregada enlear a cabeça nas vestes reais e saiu da tenda. Voltou para a cidade, aproveitando a bebedeira geral e a escuridão da noite. Ao chegar aos portões gritou: Abri para ver o milagre do Senhor.

Pela manhã os poucos soldados hebreus se encheram de exorbitante coragem e se botaram contra o exército inimigo. Os soldados

de Holofernes foram avisar seu chefe geral. Como o chefe perdera a cabeça, perderam a deles também, saindo em disparada pelos rochedos e pelos campos. E como é fácil acabar com os medrosos e perturbados, os poucos hebreus passaram ao fio da espada a multidão de guerreiros. É isso aí, pensou Jobi, o negócio é saber aproveitar os talentos na hora certa, assim como fez a bela Judite e os guerreiros de Israel.

Não diferente de Judite, foi Ester, cuja história ocorreu enquanto o rei Assuero governava sobre todas as províncias da Pérsia. Os hebreus estavam sob seu domínio, bem como tantos outros povos da Ásia. Por haver grandes conquistas, os tributos enchendo as burras do rei, festas é que não faltavam. Numa delas o rei mandou chamar a rainha Vasti, entretanto ela se recusou a comparecer.

O rei não deixou por menos, convocando todos os sábios a ver o que fazer com a rainha desobediente. Juizes e outros chefes de estado foram convocados também para ver o que se podia fazer na imposição de um castigo à altura da desobediência. Após longos debates chegaram à conclusão que ela fosse deposta pelas seguintes razões: se a rainha desobedecer, o que farão as outras mulheres? Se as mulheres tiverem autoridade quem ainda poderá governar com tranquilidade uma casa? O castigo veio sem delongas: a rainha foi deposta! O rei enviou gente muito esperta por toda região, tendo conhecimentos da beleza e da arte feminina. Muitas lindas mulheres foram recolhidas e entre elas uma se destacava: Ester, filha adotiva de Mardoqueu. Ele acompanhou a vinda da garota. O rei a escolheu entre todas as que chegaram. Mardoqueu se achou o tal e se orgulhava de ter cuidado daquela que foi eleita pelo rei como rainha. Mas como nada na vida deixa de ter seu lado obscuro, deu de Mardoqueu, o cabeçudo, de não obedecer ao primeiro ministro chamado Amã, o qual exigia que todos se prostrassem por onde quer que passasse. É o que sempre acontece a quem precisa aparecer. Irritou-se muito com o judeu Mardoqueu, emitindo um edito, em nome do rei, pelo qual deveriam morrer todos os judeus de todas as províncias. No décimo terceiro dia do primeiro mês, todos deveriam morrer, não sobrando nenhum deles. Seria a solução final daquele povo. Pois é, pensou Jobi, essa tal de solução final voltaria novamente vinte séculos depois... e até fará parte da sorte pessoal. A razão se punha não pelo ressentimento pessoal, dizia Amã, mas pela razão dos costumes daquele povo. Eles não se inclinavam a obedecer as ordens reais, ditas divinas. A razão principal, porém, consistia no lucro que as mortes trariam,

pois aquele povo acumulava muitas riquezas. Pra sorte geral da nação hebraica, o rei começou a ter insônia. Fez um exame sobre a razão de sua falta de sono e viu em sonhos a falta de agradecimento a Mardoqueu que, em certa feita, denunciara uma traição armada por uma turma bem próxima dele. Chamou Mardoqueu e o designou para substituir Amã. Foi aquela festa. Ester não desconhecia o edito e a ameaça que recaía sobre seu povo. O rei que amava festa e um bom vinho, por estar cheio de alegria, no meio de uma delas, disse a nova rainha: Ester, me peça o que quiser: se for preciso peça até a metade de meu reino. Nem tanto, disse ela. Apenas emita outro edito para afastar aquele que faz morrer meu povo no décimo terceiro dia do primeiro mês. Assuero surpreendeu-se com esse edito. Ora, ora, disse o rei, tal edito não passou por minhas mãos. Quem é que maquina tais coisas em seu coração?, perguntou o rei. O Amã, respondeu Ester. A justiça não se fez esperar. Amã foi suspenso num galho e os judeus mataram mais de cem mil inimigos que tramavam as mortes por ordem de Amã. A lei era assim obedecida: dente por dente! Até hoje se festeja o *purim*. Todos os anos no décimo quarto dia do primeiro mês é a festividade em honra de Ester.

Jobi, ao final da manhã, foi tirar suas conclusões: muita dor e muita morte na história do povo de Deus, muita fé e pouca caridade. Fica claro: uma barbaridade é o que fazem com as mulheres. Os textos são recorrentes ao se referirem à mulher tendo-se em conta apenas a beleza. Pouco mais que um instrumento.

Do sonho perturbador

Depois de Judite ter cortado a cabeça de Holofernes, Jobi teve um sonho. *Cosa bruta!* Ver a cabeça tornou-se uma obsessão. Jobi em desespero gritava pra ver a cabeça do general. Acho bom não ver, falou Judite. Por favor, deixa eu ver. Abertos os lençóis cheios de sangue: ali estava a cabeça de Juliana! Prostrou-se de joelhos. Judite consolou-o, mas as mãos da mulher serviam de pouco alívio. Tomou, então, os lençóis e a cabeça correndo campo afora na direção da cachoeira. Por fim, jogou nas águas o que transportava em desespero. Acordou em choro convulsivo. Foi tomar um banho pra aliviar-se. Com o sol da manhã, esqueceu o susto da noite.

No pátio viu seu confessor. Olhou-o apenas pra saudá-lo, sentindo atingido em cheio, como se um raio atravessasse seu corpo. Mais uma vez, fez de conta: estou bem, muito bem, a graça infinita do incompreensível e do amor solidário me consomem. Saudou seu confessor deixando de lado o sonho e, nele, a cabeça de Juliana. Lembrou, porém, do olhar vivo da morta. De fato, pura loucura da minha alma: olho vivo num corpo morto. Só os devaneios oferecem tais transtornos, uma representação irracional, desculpava-se Depois do recreio, com mais vigor e interesse, avançou em seus estudos sobre os profetas. Quicá, essa gente louca pelo Senhor e enamorados da verdade possam me tornar ainda melhor. Por ironia, passou-lhe a sombra da cabeça de Paulo e de João Batista. Cruzes, o que tem elas pra me chatearem assim?

Pela noite novamente acendeu-se a luz vermelha de seu espírito. Uma multidão de homens o perseguia. Ele gritava: Não tenho nada a ver com os inimigos de Mardoqueu. Detesto Amã! Quanto mais corria e mais gritava, mais se erguia em gargalhadas a voz de uma mulher. Voltou seus olhos, pensando em descobrir a figura de Ester. Não era

possível... vinha-lhe ao encalço a Juliana com os olhos em desespero. Novamente, pela manhã, o coração conseguiu aliviar-se ao afastar a dissonância: pura loucura... essas mulheres... essas mulheres, ria-se com certa consternação. Serão pedaços inafastáveis da alma?, brincava para desanuviar o espírito.

Breve estudo dos profetas

Sem mais ter Frei Norberto como professor, avançou por conta própria, pondo-se a ler a vida dos profetas. Coisa de enlouquecer. Um sonho semelhante ao descer rochas lisas e escarpadas. Figuras estranhas estes homens. Figuras exóticas, as vozes altas, os costumes e as vestes perturbavam a todos. Não deixavam ninguém em paz, tamanha a preocupação em orientar os hebreus a não abandonarem as leis. Duas figuras mereceram destaque na percepção de Jobi. Tomou de seu computador e foi anotando a começar por Elias. Viu-o, como muitos deles, andar de um lugar para outro professando as leis. Jobi encantou-se com o profeta ao encontrá-lo em Sarepta. Ali deu com uma viúva que cortava lenha. Pediu-lhe: por favor, me dê um pouco de água. E indo ela buscar-lhe, gritou. Me traga um pedaço de pão também. Não tenho pão, apenas um punhado de farinha e um pouco de óleo na ânfora. Vou misturar com água para matar a minha fome e a do meu filho e depois morreremos. Vai mesmo assim e faça da farinha um pãozinho para mim. Se fizeres como eu digo, o Senhor não deixará faltar farinha nem óleo em tua ânfora até o dia que vier a chuva em abundância. Convém notar que tudo morria seco a ponto de os ramos verdes tornarem-se como gravetos.

Viviam juntos e o senhor sempre do lado dos dois. Foi desse jeito que viveu o profeta por diversos dias. Assim podia escapar da ira da rainha Jesrael, adoradora do deus Baal. Ela e Acab já haviam matado muitos profetas do Senhor e não descansavam enquanto não vissem Elias de espada enterrada na barriga. Ainda bem que um dos chefes do rei Acab, Abdias, salvara cem deles escondendo-os em duas cavernas para pregarem aos morcegos já que os filhos de Deus estavam surdos para as coisas de Moisés. O profeta, pra mostrar o poder do Senhor, salvou ainda o menino da viúva de uma dispneia profunda. É assim que

se comporta um homem de bem: nada de querer algo mais de uma viúva que o bem de seu único filho, refletiu nosso o teólogo.

Depois disso o Elias prosseguiu a caminhada com um olho na frente e outro voltado para trás. Temia os homens do rei Acab e a rainha Jesrael estavam dispostos a matar todos os profetas, sendo ele o mais visado. De tanto caminhar cansou-se, escondendo-se numa gruta para refazer-se. Dois corvos vinham trazer-lhe alimento para que não morresse de fome. Coisa mais amável, suspirou Job. Tomara que me venha um pra me livrar da cabeça de Juliana. Enquanto isso se sucedia que Abdias e o rei Acab andavam errantes com seus jumentos. Por não encontrarem o que beber nem para si nem para seus animais, deixaram seus jumentos numa gruta e saíram, cada qual para seu lado, procurando erva ou torrente para dar de comer e beber a si e aos animais. Abdias deu de cara com Elias. O amigo de Acab bendisse a Deus por ter encontrado o profeta. Convidou então a que fosse encontrar ao rei. Elias respondeu: nem pensar, ele quer é me matar. Fique tranquilo, homem, nessa confusão coisa e tal, Deus proverá a paz entre vocês dois. Assim aconteceu: ao se depararem os dois, o rei gritou: eis o perturbador!, a que Elias respondeu: o perturbador é você que se afastou do Senhor. E faço um desafio, falou severo o profeta: convoca os teus quatrocentos profetas junto ao monte Carmelo. Vamos ver quem tem mais força, se o meu Senhor ou teu mísero Baal, a quem você e Jezrael construíram um grande altar. Jogo aceito! Assim foi feito. Antes disso Elias fez chover, matando a sede das pessoas e da terra. Na montanha de Carmelo, puseram de um lado os profetas de Baal e do outro somente Elias. Ergueram um altar e sobre ele um carneiro a ser queimado em sacrifício. Invoquem o vosso deus, falou Elias aos profetas de Baal, cruzando os braços em desafio. Esses correram até se cansar em torno do altar e... nada! Elias invocou o seu Senhor e se fez um fogo tão forte que devorou as águas em torno, as lenhas molhadas e as pedras do altar. O povo, vendo a tudo, cantava muito alto: O Senhor é Deus! Elias, então, pediu ao povo que não deixassem escapar nenhum dos profetas de Baal. O povo agarrou-os, levando-os até o vale de Cison. Não sobrou nenhum deles. A rainha Jezrael não gostou do que fizeram com profetas e, novamente, Elias se pôs a andar de um lugar para outro com medo de ser morto. Cansado, no meio do deserto, dormiu. Apareceu-lhe um anjo, acordando-o. Ofereceu pão para que não esmorecesse em sua

missão de anunciar o único Deus. Isso sim é que é proteção! Não como eu que tenho em meu encalço uma mulher.

Muitas histórias e muitos profetas corriam do mesmo jeito de um lugar ao outro em situações semelhantes às de Elias. Não levavam vida fácil por dizerem a verdade a quem quer que fosse. Destaque, porém, se pode dar ao profeta Isaías, o grande sonhador. O seu tema preferido constituía-se de esperança na vinda de um salvador, que a miséria era grande. O pedido de salvação era recorrente, sendo Isaías o intérprete desse apelo. Na verdade, o povo hebreu, fazia tempo, já não podia dizer: essa é minha pátria. Isaías apelava, então, para o sonho da libertação com palavras postas desse jeito: *um rebento nascerá do pai de Davi, um homem capaz de ter ciência e temor de Deus. Ele será justo, pois não medirá pelas aparências nem pelas conversas superficiais. Este será o servo do Senhor que será maltratado e será oferecido em holocausto sem abrir a boca como um cordeiro que se conduz ao matadouro. Não morrerá com honra: morrerá entre bandidos e sepultado entre criminosos. Ele será o mediador para aplacar nossos pecados diante do Senhor; este é o nosso Deus: as nações são para ele apenas uma gota d'água num balde, um grão de areia na balança. Chegará, então, o tempo de paz no qual o lobo será hóspede do cordeiro. De outra parte, o Senhor dará vitória aos seus contra os exércitos da Babilônia, apelando: Desperta, braço do Senhor, desperta, recobra teu vigor.*

As citações poéticas de Isaías são admiráveis. Uma bela poesia cheia de contradições. Jobi, porém, não podia concordar com essa história de haver um Deus devorador de seu próprio filho. Pensava, então: Isaías apresenta um Deus onipotente, carente de agrados, satisfazendo-se com a morte e humilhação de seu servo. Serei o mais humilde cidadão e o mais reverente admirador daquele que sofre por uma causa, qual seja a de Cristo que aponta caminhos de solidariedade e comunicação e por isso tenha morrido, mas não posso admitir a necessidade da sua morte servir de holocausto para redimir o que quer que seja. O pensamento de Isaías é contraditório e não faz bem ao meu coração, concluiu Jobi. O sentido antropomórfico dado a Deus assusta a qualquer vivente, pois Deus não é nem misericordioso, nem cruel. Ele é, simplesmente a ordem e a morte, em tudo me escapa sua compreensão.

O levita

A sabedoria tem seu tempo para ser cumprida. Os estudos teológicos já haviam sido bem elaborados e digeridos. Bem por isso, Jobi solicitou que lhe ordenassem. Sua vocação haveria de se iniciar.

Por entenderem da suficiente teologia de Jobi, o provincial falou ao bispo: temos um frei para ser sacerdote. Vamos consagrá-lo?! O bispo, sabendo que os seus pastores rareavam, não perdeu tempo. Dezembro quente no campo. A igreja da vila ficou pequena para a ordenação de Joel Francisco Bigliardi.

Contente mesmo estava Calegari. Agora, sim o iminente perigo de perder Juliana seria afastado em definitivo. Ofereceu até duas reses para que a festa do dia fosse geral, mostrando-se satisfeito além de qualquer medida. Todos sabiam a razão: o perigo do santo estaria resolvido.

Jobi ao ingressar na igreja para receber as santas ordens clericais, sentiu-se emocionado. Mais ainda o diabo se ria por ver o coração daquele campeiro de uma crença pequena, mas de uma caridade imensa. A imensidão tem disso: faz voar a mente para além de amores que cabem dentro de uma casa. Se convencia de cristo, apenas um homem bom, e bastava. Teria com que se ocupar. O diabo viu e também a mãe de Jobi: os olhares de Juliana e de Jobi se cruzaram, fazendo do frei um pobre mortal. Sentiu-se mal por instantes, mas animou-se com a palavra do Bispo: és sacerdote para sempre. E para lembrar das aulas de frei Norberto apontou-lhe na consciência a querida figura do teólogo: *sacerdos es in aeternum secundum ordinem Melaquisedec*. No desvão das cerimônias surgiu-lhe, mais uma vez, Juliana na lagoa, *pero muy lejos* de sua consagração.

Ao prostrar-se ao chão sentiu a profundidade da decisão. O Deus de Cristo havia tomado-lhe a vida. Uma vez ordenado, restou uma festa

na qual o povo todo compareceu. Durante os festejos, entre vivas de alegria, orgulho de Jesualda, sorriso paterno, apareceu um menino com um bilhete: *Adeus... Bj. Juliana*. Os três pontos carregavam um significado. Traduziu: nada ainda se concluiu! Guardou o bilhete, mas a zoadá toda ao redor não deixou que se aprofundasse em qualquer conclusão. Calegari veio muito ancho dizer de seu prazer em oferecer seus dois animais para que a festa fosse geral. Desejou:

— Padre Jobi, desejo que tenhas um feliz sacerdócio!

— Que seja assim, enquanto Deus estiver agradado!

À noite, conforme havia sido marcado, o provincial e o bispo conversaram com o neo-sacerdote.

— Vais assumir uma pequena paróquia na serra!

— Com tanta autoridade me pedindo, não há como fugir!

Iniciou-se, a partir de então, uma longa peregrinação pastoral. Mais que um profeta, Jobi tornou-se um exímio organizador social. O talento, para analisar necessidades e propor alternativas, tornou-se um caminho exemplar da Igreja como mediadora de premências. Hospitais, escolas, creches, centros de lazer, estradas, igrejas, sinos, urgências, não escapavam sem construção ou reparo. Acima de tudo, porém, era agradável ouvi-lo no alívio das angústias. Seus sermões possuíam a magia da palavra, modificando condutas, pois ia direta às preocupações merecedoras de atenção.

Jobi o educador

Entre uma e outra paróquia, ensaiou-se no magistério, obedeceu a contragosto. Esforçava-se, entretanto, para encontrar o modo certo de dispor a alma na compreensão de alunos seminaristas. Brincava com os outros freis: essa piasada não pode levar uma vida de preguiçosos, que de vagabundos não sai pessoa decente. Professor de língua portuguesa, fazia os meninos das colônias de origem italiana ler e ler, escrever e escrever. Tinha por base os conselhos de Jesus de Sirac, autor de o Eclesiastes. Por ser entendido em línguas e de muita viagem, ele concebeu um mundo interessante: a ciência e a casa de origem são quase tudo. Reescreveu a história de Israel e de seus personagens. Do mesmo jeito, eu fazia meus alunos lavrarem textos e mais textos sobre suas histórias. Quando era abordado, com certo azedume, sobre a razão de ver as colônias e suas simplicidades, respondia estar Deus mais próximo das lições de nossas casas que da casa de Israel. Para ilustrar o quanto Jesus de Sirac apreciava as boas letras cito o capítulo vinte e três do seu livro. *Não acostumes tua boca com linguagens grosseiras e a seguir vem outro conselho: não te desvies dos caminhos de tua casa, pois se assim acontecer, Deus vai se esquecer de ti.* Excerto do escrito ao provincial: Tomava com os alunos o capítulo vinte e quatro, instigando-os a ver os encantos da escrita lírica e religiosa. Aí usava a força do texto, mostrando a importância da sabedoria que incluía o natural desvelo pelas coisas. Dizia aos meus alunos: vejam que conhecer é um ato de amor uma vez que tudo o que é conhecido se constitui em amor e dos mais verdadeiros. Para um tosco uma casa é apenas um lugar para se enfiar quando se está cansado ou não se tem para onde ir. Para aquele que sabe da diferença entre uma casa qualquer daquela que lhe dá alegria, é com se tivesse um espelho por onde possa se ver. O acolhimento reverente das madeiras e das pedras, para este que sabe até o nome das madeiras e das pedras e as descreve como se vestisse

o próprio corpo, este se diferencia daqueles que pisam assoalhos sem agradecer. O tosco pouco vive da solidariedade da casa e o sábio tem nela como se tivesse a si mesmo. Ia, na minha pedagogia, direto ao texto de Jesus de Sirac fazendo o elogio à sabedoria: *Habitei os lugares mais altos, sozinha percorri a abóbada celeste e convivi com os abismos. Percorri toda terra e imperei sobre todos os povos. Tive sob meus pés, com o meu poder, os corações de todos, grandes e pequenos. Elevei-me como o cedro do Líbano, como os ciprestes do monte Sião e como as roseiras de Jericó. Elevei-me como uma formosa oliveira nos campos, como um plátano no caminho das águas. Sou a mãe do puro amor, da reverência a Deus, da ciência e da santa esperança. Em mim se acha o caminho e a verdade, em mim a esperança da vida e da virtude.*

Bem vejam a poética do homem. Falou palavras cheias de alegria, pois sabia muito porque sabia escrever. A escrita, minha gente, faz cada palavra se organizar melhor. Quando então falamos, sempre terá quem nos ouça. Fiquem sabendo: ninguém reconhece a nossa ignorância. Já é difícil, nos tempos bicudos e difíceis em que vivemos, ter alguém que nos ouve, imaginem, então, a um frei que não lê, que mal escreve e de fala inconsequente. Eu espalhava minha tinta vermelha sobre os textos mostrando o quanto ficavam bem após a revisão. Lia em voz alta o texto, antes e depois da revisão, para sentirem, ouvidos pra dentro, a diferença das palavras.

Como a cor safira do Oriente, mostrava e demonstrava a meus alunos sobre as virtudes de cada um e de como, no dia a dia, elas podem ser praticadas. Fazia que escrevessem suas aventuras de generosidade e de caridade. Ajudava a que escrevessem a seus pais sobre a preciosidade de os terem e as formas de como eles se diferenciavam das outras pessoas. Assim os pais saberiam que estavam sendo reconhecidos. Não basta ser, é preciso saber, insistia com eles. E repetia com insistência: o maior sofrimento é andar pela vida sem que ninguém nos ouça.

Para mostrar o quanto podem as palavras bem ditas, resolvi escrever sobre meus alunos. Apontei as virtudes. Quando concluí a leitura todos estavam quietos e recolhidos na crença de si mesmos. Os mais toscos começaram a perceber as virtudes escondidas. Isso é a ressurreição dizia aos jovens. Cristo também ressuscitou pela crença em suas palavras, pois do contrário ele estaria morto até hoje.

Nada se havia resolvido

Anos e anos se passaram, enquanto se cumpria um homem de ação e de contemplação. Em certa tarde de chuva encontrei meus alfarrábios amarelos. Resolvi retomar minhas memórias. Falei aos alunos e, pela fala, fiquei afetado, pondo em mim a responsabilidade. Lembrar, diz meu psiquiatra, é o mesmo que abençoar nossos conflitos, senão os cura, pelo menos deixa por um preço menor qualquer tribulação.

A pastoral era de um capuchinho fiel. Juliana já não passava de uma nuvem desmanchada. Os pecados dos paroquianos e as construções de saúde, de esporte, de educação eram suficientes para cumprir minha caridade. As manhãs eram minhas preferidas para os louvores matinais. A sexualidade se desvaneceu como um arbusto desfolhado, assim pensei.

Entre o fim de uma realidade, é bom que se pense, existe o início de outras. Minha vida se constitui de muitos desdobramentos, entretanto, carrego como minhas digitais, os meus princípios fundamentais. Como franciscano continuei a pensar: entre meus desejos e realizações existiram caminhos diferentes. Agora ela me surge como uma lembrança distante, propícia para decisões compatíveis com minha missão franciscana. Se Francisco teve sua Clara, não posso ter minha Juliana? Anos de vida recolhida e de doação às minhas paróquias fizeram de mim um pároco respeitado, tanto por meu fervor religioso como pelas obras sociais em parceria com as prefeituras e com cristãos de boa vontade. Ninguém poderá dizer: aí vai um franciscano relapso. O meu Deus não é o Deus de Jacó ou de Jó. Não é o Deus de Elias, o matador. Meu Deus é o Deus de Jesus e de Francisco, é o Deus de Sócrates, de Aristóteles, de Platão, de Spinoza e o de meu mestre Frei Norberto. O meu Deus anda solto por aí, sempre próximo de mim. Para minha surpresa, apareceu-me, novamente, aquela que julguei estar no mar morto.

Já me aparecem os cabelos brancos, revelando meus sessenta e outros. A velhice vem me devorando de cima para baixo. Agora, meu Deus começou a conversar comigo pelas cartas de Juliana. Grande professora e de um carisma carregado de talentos. Me aparece quase uma velha com seu marido moribundo. *Veja, frei Jobi*, escreveu-me ela: *minha filha se despediu partindo para Londres, os meus dois outros filhos casaram e moram em Mato Grosso do Sul, Campo Grande. Meu marido arrumou uma doença que faz com que se definha. Não posso negar, tivemos um bom amor. Gente boa foi o Anselmo. Nada tivemos de devastador, mas agradeço a Deus as gentilezas que se derramaram em minha casa. Segui teu conselho depois de nossa loucura: fui estudar e hoje carrego poemas de toda ordem. Não me estou dando mal com as palavras e sinto minha alma se precipitar sobre tudo. Passei a ver, aos poucos, os encantos até das sombras e das manhãs de chuva. Imagine, então, o que faço dos dias de sol. Nenhuma flor escapa ilesa em mim. Nenhuma festa deixa de ter sua singularidade. Sou uma mulher feliz ainda que console as lágrimas de Anselmo. Está chegando o tempo dos cuidados.*

Não deixei por menos e respondi, iniciando com um verso pobre, muito pobre. Acho até que se fica assim quando o coração tastaveia. *Bem que poderia dizer:*

Meu coração clama por ti, minha senhora

E pela noite quando adormeço não se despede.

Falei o que segue:

Meu coração clama por meu Senhor pela manhã

E se despede pela noite quando adormeço.

Sei da trivialidade das palavras. Não desmereço, porém, a sinceridade de minha carta. Juliana, apreciei muito a tua fala. Soube de há muito de tua vida e de teus caminhos. Minha mãe sabia da fortuidade de nossa relação. Avaliou comigo meus acontecimentos, apenas ouvindo. Não interferiu sobre a direção das minhas decisões. A brava senhora que me educou entre laço e ternura sabia que o silêncio faz bem quando representa o melhor diálogo. Resolvi meu destino em longa conversa com Frei Norberto: descubra o amor em cada passo e em cada coisa, é isso que resolve nossa vida. O primor do pensar e do

querer está entre as pessoas e as coisas. Elevei minha alma e, de fato, o Absoluto só se despede pela noite quando adormeço.

Mas que sabor é esse que se precipita no peito por lembrar Juliana? Melhor seria a quietude de sua presença falecida. Vai ver que ela lembrou de mim só porque morre seu querido Calegari. Fui dormir desse jeito: triste e ressentido.

Que mania que tenho de meus sonhos trazerem o que não quero. Acordei-me pela madrugada, tentando compreender o que sonhei. Apareceu-me, disforme, a figura de Anselmo Calegari. Uma voz ao longe dizia: deixem Davi passar. Desgraçado, dizia: roubou minha Juliana. Ele se ria todo de me ver em roupa franciscana, apontando como se eu fosse um mendigo. Perguntei-me pela razão de pequenas ovelhas se acercarem de mim. Entendi, cheio de vergonha: o Urias era eu. Agora que ele, semelhante a Davi estava a morrer, brotavam ressentimentos e instintos primitivos. Ri de mim: quando o leão adocece até o burro dá coice!

Rezei ao Deus de minha alma e ao Deus das circunstâncias que não desejasse a mulher de Calegari, mas por lembrar Juliana casada com quem me havia ferido, me doía o peito. Ainda bem que se fez manhã. Lavei meu rosto pra depois saudar o sol que resplandecia nas flores da paineira. Não havia porque retornar no tempo. Me consolava pensar: a fé tão pouca e a muita caridade me reduziram a um velho bom. Se me tivesse fechado numa pequena família não teria vivido tão bem. Dizia isso pra me consolar.

Pobre Jó, pobre Jobi, pobre cristandade!

Necessitava, com urgência, me entregar aos termos de Deus, o meu Deus que alegra minha velhice, pela nítida poesia deixada na serra.

Fui ter com Jó.

Por ser velho, digo o que penso:

O texto de Jó me parece brincadeira de mau gosto. Tentarei mostrar a dor profunda em se ter uma visão tão cruel de Deus. Necessita-se pensar em outra divindade que não a dos narradores. A sorte humana, resumida em Jó, é um poema da dor e da esperança. O narrador consegue expressar em admirável literatura a opressão de um povo. É triste ver o terrível jogo entre Deus e o Diabo.

Breve a vida e lastimáveis os poucos dias de Jó: *os dias de minha vida são mais rápidos do que um corcel, fogem sem ter visto a felicidade, passam como as barcas de junco, como a águia que se precipita sobre a presa. Se decido ser alegre, sei que o Senhor não me abençoará. Tenho certeza de ser condenado.*

Bem, vamos ao início do texto, talvez o mais expressivo do antigo testamento: *Havia, na terra de Hus, um homem chamado Jó, íntegro, reto, que temia a Deus e fugia do mal. Nasceram-lhe sete filhos e três filhas. Possuía sete mil ovelhas, três mil camelos, quinhentas juntas de boi, quinhentas jumentas e uma grande quantidade de escravos. Este era o homem mais considerado de todos os homens do Oriente.*

Um dia em que os filhos de Deus se apresentaram diante de Deus, veio também Satanás, o adversário.

O que vem escrito é de se divertir, e ao saber do resultado, de se arrepiar.

Deus vendo o diabo entrando às escondidas, perguntou:

— *Donde vens tu?*

— *Andei dando uma volta pelo mundo, disse Satanás, e passeando por ele...*

— *Notaste meu servo Jó? Aquilo sim é que é gente boa. Não há outro igual em toda a terra: íntegro, reto, temente a Deus, afastado do mal.*

— *Não é a troco de nada que ele é assim. Acaso, não cercaste a pessoa dele com uma muralha, a sua casa e todos os seus bens? Abençoa tudo que ele faz. Experimenta tocar em tudo que ele possui, te garanto que ele te amaldiçoará na tua cara.*

— *Tá certo, disse Deus. Tudo o que ele possui está em teu poder; faça o que quiseres, mas não estenda a tua mão contra a sua pessoa.*

O diabo saiu de fininho e muito contente, por certo, dizendo: quero só ver.

Sucedeu, poucos dias depois, enquanto os filhos pastoreavam, vir um fogo do céu, o qual queimou as ovelhas e os escravos. Vieram os caldeus e levaram os camelos, matando, também, os cuidadores dos camelos. Os sabeus, ninguém sabendo de onde, levaram o resto dos animais. Nem bem se haviam completado a notícia, veio, então, o único escravo que sobrou trazendo a pior notícia: *teus filhos e filhas se reuniam para celebrar a união familiar quando um vento terrível removeu a casa onde estavam e esta caiu sobre eles, não sobrando um só. Jó rasgou o manto, prostrou-se por terra e exclamou: nu saí do ventre de minha mãe, nu voltarei. O Senhor deu, o Senhor me tirou; bendito seja o nome do Senhor. Não falou nenhuma blasfêmia contra seu Deus.*

Um dia, quando os filhos de Deus se reuniam, novamente o diabo veio entre eles. Deus repetiu a mesma pergunta e obteve a mesma resposta, mudando apenas o final da interlocução.

— *O homem dá tudo que tem para salvar a própria vida. Duvido que ele não te renegará se tocar em sua pele e em seus ossos, falou o diabo.*

— *Ele está em teu poder, falou o senhor, poupe-lhe apenas a vida.*

Satanás retirou-se da presença do Senhor e foi direto até Jó ferindo-o de uma lepra maligna que o cobriu dos pés à cabeça. Jó

tomou de um caco de telha e começou a coçar-se enquanto sentava sobre cinzas. A mulher, vendo o que lhe sucedia, disse-lhe:

— *Persistes ainda em tua integridade? Amaldiçoa a Deus e morre!*

— *Falas como uma insensata. Aceitamos de Deus a felicidade, por que não aceitar a infelicidade?*

Para consolá-lo vieram três amigos, Elifaz, Bildad e Sofar. Jó não renegou a Deus, mas baixou o cacete ao se queixar.

— *Pereça o dia em que nasci e a noite em que foi dito: uma criança masculina foi concebida. Que seja estéril esta noite, que nenhum grito de alegria se faça ouvir. Que as estrelas se obscureçam. Não tenho paz nem descanso, só tenho agitação.*

Elifaz se sentiu na obrigação de animá-lo:

— *Não sei se minha palavra não vai te deixar mais aflito, mas vou me arriscar. Eis, então, exortaste muita gente, deste força a mãos débeis, tuas palavras levantavam aqueles que caíam, fortificaste os joelhos vacilantes. Agora que é tua vez, fica aí todo frágil e te perturbas. Não desprezes a lição do Todo Poderoso. Se fere, ele cuida, se golpeia, sua mão cura.*

Em resposta à tentativa de consolo, Jó respondeu com um dos poemas mais lindos em torno da dor. Rigorosamente, de acordo com Borges, o capítulo sétimo é uma obra prima, pois o narrador faz da humilhação e da desventura uma argila da qual se revela uma obra prima para a arte poética.

Não é acaso uma luta a vida do homem sobre a terra?

Como o escravo suspira pela sombra, como o assalariado aguarda o pagamento, assim tive por ganho meses de decepção, e o que computei foram noites de sofrimento.

Apenas me deito, digo: Quando irei levantar-me? E então espero novamente a tarde e me encho de sofrimentos até ao anoitecer.

Meu corpo cobre-se de pus e de feridas, a pele rompe-se e supura.

Lembra-te de que minha vida é apenas vento, e meus olhos não voltarão a ver a felicidade!

O olhar de quem me via, não mais me verá; teus olhos vão procurar-me, e não estarei mais aí.

Por isso, não vou controlar minha língua; com o espírito angustiado falarei, com a alma amargurada me queixarei.

Se eu disser: Meu leito me consolará, então, me assustas com sonhos e me aterrorizas com pesadelos.

Por isso, minha alma prefere a força e meus ossos, a morte.

Perdi a esperança; absolutamente, não quero mais viver. Tem pena de mim, pois um sopro são meus dias!

Já pela manhã o vigias e a cada momento o pões à prova.

Se pequei, o que foi que te fiz, ó espião da humanidade? Por que me tomas por alvo, a ponto de eu tornar-me um peso para mim mesmo?

Ouvindo tais queixas, Bilad buscou ajudá-lo.

— *Confia em Deus, homem! Acaso, o papiro pode crescer fora do brejo, o junco germinar sem água? Não, Deus não rejeita o homem íntegro. Ele porá de novo o riso em tua boca e gritos de alegria em teus lábios*

— *Cara, não me venha com conversa sem razões. Peço apenas a Deus que abrevie meus dias, que me deixe respirar algumas horas sem meus tormentos, antes que parta ao país das sombras, onde a noite faz as vezes da claridade,* respondeu Jó.

Sofar também inventou de querer falar.

— *Desse jeito você se mostra um grande falador, um papudo choroso. O procedimento divino é sempre certo que até um asno é capaz de entender. Tenha confiança e repousará sem que nada te inquiete. Muitos ainda acariciarão o teu rosto.*

Jó não suportou a ingenuidade de Sofar e debochou.

— *Sois mesmo gente muito hábil e convosco morrerá a sabedoria. Não estão vendo: Deus parece estar de brincadeira. Torna grande as nações e depois as destrói, multiplica os povos e depois os suprime. Tira a razão daqueles que sabem e andam às apalpadelas nas trevas, tropeçam como um embriagado. Por isso é com Deus que eu gostaria de discutir. Se pudésseis guardar silêncio tomar-vos-iam por sábios. Vós não sois mais que impostores, não sois senão médicos que não prestam para nada. É com Deus que eu quero falar, é ele que não faz caso de seus filhos humilhados.*

Elifaz não aguenta quieto, ouvindo tanta ousadia. Dirige-se primeiro aos amigos:

— *Gente, ele se defende com argumentos fúteis e com palavras que não servem para nada. O homem não está normal.*

Depois se dirige a Jó:

— *Pode parar. Desse jeito acabarás destruindo a piedade, reduces a nada o respeito devido a Deus. Você é que adota a linguagem dos impostores!*

— *Sois, de fato, uns consoladores importunos. Fiquem sabendo: Deus me extenuou; estou aniquilado, toda sua tropa me pegou. Abre em mim brecha sobre brecha, enquanto até o ímpio se diverte com minha desgraça. Posso dizer ao sepulcro: és meu pai!*

Nesse momento, lembrei de um dos contos de Edgar Allan Poe, no qual ocorre um bruto assassinato de duas senhoras . O criminoso é um orangotango do qual nenhum investigador desconfiaria. Pessoas são interrogadas durante a investigação. O alemão diz ter ouvido um grunhido semelhante à fala dos holandeses, o italiano diz ter ouvido um som semelhante à fala dos austríacos e o espanhol seria capaz de jurar ter escutado um alemão falar. É curioso, penso, de como facilmente atribuímos a maldade aos outros, aqueles de nossa casa e de nossa pátria são sempre inocentes. O mesmo ocorre em Jó e seus amigos: é recorrente como apelam para a impiedade dos outros, reafirmando serem eles justos, bons, piedosos e sem mácula. Continuo:

— *Compadecei-vos de mim, ao menos vós que sois meus amigos, porque os outros, vou vos contar: minha mulher tem horror de meu hálito, chamo meu escravo e ele se faz de surdo, até as crianças caçoam de mim. Espero por um vingador, que desse jeito não dá para viver.*

Sofar apresenta seu segundo discurso, renovando seus votos de infelicidade para os ímpios, chamando, por fim, um raio pra acabar com a tenda dos infiéis.

Jó, porém, responde contrapondo-se ao discurso de seu amigo.

— *Cara, pode parar! Não é assim! Não é isso que eu vejo. Os maus se dão bem na vida. Seus touros estão cada vez mais fecundos e suas vacas não perdem uma cria. Eles deixam seus filhos pularem de alegria como os cabritos no campo. Eles morrem na prosperidade com seus flancos cobertos de gordura.*

Leio o terceiro discurso de Bildad. Ele fez sua última e breve arenga.

— *Ao Senhor o poder e a majestade em sua alta morada faz reinar a paz.*

Jó conclui seu discurso aos amigos:

— *Está bem, está bem! Pela vida de Deus que me recusa justiça e enche minha alma de amargura, enquanto o sopro de Deus passar por minhas narinas, meus lábios nada pronunciarão de perverso. Está bem, está bem! Se o ímpio tiver lindas vestes, será o justo aquele que acabará se vestindo. Os bem armados filhos dos ímpios vão morrer.*

A seguir Jó profere um longo discurso sobre a sabedoria, contrastando com a amargura de até então. Propõe a virtude humana e religiosa como o maior dom humano. Manda ainda que se preste atenção em tudo, uma vez que Deus fala até nos sonhos.

Quando cessa a interlocução dos quatro, entra Eliu, encolerizado, admoestando aos quatro. Pega, de modo especial, no pé de Jó por querer justificar-se diante de Deus, o distante.

— *Sou jovem e concluí que os mais velhos não são os mais sábios. Ouvi-me! Essa história de você, Jó, dizer: sou justo, sou puro, sem pecado, não há culpa em mim, já não cola. Nisto foste injusto. Agora, cala a boca, me escuta: o homem não ganha nada em ser agradável a Deus. Tua maldade só prejudica o homem, tua justiça só diz respeito aos humanos. Deus é grande demais para que possamos conhecê-lo. Só ele sabe o modo de operar o mundo. Quem é que conduz o concerto dos astros? Você, Jó, por acaso deu as ordens às manhãs ou foi você quem deu vigor aos cavalos? És capaz de fisgar o Leviatã com um anzol? Veja bem: Deus não tem de dar satisfação a ninguém tampouco olha para aqueles que se entendem como sábios.*

O narrador do livro de Jó surpreende ao dar continuidade ao tema das questões de Eliu, fazendo o próprio Deus falar:

— *Onde estavas quando lancei os primeiros fundamentos da terra? Quem lhe tomou as primeiras medidas? Foste até as fontes do mar? És tu que fazes sair a seu tempo as constelações e conduzes a Grande Ursa com seus filhinhos?*

Deus, à exemplo de Eliu, mostra o seu poder. Isso significa: o mais que os discursadores devem fazer é calar a boca diante daquele que tudo pode. Nada daquilo que acontece pode ser questionado. Deus não resolve o problema do sofrimento. Tudo o que existe, o que foi e ainda não é, está nas mãos do Senhor, inteligência sem erro.

Por fim, ocorre um prêmio a Jó, devolvendo-se a saúde, a família e todas as riquezas. Fica muito claro em tudo, desde a conversa de Deus com o diabo até os discursos finais, o quanto Deus se revela muito além da compreensão humana. É de outra categoria: nenhuma virtude humana pode ser atribuída a Deus, nenhum conhecimento explica sua grandeza. Conforme Eliu, Deus não precisa dos homens: a justiça e a bondade e outras virtudes somente dizem respeito aos homens. Deus rejeita igualmente aqueles que o justificam em suas atitudes e aqueles que o acusam como fizera Jó até o momento de ouvir uma carraspana divina. Deixem a Deus os seus cuidados e aos homens os seus, concluo. Ele, Deus, não considera como relevante nem a dor, nem a reclamação em relação a ela. O Deus do livro de Jó apresenta-se como um Deus despreocupado com a condição humana em relação ao sofrimento. Que se obedecem as leis naturais. O prêmio final é um remendo às palavras anteriores. O inferno de Jó é curado num instante, como se houvesse cura em leves palavras.

Dos salmos: a poesia de Deus

Por sentir-me debaixo do mau tempo por causa das lembranças de Juliana, invoquei sobre mim e sobre o mundo a Força que faz caminhar a Ursa Maior e seu filhinhos: *meu Deus, meu Deus por que me abandonastes, Meu Deus, clamo a ti e não me respondeis*. Exatamente como aquele que sofre como um rato em guampa sem saber a melhor saída.

Não deixei de lado os salmos da manhã e da noite, nem tampouco a oração do pastor diante de lobos e de leões que rugem loucos para devorar as ovelhinhas que mal se seguram de pé de tanto tremer. Outro dia, parte por parte, rezei o salmo da aflição: *O Senhor protege cada um dos seus ossos, nem um deles será quebrado*, mas os meus os do pobre frei que nasceu como um boizinho no campo quem protegerá?

Se os justos se sentem os tais e andam de lira e pandeiro saídos das paredes, espero que tal ventura sobrevenha à minha alma que anda desolada. Não careço de pedir muito, basta que esteja disponível às circunstâncias e se a um velho vier a bênção de uma mulher, que seja bem-vinda – só a bênção. Vejo os papa-figos com medo de serem mortos pelos plantadores, entretanto, se divertem como ninguém sobre as folhas verdes e rugosas. Assoviam, como se a espingarda do atirador não os atingisse. Peço a ilusão destas aves. A comunhão me faz mais forte que os muros de Jerusalém derribados duas vezes. Que a escolha, que se agora impõe, seja a melhor porque os dias são breves como a sombra do salgueiro dos rios da Babilônia. O fluxo das horas me revela o tempo, presente da eternidade. Não vou dispersá-lo como os jovens que se entendem maiores do que são. Quero me sentir como os ceifadores nos galpões cheios de trigo.

Tome, Senhor, do meu poder para nele se expressar a imortalidade pela cópia fiel que de mim poderá ser feita, apesar de toda a perplexidade diante de tudo que fizeste. Não seja desprezada a minha pequenez: nenhum de nós é tão pequeno que não possa ter sua imortalidade preservada pelos

amigos, ao menos por um bom tempo. Tu senhor me darás minha libertação dos meus inimigos que se compõem da indiferença e falta de vigor, pois os dias difíceis se aproximam. Tu que fizeste o tempo quando compuseste o início do mundo, não deixe que se perca os instantes preciosos, meus brilhantes sagrados da existência. Sou eu teu soldado de pouco soldo, aquele que protege teu templo com as minhas duas mãos. Que eu não te abandone, pois és tu o sustentador de minha palavra e operador de minhas mãos. Que tu possas se ver em mim sem constrangimento. Não se desvaneça em mim a tua glória. Peço que não haja reunião de nossos inimigos, inveja, medo e raiva dentre outros. Que venham, mas se vierem que seja um de cada vez. Sou feliz por habitar a tua casa e nela entrarei todos os dias como se aí estivesse a arca sagrada. Que eu te seja fiel: moro no edifício da bondade. Louvarei cada gota de orvalho, a hora que passa e a solicitação de meu povo, ainda que seja para breve o retorno ao meu pó: por esta razão comungarei da bondade ambulante de minha congregação.

Que ninguém te troque por deuses fáceis, que não deixe ninguém ser cativo da ignorância e do egoísmo. Não deixe que se asfixiem por pouca coisa como os jovens mortos em Santa Maria. Se é verdade que das nuvens fazes teu carro e dos ventos a tua respiração, não fique, eu e minha gente, sem a proximidade necessária: sei que moras entre nós e te alimentas dos gestos e das palavras coletivas. São ingênuos aqueles que se exaltam solitários. Ensinastes o sol a se pôr na hora certa e mandas o homem mourejar pelos seus frutos, mas outros os tomam como ladrões sem qualquer ensinamento. Estes se alimentam dos esforços da pobre gente que paga seus tributos amargos, sem ter o devido retorno. Temo ser infiel à tua bondade: que pelo menos não venda animais em teu templo, amas cada coisa em seu lugar. Sou um levita extenuado, mas que não se perca em mim o principal. Por mais falaz que seja o meu próximo, entretanto, é o lugar melhor de tua residência. Pois é, ainda que te escondas, não canso de me encantar com minha pequena glória. No meio da tanta falácia que eu não perca o teu discurso inscrito na infinita criação de tuas obras. Que não me afaste da maior lei que congrega o benefício de sermos irmãos. Louvai todos vós que andais trôpegos e vós que tendes vigor para que não se dissolvam nossas esperanças e nossa caridade. Aleluia! Aleluia!

Que coisa!, por que retornas mulher, cuidadora de um velho que morre? Que razão ainda existe pra te amar?

Repassados os salmos, ditos com voz própria, passei o olhar pelos provérbios, julgando-os o melhor que podia.

O conhecimento e a vontade boa: provérbios

Conheça a sabedoria e a instrução para encontrar as palavras sensatas, para adquirir as lições do bom senso, da justiça, da equidade e da retidão, para dar aos simples o discernimento, ao adolescente a ciência e a reflexão, para o sábio tornar-se mais sábio e para o inteligente conceda a prudência.

Os provérbios existem para a sabedoria do coração, a principal. Sei que é de pouca filosofia e de menor ciência intelectual, mas garante o bem-estar de um povo. Debalde se lança a rede diante daqueles que possuem asas, ou seja, aquele que conhece, pois não são como os insensatos que se perdem na jogada: entram em pânico, pedindo respostas a todo mundo e ninguém responde. É necessário pesquisar como quem busca um tesouro, então, seu saber se torna inesgotável e serve a todo mundo. Mais que o saber, conta o benefício que é concedido. Não tenhas por má companhia quem não pode melhorar tua alma. Assim sendo, não te cerques da mulher leviana nem de amigos fáceis que te farão cativo da superficialidade: são hábeis na dissimilação. Se seguires os débeis e estúpidos serás como um anel de ouro no focinho de um porco, é muito valor no meio da sujeira. Seja o que tu és, que a jactância mete nojo e a humildade atrai boas pessoas e facilmente se gera o reconhecimento. Não te gabes, então, antes de seres visto em teu tamanho, deixe que outros te descubram. É isso: ninguém sabe o que nos engendra o dia de amanhã. Que outro te louve e não a tua própria boca.

Uma casa, por mais pobre que seja é boa moradia desde que nela se tenha a paz e cuidados de um palácio.

Por mais que se tenha desejos de dois pesos, sempre um deles vai te trair. Não favoreça a ninguém porque o favorecido vai ver que tu és frágil e não te respeitará. Não se meta a pensar que sabes tudo, porque o conhecimento nunca chega a seu fim, é como uma cordilheira

em formação, ninguém sabe qual a montanha mais alta. É melhor perguntar e perguntar que responder sem convicção. Adquire a verdade com dedicação, que ela é uma ave difícil e muito ágil, se achares que tens seu domínio completo, ela te foge como um pássaro selvagem. Chega de conselho: que cada qual encontre sua verdade, sem se achar onipotente. A felicidade e a verdade moram entre as pessoas. Palavras do profeta Jobi, interpretando a sabedoria dos judeus, Amém.

Jobi, um pároco cansado

A bem da verdade, eu me sentia um bom educador, preferindo, porém, as lides de uma paróquia. Aí é que a coisa bufava. Eu xingava: *Êta gringuedo, morto de fome come un cane, affamatti!* Via muito claramente o quanto sofriam com as consequências de uma ética carregada de tarefas voltadas ao interesse financeiro. Vinham homens e mulheres, jovens e velhos numa solidão de doer. De tanto falar, faltava-me até a saliva: não conseguem ver a falta de Deus? Aí, dentro da casa de vocês e fora dela, vejo pouco encantamento sobre a intimidade das pessoas e das coisas. Nem ao menos na primavera são capazes de vibrar com as cores das flores e o canto dos pássaros. *Varda chó*, desdenhava o Genaro, *me piace piu una passarinhada!* Juliana, numa das cartas, questionou se, acaso, eu não estaria fazendo o mesmo a ponto de esquecer os meus sentimentos? Não estaria metido até ao pescoço no serviço da congregação como se fosse como qualquer empregado? Saberá o que fazer quando os anos deixariam meus joelhos doídos? Pois bem, Juliana assim falou por uma carta, e logo a seguir expressou-se cheia de maus sentimentos. *Frei Jobi, ando sozinha como urutau numa estaca. O Calegari se foi entre gritos de dor. Os filhos choraram comigo durante alguns dias. Tudo se vai. Não culpo nem agradeço a Deus. Preciso muito dividir meus dias de solidão. Posso fazer-lhe uma visita?*

Olhei a carta como se aí estivesse uma boa notícia. Retomando, a seguir, a consciência vi que incorria em pecado por me alegrar com a solidão de Juliana. Os gritos de dor de Calegari não suscitaram sentimento de compaixão. Isso levou a que avançasse em meus estudos bíblicos. Me dirigi com carinho aos evangelhos de João e de Mateus. Pensei: quem sabe terei na velhice o que neguei na juventude.

De tanto ler sobre a dura cerviz dos hebreus, adoradores de outros deuses, percebi o quanto eu próprio comungava tão pouco de Cristo. Com mil exercícios de caridade, com leituras e sermões, escritos e retiros, não havia dominado a fera que rugia. Por dois dias comi de um pão magro. Passei ao largo do vinho e da cerveja. Preparei o sermão de domingo como nunca havia feito. Queria receber Juliana de coração puro. Não me faria passar por um devorador de viúvas. Falei com tal desvelo a ponto

de encantar o espírito: o texto não estava para menos. Mateus: *se a vossa justiça não for maior que a dos fariseus e escribas, não entrareis no reino dos céus. Se fores ao altar do Senhor e lembrares que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa tua oferta e vai primeiro reconciliar-te com teu irmão. Faça o bem calado, não toques trombeta diante de ti.* Tirei o melhor que podia dessas palavras, acreditando ter convencido meus fiéis, por três ou quatro dias, a serem melhores uns para os outros. Necessitava muito de mim para não deixar os sentimentos instintivos invadir a casa como ladrões sem respeito.

Veio Juliana, conforme o esperado,.

A primeira ideia: meu Deus, o que faz a dor numa pessoa. Abracei-a moderadamente. Ouvei logo a seguir a confissão de sua perda, iniciando por antigas lembranças.

— Sei de tua diferença com o Calegari. Sabe, depois daquele boletim que você fez na polícia, ele botou a cabeça pra pensar. Começou a me cercar, mas só depois que você ficou padre, se aproximou pra valer.

— O que interessa não são meus sentimentos. É pouco perto de tua perda. O tempo passa e nos faz, a cada dia, mais diferentes, permanecendo apenas nossas digitais. Fica aqui comigo o tempo que lhe aprouver. Temos uma casa de hóspedes.

Os dias foram passando num fluxo sem novidades, fazendo Juliana sentir-se uma estranha. Percebendo que estava demais naquela paróquia, foi despedir-se. Este manifestou sua incapacidade de atendê-la melhor, pediu desculpas.

— Me sinto melhor por ter você perto de mim. Vejo que está envelhecendo tanto quanto eu. Espero que não te canses tanto e que a velhice não o torne um velho triste.

— Assim espero, Juliana.

— Pode contar comigo, mesmo depois que a velhice pegar você de vez. Sei que as congregações têm um lugar onde os freis, depois que se sentem cansados, passam seus dias.

— Apreciaria muito ter você me visitando, falou o frei despistando sentimentos.

— Pode esperar, pode esperar.

Juliana se despediu, voltando pra sua casa, não sem dizer:

— Carregamos a brevidade como traço permanente.

— Bem pensado, Juliana, falou Jobi, beijando com delicadeza sua face.

Ela partiu decepcionada.

Dia seguinte

— A crise histérica é um fenômeno que na idade média era tratada como possessão demoníaca. Hoje ela é vista como uma descarga psicossomática, em razão de supressão traumática de sentimentos de origem erótica.

Doutor Fagundes, psiquiatra, explicou mais:

— Pois é, Frei Jobi, aquela mulher de sua juventude fez estragos. Sua depressão tem idade. O que aconteceu ontem tem a mesma origem.

— Como assim? Não dei assento aos sentimentos antigos e vem me dizer que sofro de um trauma. Ela não pode ser culpada de tamanho estrago.

— Você é que pensa. A alma da gente tem um jeito impostor de ser. Lembra, padre, do episódio de Troia? O inocente cavaleiro trazia uma tropa de inimigos ocultos. Você conseguiu se defender muito bem durante mais de uma semana daquela mulher. A revolução dentro de ti não foi pouca. Nem bem se haviam passado vinte e quatro horas e lá veio uma febre pra matar. Nada de físico diagnosticado. Nem ressonância, nem exames de sangue mostravam o inimigo oculto.

— Parece verdade: não é só o Espírito que sopra onde quer. O diabo também se mete a soprar. Desde aquela vez na cachoeira, sinto tremores e pouco depois me vem o teto abaixo: uma dor no peito, uma tristeza que dói. Temo, então, por minha vida.

— Melhor assim por se saber de cor de onde o diabo sopra, brincou Antunes. Vê se encontra um termo de se aproximar de tua Juliana.

— Não é minha.

— Distraia o diabo, pelo menos. Vê, Jobi, a tensão do passado é como chama, uma fagulha de raio escondida. É preciso aquecer-se dela de maneira a não machucar. Pode acontecer que de uma fagulha erótica aconteça um sentimento de morte. Não sei se faria bem deixar tua história de lado, metendo-te num mato sem cachorro. Que te parece?

— O meio termo pode ser o melhor caminho. Um fantasma pode ser apenas um pano agitado ao vento.

— Se não tocá-lo, como sabê-lo. Vamos, que a confissão terminou.

Me retirei achando graça: servi a Deus e busco recurso na ciência. Tudo é graça, mas parece que um amor renegado tem seu preço. Vou me aproximar dela novamente: um email servirá de bom remédio. O provincial sempre pergunta sobre meu estado de espírito e eu repondo: estou bem. Fico ocultando meu universo de tensões guardadas e nem ao menos reclamo pra que ele não julgue que meu desagrado provenha de minha velhice que se precipita e muito menos de minha paixão renegada. Um pedaço antigo de mim ficou pendente e mal resolvido.

Era a hora de escrever para Juliana:

Juliana, Juliana, não se apaga em mim a estima e a ternura. Tentei esconder por aqueles dias meus encantos de ti. Péra aí, também não é tudo isso. Sinto falta de ti. Para não me precipitar em nada me tornei indiferente, mas minha alma, que guarda a sete chaves a tua memória viva com teu rosto antigo, não quer te deixar. Cheguei a parar num psiquiatra. Ele descobriu você escondida em mim, chegando a dizer: é preciso aquecer-se dela de maneira a não se machucar, o dela é você. Não vou sair de minha vocação celibatária, marca de minha mística franciscana e de minha liberdade divina. Isso é certo. Coisa certa também é o meu amor aceso por ti entre as águas de nossa cachoeira. Não viverei em duplicidade, pois seria injusto contigo. Essa confissão é para que saiba de meus sentimentos que não são aqueles de tua visita. Louvo a Deus por tê-la conhecido. O amor não pode ser abandonado, quero, sim, encontrar a forma certa de expressá-lo, sem me perder em minha decisão. Isso é dito por quem nutre os melhores sentimentos.

Não se passou uma hora entre o email e a resposta.

Louvado seja meu Senhor por me dizer teus sentimentos. Eles se tornam meu apelo maior para estender minha velhice de maneira singular. Não me sinto capaz e nem almejo ser impasse entre o absoluto e minha pobre figura humana, mais frágil que um musgo. Você vai ver, querido Joel Francisco Bigliardi, nos encontraremos um dia em melhor situação. Cuidarei do teu temor em ofender a Deus. Louvado seja o infinito que nos sustenta nas forças divinas. Estarei ao teu lado grande pastor. Não será uma ovelha solitária a te pôr em angústia. Beijo as mãos que fazem tanto bem. Para finalizar, espero a análise dos evangelhos para entender teus pensamentos a respeito de Deus. Assumirei teu entendimento.

Nem é preciso comentar o bem causado pelo email de Juliana. Das coisas divinas essa foi a melhor, sem minimizar a ciência a me afastar da febre louca que me havia tomado.

Estudos finais

Me rendo às ternuras de São Mateus. Bem se vê a quantas andava mal o judaísmo. Os escribas, os aristocratas saduceus e os mais humildes fariseus esgotavam a Deus na ortodoxia mosaica. . Para mim, se tornam claros os movimentos contrários ao judaísmo tradicional do tempo de Jesus. Ninguém afasta de mim a certeza de que o próprio Cristo circulou por entre as muitas interpretações da presença de Deus. Não me escapa a certeza de o mestre firmar posições nos essênios e em outras maneiras de os judeus se aliviarem de suas dores. A genialidade humana tem disso: espreita as circunstâncias, resumindo de maneira qualificada os entendimentos sobre as diversas realidades. Assim como Sócrates fez com o conhecimento, Cristo fez com a ética e a espiritualidade, ou seja, com a intimidade divina, uma vez que essa era a verdade necessária da época. Me faz crer que o tradutor do texto de Mateus, ao ser levado para o grego, tomou algumas partes de Marcos. Que seja: tudo por canta da santa vontade divina, das circunstâncias e das vontades ambulantes de um tempo.

Juliana, começo com as irritações de Mateus em torno da ortodoxia dos fariseus e dos profetas de então. Por outro lado, dá para perceber o quanto se pode tomar conta dos avanços éticos da proposta cristã. Mateus em outras palavras diz: É pura hipocrisia manter uma tradição interesseira, na qual se cobra o dízimo do endro, das hortaliças e do cominho(pura ironia) e outras superficialidades e se esquece da justiça, da compaixão e da fidelidade. A mesquinharia mata. Desse jeito se filtra um mosquito e se engole um camelo. É isso mesmo: por fora lavam o corpo e por dentro cheios de roubos e de intemperança, parecendo sepulcros caiados. Parecem justos: todos sabem que andam cometendo devassidão. Puros somos, nós dizem eles. Buscam o elogio do povo, mas matam os profetas como fizeram com Zacarias, a quem mataram entre o templo e o altar.

Essas reflexões são ditas por Mateus, como se Cristo as tivesse dito, em razão das diferenças que ele possuía em relação às autoridades judaicas da época. A proposta cristã é levada a efeito de outra maneira. A salvação virá pela mudança de atitudes e se choca contra as imposições da proposição hebraica. Vamos adiante, Juliana. Em primeiro lugar há de se promover os talentos. Que nada se perca em cada ser humano em todas as idades: cada idade possui carrega virtudes.

Voltemos ao início de Mateus. Imagino o quanto se perdeu dele ao ser traduzido sob a ótica de outra língua e de outro leitor, mas a poética em torno de apelos humanos se destaca em torno do divino mestre.

Muito pouco pode ser dito dos sofrimentos e alegrias iniciais e da tragédia final. Vamos a ela. Mateus ignora por completo a vida de Jesus antes da pregação: frequentou quais comunidades, onde aprendeu sobre as ideias inovadoras e revolucionárias, casou-se, teve filhos? Não duvido: Jesus comungou de princípios e fatos da época e dessas circunstâncias.

Ao iniciar a pregação, preparou seu espírito e seu corpo durante quarenta dias e quarenta noites. Por sentir fome o diabo veio oferecer pedras para que as transformasse em pão. Jesus retrucou: *Não só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus.* Abandonou tudo em favor de sua vocação de profeta. Não renunciou a si mesmo. A seguir vem um texto exagerado, ao se pensar que Mateus queria convencer o tamanho da boa nova: curava de roldão: doentes, lunáticos, paralíticos, possessos e todos mais que andassem perturbados. Se assim fosse não haveria quem morresse. Deixemos esses exageros evangélicos e vamos à suas palavras: elas prometem retirar grande parte do sofrimento.

As pessoas de coração pobre são felizes. Não se orgulham nem lhes passa pela cabeça se acharem onipotentes. Assim o sofrimento e a morte são vistas com aceitação porque próprias da natureza.

As pessoas justas e de medida certa para dar a cada um a sua dignidade e a correspondente necessidade, essas têm tudo para cumprir a humanidade. Elas estão carregadas de misericórdia em relação a si e aos outros.

Por fim, gente de todas as partes, daqueles que estão e estarão: tenham um coração puro, cuidadores de si e dos outros, não deixando de lado o exercício constante do bem¹.

¹ Registro: sinto a fragilidade de minha mente. Não mais labora com a nitidez do ano passado. Redobro

Mandou depois seus discípulos à semelhança de uma cidade situada no alto: que sejam vistos pelas boas ações. Falou sobre as diferenças entre a antiga e nova lei. Tudo se modifica ao solicitar que até os inimigos devam ser amados pelo perdão, contanto que não seja esquecida a justiça.

Outro dia discursou como um poeta do bem: não junteis tesouros na terra, onde a ferrugem e a traça os corroem. Junteis tesouros no céu, onde nada corrompe o que é principal. Isso significa: *não vos preocupeis em demasia pelo que comereis nem como vestireis. A vida não é mais que o alimento ou as vestes? Olhai as aves do céu: não semeiam nem ceifam, nem recolhem sementes em seus celeiros e vosso Pai as alimenta. Considerai como crescem os lírios do campo; não trabalham nem fiam. Entretanto vos confesso: nem Salomão no auge de sua glória se vestiu como um deles. Se Deus veste assim as ervas do campo, quanto mais vós homens de pouca fé. Buscai em primeiro lugar o reino de Deus e sua justiça e todas essas coisas vos serão dadas como acréscimo.*

De fato, um poeta divino!

O poema revela a importância da justiça divina, é infinita a começar pela alteridade. Agora sabemos: pode ser levada a efeito por políticas que corrigem os desvios do desenvolvimento pessoal e social.

Beleza pura o que o coletor das receitas públicas recorda ainda mais de seu mestre: Pela primeira vez aparece a noção da reciprocidade, princípio básico da igualdade humana, isto é, pela qual se percebe que somos constituídos da mesma dignidade, tendo por medida a nossa humanidade e não os acidentes da cor, da nacionalidade, do sexo, da idade ou qualquer outra aparência. Ouçamos: *Não julgueis para não serdes julgados, porque com a mesma medida com que tiverdes julgado sereis julgados também.* Mais: *Tudo que quereis que os homens vos façam, fazei-o vós a eles.* Em nada se perde em relação a que Kant, ao mostrar a maioridade humana diz: *age de modo que a máxima de tua vontade possa ser, em todo tempo, princípio de uma lei geral.*

Talvez sejam as seguintes máximas as mais belas já pronunciadas: *Não jogueis aos cães as coisas santas, não atireis aos porcos as vossas pérolas.* Me comovem tais palavras: as analogias são muito expressivas, remetendo logo às nossas ações. Quando agimos com superficialidade sobre as coisas simples ou gastamos o tempo sem cuidado, estamos lançando pérolas aos porcos, quando falamos ou escrevemos sem

esforços como um pássaro ao qual retiraram penas. Mas continuo que de nada adianta reclamar de minhas penas. Sinto nuvens pardas ou brancas a me toldar ideias.

nenhum cuidado, fazemos o mesmo: jogamos nossas palavras aos cães. Juliana querida, isso se aplica perfeitamente aos políticos, aos juizes e a todos de maior responsabilidade social, *pelos frutos os conhecereis*: podem falar muito bem, mas não promovem ações efetivas para salvação de quem quer que seja.

Olhe, Juliana, o encanto das palavras que seguem: *Caiu a chuva, vieram as enchentes, sopraram os ventos e investiram contra ela: ela porém não caiu*. Pouco a ver com as escrituras antigas: *eu quero misericórdia e não sacrifícios*. Jesus, em Mateus, desenhou sua própria imagem: *As raposas têm suas tocas e as aves do céu seus ninhos, mas o filho do homem não tem onde reclinar a cabeça*. Diante dessas palavras se extrema a humildade e a beleza, alguém muito sensível falou: *apreciaria muito em segui-lo, mas tenho meu pai para enterrar*. Ele não perdeu a oportunidade: *deixa que os mortos enterrem seus mortos*. O mestre sabia o ambiente que frequentava: *eu vos envio como ovelhas entre lobos. Não temais aqueles que podem matar o corpo, mas não podem matar a alma. Na verdade podeis me negar: por favor, não neguem o Espírito Santo*. Tenho pra mim ser esse Espírito o mesmo da inspiração de Sócrates o qual falava em seu interior, fazendo-o discernir entre o bem e o mal, através das questões levantadas e comunicadas em busca da verdade. É o mesmo Espírito que habitava em Aristóteles que observava as coisas e as circunstâncias para ter na lógica a primeira demonstração da ciência, a face do Espírito a revelar os segredos do mundo.

Não vou falar de milagres nem das parábolas de Mateus. Tenho a impressão que as notícias forjadas no encanto e no pensamento mágico ampliam os eventos e a razão dá lugar à fé. De toda a forma, chega-se a ver o desejo de Jesus em mostrar o respeito pelos sofredores e a possibilidade de ver a superação. Para que a fé não fosse absoluta em seus discípulos, apelou para a compaixão: *Sabeis que os chefes das nações as subjugam. Não seja assim entre vós. A grandeza está em servir; cada qual se fazendo servo um do outro*. É, Juliana, isso parece foi o que menos pegou, mas faz parte de meu testemunho e da Igreja dessa região Norte do Estado do Rio Grande do Sul. Jesus veio para mostrar o seu desinteresse em poder político. Isso se inscreve na entrada de Jesus em Jerusalém, montado numa jumenta com um jumentinho. Depois disso, um pouco antes de morrer, definiu melhor: *Tudo se resume em dois mandamentos: amarás o Senhor com todo teu espírito e ao próximo como a ti mesmo*.

Depois veio a morte barganhando-se o poder romano com aqueles dos sacerdotes. O filho do homem cumpriu sua missão entre ladrões. Sentiu o desespero por se sentir abandonado, o que todos os exegetas passam ao largo. Isso se lê em Marcos. Os outros evangelhos dizem que debruçou sua cabeça no peito. Lucas e João escrevem respectivamente as últimas palavras do mestre: *Pai, em tuas mãos entrego meu espírito e tudo está consumado*. Era um homem bom chegando ao seu fim. Jamais poderei entender a Deus buscando agravos pela morte de um ser humano, muito menos por se sentir vingado pelo sacrifício de seu filho. A crueldade humana o matou, por isso mais reverencio suas palavras. Que sua história se revele em mim: que não seja pela cruz o sinal de salvação, mas por me aproximar de sua caridade.

Não posso me furtar, Juliana, de pensar mais um pouco.

Se a ressurreição se deu fisicamente não sei, pouco se me dá. Sei que ressuscitamos por sua palavra que é água pra matar a sede de qualquer vivente. Sei que sua imortalidade me atingiu em cheio. Meu espírito se tem por suas palavras. Me agrada o rompimento com a antiga aliança me inspirando a transcendência seja pela arte ou pela solidariedade. Me *piace* a base cristã da maioria humana de todos. Não busco nas nuvens a transcendência, busco na hora e no fluir das pessoas que me pedem companhia. Não desconsidere nenhuma necessidade das comunidades por onde andei. Não me faz bem pensar que Cristo é Deus, pois não salvou a humanidade, apenas deu princípios de salvação como um peregrino que busca. Aprendeu das tensões de um tempo, retirando ideias e ações reconhecidas num tempo. Comunicou-se, não desprezando nenhuma dor. Buscou a ciência do pensamento enquanto voltada para o sentido da reciprocidade. Pena foi que aqueles que o seguiram se entumeceram de poder, revelando a face perversa da fé. Ainda bem que em tempo se resgatou a bondade humana, principalmente a partir de Leão XIII. Bem que Santo Tomás agradou-se de Aristóteles juntando o pensamento e o coração, afinal a graça supõe a natureza. Bem que meu santo Francisco e outros meditadores encontraram na ascese um meio de erguer a alma em contemplação.

Querida Juliana, não me agradam minhas palavras: é pouco, muito pouco do que poderia ser dito.

Ao entardecer, Jobí recebeu um email. Não haveria como ele não estar atento ao dizer dela. Abriu e leu.

Tenho em mim a gratidão pela expressão de Deus dita por tuas

palavras. Não me tinha alertado até hoje da visão democrática de Jesus. Se houver uma aliança entre a ciência e a caridade, poderemos esperar dias melhores, entretanto a salvação tão propalada ainda não chegou, a não ser como promessa verdadeira na Igreja de nossa região.

Ao falar-me assim rompiam em mim antigos frutos de um amor feito cachoeira.

João

Se para João no princípio era Deus, em princípio, mais tirei do princípio de seu evangelho. Me assustou a forma de Jesus lidar com os judeus, pois havia uma disputa bem mais que um diálogo, entretanto, quem sou eu, velho franciscano, para corrigir ao filho do homem e querer mostrar a melhor maneira de convencer sobre a necessidade de mudanças no cumprimento da vontade divina. Acho que pegou pesado, criando animosidade, ou estaria João inclinado a polemizar com os judeus? Gerou pessoas ressentidas.

João começa bem e do agrado dos filósofos, soberbos em seu saber e nas certezas – todas incertas – do muito pensar. Juliana, não sei se João revelou seu entendimento a respeito de Jesus movido pela revolta íntima de ter que fugir pra Éfeso por medo de falar o que pensava ou, se levado por razões de uma filosofia, colhida nas ideias gregas. O fato é que ele não somente retrata a memória viva de Cristo, pois que ninguém consegue falar senão mediado pelas experiências anteriores. Nossa cabeça é um filtro que distorce os fatos por mais boa vontade que tenhamos.

Chama atenção, porém, o fato de ter convivido com a mãe de Jesus e nada tenha falado de seu tempo de infância. Em nada, porém, se altera a força de suas palavras.

Diz o profeta de Éfeso, cuidador de uma velha Senhora, mãe de Jesus, responsabilidade vinda dele antes de partir para o exílio: *E o verbo se fez carne e habitou entre nós, e vimos a glória de um filho único de seu Pai, cheio de graça e de verdade.* João fala o mesmo de Mateus ao lembrar o Deus conosco, citado por Isaías. Também lembro os primeiros filósofos antes de Sócrates a quem foi dada a compreensão de haver uma inteligência suprema, responsável pelos movimentos dos astros e da vida, inerente a tudo que existe e denominada como *verbo*

ou palavra que imprime a sabedoria dos seres animados e inanimados. *Buenas*, querida Juliana, o principal não pode ser esquecido que o resto é de parca importância. O verbo entre as pessoas significa que aí é o lugar pra se dizer, pensar e querer. Deus conosco e não dentro de nós. Basta, então, o mesmo Espírito que nos repouse como repousou nele no Batismo de João. Esse é meu pensar e ajo como os escritores de Jesus: aprendendo o bem pela inspiração que é o espaço preferido de Deus. Não julgo meu pensar absoluto..., mas dou meus pitacos. Assim falo, mais tendo na minha mão teu coração, pois que o amas também, Juliana.

Logo a seguir da abertura de seu evangelho de introdução grega, João descreve dois movimentos contrários: O primeiro a busca por discípulos, acreditando como os essênios: reunidos muito mais se pode fazer. Aproximou-os numa casa a promover discursos preparatórios de uma missão, tendo-os como possíveis ouvintes para melhoria da raça humana. O segundo, foi exemplar: ao expulsar os profanadores do templo, revelou o rompimento com a tradição, demonstrando a urgência em promover a espiritualidade, buscando uma nova origem para sua proposta. Ele também demonstrou que veio para outra missão e outra doutrina, a da reverência pelo Espírito e pela solidariedade. Tal rompimento não foi feito de maneira cordata. O confronto entre as partes agravou a distância e o rancor fazendo acontecer a sua morte. Em tudo semelhante à morte de Sócrates, do outro lado do Mediterrâneo. De fato, Juliana, a comunicação humana se complica quando os interesses se distanciam e, de modo especial quando alguém se sente ameaçado em sua posição. Estou curioso por ter meu pensamento contigo. Também eu compliquei nossa ternura por interesses de minha antiga vocação. Agora estou livre de premências. Minha consciência está mais livre. Vejo em mim a natureza divina. Nada mais desprezo ou temo. As águas de nosso rio me limpam. Meu Jordão é o mesmo que o seu. *Andiamo via...* Vamos que assim não conluo João.

A atitude de Jesus promoveu ressentimentos graves e isso levou a angariar inimigos mortais. Promovendo a dialética religiosa e humana instaurou a dúvida sobre a tradição, o que lhe valeu ter de testemunhar pela morte o que reverenciava como uma nova proposta, também ele invocando a Deus, a boa inteligência, como princípio de seu discurso.

Logo a seguir são denotadas duas conversas tornando-se emblemáticas do bom diálogo. Nicodemos ouve sobre a necessidade de renascer: uma conversão na qual o Espírito, ou seja, pela inspiração

das horas, das pessoas e dos lugares, as virtudes da suavidade e do amor contam muito e necessitam se revelar em ações inspiradas na verdade, colhida de maneira comunicativa. O Espírito sopra, basta ter vontade bem posta para a proteção da vida.

Bela conversa com a mulher de Samaria, sequer judia era. Meio dia, uma mulher buscava água na bica de Sicar. Ele, sentado ao lado, solicitou um pouco de água. Ela estranhou o pedido por não ser costume dos judeus se comunicarem com estranhos. Ele, então, respondeu: *se soubesses quem te pede água, certamente pedirias tu mesma, e ele te daria uma água viva*. O diálogo avançou chegando ao ponto de ela reconhecer a grandeza do homem com quem falava: *sei que deve vir o messias, quando vier fará conhecer todas as coisas*. Respondeu o homem: *Sou eu quem fala contigo*. Ele ainda explicou que a água contempla a verdade e o Espírito. Não sei a extensão da água, da verdade e do Espírito, mas pelo visto se refere aos encantos de quem sabe amar a Deus em tudo e, principalmente, aos outros, seja quem for, como os estranhos de Samaria. Me parece, Juliana, ser mais uma parábola de Mateus para dizer da mudança que se fazia acontecer. Pois quem estaria para retratar o diálogo intimista dos dois?

A seguir João narra muitos milagres e em cada qual vem a reclamação dos sacerdotes, escribas e outros. Muitos viam o homem e se perguntavam: *não é este o cara a quem procuram tirar a vida?* Não contentes em falar mal de Jesus, ainda o provocavam, a exemplo da mulher apanhada em adultério. Não pode haver texto mais belo que este sobre a tolerância e o amor: *quem de vós estiver sem pecado, seja este a atirar a primeira pedra*, enquanto ia escrevendo os pecados da turbamulta. E, por fim, a grandiosa conclusão:

— *Ninguém te condenou?*

— *Não senhor.*

— *Nem eu te condeno. Vai e não tornes a pecar.*

Mais ainda queriam matá-lo a partir de então.

Não menos comovente é a história de Lázaro. Difícil de acreditar por ser a mais contundente em relação ao seu poder e à sua figura extraordinária. Fico a pensar: por que ele falou: *meu amigo dorme, mas*

vou despertá-lo. O sentimento da amizade era grande e a dor maior por saber que seu amigo havia morrido sem que lhe dissessem. Foi ter com as irmãs do falecido. Alertaram, porém: *homem de Deus, não vá, lembra que onde está teu amigo, é bem lá que prometeram te matar?* Ele respondeu com tranquilidade: *quem caminha de dia não tropeça, por que vê a luz.* Foi, despertou o amigo da morte e, a partir daí, sim, as coisas enfearam muito pro lado dele. Mais se dividiam as opiniões e mais raiva os chefes religiosos lhe tinham. Muitos contestavam dizendo: *isso é coisa divina, mas nós o conhecemos e de onde veio.* Jesus retrucou: *acaso não está escrito que vós sois deuses?* Mais ainda se amargavam as relações entre as partes. As razões eram diversas e já não sei se muitos deles não tinham razão, pois o medo maior era de os judeus se envolverem numa revolução o que acabaria numa mortandade. Os romanos não titubeavam em matar por razões de pouca monta. Qualquer perigo ao poder romano era abafado com sangue. O conselho maior dos judeus chegou à conclusão; desse jeito *os romanos virão e arruinarão a nossa cidade e toda a nação.* Não era para menos, pois cada vez mais se reuniam em torno dele, alguns crendo e outros por curiosidade, vinham também para ver de perto a Lázaro e o enchiam de perguntas para saber o que havia acontecido. O temor era grande. Aqueles que começavam a admirá-lo não falavam por medo de serem reconhecidos como fiéis e os chefes não estavam para brincadeira.

Buscou consolo na amizade e na intimidade de uma família: *filhinhos meus, por um pouco de tempo ainda vou estar com vocês.* Frisou, logo a seguir, o que já anunciara: *amai-vos uns aos outros. Como eu vos tenho amado, assim também vós deveis amar-vos uns aos outros. Nisso conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros.* Esta é sua bandeira. Consolava-o, contudo, a esperança tardia. Trouxe até uma metáfora: *quando a mulher está para dar a luz, sofre porque veio a sua hora. Depois que deu a luz à criança, já não se lembra da aflição por causa da alegria que sente de haver nascido um homem no mundo.* Do outro lado, chegada que fora a hora, quando o tinham preso: a solução final, ditada pelo chefe aos seu conselho: *Convém que um só homem morra em lugar do povo.*

Tanto hebreus como romanos eram habilidosos em crueldade. Os discípulos ficaram perdidos. Pedro negou que o conhecia tamanho era o medo, o que é compreensível, uma vez que, se prenderam o chefe, o que seria dos seus companheiros. O instinto de defesa falou mais alto

A fidelidade ao chefe não concedia proteção e poder. As narrativas do grande sofrimento e da morte entre ladrões não apresentam grandes contradições a não ser aquela que narra o sentimento de abandono de Jesus. Em João é narrado que tenha dito: *tudo está consumado*. Maria Madalena, dia seguinte ao sepultamento, viu dois anjos que se condoeram das lágrimas da mulher. Falaram : *por que choras? Ela respondeu: porque levaram o meu senhor, e não sei onde o puseram*. Viu depois um homem. Dirigiu-se a ele que, também, perguntou: *por que choras?* Ela retrucou: *se o tiraste, me diga onde o puseste?* Então, ela o reconheceu. De tardezinha João narra ter aparecido aos outros. Conversou e se fez entender melhor com os seus. Prometeu, por fim a Pedro: *quero que fique até eu voltar novamente*.

Juliana leu e entristeceu-se um pouco, uma vez que as palavras do frei não correspondiam às suas expectativas: *Sempre tive a vida e a morte de Jesus, bem menos dependente das decisões humanas. Jesus se vê envolvido na trama das autoridades judaicas, cheias de medo de um massacre romano. Você parece mais preocupado em avaliar um homem bom se opondo às tradições fragilizadas do que um homem, filho de Deus, responsável pela salvação. Me dói o peito por tal versão. Algo me diz que não deste muita bola, ou nenhuma, à presença física de Jesus depois de se levantar das pedras. Parece que estás muito persuasivo em criar uma política solidária, dando pouca atenção à política divina. João não me seduziu quanto esperava. Do jeito que você escreve Cristo mais parece um ser mitológico. Você entende que a morte revolveu o imaginário dos discípulos a ponto de torná-lo divino para compensar a dor da perda. Não aceito o que você pensa. De minha parte me seduzo à divindade de Jesus. E estou resolvida a entregar minha vida ao cuidado dos freis que também deram sua vida em nome da Ressurreição*.

Sei por parte de teu provincial que estão cogitando em te levar ao descanso. Me propus, então, a cuidar dos freis cansados. Finalizo te recomendando a Deus. Te achei um tanto duro no pensar. Espero que não tenha perdido a ternura e a fé. Esta parece estar abalada depois de tanto fazer em nome de Deus. Ou será que sentes o fim como qualquer homem sem luz? Meu sofrimento é você ter Jesus como um simples homem de bem e morto por decisão de uma estrutura social avessa à abertura, cheia de medo. Onde a promessa de salvação e um sacrifício em benefício da melhoria humana? Nada, porém, diminui minha ternura, agora envelhecida.

Amém. Paz, paz de Cristo.

A casa sofre

Jamais imaginei que a versão de João pudesse entristecer Juliana. Pois é, difícil é aceitar o que nos é distante. Desfazer-se de um pensamento ensimesmado é tarefa de chorar. Concluiu de ler a última mensagem do email:

Você deixou tudo como se apenas interesses humanos estivessem em operação. Em tuas mãos o Deus hebraico e Jesus parecem guerreiros sem força. Ao meu ver, você laborou bem ao mostrar o rompimento de Jesus, descrevendo-o, porém, como um Deus frágil, apenas forte como homem. Até admiro que tenhas esgotado tua vida em nome dos dois, tendo tão pouca fé em nossos costumes. Isso pouco o afetou, mais intrigada fiquei com a notícia de a congregação querer dispensá-lo de sua paróquia.

De fato, pensei, não devo estar bem. Se o provincial mandou dizer que meus dias estão contados como operário da vinha, devo tomar outro rumo. Bem que ele podia me falar diretamente. Estou me parecendo morador de uma aldeia estranha. Não gosto que me digam verdades por outros, como se fora um incapaz. Sempre fui de obedecer. Não me neguei de ir ao seminário ensinar nem quando fui afastado de uma paróquia pela qual era conhecido como condutor de cidadãos: fiz obras materiais, desde a escola até hospital, tornando um povo fechado numa comunidade solidária. Os gringos eram duros de coração: semelhantes em tudo aos judeus, loucos por seus pedacinhos de terra a ponto de matar vizinhos, bestemando contra Deus e os santos. De tanto falar: Deus mora nos outros, Ele não tem outro jeito de ser senão pelos outros que se convenceram de sua infinitude cotidiana. Bem, não vou começar a fazer do passado a razão de minha vida. Se já não brilham meus talentos e não esbanjo forças, devo reconhecer que é tempo de voltar para casa. Vou me recolher em mim, fazendo como os elefantes ao envelhecer: voltam para casa. Meus encantos antigos de carregar uma mulher é dose! Espero em Deus a me dar, no fim, o que não tive até agora.

O provincial tem razão. Foram meus paroquianos que o alertaram, pois, volta e meia, fico atordoado e mal sei o que estou lendo. Eles ficam olhando uns para os outros durante meus sermões, estranhando a minha fala. Devo recolher minhas armas: já não consigo combater o bom combate, desorientado como estou. Noto que me contraio, temendo os acontecimentos. Feliz de mim que Juliana vais nos cuidar.

Sou um marinheiro com medo do mar. Acho que vou me apropriar de Buda porque sua história me encanta. Saiu ele do palácio de quatro portas e viu um homem todo enrugado, quase careca. Os cabelos que lhe sobravam eram alvos e roto o seu rosto. Mal conseguia caminhar, tendo uma bengala como apoio. Perguntou quem era aquele traste. O cocheiro responde: é um velho e assim nós todos nos tornaremos se vivermos por muito tempo. Sidarta retirou-se acabrunhado ao seu palácio. Dias depois, tomando fôlego e coragem, pediu para sair novamente, mas por outra porta. Ao caminhar, viu por entre a porta de uma pobre casa - vivenda de pobre é sem segredos - um homem deitado sobre uma cama ainda mais pobre: rosto encovado, de uma cor esmaecida e triste. Perguntou quem era aquela triste figura. O cocheiro falou: é um homem doente: todos seremos assim se continuarmos a viver. Voltou mais assustado ainda para a porta de seu palácio. Seis dias depois, volta às ruas através de outra porta. Dá de cara com um féretro. Carregavam um homem cuja cor não era desta vida. Pergunta Sidarta: quem é esse homem? O cocheiro responde: é um morto e todos seremos como ele se continuarmos a viver e, sem mais nem menos, seremos iguais a ele. O príncipe ficou desolado, entretanto, cansado de ficar no palácio, sai por uma quarta porta, caminhando e caminhando, encontra um homem quase nu, muito sereno. Perguntando quem era, ouviu do cocheiro: é um asceta, um homem que renunciou a tudo e que alcançou a beatitude. A história de Sidarta revela que ele não retornou mais ao palácio. Buscou o caminho do ascetismo, tornando-se o Buda, aquele que encontrou uma maneira de superar a dor e qualquer tipo de sofrimento, indo além da velhice, da doença e da própria morte.

Não tinha terminado a lembrança budista, quando ouvi a notícia da renúncia papal. Ele que era um homem erudito e cheio de razões devia saber o que estava fazendo. O santo padre não estava mais em condições de assumir suas responsabilidades por falta de forças. Em muito me assemelhava ao papa. Quem era eu pra me achar poderoso a

vida toda. Tinha aprendido o suficiente pra saber que as obras contam muito, mas o silêncio da alma na contemplação das coisas pode trazer um belo sentido para a vida. Terei o que dizer e muito que aprender. Voltarei meus olhos cansados para encontrar um caminho como fizera Buda. Enviei um email pra Juliana e uma carta ao provincial não sem antes dizer que o jeito é ir embora como os pássaros. Ninguém sabe aonde morrem.

Fui interrompido na crença de meus poderes por via indireta o que me deixou emputecido. Mandei que fossem tomar a direção que quisessem pras suas necessidades. E vê se é coisa de passar na mente franciscana!? E daí, é minha!!!! Meus anjos!, meus sentimentos estão exagerados. É ténue o espaço de meu desejo para minha vontade. Resolvi, para o bem de minha alma, deixar por isso mesmo. Refreei o raivoso desejo.

Um monólogo virtual

Me confesso hoje um eremita voltado para dizer mais nada. Até hoje tive nos outros meu destino, vendo neles a vontade de Deus, uma vez que Ele nunca falou comigo fora de meu contexto. Vou buscar agora o que São João da Cruz buscou. Entences, querida, não me veja como descrente, vou estar numa aldeia pequena a serviço da contemplação:

*Para chegares a saborear tudo,
Não queiras ter gosto em coisa alguma.
Para chegares a possuir tudo,
Não queiras possuir coisa alguma
Para chegares a ser tudo,
Não queiras ser coisa alguma.*

Ando devagar e meus joelhos fraquejam, meus olhos se apagam. Desculpe os erros de minha fala. Minha alma anda de pouca direção. Buenas, e não me custará ser um João da Cruz, que já não me deixam querer coisa alguma. Devo querer o que entre frestas eu vejo. Vejo, porém, coisas acontecidas de uma nitidez nunca vistas

Querida Juliana! A querida é por conta de minha ternura por ti e por conta de minha velhice. Não me arriscaria dizer querida se vivesse nos meus vinte. Por vezes sinto não ter dito. Deus não se afetaria por um pouco de prazer como tivemos tão rapidamente a primeira vez nem se azedaria sem meu serviço. Mas pode um dia ter uma consciência mais brava e mais avançada. Deus sopra do jeito que quer.

Agora estou mais para ser cuidado. Se narrei Jesus, em João, como se fosse uma morte anunciada, não diminuo em nada os meus encantos por ele e sua doutrina. Não discuto a humanidade nem sua divindade. Vê que salto como um pássaro assustado. Me volto de corpo e alma para minha orientação espiritual. Vou encontrar na serenidade o mesmo valor do movimento pastoral. Digo-te, como se estivesse falando comigo mesmo: auscultei minha consciência a ver se valeu a pena minha íntima solidão, minha entrega absoluta às virtudes cristãs da minha pouca fé e da extrema caridade. Digo-te: valeu muito. Duvido que pudesse olhar para trás com a mesma alegria, caso tivesse casado. Ou digo isso pra minimizar o que sinto por ti?

Estendi minha alma ao infinito compreendendo ser a caridade o melhor caminho para diminuir o sofrimento humano e maximizar o bem-estar pelo qual todo mundo anseia. Tive, talvez, o maior ganho que um ser humano possa ter: a serenidade e a alegria diária de ver as almas serenadas, uma vez desfeitas as angústias doídas. Confesso meu bom ânimo nesses dias em que me despeço de minhas atividades e atividades pastorais.

De fato, fui feito como meus olhos, não estive para ver a mim mesmo, a não ser agora que devo tomar nova direção. Vou usufruir o benefício da contemplação e de ações moderadas, uma vez que minhas palavras e movimentos já não fluem com a mesma certeza. Existe uma espécie de modorra na alma.

Anseio pela simplicidade das coisas, nas quais Deus ama se revelar. Me imagino sob árvores verdes e brisas buliçosas, sombras, preciso um pouco de sombras que minha pele está tênue e meus pelos não se eriçam mais: quase um penugem suave sobre os braços. Que quero então? A morte com a qual não travo nenhum combate: é meu tempo de partir. Se me disseres: o meu Jobi precisa de proteção, direi: proteção e ternura. Acabou-se o tempo das valentias. Mas, por favor, não entenda parecer choroso, apenas coberto de suavidade.

Logo após me dirigi ao padre provincial.

Reverendíssimo padre José

Paz e bem!

Tendo reiteradamente consultado minha consciência e ouvido o Senhor através de minha amiga Juliana e de meu orientador espiritual,

acho que é tempo de me retirar dos meus trabalhos pastorais. Manifesto meu desejo de me recolher ao nosso lar São Francisco. Tudo se desmancha no ar. Não faço mais frente à liquidez das águas de hoje. Não faço mais que seguir ao papa Bento XVI. Viveu atormentado pela incapacidade de dar conta de mudanças necessárias face à fragilidade, não suportou mais o tempo que vive e em que vive. Tenho meus 85 anos e acho que inicio uma tenebrosa travessia na vida, própria daqueles que sofrem da doença pela qual se apagam lembranças e os melhores costumes. Espero ainda poder conviver antes que seja devastado completamente pelo mal. Permita, Frei José, que meus confrades sejam auxiliados também por Juliana. Ela, em razão de seus conhecimentos na área de educação permanente, poderá introduzir melhorias na condução de nossa casa franciscana.

Que possa encontrar as melhores bênçãos antes de minha barca me levar.

Com sua bênção e compreensão.

Frei Joel Francisco Bigliardi

Depois de enviar a carta, rezei a última missa em minha última paróquia. Espreitei dentro de mim: a velhice tem disso: é quando as últimas coisas começam a acontecer. Lembrei e fiz como Fierro ao se despedir da *pampa y sus poblaciones*:

Y a Fierro dos lagrimones

Le rodaron por la cara.

Minhas despedidas

Estou aqui entre aqueles que estão para morrer e, desse jeito, quase feliz. Antes de deixar os meus, recolho alguns escritos esparsos sobre eventos de meu pastoreio. Faço isso enquanto minha memória mais velha garante o pensar. Diz meu doutor que depois o que é hoje fica sem luz. Um branco: onde vai buscar o que quer, não vai encontrar. Enquanto não for, retiro de mim fortes lembranças.

Da morte e outras histórias

Ninguém se iguala a um vigário pra saber o que é a morte. Nesse transe, o sono do pastor não é respeitado. Disso dou testemunho.

Teve uma semana em que me senti o próprio Caronte em seu barco navegador. Cheguei a pensar: mais se morre que se vive ou, acaso, sou eu o dono da morte? Sem mentira, transportei dez deles. Nunca vi agosto mais letal. Engraçado que só deu velho no meu barco. Não, teve uma mulher jovem que achou por bem abreviar a vida por conta própria. Acusaram o tempo feio o causador do desespero, cinza escuro dia todo e todo dia daquela semana. Averigui o acontecido. Pelo que me falaram: Agnes já nascera triste. Uma tristeza funda... era assim que eu a via. Chorei convulsivamente quando fui ajudar a retirar a corda fina na qual se pendurou. Passei o óleo em sua testa... já esfriava a bela mulher. Aproximei meus lábios de sua testa querendo dizer pro pai e pra mãe: Deus anda perto de nossos exageros. Voltei pra casa paroquial depois de minhas orações, muito doídas. Não pedi perdão, pois não creditava culpa na falecida pela tarefa final de seus dias... pedi por nossas tristezas e muito pela minha; a essas alturas do meu campeonato, já sabia, se vinculava à Juliana. Nunca, porém, cheguei a olhar para um galho sequer: não tinha a pretensão de suspender minha cabeça. Deixaria pra Deus esta incumbência, a menos que Ele viesse com dores incontroláveis. Aí poderia dar uma mão nessa tarefa. Assim passei bem uma hora em minhas reflexões, depois fui atender o cotidiano da paróquia.

A hora foi sovina comigo, Romilda, empregada minha gentil, a mais feia mulher, veio me retirar do meu sossego. Juro: faltou imaginação a Deus ao desenhar aqueles traços. Conheci o pai e a mãe dela. Mal podia acreditar que tivessem feito aquilo. O provincial da última visita, brincou... *assim não é difícil manter o voto de castidade*. Mas vou dizer uma coisa: duvido haver pessoa mais risonha que ela.

Acho que a beleza roubada deu lugar aos risos da alma. Em seu sangue, porém, corria uma alegria a esconder uma angústia. Algo me dizia haver uma dor escondida. Volta e meia, abraçava-a sem tentação, era pra ver se recolhia um pouco daquela humanidade tão expressiva, parecendo aviltada.

— Padre Jobi!

— Quem foi dessa vez, querida Romilda.

— Félix Berquó está morrendo.

— O que quer que eu faça?

— Já preparei os santos óleos. Vê se não demora! A filha dele mandou dizer que o velho está indo embora.

— Diz pra ela que não vou me demorar. Se não tiver óleo, ele vai no tranco mesmo, brinquei com Romilda.

— Capaz que vou dizer uma bobagem dessas!

— Tá bem, me alcança a pasta que vou mandar aquela santa alma diretamente pro céu.

— Desculpe, Padre Jobi. O senhor está ficando desbocado ultimamente.

— *Sono un vechio!*

Narro *questa storia* mudando tudo pra que ninguém venha me dizer: este padre feriu o segredo de confissão. Mudei tanto a ponto de nem Deus saber de quem se trata, mas em algum lugar e num tempo muito passado ocorreu o que passo a revelar.

— O velho Berquó quer se confessar antes de morrer, instou ela.

— Depois fica difícil! *Ma* o que tem um velho pra confessar?

Cinco quilômetros de estrada de barro parece pouco quando se tem quarenta anos. Assusta pra quem tem setenta, aos oitenta é muita coisa. Pouco se me importava. Lá fui eu debaixo de chuva. Me doíam os ombros de tanto esforço pra segurar meu Ford na estrada. Antes de partir vislumbrei Romilda pela Janela. Entre os pingos uma figura exótica, pronta para um quadro impressionista, em tudo igual a sua alma, sempre fazendo a diferença. Percebi um rosto assustado ou será que seus traços estão piorando? Ao passar rente aos vidros parecia soluçar. *Ma varda...* é muita morte...

Cheguei com grande dificuldade! E vejam: era só o que me faltava. Ao chegar à casa dos Berquó: atropelai um porco! Aleijei o leitão. A senhora Pierina, mulher de Félix, dona do leitão, vendo meu constrangimento falou:

— *No ga bisogno de preocupação*, Padre Jobi. Vo te acompanhá até o quarto do *vechio*!

— To preocupado sim, Pierina. Um porco não se acha em qualquer esquina.

— *No parla assi*, Padre. O momento é sério!

— Tá aí o *poverello*! Dá uma bênção forte pra ele ir embora!

Pierina nos deixou a sós, parecia contente.

— Ma que sucede, Félix.

— Sucede que quero confessar, falou entre lágrimas. Tô morrendo e não quero chegar pra Deus sem dizer a verdade.

— Fala, então, que já te *perdono*!

— Não brinca. O pecado é grande, falou entre suspiros.

— *Dio é piu grande que i peccati*!

— Fui eu quem matô o Adriano Garbozza. *Quelo bruta bestia*!

— Meu Deus, exclamei sem querer.

Explico minha exclamação. A morte de Garbozza ocorrera fazia dez anos atrás. Por mais que se investigasse não se chegou a matador algum. Apenas o seu Libório Antunes causou algumas dúvidas. Tinha um alibi convincente. Na noite da morte de Garbozza estava pescando com amigos, o que resultou em brincadeiras. Diziam das vantagens de pescar com amigos. Se ocorrer uma morte de um gringo, é certo: não se pode culpar um pescador. Procurem o pecador noutro lugar. Mais perplexo fiquei em razão de Félix ser um homem livre de qualquer suspeita. Era o mais piedoso e o mais generoso. Aliviado pelo controle que impus aos meus nervos, continuei como se o pecado feito fosse coisa qualquer. Quis, em primeira instância, saber se ele não estaria delirando.

— Seu Félix, que dia é hoje?

— É sexta-feira dia e amanhã sábado.

— Ma tu não tá delirando, homem?

A seguir descreveu, claramente, o dia, as circunstâncias e a arma do crime. Impus minhas mãos e repeti a oração do perdão, concluindo: o teu pecado está perdoado, entretanto me espicaçava a curiosidade porque ninguém mata de graça.

— O que te levou a matar o homem?

— Ciúmes, ciúmes...

— Ciúmes? Ele era um pobre castrador!

— Olha padre, ele era um desgraçado e metido a besta, resfolegava. Pode falar com todos os homens daquele ano. Ele era o castrador de todas os lugares da região.

—...!

— Vinha cantando as mulheres por onde passava. Parecia até que sabia quando os homens não estavam em casa, *quelo bruto!* Nem sei se tive razão de ter tanto ciúme. Duas vezes me falaram pra me cuidar dele. Insisti com Pierina pra saber a verdade. Ela fez de conta que nada acontecia, mas a cara dela ficou sem jeito. Falou apenas de uma tentação. Comecei a desconfiar até dos olhares de meus amigos. Um dia até perguntei pra Pierina se lembrava da última castração do ano. Respondeu de maneira estranha. Mais desconfiado e com raiva fiquei do filho da puta do Garbozza. A Pierina andava de olhar *lontano...* longe. Parecia descontente comigo. Por fim, fiz como lhe falei. Matei algumas *colomba* no caminho, pra desculpa de minha ausência. Não dormi bem por um mês. Pierina me olhava desconfiada. Ela sabia que era eu. Perdi minha paz por um tempo, mas depois achei que tudo tava bem!

Mal conseguia respirar, o pobre *vechio*.

— E o que quer que eu faça, seu Félix, além de perdoar?

— Quero que diga ao delegado e conte que fui eu o matador. Desconfio de todos... Eles sabem que fui eu. Assim vão dizer: o Félix não deixou de graça *i rami in la testa!*

Me desdobrei e acho que o convenci de deixar a história como estava. Se fossem abrir um novo inquérito haveria grande sofrimento em ambas as famílias. Que se ocultasse o crime e que não se ferisse a memória de Garbozza com sua fama de cantador. Sabia que a família dele andava mal das pernas: pobreza de fazer dó. Ele era um exímio castrador e a linhas deviam muito a ele porque da faca do homem não morreu porco, nem galo, nem touro, nem bicho macho algum que fosse.

Era o que ele sabia fazer e disso viveu a família. Félix pediu então que eu fosse o mediador para aliviar a miséria dos filhos daquele *figlio de un can!*, exclamou. Com extrema dificuldade assinou um xequê de valor.

Chamei a Pierina, mal havia concluído a confissão, enquanto um cansaço mortal se apossava do pobre homem. Sorria, entretanto aliviado. *Gratie, molte gratie, gratia a te, gratie a Dio, gratie a la vita*, e entrou não sei se em coma ou em sono profundo.

— *Varda dona Pierina, é finita la confessione.*

Ela me olhou com um olhar muito inquiridor. Tive a impressão de saber de tudo sobre o pecado confessado.

— *Gratie, padre.* Os meus filho limparro o porquinho e *voglio* dar de presente pro senhor.

Aceitei a oferta, pois havia uma segunda intenção. A chuva, então, dera uma trégua. O sol já se punha, mas o barro não daria folga pro meu Ford. Ao passar pela casa dos Garbozza deixei o leitão dizendo que era um presente meu. Voltei pra casa. Vi a morte e a fragilidade humana. Comentei ainda com Romilda sobre a conservação das estradas. Ela me perguntou, querendo saber do principal.

— E o velho confessou?

— Confessou, sim.

Continuou me fixando, querendo saber mais.

— Vou dormir que já tenho o suficiente.

Isso tudo me levou a crer que existem fatos que guardam o principal, entretanto não vemos, não queremos, não podemos ou não sabemos dizer. Assim sendo, passamos pela vida deixando de lado o melhor de nós mesmos e dos outros. *Ma* que tem Romilda de perguntar tanto? E a Pierina, *santo Dio!* As duas escondiam um mistério... por palavras, olhares e omissão.

É a morte, pensei por momentos. Ela trava sua luta para se mostrar de qualquer jeito e traz consigo uma atração. Lembrei de uma história, vinda do oriente, inscrita em *Mil e uma noites*: havia um espírito rebelde preso a um pequeno vaso de cobre, posto aí por desobedecer ao rei Salomão. O sinistro ser prometia mundos e fundos a quem o livrasse. Não o libertaram. Prometeu, por fim, a morte a quem o libertasse. Um pescador, depois de três tentativas frustradas, pescou um

recipiente de cobre, lacrado, onde estava o sinistro ser. Abriu-o e deu de frente com um enorme gênio. O pescador assustado diante do enorme espírito, ouviu sua história. Soube que morreria conforme a promessa do gênio. Invocou que não o fizesse. Conversa vai, conversa vem, o pescador tremia de medo pela morte prometida. Antes de morrer o pescador desafiou seu matador: duvido que consigas novamente entrar neste pequeno vaso de cobre. O gênio, desafiado, entrou. Sem delongas, o pescador prendeu-o novamente. O gênio instou a que o libertasse, prometendo não matá-lo. Por recompensa traria muitas riquezas. Por me achar de memória breve, não lembro o resto da história. Creio ter desprezado as riquezas do gênio, preferindo a vida de pescador. Só me resta avaliar de como a morte está presente até nas promessas de um gênio. E a morte de Berquó o que pode prometer? É morte de todos jeitos. Ou terá em tudo um aviso do quanto também me fragilizo.

Desdobramentos da confissão de Félix Berquó

Dia seguinte, fiz de conta de nada mais saber sobre a confissão; Romilda, porém, não quis saber de minha quietude.

— Como estava a estrada? Dona Pierina também me telefonou. Me disse de um porquinho, mas não vi nada na geladeira.

— A estrada estava horrível, estou velho, mas meus braços ainda têm rapidez.

— E o porquinho cadê?

— Deixei na casa da viúva Garbozza.

— Engraçado, padre Jobi. Só agora o senhor sabe disso... Escuta... tão batendo na porta.

Que barbaridade esta tal de morte. Não se esquece de ninguém, pior, a ela se juntam os colaboradores. Precisava aparecer desse jeito? Como guardar sozinho esse bruto segredo? Comecei a me invocar sobre as perguntas de Romilda. Não saberia ela sobre os segredos da tragédia? Vinha nesses pensamentos quando ela:

— Desculpe, tenho más notícias. O Felix Berquó morreu. O fabricante² Pelucelli pediu pra ver se o senhor pode celebrar missa de corpo presente antes da noite? O Félix sempre foi muito religioso. Cuidou durante quase vinte anos aquela Igrejinha e foi ele quem mais se esforçou pra erguer nossa igreja matriz.

— Está bem, diz pra ele que vou às cinco horas da tarde.

— Padre Jobi, posso ir junto com o senhor na missa da capela do Berquó, instou Romilda, enchendo minha paciência.

— Posso saber qual o interesse? Você sabe de minha relutância de andar com mulher no meu carro.

² Autoridade comunitária para assuntos das capelas do interior.

— O interesse é de poder consolar um pouco a Pierina. Quanto ao fato de ir junto porque sou mulher, o senhor sabe de meu voto de castidade, mesmo porque não causei atração nem a um solteirão, muito menos a um velho padre.

— Olha o respeito!

— Sei tudo do senhor por isso tem minha admiração. Se rejeitou uma gauchinha de primeira não vai querer carne de segunda.

— Pode ir e vê se não me chateia mais.

— Obrigada e desculpe a brincadeira. Tenho boca grande, mas não é por maldade.

Saí quieto me dirigindo para a Igreja. Quem precisava de oração era eu. E meditei sobre os caminhos a tomar. O que fazer com o xeque? Como organizar o apoio à família Garbozza sem despertar curiosidade, uma vez que o seu Berquó era cuidadoso de seu dinheiro? O que dizer no sermão da missa dele? Desgraçado, precisava despejar justo em mim? Não me saía da cabeça: *fui eu que matei o Adriano Garbozza!* Buenas, não sei se não faria isso. Se tivesse casado com Juliana e se um castrador desse em cima. O certo é: não tem jeito de afastar a morte nem os matadores. Ela é safada mesmo. Basta uma distração e pimba! Lá está ela devorando os vivos. Passei a lembrar uma vasta história de um imperador chinês, o construtor da grande muralha, cujo nome mal guardo: Che Chuang-ti. Alguns narradores da história entendem que a muralha foi construída não semente para proteger o reino. Construíra para segurar a morte pra fora do grande muro. Por certo não conseguiu. Outros entendem que construiu para que não morresse sua memória enquanto as pedras aí estivessem. Todos pronunciariam o nome: Che Chuang-ti. Num relance refleti haver algo dizendo respeito à Romilda por detrás da morte do seu Berquó. Conjeturas de meu delírio diante do acontecido. De fato a morte possui indecifráveis desdobramentos. Me pus a avaliar sobre a melhor forma de ajudar a viúva Garbozza. Como não dar na vista sobre o xeque? Romilda parecia estar ciscada o dia todo. Que coisas traz a morte? Ela reparava em cada vivente que via no caminho antes da missa. Não havia dúvida: a morte de Félix ocultava mais que o desaparecimento de um colono. E vinha a persistente ideia: Quem diria, seu Berquó, o quanto está rendendo esse teu presente final?

Um constrangido sermão

O silêncio do caminho foi fértil. De como poderia Félix manter-se quieto por dez anos com uma morte entalada na consciência? O que tinha o malandro do Garbozza de atração especial para tentar tanto as mulheres? E o que se oculta em Romilda em torno da morte feliciana? Chega a me tentar uma cosa nada ortodoxa em torno de Platão. Se em sua genialidade pensou sobre a ideia de o completo conhecimento estar oculto em nós, apenas tendo necessidade de recordar, não aconteceria o mesmo em relação às ideias do mal? Não estariam depositadas desde tempos infinitos as inclinações maléficas no espírito humano, bastando uma dialética de interações para se produzir sínteses pecaminosas cada vez mais perversas? Se o sábio grego pode intuir tamanha compreensão, não poderia eu pobre diabo ter semelhante inspiração para elucidar as asperezas da alma humana? Ou seria este pecado original mostrado pelos estudos bíblicos: ter uma semente maligna plantada desde o nascimento?

A ver pelos hebreus a maldade, além de inscrita, é facilitada por valentias divinas. Vou me dar ao luxo de investigar com isenção de ânimo o que se passa nos meandros de meus paroquianos. O diabo que se cuide! Faço parte de Cristo e da história da salvação. A morte seria uma das causas a mexer com os sentimentos mais profundos? Tendo-se ela, aí junto à porta, a se anunciar, não se revolvem antigas culpas? Ou acaso a morte traz provocações ardentes? Ao meio dos devaneios, encontrando-me nesta selva escura, eis que vejo a hora que de rezar pelo falecido.

— O que você acha de Berquó, dona Romilda!

Deu um pulo e tanto!

— Trouxe a amiga Adriana, que é para tudo ficar melhor. O povo assim não vai ter maus pensamentos de sua conduta, padre Jobi, desculpou-se.

— Tem certeza que com essa mulher não desconfiarão?

— Ela não tem nada de especial.

— Vamos que o tempo ruge!, falei austero.

Dei ainda carona para a viúva Garbozza que se dirigia para a igreja. O carro resfolegava com o peso das três. Havia segredos nos olhares que se moviam uma na direção da outra. Aí tem, pensei.

— Vamos rezar pela alma do falecido, encorajou-se a viúva.

— Sei lá se é preciso rezar por um homem tão sem pecado como o seu Berquó, provoquei.

Notei, em Romilda e em Adriana, uma reação denunciadora de algo a ser dito e refreado à muito custo.

— Pois é, com certeza Deus manda um bando de anjos levar quem é tão bom como ele, falou a viúva. Só sabia castrar, *o poverello*.

Percebi certa ironia, ou estaria eu distorcendo a realidade? Com mais cinco minutos de silêncio, chegamos até a igreja. O sino tocou fúnebre. Havia uma profundidade não percebida até então naquele sino.

Tive mais uma vez a sensação de os homens não entenderem o universo feminino. Essas mulheres percebem ou sabem o que nós homens não percebemos nem sabemos. Muito menos sabe um padre, pobre peregrino sempre vivendo no segundo andar.

Missa de corpo presente: chateação. Vejo a morte acabando com tudo. Os inimigos figadais se saúdam reverentes e os amantes fazem de conta que sexualidade não lhes diz respeito. Ficam com uma cara enfadada. Tenho certeza de haver certa piedade sobre a humanidade de todos. Pensei: vou ouvir confissões que a morte pode ser um benefício pelo arrependimento. Pierina veio contrita confessar-se, falou de uns míseros pecados com o fato de deixar o pão queimar de pura distração e dizer algumas palavras feias para os filhos.

— Nada mais senhora Pierina? Senti um silêncio sufocante.

— Nada mais a confessar, repeti?

Silêncio.

— Teus pecados estão perdoados.

Me calei de propósito antes de impor uma penitência.

— Não vai me dar uma penitência?

— Pra estes pecados não. Vai em paz, dona Pierina.

Fiquei espiando pela cortininha do confessionário o rumo de Pierina. Sentaram-se uma ao lado da outra Pierina e Romilda, cochichando preocupadas. Depois outros pecados sem importância, a não ser um de uma desconhecida. Também esta se mostrava reticente e assustada. Por fim me assoprou apenas: Pequei por omissão.

Por último a viúva. A confissão tomou um rumo pouco agradável, pois ela tremia, querendo desabafar algo que se entalava nela.

— Qual o pecado pra perdoar.

— Raiva, padre, muita raiva.

— Se a raiva é justa, não é pecado.

— Tenho raiva da Romilda e da Pierina e *quela* outra que veio zunto.

— Faz tempo?

— Muito.

— Por que?

Silêncio dolorido.

— Por nada.

— Ninguém tem raiva por nada e por muito tempo, senhora Garbozza.

— Acho que elas tentaro *mio marido e não pagaro!*

Saí do confessionário com a certeza de haver algum vínculo entres as três e mais a Adriana. Não havia dúvidas, nelas se ocultavam misérias. E me parecia haver diabos entre as mulheres. Desejei que se abatessem sobre elas as misérias de Jó.

Melhor é falar sobre a realidade movediça que cercam os falecidos. Lembrei de um colega, o padre Benedito, ao contar de um panegírico sobre um homem desconhecido. Dizia o reverendo: De última hora fui chamado. O que dizer? Vou dizer elogios. Se o morto tiver sido bom não serei criticado, se o homem fora de mau riscado, que se minimize a dor de quem estiver chorando. Terminado meu discurso elogioso, ouvi o nítido murmúrio de uma mulher posta a uma certa distância: filhos, olhem bem se o morto é mesmo o vosso pai!. Melhor é calar quando se ignora sobre o que dizer. Assim dizer o quê naquela hora de sol impuro?

Falei de uma brevidade incomum, referindo seu cuidado pela igreja. Minha vontade tornou-se apagada, minha fantasia, ao contrário esteve imensa. Pretendia um Sinai com ribombares assustadores a ver se pudesse melhorar a mim e àquela gente. Apenas pedi que cada colono tomasse para si, como Cristo, as lições da vida. Mais respeito já seria grande coisa. Pelo que via, a morte se mostrava ainda melhor por debaixo do silêncio e não seria mais um decálogo a resolver a miséria humana. Dei-me conta do morto, figura recorrente por aqueles dias. Falei: sustentou a dignidade de sua casa. Se alguma falha houve, me reporte ao fato de as pequenas falhas merecerem um pequeno perdão e as grandes falhas um grande perdão. Suportou seu sofrimento até onde um homem pode suportar. Amou tanto quanto podia. E no amor ninguém é perfeito. Depois me calei ao ver o choro convulsivo de Pierina e o difícil controle de Romilda. Abençoei seu corpo e depois que o levassem ao esquecimento. Chorei uma lágrima por ver minha paróquia tão pouco amável naquele momento.

Ponderações em torno de Berquó

Passados alguns dias da morte de Berquó, o melhor seria nem lembrar da inconstância dos fatos e da natureza humana. Assisti ao filme *Encontros e desencontros* de Sofia Capola. Mais uma vez me convenci serem as circunstâncias e a fragilidade determinantes de atrações insuspeitadas. O cotidiano modorrento pode não satisfazer o coração. Assim sendo, basta uma pequena faísca para incendiar o corpo e alma. Se não houver decisão de não cair em tentação, fica-se à mercê de apelos selvagens de tirar o sossego de qualquer vivente. Existe também a mania de a gente viver em estado onírico, olhando pássaros. Os santos que o digam. O principal sonhador foi Cristo, um ser humano inconformado com a vida de proibições dos seus conterrâneos. A sua vida dele era água viva, tanto que sonhou ser salvador. Seus discursos são operações mentais de luz oriental. Isto significa que romper com a tradição pode levar a um perigo imediato. O tal do sonho de ir além da repetição em torno das mesmas coisas leva a que sonhemos com o melhor a ponto de se fazer verdadeiras loucuras, semelhantes ao chinês que sonhara ser uma mariposa. Quando despertou não sabia se era um homem ou uma mariposa, tamanha a força dos seus sonhos. Pobre natureza tão cheia de ameaças. É isso mesmo, por vezes eu também, pobre mortal, me ponho a impor minha vontade sobre o espírito maligno que habita meus paroquianos. Me faço maior que o próprio Deus que convive, faz milhares de anos, com a espécie humana. Que se tenha notícia Ele, assim está escrito, só não suportou a miséria humana de Sodoma e Gomorra. Me parece, conforme diz Macedônio Fernandez: existem coisas cuja natureza é de índole onírica e a principal, em minha paroquiana opinião, é a coisa chamada ser humano e três são seus espaços preferidos: o céu, a terra e o inferno.

Quando a terra não produz bons efeitos tendem a saltar pra um dos outros dois. Apraz, por consequência, e se existe qualquer

lógica na reflexão, pensar que as diabólicas e as angelicais virtudes são espaços *muy* espessos e intensos, próprios de algumas pessoas que não se conformam em repetir as mesmas coisas, preferindo andar como sonhadores, em nosso caso, como sonhadoras apesar de cercadas de amarras sociais e religiosas. Por tudo isso, as mulheres em questão protegem algum sonho cheio de adrenalina. Por medo se fecham num círculo de proteção diante de qualquer revelação. Depois de um diabo penetrar no recinto de uma aventura proibida mais se acentua o fechamento circular. Mais ou menos como fazem os monges quando afastam qualquer comunhão que não seja a espiritual. Rompem com as perspectivas sociais, enlevando-se com meditações de planuras indescritíveis. As aventuras diabólicas, isto é, aquelas que envolvem interesses muito particulares costumam desenvolver fortes sentimentos nos aventureiros. Com essa tese ética, comecei a querer entender as mulheres agitadas depois da morte de Berquó. Tomo estas mulheres da hora como emblemáticas de todos os pecados.

Por mais que a minha convicção fosse plausível, contradizia a bondade de Pierina, a alegria de Romilda e da caroneira Adriana. Alguma coisa me dizia que a raiva da viúva Garbozza se vinculava ao círculo aventureiro. O ressentimento mostrado no confessionário me dava alguma pista, mas sem nenhuma conclusão. Comecei a me interrogar se não andaria laborando em pecado, querendo penetrar na vida íntima das pessoas. Já não me bastava a indignância humana na qual me envolvia todos os dias? Não tinha certeza se pretendia saber da verdade e da melhoria ética ou se a curiosidade me coçava a mente por apenas querer saber o fim dessa história... apenas um apreciador de histórias incomuns... um bisbilhoteiro.

Mais outras ideias povoavam minha mente. A história paroquial da morte de Félix me devolvia a preocupação com o tempo, uma vez que o óbito encerrava o expediente das três realidades temporais: o presente, o passado e o futuro. Uma espécie de sombra negra envolvia a vítima no transe final. Avaliava com Santo Agostinho o bendito tempo, uma espécie de prêmio concedido pela eternidade para compensar o cansaço divino do infinito. Ele fez o tempo para ter uma noção exata de si ao promover a criação e aí ter uma pequena referência da extensão da eternidade na qual já não se comprazia em estar. Traduzia pelo tempo o transcurso das coisas animadas e inanimadas. Brincadeira divertida e bem melhor que a silenciosa eternidade. Terrível, então, é retirar das pessoas a intensidade do momento, deixando-as na sombra, resultando

apenas uma memória passageira na lembrança dos outros, como as ondas provocadas por uma pedra jogada sobre um pequeno lago. Por entender a vida cotidiana das três mulheres é que mais me espicaçava a curiosidade em torno dos eventos interpostos no tempo das três.

Narrando tais conflitos da minha umbrosa comunidade, penso afastar a morte com seus passos decididos, contando não só a tragédia, mas também um resultado agradável, apesar de toda a morbidade das circunstâncias. Primeira tese: insatisfeitas pela vida sem graça resolveram acender suas vidas num fogo mais intenso que a pequena luz que as cercava. Inconformadas como Cristo, apenas mudando-se as direções, se botaram a fazer diabólicas, preferindo as chamas intensas do inferno às camadas inferiores do cotidiano.

De quantos pecados

Pois bem, me dedico a essas questões para dizer o quanto de esforços é necessário para tornar o ser humano um pouco melhor. Em situação de pobreza ainda mais se perpetuam as diabruras. Invoca-se Deus e todos os santos a ver se dá para aperfeiçoar a natureza. Ouvia os gritos dos pais para educar os filhos. Entre ternura e desgosto iam se quebrando pra fazer um cristão. E eu, no meio de estreitas fendas, dava tudo de mim para cultivar flores. Só de lembrar a realização de hospitais: quantas correrias entre autoridades e auxílios comunitários! E das escolas de ensino médio e fundamenta? Por vezes se pejava minha vontade com as canseiras de tanto pedir. Raivas impediam meu sono ao ver a má vontade pública em realizar autorizações. Vivo num Estado que pouco faz e não deixa fazer. A morosidade: a má vontade é de doer. Fazia mais de dez encontros para apurar finalmente a licença necessária, fosse qualquer iniciativa para o bem da comunidade. Por fim, vinha o prefeito para receber os elogios, trazendo uma catrefada de políticos pra receber homenagens. Não vou falar das tristezas sentidas por ver a pobreza se vendo louca diante das dificuldades da saúde, educação, transporte, roupas, calçados, trabalho, alimentação, colheitas, amor, restrições religiosas. O temor diante do Senhor mais que tudo me penalizava. Culpas e medos absurdos povoavam as casas dos pobres colonos. Para controle da natalidade então... Aí ia tentando desfazer uma cultura feita de ameaças. Quanta inveja no meio de tanta miséria. Inimizades gratuitas mal se desfaziam, outras se abatiam tornando infeliz a pobre gente. Por isso tomo por referência a história de Berquó. Perdoe Pierina por me confessar a frieza de Félix nos tratos afetivos. Uma sexualidade sem ternura, fazia-lhe muito mal. A segura de Romilda levava a que a tentação de sentir-se mulher fosse até uma cabana para sentir a natureza molhada. Adriana, então, um homem violento fazia-a sonhar em ternuras. A miséria cultural unia as mulheres a fazer o pior:

uma cumplicidade a compactuar com Tânia, a mulher de Garbozza. Todas as culpas eram minimizadas face à pobreza de uma mãe. A doída concordância na aventura perigosa.

A euforia dos dias diante da indiferença, da supressão afetiva, da pobreza e da violência! Vai dormir no meio de tanta frustração humana. Silencio para não mostrar toda a minoridade humana. Por outro lado confesso a grandeza, pois vi as comunidades em tempos difíceis, mostrando a face heróica de quem lutou invocando a Deus e conversando melhorias para as casas. Pecados havia, bem menores se bem olhado o constrangimento humano. Quando passo pelas comunidades, não poucas vezes chorei pelos pecados e as maiores virtudes. *Andiamo via...*

Eu investigador me confesso

Uma certeza eu tenho: as valentias, os crimes, os movimentos excêntricos, a defesa familiar, a amizade, as festas são um testemunho de nos habitar um desejo: fugir da morte, ou seja, do nada. Será que eu não faço o mesmo me embrenhando nesta selva escura do coração de quatro mulheres? Lembro, quando piá lá nas grotas de minha aldeia, de um músico exímio na arte de fazer roncar um acordeão e articular sons solenes e alegres. Pois é, mataram o baixinho. Um bandido retirou a vida do acordeonista simplesmente por não suportar sua miséria ao contraste vivo do tocador, atraindo sorrisos femininos. Eu mesmo desejei matar o criminoso pelo fato de não ouvir mais o Loebens esticar o fole entre risos de alegria. Este pensamento ainda não me é distante. Agora eu aí podendo me expor ao ridículo só por desvendar melhor o que cerca a morte de Berquó na investigação das mulheres. Se não chegar a lugar nenhum pensarei de mim: o Sherlock Holmes dos gringos. Para não manchar minha aventura terei o máximo de lisura e discrição. Não ofenderei ninguém ao desvendar a morte de Garbozza. Me animava o desvendar dos mistérios circulantes nas linhas e dos pecadores. Por demais me enchia de razões o pensamento de encarar a morte de frente na situação de investigador. Não encarei a morte de Loebens. Agora que me é dada a oportunidade de encará-la, não vou fugir da raia. Ora, ora, brincava com meu zíper, se não evito a danada, pelo menos vou vê-la de perto nos acontecimentos que envolveram o fim do castrador. Ria de satisfação por me achar num entretenimento ousado e corajoso. Já me cansavam as repetidas ações pastorais, teria uma distração ao desvendar pecados. Iria além das bocas caladas e do silenciado acontecimento. Por mais que me condenasse pela mórbida curiosidade, continuava.

Conversava comigo, tendo o segredo da confissão a me proibir diálogos com amigos. E abrir a boca para um gringo era o mesmo que dizer pra todo mundo. Acho difícil haver raça mais ligada em dividir

problemas. Não havendo teatro ou cinema faziam deles mesmos as tragédias para instigar a imaginação, indo além dos acontecimentos. Qualquer evento virava um mito. Apreciavam pequenos pecados, transformando-os em crimes. Ai de quem era a vítima. Desse jeito reverenciavam a morte inscrita nas conversações. Todavia, as lutas pela vida mostravam o quanto fugiam da morte.

Meus papos íntimos levavam a concluir serem tão grandes os segredos das mulheres de puro medo de serem execradas. Ocultavam até de Deus a ofensa concebida. Ia desse jeito em meus dias de tribulação. Portanto, não podia aceder com a morte inscrita nas circunstâncias. Urgia romper com a situação que se transformava pra mim em funda neurose. Carregava comigo meus acessos depressivos desde os dias da renúncia em desfavor de Juliana. Eu não suportaria agora, irresolutas, as tratativas solitárias a me devorar. Me decidi: mãos à obra. Lembrei do obelisco da praça São Pedro e do grande esforço em seu erguimento. Homens e cavalos levantavam com cordas o pesado obelisco. Em determinado instante as cordas se fragilizavam, mas estava proibido de se falar sob pena de morte. Nesse momento de aflição um dos assistentes, o Capitão Benedetto Bresca, desafiando a pena capital, se pôs a gritar com voz forte: “*Acqua a le funi!* - Água nas cordas!”. Sendo marinheiro, sabia que o cânhamo se enrijece e se contrai ao ser molhado, e esse era o único meio de impedir a queda da extensa pedra. Para alívio geral, o monolito se pôs de pé.

Urgia em mim romper com a situação que se transformava em funda neurose em tudo semelhante ao sofrimento dos romanos. Na praça do Vaticano as cordas deveriam se contrair, comigo a alma se distender. Bem que gostaria de ter um Benedetto Bresca para facilitar o meu lado. Já não dormia. Meus sonhos eram um pesadelo só. Na manhã em que vi Pierina chegar pedindo por Romilda, não vacilei: é hoje! Ela mal me cumprimentou à moda antiga: *SaludattoGesuCristo!* Nem ao menos ouviu a resposta. Fecharam a porta em múrmura confabulação, não deixando ouvir pela porta mais que sons de abelhas no enxame.

Deixei Pierina partir.

Ainda pela manhã me pus a refletir. Não podia ser imprudente diante das circunstâncias. Sabia sobre as datas: são feitas para o esquecimento, entretanto, chegava a hora para não esquecer. Rezei aos céus, a república das luzes e da esperança, para me iluminar de uma vez

por todas sabendo de minha responsabilidade em afastar o mal pairando sobre as mulheres. Queria decifrar o enigma que agora se impunha sobre um tempo para não ser esquecido. Temia não ser lesto o suficiente diante da empreitada que a sorte me reservava. Necessitamos uns dos outros para sermos nós mesmos, conversei comigo antes da janta. Qual o quê se não havia a quem recorrer. A solidão é um deserto quando necessitamos de alguém e com ninguém podendo contar. Estava um pateta. Por melhor que seja a ideia, sem um reconhecimento fica-se sem poder avaliar o caminho certo. E pra me judiar ainda mais, me veio à mente a bela Adriana. Quem era? Por certo, estaria também metida nesse estranhamento. E se fosse tudo maquinações indevidas de minha mente? Estou de mais de 40 anos de padre e não vi tudo. Mas também pra que me enfie no meio das almas tentando aliviar angústias de toda a sorte se mal contengo a minha. Melhor seria dar uma de São João da Cruz: ter nada para tudo ter. E me alerta ainda mais por pensar em considerar a alma de quatro mulheres, envoltas em mistérios, parecendo ainda pior: uma em poder da outra, cada qual se debatendo no mesmo mal. Desde a filosofia sabia que as almas carregam matizes desconcertantes e por mais que se tenham alegorias, hipérboles, fábulas, parábolas, paródias, a lógica e outras configurações de linguagem, jamais se explicará quais sejam as tramas que enfeitizam, muito menos as almas de mulheres. E eu me perguntado se meu pecado não seria maior que aquele a ser resolvido. Buscava desvelar um crime com respeito, ou não seria apenas um curioso com laivos de prazer na dor alheia.

Somente eu e Romilda em noite quieta. Esta é a hora própria para penetrar na solidão. Comecei brincando sobre a histórias de gringos jogando mora. Não acho graça nenhuma quando ficam tontos, berrando números em torno de uma mesa. Avaliei com ela o quanto rápido é o pensamento deles, mesmo bêbados conseguem raciocinar. Ela menos alegre de outras vezes, pintou-me algumas frases em torno da catequese:

— Hoje as crianças não amam Jesus como antes... Maria não causa mais a mesma impressão nelas. Também, com tantas imagens coloridas as ideias delas ficam fracas.

— E você se acha melhor que estas crianças?

Notei, então, uma perturbação. A conversa poderia traduzir um diálogo fortuito, mas sem maiores consequências. Nada mais de apenas

matar o tempo. E bem aí se revelou em seu rosto uma dor a ser traduzida por gemidos. Mostrei-me compreensivo e gentil. Estaria ferindo uma casca sob a qual se esconde uma terrível chaga?

— Não fique ansiosa, Romilda, falei por falar. Olha filha, se alguma coisa dói muito o melhor é dizer o tamanho da pedra que se carrega.

— Nada, Frei Jobi.

— Nada, não?

— Nada, já falei uma vez, acedeu em desespero.

— Não vou ser delicado, Romilda. Quem te fez mulher?

— Ninguém! Mas o diabo do Garbozza esteve perto! Foi ele que me desgraçou! Feia sei que sou. Se assim é, não nego. O que podia fazer se meu corpo pedia tanto pra ser possuído. Hoje se sossega de velho que ficou. Até dez anos atrás uma serpente maldosa insistia em morar no meu ventre. Acalmou-se, agora, sinto muita vergonha. Peço perdão por causa do maldito Garbozza. Também o Berquó me enche de culpa. Não tenho coragem de falar, apenas divido com Pierina, Adriana e a mulher do castrador.

— Mas por que a culpa pela morte de Berquó?

— Se ele matou Garbozza, a culpa também é minha! Tenho vontade de me matar pra esquecer. Como o senhor sempre diz: o diabo não vem sozinho. Veio uma multidão deles. Vou dizer tudo pra despejar o embrulho todo!

Ela passou a tremer. Mal os cotovelos seguravam seu corpo inclinado sobre a mesa. Pus a mão sobre seu ombro pra dizer que aceitava toda a desgraça aí depositada.

— Vamos, Romilda, despeja que não há mal sem reparo. Jesus até perdoou a traição de Pedro. Ou acaso foi você que deu o tiro no castrador.

— Não fui eu, mas quase. Deixei a dúvida sobre a relação entre a Pierina e o castrador, como o senhor diz.

— E ela tinha ou não alguma coisa com ele?

— Ela diz que não. Acho que deu a entender o interesse meu e da Adriana em saber se o Garbozza era tudo que falavam.

— E a Adriana?

— Também tem culpa!

Sei lá que espírito brincalhão pousou em mim. Comecei a rir sem tempero. Diacho, que tenho de rir na tragédia!

— O que tinha o seu Garbozza de tão especial?

— Fantasia nossa e nossa carência! Por sinal não era tão bem produzido, mas o que diziam dele era coisa de outro mundo!

— Mas de fato, como era o homem?

— Viu só, a curiosidade mata! Pra ver só, quem diria que do seu ofício bruto poderia sair um homem tão querido e forte das partes.

— Santo Deus! Vocês formaram uma aliança assinada pelo diabo.

— Pro senhor ver. O pecado era tamanho que jamais imaginaria que existisse.

— Se ele era tão excitante por que a Tânia no meio da história.

— Pensa uma vez... Mais uma vergonha... Falamos com ela pra ver se emprestaria o homem dela.

— Achou muito feio. Ia falar com o marido. Dissemos ainda de ajudar nas dificuldades. Não faltaria nem roupa nem comida pras crianças. Quase morremos de medo. E se todos soubessem?

— E daí?

— Dias depois aceitou... minhas crianças morrem de fome. O trabalho de meu marido dá pra quase nada. Ela se desculpou chorando. E agora Frei Joel?

— Ninguém há de saber, afiancei.

— Qual a penitência que teremos?

— Ajudar os meninos e as meninas do Garbozza!

— Mas são sete, padre Jobi! Pior de tudo, nem chegamos a experimentar o homem. Acho que Pierina abriu o bico.

— Pelo desastre, o esforço até que será pouco.

— Chame amanhã a Adriana.

— Tá bem, vou fazer.

— Que merda, brinquei, nem souberam das valentias do Garbozza. A tentação não se consumou... Não existe culpa. Boa noite!

— Boa noite, Frei Joel!, parecendo aliviada.

Que noite, rapazes

Algumas se sucedem sem promessa alguma, mas acabam por se constituir num convite ao elogio humano. Outras, sem promessa e sem reparação. A noite da confissão foi reparadora, apesar de tudo, com elogios ao ser humano. A adrenalina me saía pelos olhos. Tudo me chamava atenção. É assim mesmo, uma alma rebentada e um corpo estremecido fazem das tripas coração. Estava como o soldado de Martin Fierro: por ver um bando de pelados lutadores se bandeou pro lado deles, tornando-se um rebelado. Das virtudes humanas desgastadas na história de Romilda, me agradavam os pecados a ponto de me bandear pro lado frágil da natureza humana. Confesso: tinha emoção que a tempo não tinha. Me adverti sobre a minha conduta por admirar a coragem das três pecadoras, tentando satisfazer a fome da natureza. Sobre Pierina tinha minhas dúvidas. Me penalizei de Tânia e das crianças. Está ficando velho e malcriado no meio desta confusão, me avisei. É melhor calar e ter um pensamento reto que se precipitar nas imagens que se perfilam extraordinárias. A louca da casa, minha fantasia num corpo atizado, não respeita a sacralidade de minha vocação, nem ao menos a modéstia franciscana. Me revolvía na cama tentando achar melhor posição no corpo já que a alma: *más que loca!* Mais de uma vez já me arrependera por me haver precipitado. Agora a delicadeza do momento exigia frieza e inteligência jesuíticas. Um franciscano envelhecido e agitado por certo andava em iminente perigo. Assim avaliava quando sobre tais processos moderadores se impunham os apetites inferiores achando graça sobre os pecados paroquiais. Lá pelas tantas da madrugada comecei a brincar sobre os pecados e fui acalmando os meus míseros agitadores dizendo-lhes sobre o perdão, afinal tudo é graça. Acalmado o ânimo desertor do divino exército, quem diria que o sono me deixaria em paz? Sonhei: protagonista e espectador, eu era um caboclo qualquer em defesa de uma causa. Peleava adoidado matando os fortes e coloridos soldados

inimigos, assim mesmo, mateando. Eles vertiam sangue. Jovens muito jovens eram meus inimigos. Um que fraquejava, entre a vida e a morte, murmurou: o pobre homem é um grande peleador. Cresciam as dores. Procurei me livrar do infortúnio avassalador. De repente, como se fosse um homem merecedor de liberdade, me vi passeando no campo. Uma doçura de imagens na frente e dentro a pura paz. Me joguei numa grande lagoa e ao sair dela vejo uma Nossa Senhora. Ao me lançar a seus pés de uma maneira desacostumada pra agradecer o momento, ergo a cabeça e seios lindos e um rosto sereno: é Juliana. Acordo assustado e banhado em suor. Tomo um banho. Ainda madrugada, adormeço de um sono sem sonhos.

Acordo e reflito sobre o exército morto. Sou eu o exército posto nas refregas havidas em meus desejos. Venci, mas nem tanto. Agora quem morria era eu. Uma saudade louca de Juliana.

Tentei mover meu corpo. Um abatimento completo me consumia. Pedi pra Romilda chamar meu psiquiatra. Ela falou que psiquiatra é pra louco. Sei, respondi, e é por isso mesmo que o chamava. Minha neurose histérica, já histórica, merecia um chega pra lá. Assim que ele chegou, dei meu diagnóstico obtido em outra época. Receitou, orientando a que fosse me casar. Brinquei por tudo que me acontecia: acho que seria pior. Você não tem muita moral, doutor. Pelo que sei está com a terceira. Solicitei, depois das despedidas, para Romilda buscar o medicamento. Logo chegou com os comprimidos, alertando: o farmacêutico falou que esse medicamento é pra gente muito triste. Respondi: e o que você acha?

A conversa com Adriana

Esse tempo em que vivo poderia ser definido assim: entre os males e a morte. Devo, portanto, ser mais enfático em meus sermões, pequena ilusão libertadora, uma vez que os acontecimentos se parecem a uma alegoria em torno das desgraças. Devo me alertar para aspereza que se esconde. Quem me conhece é capaz de dizer: Jobi fala desse jeito agora por que está ficando velho e rabugento. Em outros tempos as palavras se faziam de mais alegria. Está com medo nem sabe do que.

Isso não é verdade. Sei bem do que estou falando, afinal só eu sei de tudo que se passa nessas mulheres e, se elas, mulheres escolhidas por Deus pra cuidar da vida andam assim, o que sobra pro resto da população?

No último sermão falei grosso: olhem bem para vossas almas e confessem os pecados. Peçam perdão para não transformar vossas vidas e a vida dos outros num inferno. Conversem sobre os males que vos afligem e não vivam falando mal da vida alheia o que é muito feio. Isso leva muita gente para o inferno. Um senhor de fina estirpe veio me perguntar depois: O senhor acredita nele? Respondi: pelo jeito que tudo anda por aqui, é preciso acreditar para ele existir? Só quem me ler sobre a precipitação destes azares vai dar razão.

Comecei a falar mais alto, mostrando meu agrado de viver, para que cada um tenha um pequeno espaço e não tenha a sensação de não pertencer a lugar algum. Andava assustado, querendo me convencer que a vida é boa. Falo essas coisas pra introduzir minha conversa com a Adriana. Lembram aquela que foi junto à missa de corpo presente do Berquó? Romilda falou de meu interesse em falar com ela. Veio. Era a que mais devia na morte de Garbozza. Era uma mulher linda e perspicaz. Se tivesse uma oportunidade poderia ter construído uma brilhante carreira. Não conhecia a suave senhora. Uma simpatia

comovente. Quase sempre é assim com pessoas sinceras e agradáveis. A estas alturas do meu campeonato já não sei se não fariam mal os muitos estudos. Conheço tantas pessoas ilustradas que se encimam sobre tudo, falando como se os outros fossem pequenos seres quase invisíveis.

Pediu licença e, ao sentar, foi murmurando com docilidade:

— O senhor me chamou?

— Por certo, a senhora já sabe de minha vontade de falar.

— Acho que sim, padre.

Mais linda que ela, só a Juliana, pensei distraído. De cara, aceitaria seus pecados. E quem era eu para não aceitar? Bem que merecia este momento amável no meio de males e da morte do castrador. Que é isso, um homem rude capaz de atrair uma mulher tão distinta?

— Me diga tudo, como é o nome mesmo?

— Adriana, Adriana Dolores Sullinski.

— Pode falar, Adriana.

— Então, padre, até posso falar pelas outras três. Acho que o que fizemos foi pecado, mas até o roubo de um pão pode ser perdoado quando se está com fome. Assim foi. Eu não tenho voto de castidade, padre, nem devia amor ao meu marido. Era apenas um homem bruto. O senhor sabe do que estou falando. Numa das festas caipiras que o pessoal da terceira idade fez no interior, me encantei por Garbozza.

— Sabia que ele era casado?

— Sabia, mas minha pobreza de mulher era tanta. Não faria mal que a mulher dele dividisse o homem um pouco comigo.

— Que eu saiba não era dividir um pouco.

— Pra quem tinha tanto parecia uns trocos.

— Como se deu essa aliança?

— Três carentonas! Pela amizade antiga com Romilda, sabia dos desejos dela. As duas envoltas na mesma tentação. O Berquó já não dava mais no couro, e a Pierina com fome, a Romilda com a virgindade inútil e eu com um homem tosco, o que se podia esperar? Falamos juntas para a Pierina. Acho que ela comentou sobre as tentações com o Garbozza. Ninguém atinava na violência do Berquó. Sou de pouco estudo. Gosto de ler e ouvir muito as pessoas como o senhor. O Garbozza era de uma delicadeza que me fazia bem.

— Por quanto tempo durou esse trânsito das três?

— Não sabia que se chamava de trânsito também.

— Falo dessa correria de ir atrás do Garbozza.

— Fomos até à casa dele e fizemos uma proposta pra ajudar na casa. Pelo que eu saiba ela aceitou. Cada vez que a gente iria com ele, ela cobraria um salário.

— E foram?

— Não. O Berquó poupou nosso dinheiro.

— E a Tânia. Tá braba até hoje, esperando nosso dinheiro.

— Você pode falar tudo pra haver um perdão completo.

— É aí que precisamos do maior perdão, padre Jobi. Começamos a nos desentender sobre qual de nós seria a mais desejada. Culpamos a Pierina pela boca grande. A gente sabia do homem grosso do Berquó. Sabia que ele usava um pau do lado da cama quando ela não quisesse dar? Só pra ver. O resto o senhor sabe.

— Bem feito pra vocês.

— Pior de tudo. Faz dez anos que não sabemos o que fazer com nossa culpa.

— Não é possível!

— Forçar um homem a matar o outro é muita safadeza. O vigário anterior não se dava por conta de nada. Naqueles dias de nosso desespero, a gente andava como as formigas de setembro quando as rainhas vão embora pra fazer outros ninhos. Para os outros eu era apenas uma mulher nervosa. O padre apenas um dia disse pra Romilda que fosse rezar para a Virgem do Caravaggio. Ela acalma o coração de qualquer gringa, ele falou.

— Há dez anos o pessoal se confessava e vocês três, se confessavam?

— Sim, a Romilda disse que esse era um pecado escondido. Que era só pra bispo perdoar. A gente confessava outros, os pequenos.

— Escuta o sentimento do mal que carregam é por causa da culpa ou é por que não foram ao final da tentação?

— Acho que as duas coisas.

— Vou perdoar em nome de Deus que até perdoou Davi no pecado contra Urias. A penitência eu vou dar para as três.

— Vou fazer o que o senhor mandar, mas o que Davi fez pro Urias?

— Provocou a morte dele só pra ficar com a mulher dele. Quase o mesmo do pecado de vocês: pela paixão da carne, pelo ciúme, pela covardia de se aproveitar da pobreza e pelo ódio que ainda tem da Pierina.

— A gente não quer perder a amizade, já que perdemos a vergonha.

— De fato, não adianta explicar, o diabo não costume vir sozinho. Não vou estragar a amizade. Vão juntas fazer o bem.

— Agora estou em paz.

— Pode ficar com a paz, mas ela não vai continuar sem uma dura penitência.

— Posso saber a penitência de Davi?

— Deus fez morrer o filho que teve com a mulher de Urias.

— Não padre, chega de morte!

— Pelo contrário a penitência de vocês vai ser cuidar a casa do Garbozza, ajudando a cuidar daquela casa.

— Dos filhos e da mulher?

— Sem tirar nem pôr!

— Vai agora, antes que a penitência seja ainda maior.

Colloqui con Pierina

Queria tanto que o momento fosse como nas nuvens onde se desenham leões e outras feras pra logo a seguir se desmancharem no ar. Nada disso, a realidade era devastadora demais. Digo como Sarmiento preocupado com a América: *Em minha vida tão despojada, tão contrariada e, todavia, tão perseverante na aspiração de uma vida elevada e nobre, me parece que todos se agitam num vazio, ferindo-se em cada tentativa contra as barras de uma jaula.* Se não fosse minha maior fortaleza posta em Cristo, esperança de ser bem maior que a de Sarmiento, poderia confessar minha angústia diante do que via naquelas mulheres. Me sentia por vezes querer costurar uma veste linda com um tecido de péssima qualidade. *Andiamo via*, me consolava, empurrando, por minha vontade, a hostilidade do momento.

Como Deus habita o coração humano em todos que não se desiludem com grandes perdas, tomei por decisão pegar o diabo pelos chifres. Enfrentar a senhora Pierina era uma tarefa constrangedora. Fui, entre solavancos, que as estradas andam como a minha vida, entre pulos. Cheguei. Um cusco azedo estranhou minha presença. Na morte do Berquó um porco e agora um cusco solto e louco pra morder meu garrão. Pode entrar padre, *Il cane* que ladra não morde, se expressou. E ele sabe o ditado?, perguntei, enquanto espiava, cuidadoso, as direções do animal. Pelo bem, pelo mal, chamei-o entre medo e alegria. Se dobrou à minha coragem.

— *Tuto bene*, Pierina?

— *Tuto, come la voglia di Dio!*

— *Cosi sia!* Que assim seja. Que assim seja!

Das minhas conversas poucas foram tão longas e nenhuma tão inquisidora. Havia algo a me dizer ser ela a menos cúmplice. Falou à exaustão provando sua quase inocência.

Pois bem, assim foi: confessou a amizade com as duas cúmplices.

— Dio Santo, se exclamava: o *poverelo* só pensava na capelinha que a zente tava fazendo.

— Então você não chegou a se entregar.

— *No padre! Ma le due femine ga piu coraggio!*

— As duas não acreditaram que você era inocente?

— É vero, respondeu. *Sono inocente, come se dice.*

Confirmou, dizendo não ter nada a ver com a morte dele. Perguntei se acaso *su marito* não desconfiava nada dela, por causa das provocações das duas. Desatou então a dizer:

— *Mia vita* ficou *molto male*, por causa das desconfiança. As duas *parlavam* pra que eu ficasse quieta.

— E o Berquó era amável com a senhora?

— *Molto brusco.*

— Tinha desejo de conhecer o Garbozza?

— *No é vero!*

Se pôs a chorar.

Ela confirmou também que o clima ficou pesado e até perigoso, mais para as duas que estas, sim, *passionatas per quello sporcatchon!* Finalizou nervosa que tudo só terminou quando o Garbozza foi morto *bel que un chopin negro con la schoppa.*³ Falou antes ao *marito* o que se passava em torno do Garbozza. *Cosi Felice e estato com la faccia bruta.* Percebi ter ficado arrependida das últimas palavras. Para finalizar minha curiosidade, perguntei se acaso ela não tinha nenhuma ideia de quem matara o Garbozza do jeito que se mata um Chopin negro.

— *No lo sé! E lora basta, padre!*

Respeitei o desejo dela, mas pela ênfase dada à negação me sugeria que ela tinha certeza que *su marito* não caçara apenas algumas inocentes pombas do mato. Não menos incisiva foi sua vontade de ajudar a viúva Garbozza. Terminou que *su poverelo Félice* ficaria *molto Felice.* E eu com meus botões: Depois da morte até os brutos ficam santos.

³ espingarda

Entre o mal e a solidariedade

O silêncio impera na morte. Poucos se aproximam dela com naturalidade. Acho até que sejam os coveiros e os padres os que menos temem a finitude, entre estes, estou eu. Somente psicólogos e padres buscam ir além do silêncio, salvo melhor opinião. É o caso exemplar do qual me aproprio pra defender esta ideia. Sem grande convicção comecei a atirar no verde pra colher o maduro a um grupo importante das linhas próximas da família Berquó e Garbozza. Por isso preferiam o silêncio sombreador. Também o tempo é uma sepultura de misérias. Ainda bem que seja assim: silenciemos os mortos de nossas casas. Choramos não mais que um ano e muito menos os distantes de nossa intimidade. De um tudo: sobrevoamos nossas dores e as verdades cruas para não nos ferir demais. Canso de ver e ouvir alegrias depois de um enterro. Onde tem baile hoje à noite? Beijos fogosos eu vi junto a cemitérios. Conversas de apetites, roupas, enfim a vida em exuberância. Como o lagarto: corre depois de bater o rabo na lichiguana. O bicho tem medo de se ferrar. Por outro lado, pomos sombras e escuridão para ver apenas a superfície das coisas menos agradáveis. Esclareço ainda mais. Pouco tempo antes de partir para a nossa casa de recolhimento franciscano, denominada jocosamente de solução final, muitos anos depois do acontecido de cujos fatos me recordo, tanto Pierina, a Romilda e a minha admirável Adriana, negavam os fatos acontecidos. Vou falar das três mulheres e sobre a solidariedade a qual, por penitência, foram levadas a praticar. É das lembranças dessa bondade obrigatória que vou me ocupar.

Se da morte pode-se dizer tantas tristezas, da morte de Garbozza resultaram benefícios. O mesmo digo da morte de Cristo da qual resultou minha entrega íntima para que se pusesse mais vida por onde andei. O testemunho das obras beneficentes das três mulheres também mostra a complexidade do pecado. É isso que santo Agostinho afirma: feliz a culpa original que nos deu tão grande Salvador. Me arrisco a

dizer que o medo e a tristeza podem se constituir também em virtude. Se não fosse o medo nossas estradas seriam um cemitério. Se não fosse a tristeza ficaríamos na mesmice. Deixemos Santo Agostinho ao ver em que resultou o pecado das três mulheres. Pra se ter uma ideia da extensão positiva do pecado, pode-se resumir num diálogo breve que tive coma viúva Garbozza ao visitá-la pra ver como tudo andava.

— Passei aí na estrada e vim ver como estão, dona Maria.

— Ma, só pra ver! Acho que melhor de quando vivia *mio marito*.

— Como assim?

— Que zente merveiosa, umas mulheres, *quellas de ochi grande*, que me azudam a cuidar de meus figliolos! Primero no quizeram me ajudá ma allora... que cosa merveiosa!

— É só pra ver como a vida cristã faz bem.

Tomei um chimarrão e reparei que havia uma casa muito bem cuidada. Os filhos de Maria todos estudando. Dois deles fazendo o ensino médio na cidade. Dois já trabalhando.

Durante esse transe paroquial extraordinário, consegui manter sigilo sobre tudo. As três envolvidas na morte mantiveram discrição, conseguindo criar um uma ação solidária maior. Se dos pecados tudo florescesse assim, até Deus abençoaria o mal.

Por mais dois anos permaneci nesta paróquia, sucedendo-se alguns fatos dignos de nota: Buenas, acontecimentos curiosos se sucederam em torno de algumas mortes. Nenhuma delas, porém, tão policialesca quanto a do Garbozza. Antes delas devo dizer que os filhos de Tânia cresciam em idade, sabedoria e condições econômicas para o futuro. O que não faz um pecado guardado a sete chaves?, sorria. Acho que, em vez de mandar tanta gente pra cadeia, melhor seria reverter as ofensas em serviços de importância. O mesmo poderiam fazer os vigários, mantendo a discrição necessária em torno dos pecados paroquiais. Vamos ao que falei:

Duas mortes me chamaram atenção: a do mal humorado Tenebro foi uma delas, bem que o nome o traduzia. Vivia tão mal, parecendo que o esfolavam todos os dias. E mesmo com todo o amargor tornou-se meu amigo. Levei por surpresa, ao me chamarem às pressas que o velho se ia. Chegado em sua casa, vi que se alegrava todo. Julguei a euforia em razão do cérebro se derreter.

— Pelo jeito não está tão mal!, saudei.

— Pior que imagina, seu Joel! Ele me preferia assim, a me chamar de padre.

— E vai se embora sem minha licença?

— Iria, mas lhe chamaram. Agora que está aqui, não vou ser indelicado.

— Mas essa alegria toda?

— É que me vou, se aqui Deus me teve amargo, talvez me faça melhor em outro lugar.

— De todo o jeito, perdôo tua amargura.

— Não me perdoe! Não levo culpa, que minha natureza nasceu torta. E não fui eu quem criou o homem. Ria-se de um riso irônico.

Na medida de sua despedida, mostrando-se cada vez mais débil, ouvi dele o que parecia não ser daqui e, justo, daquele homem rude:

*Se não tive o peito amável,
De palavras duras teria a boca cheia,
Tenho agora uma luz suave
Tirando toda coisa feia.*

Passei o óleo em sua fronte quente, que se morria todo o meu amargo amigo. Ri da extrema condição humana e das contradições. Por Deus, *les* digo, senti um aroma como se aí se despedia um santo.

Outra morte foi de uma santa mulher de dez filhos. Na hora que partia, reunidos os filhos, conversava compulsivamente. Uma filha pediu que rezasse também, que a hora não estava para conversas fiadas. Voltou-se agitada:

Se não conversar agora, vou conversar quando?

Como dizia, também findou meu tempo nesta paróquia. Outra paróquia me esperava. Antes de assumi-la recebi uma visita inesperada: Juliana. Incrível esse tal de tempo que a tudo devora: templos, estátuas e exércitos. Só a eternidade para segurar-se. Por que devorar o amor passageiro de um homem e de uma mulher? Recebi sem ternura,

parecendo que a chama antiga havia sumido. Ledo engano. Durante o sonho me senti o próprio imperador Marco Antônio domador de uma serpente. Ri ao despertar, sabendo ser o tal imperador aquele que se deixou morrer por uma serpente com Cleópatra. Os símbolos do inconsciente são malandros *y muy vivos*. Ao comentar com o provincial sobre meu sonho bizarro, ele afirmou serem os sonhos sem propósito. Duvidei, por saber um pouco de psicanálise e pelo abatimento profundo do outro dia. Solicitou que melhor me pusesse em contemplação franciscana, que Deus se encanta até na sombra de um galho ou na insignificante arruda. Fiz o solicitado e a graça, não tenho dúvida, habita nas gramas como nas catedrais. Enchi meu espírito do vento divino. Juliana mostrava-se encantadora, feliz por me ver realizado. Eu feliz com o serviço divino e ela com seus decantados filhos... calando sobre monstros e conchas no fundo de nosso mar. Eu, sobretudo, calava, me vendo em parábola sobre a história das quatro mulheres: acaso não tive a mesma ideia sobre o homem de Juliana. Não seria um Berquó se me instigassem mais que meus devaneios? Sentia cada dia mais: minha alma não sossega enquanto não tiver comigo a intimidade dela. Queria uma casa, Por dias sonhava em ser uma raposa em sua toca, um pássaro em seu ninho, um caracol na casinha. Em vez de sofrer como o judeu errante preferia o berço de uma casa. E na casa uma cama pra me acordar com Juliana. *Ma far que?* Um dia eu chego lá.

Ainda de meu povo

Está chegando o tempo de não saber mais o que dizer. Para dar início ao fim de meus melhores dias lembro a querida Violeta Parra:

Ao assistir a fita chilena *Violeta Parra foi para o céu*, me dei conta da complexidade humana. Ao final é revelada a luta mortal entre um gavião e uma galinha, simbolizando a peleia desesperada da cantora por não mais ver sentido na vida, acabada em suicídio. Por ironia cantava: *Gracias a la vida que me ha dado tanto, me ha dado la risa y me ha dado el llanto.*

É isto que me espantou numa das paróquias: o rápido viver. É verdade, a poucos a morte se revela tanto quanto a um vigário e a menos gente se dá a conhecer a brevidade da vida como a um pastor. Em meio a tudo e em tal tumulto concluo sobre a vida de padre: todos me procuram em último caso quando estão como Violeta, debaixo de mau tempo. Ainda assim me divirto com as sombras dos galhos e com o canto dos galos bem mais interessantes do que nos molhos das panelas. E, curiosamente, me entrego aos devaneios do morrer, labirinto cheio de interjeições. Não sou Minotauro querendo matar este monstro insaciável, o matador criativo. Em cada um se mostra até de maneira engraçada como aquele a quem se dizia: coragem! e este respondia: coragem tenho, o que me falta é ar. Aprecio o morrer das pessoas, não que me agrade o fim nem os esgares, tampouco a beatitude final. Me agradam as mãos que querem encontrar outras mãos. Se viver conta pouco sem o reconhecimento, menos ainda faz bem partir sem o acolhimento. Me tornei um despedidor sereno. Quando partilho o morrer com um vivente, sinto que a serenidade estoíca faz muito bem. Afasto todos os diabos com a facilidade da presença. Se no viver é costume fingir, no morrer não tem jeito: em tudo se põe em quem morre. Ninguém consegue manifestar falsidade. É bem por isso que aí estou

com minha minguada presença, que é pra que não se assustem, sabendo que a felicidade pertence também aos que partem.

Por essas razões me atrai refletir sobre algumas das mortes de homens e de mulheres de uma cidade na qual o morrer era sereno. Alguns morriam muito felizes. Observava esse grupo privilegiado: todos podiam se abrigar na sombra da serenidade. Perscrutei de suas histórias: não havia palavras proibidas. Falavam com facilidade. Conseguiam dizer coisas austeras com doçura. Como é possível pessoas tão ternas em ambientes tão brutos. Haveria alguma mutação genética? Em tudo se parecendo ao povo do porqueiro de Odisseu: uma ilha chamada Síria, onde os habitantes não conheciam doença nenhuma. Os nascidos daí, todos envelheciam. Flechadas suaves levavam os velhos a uma morte serena. O lugar conhecido por mim possuía algo semelhante. Depois de algum tempo descobri terem tido um vigário de exímia habilidade em revelar Deus na alma. Aquilo sim é que era um bom vigário, falavam, me julgando um simples operário da Igreja, o vigário tinha poder e eu apenas esperança. Eles tinham razão, não passava de um pastor esforçado em lembrar sempre da caridade. Eles eram melhores do que eu, *ma far que?, questo sono io*, me defendia, quando solicitavam a que praticasse alguns belos exercícios espirituais, sem um milagre. Não sei nem dos simples nem dos mais belos, brincava. Aí eles se postavam dizendo orações de tanta fé, fazendo-me parecer um descrente. Levei os santos óleos a dois destes crentes, uma senhora e outro, *uno bruto bestia* de dois metros. Por mais que fossem agitados e verborreicos, quando sentiram a morte chegar não se afligiram nenhum pouco. Se calavam humildes e místicos. Aí percebia o que pode fazer um verdadeiro pároco. Vou falar dos dois que em tudo se assemelhavam.

Do segundo, o Hermínio, posso dizer com Whitman:

Ó Capitão! meu Capitão! Finda é a temível jornada,
Vencida cada tormenta, a busca foi laureada.

Carregava sacos de milho nos ombros todos os dias para alimentar seus animais. Músculos fortes e pernas velozes foram propriedades importantes desse Menegutti, implacável nas tarefas. Na igreja sua voz se erguia sobre as outras. Conectava-se com Deus como conecto meu computador à energia. Os músculos fortes e as pernas, falou no último encontro: Deus me deu Deus me tirou. Olhei-o do jeito que olharia Jó, cheio de tormentos. Qual o quê, aquele sujeito de dois metros morreu

como um passarinho. A mulher entre orações cerrou os olhos dele com naturalidade, parecendo cobrir a cama com lençóis. Sinceramente quisera ter por espiritual aquele pároco que o deixou desse jeito. Aprendi desse colono uma forma de rezar, quando, ao passar o óleo em sua testa, olhou para o teto dizendo: *varda, frei, la mia vita, que bela la vita de Dio*. Assim morreu Hermínio. *Ave, Deus, muriturus te saluta!* Rezei em meu mísero latim.

Não menos extraordinário foi o fim de Marta.

Ao entrar na casa dela, não havia uma múrmura voz sequer. Professora sempre disponível para serviços de igreja e da comunidade. Conversar com ela servia de um aprendizado, diferente daqueles, cheios de saber. Aqueles mostravam juízos inquestionáveis; sempre pontificam, avaliando o pensar dos outros como desconsideráveis ou reparáveis. Ela sentia o prazer de ouvir. Nela eu me via melhor. Com duas ou três palavras esclarecia minhas dúvidas. São essas pessoas que compõem o livro da dignidade. Apreciava largamente a mesma coisa, uma árvore, um vaga-lume, ou uma pedrinha, semelhante a um astrônomo ao descobrir uma estrela distante. As letras para ela definiam as palavras, conforme me dizia: Deus fez 24 delas para que a gente pudesse pronunciar tudo e, as coisas, submissas em nossas cabeças. Um dia, por amar tanto a vida, falou: a morte deveria ser composta de palavras desconexas: *schwrtzetodtmitscheize*, assim mais ou menos a morte deveria ser pronunciada, e não simples como se diz: morte apenas. Pois agora vinha eu com óleos, querendo dizer que se cobrisse de um produto de guerreiros: que os inimigos não te apanhem. Que se defendesse com naturalidade, uma vez que desse não havia jeito de escapar. Que morresse de cabeça erguida pronunciando o nome de Jesus. Que morresse sem precisar dizer: *pai, por que me abandonaste?* Aproximei-me dela com demonstração de serenidade, quase alegria, querendo dizer que tudo estava bem, mas uma lágrima desgraçada rolou, enquanto me desculpava: a gripe me pegou nesse inverno. Ela se riu: *te falei que ela é feia!* Nem tanto, Josilda! Estendi minha mão e mostrei-lhe imagens lindas de Quixote sobre seu matungo rocinante. Contei-lhe histórias, também, de quando Sancho era Governador. E do rouxinol de Keats ainda declamei um verso:

*Não posso ver as flores a meus pés se abrindo,
Nem o suave aroma que desce das ramagens,
Mas no escuro umbroso eu sinto defluindo
O incenso que emana das árvores selvagens...*

Nem ao menos havia chegado à ave da ode, um esgar mostrou a face pronta de quem a levaria. E levou. Passei em sua frente ainda quente o óleo final, enquanto orava ao Espírito de luz se é que carecesse de tal intercessão. Declaro então, caríssimos fiéis, a minha amiga Josilda como santa, com quem privei de momentos espirituais. Vi diversas vezes essa mulher subindo aos céus sem retirar seu corpo de uma cadeira. Ninguém pode ser melhor que ela. Muito diferente do que dizia Mark Twain: *eu não pergunto de que raça é um homem; basta que seja um ser humano; ninguém pode ser nada pior*. É por isso que falo a toda hora: as profundezas do mar são diferentes umas das outras, assim como entre os humanos ou entre esses e Deus. Apenas sentia como um mal o seu marido, um vagabundo imprestável.

Me rio até por lembrar de meu amigo Oríbio, irmão de Josilda, ao dizer: se eu fosse o Criador e não uma débil criatura faria coisa melhor do que a espécie humana. Aliviava um pouco a sorte do marido num diálogo.

— Irá pros quintos dos infernos, endurecia ele.

— Não perca as esperanças! Deus pode perdoar, minimizava eu.

— Acho difícil!

— Escuta se os sábios podem rever suas posições, por que Deus não pode voltar a rever seus conceitos?

— Deus lhe ouça, Frei Joel!

Dizia pra ele parar de blasfemar contra o Senhor. Outro dia encontrei o homem. Mostrei pra ele o tamanho da falecida irmã. Ele brincou falando:

— Vou tomar por modelo a Josilda para quando tiver a chance de ser um criador.

— Deus em sua infinitude perdoará quem gosta de brincar com os limites das leis.

E para não deixar para ele as últimas palavras, concluí:

— Tem mais pro teu governo: e se a alma é uma realidade a ser aperfeiçoada, quem sabe seja preciso sair fora desta vida para encontrar a melhor solução. Por isso é preciso morrer para o que existe, podendo-se encontrar uma saída melhor. Assim foi e é com as maiores descobertas: é encontrar o que ainda não existe.

Foi por esses dias de oribiana reflexão que pela primeira vez perdi, por momentos, minha memória. O final dos maus setenta pareciam não dar mais conta do homem pelo qual me conhecia. Foi então que ainda mais me aproximei de quem, pelo jeito, estava procurando me achar. Se minha cabeça começava a me deixar, não perderia o resto também? Curiosamente sonhei que brincava de me esconder com meus primos lá na campanha. Sistemáticamente o primo Laurindo contava rapidamente e não passava dos oitenta e imediatamente gritava: Pronto?!. Eu era único a gritar: ainda não!, tudo semelhante ao filme *Madadaio* de Akira Kurosawa. Seria eu o velho confessor começando a morrer?

Outro dia, por mera curiosidade de ver a morte mais de perto, entrei no Google e encontrei a seguinte história, cujo site não lembro mais:

O texto dizia de três irmãos bruxos, que tentaram enganar a Morte. O primeiro irmão pediu a varinha mais poderosa do mundo, que pudesse realizar qualquer feitiço. A Morte aceitou o pedido e fabricou a poderosa varinha, dando-a ao primeiro irmão. O segundo irmão, querendo zombar da Morte, pediu o poder de trazer os mortos de volta à vida. Do primeiro roubaram a pedra poderosa, ao ressuscitador sobrou a decepção, pois não se recupera do mesmo jeito quem se foi. O terceiro irmão, mais humilde, pediu um manto que o tornava invisível. Por mais que a Morte o procurasse, não o encontrava, pois ele estava protegido sob a invisibilidade. Assim viveu uma vida longa e feliz e só quando chegou a uma idade avançada, ele retirou a capa, entregando-a a seu filho mais velho. Assim, aceitou a Morte de bom grado, como uma velha amiga que veio fazer uma última visita.

Por não possuir os poderes dos bruxos, comecei a me consolar com a virtude da solidariedade. Todos fecharão os olhos e com dentes de fora, se não for banguela. Isso faz parte da democracia final. Por solidariedade vou deixar essa preciosidade de vida para os outros também. Fui fortemente afetado pelo consolo que se repetia em mim: o

que ainda tenho de vida me basta para ser um homem. Não há por que criticar a Deus pela morte nem tampouco à natureza humana.

Doutra vez encontrei novamente Oríbio e tasquei minha fala:

— Ô cara, você tem cinco filhos e pode imprimir neles a bondade que julga carente nos outros. Tá certo em parte, seu Oríbio, se fosse Criador seria excelente encontrar um meio pra facilitar um pouco mais a tal de educação. Tá certo, que troço complicado isso de deixar um ser humano razoável.

Para mostrar o quanto andava preocupado, voltei a falar as mesmas coisas para Oríbio. Ele me alertou por me ouvir por duas vezes a mesma história. Brincou, rememorando a história da Morte: se ela me desse um poder, pediria que te devolvesse a memória. Riu-se o desgraçado.

Por me ver pior, dei para me alertar. Jamais pensei sobre o tamanho da velhice, suas diferenças e em quem ela nos transforma. Anda em erro quem fala sobre os mais velhos como se fossem a mesma coisa em todo tempo. Temo ser frívolo, pois não acho nada interessante partir me achando sempre igual. Temo, e muito, tornar-me uma edição piorada do que eu era. Espero ser diferente e aceitar as diferenças que outros frades possam trazer. Temia o que começava a me incomodar: ter o pensamento minorado. A longa vida deixa cada ser humano em outras formas, cada frei como se fosse de outra espécie e também dessemelhante a si mesmo quando atingido por transtornos mentais severos. Nascemos crianças semelhantes, quanto mais velhos, porém, ficamos imprimimos formas curiosas. Narro, então, uma história interessante. Parece que Deus me reservou uma brincadeira. Me deu a velha Juliana como presente final, não sobrando muito mais que o cuidado a dois velhos que se amam e, de sobra, os cuidados divididos entre outros doze freis, velhos como eu, que lhe devotam um amor respeitoso(será?) e tardio. Alguns episódios se apagam desde o momento em que me viram estranho. E caço palavras que me fogem, esquivas.

Bem, vou explicar a situação em que me encontro. Dia a dia acelera-se em mim a desorientação. Aproveito dizer o que digo quando me vejo em pensamentos ordenados, para depois se ofuscarem com se houvesse um entardecer em minha alma. E evocar o nome das coisas? Fico matutando até que se dignem se mostrar? Me senti semelhante ao aposentado do filme *Sr. Smith*. Perdi parte de mim ao me despedir da

última paróquia. Minha morte também é isso: saber que sofrerei desse silêncio paroquial para sempre. Bom, ainda vou escrever um livro sobre a morte, mostrando categoricamente que a última morte é menor que todas as anteriores, pois se morrer é perder, o quanto perdemos antes de ela se mostrar de corpo inteiro? Buenas, que estou querendo, se mal consigo escrever algumas partes da minha vida que se finda. As despedidas foram doídas e além do esperado. Os maiores elogios, exagerados todos, não conseguiram aplacar meus sentimentos de invalidez. Me consolavam alguns pensamentos: poder escrever e ler à vontade, realizar algumas ações juntamente com meus confrades, também movidos pela rapidez do fim. Mal conseguia esconder minha insatisfação, um sentimento de estar sendo velado, tudo parecendo um elogio fúnebre, todavia, me dizia: não vou morrer de braços cruzados. Ao final, poderá me faltar ar, mas não coragem.

Perguntei à Juliana, depois das despedidas se aceitaria viver entre freis meio perdidos como eu. A resposta foi consoladora: criei meus filhos, me resta por consolo conviver com velhos atônitos. Espero não decepcionar nenhum deles.

Foi um sinal de Deus muito vivo. Agora a terei como uma companheira, mas já estou sem forças pra amar.

Deus se escondeu em minha alma, ou ela se perdeu.

Antes da pane geral

Não posso negar, já não sou mais o mesmo. Minha memória torna-se um vácuo. Nem ao menos lembro os nomes de quem amei. O pensamento flui com dificuldades. A palavra já não consegue lidar em conversas. Não sei o que dizer. O psiquiatra diagnosticou pela entrevista meu estado de desorientação, perda de memória, dificuldade com o cotidiano, perda do senso crítico: comecei a dizer o que não dizia. O pior foi o diagnóstico dos exames de imagem: corpos de proteína tóxica começavam a avançar inibindo o fluxo nervoso, corpos amilóides: uma maravilha! Exclamei. Teria pouco tempo de saúde mental: já estava um demente. Medicou-me. É para retardar um pouco os efeitos da doença. A sentença: Aproveite enquanto tiver a consciência capaz de se comunicar, Frei Joel.

Dias existem distintos e parece recuperar minha liberdade de expressão. Aproveito pra dizer o que segue.

Palavras finais

Tenho buscado entender minha vida ainda que tardiamente. Ao lançar meu olhar sobre minha existência de padre e de frei, digo que valeu, mas sem referência para a medida, afastando apenas alguns dias nos quais sofria de grande depressão. Posso dizer que minha intenção sempre foi enfrentar o sofrimento a ponto de minimizar o inevitável. O sofrer faz parte da condição humana. Se isso é verdade, verdade me parece ser também da condição humana encontrar meios para fazer dele um caminho bifurcado. Pode desesperar quem se sente comprimido pela dor sem sentido. Vi diversos deles. O mais triste, em minha percepção, veio de povo hebraico ao se abrigar num Deus que estimula a morte dos inimigos. O que dizer das conquistas na América e da inflexão das ideologias nazistas e marxistas? Morriam mais que amebas invisíveis. O tumulto do silêncio dessas mortes me acabrunha.

Tanto quanto as dores históricas, me doem aquelas individuais que passam hoje por mim como sombras. Tenho-as como figuras dantescas que me fazem constantemente chorar sobre as vítimas que vinham buscar alívio e eu pasmado em minha inoperância. Não posso esconder os sintomas, inibições, angústias, distúrbios de caráter, compulsões à repetição, transtornos de humor e de pensamento. Não posso esquecer aqueles que se apegavam tanto a tudo que é passageiro, castigados com a impropriedade de si mesmos. Andavam sobre as coisas, buscando com suas quantidades compensar a sede da simplicidade e da quietude. Contemplavam os seres vivos como se fossem lixo a ser descartado. Então, de um lado a lógica da eficiência, do gerenciamento, do sucesso, e do outro, a falta de singularidade e da alteridade.

A ideia da excomunhão para os fracos aparece, então, como fantasma nas relações humanas: pessoas sem lar e sem propriedade, sem trabalho, sem saúde, miseráveis de cima abaixo, doentes, dependentes, desamparados, roubados, injustiçados e vítimas de toda sorte de

violência. A grande pergunta é: o que fazer com eles? Nesta linha de pensamento surge, por exemplo, a questão da eutanásia que sempre terá defensores contra ou a favor. As terapias clínicas, de outra parte não estão disponíveis para a maioria da população. Dou testemunho de meu caso. Me livrei da angústia em torno de Juliana graças ao meu psiquiatra, me perguntando sobre aqueles que não possuem tal recurso. Falo, também, da dor daqueles que andam sem o direito de ir e vir por entre os bens culturais, sociais e materiais, vivendo ao largo das oportunidades, vendo tais disposições, mas muito distantes deles: uma excomunhão compulsória e irrevogável dada por anátema histórico.

Me reporto, também, aos múltiplos sofrimentos durante a trajetória do povo hebreu. Ora as mortes coletivas de soldados e civis que mal sabiam de onde vinham as flechas e as espadas que os trespassavam, ora as cargas de tributos, ora a escravidão, ora a morte gratuita: em tudo mais gritos de dor que risos, sem falar das mulheres mutiladas pela dominação. Não foi Herodes que excluiu, pela morte, os meninos ao saber de um rei que viria salvar?

E agora me cai nas mãos o livro de François Coppé, coletânea de textos: *O Bom sofrimento*. Com ele penso, também, sobre tudo que nos é excluído. Pois bem, Coppé, mais pelas limitações médicas do final do século XIX, sofria muito quando velho. Aconselhado a deixar a casa de campo, resolveu abandoná-la para ficar próximo dos recursos médicos de Paris. O sentimento de perda foi-lhe quase avassaladora, entretanto, buscou compensar a perda com diversas consolações. Os rouxinóis continuariam a cantar e as flores a crescer. O futuro comprador teria os mesmos benefícios que ele obtivera. As lembranças seriam tão ou mais nítidas que a realidade passada. Continuará vivo em tudo que plantou. Outros donos dariam ao lugar novas paisagens e, assim, Deus estaria mais bem celebrado.

No seu texto, *Acima da Nuvem*, nomeia algumas vantagens do envelhecer. Se, por um lado, perde o vigor físico, por outro, busca encontrar a singularidade do silêncio de sua alma diante de uma paisagem lembrada.

Por fim, Coppé lembra, em sua dor, a traição de amigos aos quais perdoa de todo coração por saber-se possuído do amor de Deus e por saber que aquilo que pertence a qualquer ser humano pode também lhe pertencer. Possivelmente não seria melhor do que os traidores. As dores, pelo olhar cristão, podem ser minimizadas ou afastadas quando

se puser a cabeça e o coração Naquele que demonstrou vivamente a solidariedade. Não dá para esquecer: o sofrimento pode mostrar um novo caminho fazendo que tomemos novas direções. Sou da crença: atrás de um não pode haver um sim bem melhor. Mas, confesso, vi sofrimentos sem razão nenhuma e não sabia o que dizer diante deles. Lembro de um paraguaio que perdera três filhos. Só sei dizer que essa tragédia pouco ajudou ao pobre homem. Foi se terminando em sua dor. O mais que eu fiz foi estar com ele quase todas as semanas. Certo dia falou comovido que as bênçãos de uma grande amizade só se mostram na dor. Eu apenas tomava quieto com ele o chimarrão. As leis da natureza também têm lá suas fragilidades, e Deus não mete a mão e isso vale para todos. Temia que se dissesse que Deus os levou porque precisava deles, o gringo fosse embrabecer: que Deus tivesse os dele e fizesse deles o que bem entendesse, mas que o deixasse em paz com o seu Queco, Dite e Orlene. A dor pode ter, pelo visto, suas transcendências e o melhor remédio é ficar quieto como um pássaro ferido pedindo proteção. O melhor que se pode fazer é a comunhão, sem dar muita explicação.

O meu sofrimento maior, agora, é estar vendo que meu sonho de servir às comunidades está com os dias contados. Penso em minha finitude, me consola, então, que tudo estava previsto. Não posso sofrer por achar que estou perdendo um bem, mas me alegrando por encontrar outro. Não vou, porém, retirar a virtude do passado e seus encantos, tanto em narrativas como em testemunhos. *Buenas*, se me veio o sofrimento e outros mais que pela velhice advirão, o melhor que tenho a fazer é dar conta dele enquanto puder, pondo a vida numa direção na qual não se estremeçam as bases de minha alegria.

Se o sofrer é da condição humana, mais humano me torno se sou capaz de tê-lo como um companheiro a ser educado ou se, tão inoportuno, afastado. Não detesto a ideia de ajudar a Deus, se a dor for insustentável, contanto que melhore a realidade sofrida, ou, então, me ponho em frustração, mas vou adiante. Tenho, então, a tarefa de encontrar meios eficazes para servir-me dele nas perdas, criando objetos de paixão os quais poderão substituir a densidade do sofrimento através do novo objeto escolhido, como a mãe ao ter um filho deficiente: encontra na ternura a compensação da limitada inteligência. É o que fez Coppé. É a arte de se submeter ao irremediável. Acho que o máximo da sabedoria é encontrar um sentido, apesar do sufoco, à exemplo de uma filha que tremia só de ir ao hospital. Pois bem, a mãe dela sofria de um câncer. Não podia haver sina pior que, semanalmente, levar a mãe

ao hospital. Ao revelar o sofrimento ao filho pequeno, o garoto apontou para o hospital como um lugar para tirar a dor. Isso levou a que fosse reunir outras mulheres com as mesmas responsabilidades para dividir os caminhos do consolo.

Podemos pensar ainda que os objetos de paixão podem causar sofrimento. Quantos já deram até sua vida por causas nobres. Quantos negros, velhos e mulheres deram toda a vida ou parte dela em busca do direito à igualdade? Me incluo entre eles, porquanto me desdobrei sobre os outros tendo em Cristo uma esperança de melhorar as comunidades. Renunciei até a minha intimidade com Juliana. Meu desejo e minha ternura: deixei que fossem águas abaixo em razão de minha vocação franciscana. Não cheguei a imitar meu senhor Jesus que, para não renunciar aos seus propósitos, deixou-se morrer. É isso mesmo: quando prostro minha face ao chão, me devora um profundo sentimento de entrega às melhores intenções que habitam toda a natureza. Penso até no canto de um canário amarelo como expressão desejosa da multiplicação da vida. Mesmo começando a me sentir fragilizado, e cada vez mais, me consumo na chama divina do mundo.

Por falar na cruz de Cristo, não me conformo com o entendimento de ter trazido a salvação do mundo. A salvação passa por gente de boa vontade e, de modo especial, ao se levar em conta os princípios dados por ele, os quais não se esgotam na palavra, tampouco em sua morte. A ação é que garante a palavra.

Vendo os tamanhos dos diferentes sofrimentos não me furto a pensar no que fazer diante deles. Pelo que já vimos, faz bem trazer o sofrimento para dentro de sua finalidade e ver se vale a pena. Sofrer por sofrer nada vale, sendo inevitável, tenha-se um cuidado paliativo. A fé em Cristo produz efeitos maravilhosos, pois nos envolvemos numa proteção grandiosa, contudo, não me resta dúvida: a solidariedade e a ciência são os melhores remédios. A dor partilhada faz que reconheçamos dignamente o que nos afeta.

Retorno ao texto depois de várias semanas. Vou vendo outros lances que o sofrimento pode nos conceder. Andei de uma saúde precária. Acho que é o fim da linha de meu carretel. Costurei muitas roupas e vesti muitos cristãos de alegria. Arrotei ventos e a eles me dobrei, mas não me quebrei. Deus me seja bom e tão fiel quanto lhe fui. Tirei de mim minha intimidade e amei o mundo. Julgo tê-lo tornado um pouco melhor.

Tomei um fôlego e continuo: nessa minha indignação mental que começa a se pronunciar, esqueci de falar dos prolegômenos iniciais. Ao falar com o provincial sobre a ida de Juliana até à Casa de São Francisco, que alguns freis, em boca pequena, apelidaram de campo da solução final, referindo-se ao programa de extermínio dos judeus, ele me alertou com severidade que, se autorizava, era para ela dar a mesma atenção a todos os freis que precisavam de alguns cuidados especiais, dentre estes, alguns não se sustentam por si mesmos. Se ele soubesse de qualquer inclinação especial para o meu lado, a ida dela para a Casa, seria suspensa. Aceitei de bom coração o que me propunha. Ela foi dois meses antes de me mudar para lá. Mandou-me um email, de triste desenho, sobre a situação no qual os freis se encontravam, ainda que de material e físico nada lhes faltasse:

Frei Jobi!

Lastimo te dizer que não obtive boa impressão da casa em que vivem teus confrades. Busquei me omitir de dar qualquer palpite até o momento em que me senti assimilada gentilmente por eles. Alguns deles vivem calados e poucos cheios com desejos de se comunicar. Fico, porém, com a virtude que sobrou na caixa de Pandora: a esperança. É muito triste ver homens perderem tão rapidamente toda a virtude humana. Ficam aí sem recursos pra levar adiante a alegria de ser. Parece, então, que a mensagem cristã começa a se deteriorar, pois não se distinguem de homens vulgares. Pregaram a vida cristã não sabendo agora o que fazer com ela. Parece até que a maioria perdeu o viço da caridade e da transcendência. Que Deus me perdoe se me equivoque: veja, querido Jobi, a divisão que fiz em minha análise superficial. Três deles vivem em doença de Alzheimer ou coisa que o valha. Repetem as mesmas histórias e um deles, aos poucos, perde isso também. Ainda bem que a virtude franciscana é tão funda a ponto de afastarem de si qualquer vestígio de violência, ou será que por sua natureza sempre foram dóceis? Apenas, se sentem desorientados e, por vezes, agitados por qualquer sinal estranho. Vejo dois deles narradores compulsivos das mesmas histórias. Brincam com suas conversas, repetindo os mesmos comentários cheios de bom humor. Adoro ouvir o Frei Constantino rir da história da mãe que perdera todos os filhos mas, por não saber contar, vivia como se não os houvesse perdido. E riam da sorte da mãe. O outro, o Donato, ria-se repetindo... é bom não saber, é bom não saber. O terceiro já não atinava com o sentido, ria-se imitando os dois.

Na verdade são quatro histórias que se repetem. Curiosamente, nos domingos, inovam o repertório. Vale um estudo dos três santos loucos. Mais tenho a dizer sobre os outros nove.

Falo sobre outros três cheios de fraternidade e alegria, mas de poucos ouvintes. Te falo do frei Cândido, uma ternura de pessoa, muito crítico em relação ao Centro. Foi ele que apelidou o lugar de “solução final” pelo jeito que a situação se apresenta. Onde é que se viu, costuma dizer, um lugar franciscano tão severo e quase lúgubre. Não sou gerontólogo, afirma, mas assim não tem mais jeito! Rimos, pois brincar com a dor, às vezes, é o único remédio. Cara especial é o Astor, meio misterioso, calado, uma espécie de cão pastor, vive ao redor dos outros, preocupado pelo bem estar de todos. Fala pouco, ainda bem que não lhe falta a flauta para suavizar os momentos mais tensos de nossa casa. Falo de outros que dão o que falar. Andam por aí como se fossem heróis abandonados. Rigorosamente, estão cheios do passado e dão pouco valor para o presente e menos ainda para o futuro. Nossa Senhora, Mãe do Bom Conselho, que me tenha como santa e sábia para encontrar um caminho melhor, o que seria um benefício para todos. Me olham de cima para baixo como se fora uma desconhecida ou a mulher que iniciou os pecados do mundo. A Eva, a vil sedutora, ou a Pandora responsável pelos males do mundo. Só faltam me dizer: foi você a mulher que matou Jesus pelo pecado original. Brincadeira! Como pode a Igreja produzir tanta discriminação? Pois bem, o olhar deles é triste. Já era tempo de a Igreja melhorar a salvação de Cristo.

Vou falar de dois santos entre os nove. Quando eles se põem a cantar seus cantos gregorianos, posso dizer, em meu pouco entendimento, que já não mais estão entre as pequenas coisas da terra. Ao andarem entre as árvores mais estão entre irmãs que entre araçás e pitangueiras.

Posso dizer, sem sombra de dúvida: no conjunto da obra a estética cristã deve melhorar

Para finalizar: Vou dormir consolada e corajosa. Encontrei o Frei Norberto vindo até mim: escuta-me, dizia, sou um turquinho vindo do oriente: negocieei com Jesus a minha alma por algumas especiarias. Não sei se fiz bom negócio. Rimos juntos, vendo a alma em delírios.

Paz e bem, querido Jobi.

Um lugar pra morrer

Constatei a verdade dos fatos existentes no Casa de São Francisco, CSS, campo de solução final, parecendo-me generosa a fala de Juliana sobre o estado das coisas. A gravidade pairava sobre os silêncios dos meus irmãos. Mais parecia um refúgio de pecadores do que reunião de santos. É verdade, traziam limites, a humanidade havia sido prejudicada, entretanto, nada justificava o peso das horas sobre os viventes. Estavam mais para *morituri te salutant* do que para *omni sancti Dei*. Os pequenos e alguns mais expressivos limites físicos e mentais não podiam representar impedimentos tão graves como aqueles que se impunham sobre a casa dos velhos frades. Nos primeiros dias fiquei prostrado por ver a verdadeira solução final que aí reinava. Desfilavam ideias pouco lisonjeiras sobre a casa franciscana: como qualquer instituição civil: terminados os ofícios em torno dos objetivos, aqueles que não mais fazem parte da produção e das metas são desligados como fios inúteis ou dentes quebrados de uma engrenagem. Isso não pode ser, foi a conclusão a que cheguei junto à coordenação da casa. Juliana me alertou que fosse devagar com o andor ao ter com a coordenação da casa. Quando se lida com o poder de alguém nunca se sabe do caráter de seu detentor. Até os santos podem se contaminar.

Ao contrário de meu temor, um jovem frei me recebeu com simpatia. Depois de manifestar a inconformidade em relação à situação percebida, ele me pediu sugestões. Sugeri uma reunião geral: um seminário para viabilizar saídas não convencionais. Obtive um grande apoio de Juliana. Notei, então, que ela havia conquistado a confiança de toda a confraria. Senti uma nuvem a me perturbar. *Quella bestia stante in via*, a besta em meu caminho: a velhice não cura nada. Pelo menos a volúpia adormecera. Me sinto menor, mais ciumento e menos desejoso dela. Puta merda! A culpa é tua, Senhor, que me fez roto e tão pequeno. Povo-me a bondade e não o diabo de minhas invirtudes. Uma casa sem comunicação é uma casa de mortos. Povo-me o suspeitável mal, urge reverter. Só com os outros poderia afastar o desespero.

Formamos uma comissão de frente parlamentar. Mais muito mais: trouxemos para a baila o provincial e com ele formamos uma equipe de apoio sistemático. Em parceria com uma casa religiosa de irmãs contratamos uma professora para recreação e atividades físicas. Movimento da alma e do corpo para todos. Um geriatra não ficou de fora, ainda que circunstancialmente. E uma enfermeira que ao chegar me agradou pela exuberância de seus afetos. Me senti em sua confiança. Um conjunto de atividades coletivas e particulares foi evocado para aproximação de todos. Um grupo interessado por histórias pensou em não deixar no esquecimento o que foram os freis. O provincial garantiu publicação das memórias dos velhos peregrinos.

Os murmúrios tristes foram dando lugar a risos altos e a falas dirigidas para fins interessantes. Havia uma colônia de pastores como velhas abelhas que voavam. Não havia mais o sentimento de uma solução final, mas iniciativas, algumas cheias de disposições, outras a morrer logo ali. Vinham alguns freis e outros partiam. Se a morte aí rondava, o espírito pairava sobre todos. Não há como não dizer: escrevi cheio de ternura, a vida tem suas manhas e a morte é irreverente. Volta e meia batia o desânimo que a bondade não é de ferro.

Digo das minhas também: minha coluna fez de meus dias um suplício. Por vezes me consolava em minha cadeira de rodas, pois aí sentia alívio. Dois anos passados na CSF me sentindo menor que uma árvore do serrado: torto e pior que um judeu atravessando o deserto. Não poucas vezes senti desejos do Frei Arsênio, que, entre gemidos, ajudou a Deus resolver seu problema. Excedeu-se nos comprimidos. A paz de Deus pareceu-lhe uma dura conquista.

Auxiliei na criação e na salvação do mundo, concedendo um pouco mais de alimentos e da habitação. Se Cristo fez renascer quem havia nascido, fiz nascer quem nunca havia existido. Lutei com minhas palavras para que a ternura andasse bem. Dei a água do espírito para que ninguém se afogasse na matéria.

Detestei com veemência a má sorte daqueles que suplicavam por saúde, andando pelas madrugadas em busca de alívio. Não sinto, porém, saudade de meu corpo sadio. Me dobro na cadeira a ver, entre árvores, o Deus visível nas águas de uma fonte da CSF. Não fiz muito mais que fazer uma casa sorrir. Nenhum dos freis ficou sem reconhecimento. Se as palavras fossem breves, grande era o olhar sobre elas. Celebrávamos, ainda que rotas, nossas expressões. Não desprezamos os restos de nossa alma espiando em corpos doentes. Minha alma quieta está feliz. Principalmente, nos desvãos de nossos silêncios, descortinávamos nosso passado, mostrando inteiras nossas conquistas e nossas misérias. Fico feliz por escrever... Curiosidade... O escrever me deixa melhor. As ideias não são tão fugidias.

Em algumas noites de frio

Reunidos em torno da lareira, mastigávamos pinhões com dentes implantados e bocas murchas. Como o presente era módico, trazíamos nossos mitos. Ressuscitávamos histórias interessantes e pedíamos reconhecimento. Havia um auditório curioso e carente. Mostrou-nos frei Daniel um cálice de prata, deveras bem desenhado, como último prêmio de sua paróquia: isso aqui meus queridos, dizia, é apenas uma lembrança pequena, quase nada pelo que fiz. Sabem o que é uma vila miserável se transformar num lugar de bom hospital, boa escola e boas ruas. Fui eu que fiz. A seguir repetia entre as labaredas gloriosas o discurso de um cristão cheio de adjetivos. Aplaudíamos por saber que o Daniel era merecedor. Frei Gustavo, concluído o discurso danielesco, ergueu a foto ampliada de uma mulher: Questa Donna, *sancti dei*, foi meu *diavolo* magnífico, ma resisti. *Ma que dona, ragazzi! Sonno un huomo puro*. Ríamos de sua castidade. Todos sabiam de uma de suas aventuras. Seus pecados sistemáticos nada diminuían a bondade pela qual sempre fora reconhecido. Reverenciávamos os guerreiros sacrificados. Homens combalidos, mas foram estes que seguravam a mão do Senhor para abençoar as doçuras de casamentos, coisas mil para alegria de homens e mulheres. De fato, todos eles tão diferentes, afastaram muitos enigmas da obscuridade, muitos deles contribuíram com manhãs de claridade. Parte deles, é certo, já não lembravam. Ora, ora, pensava, o que se esconde na velhice, muitas vezes, são construções nobilitáveis. Todos imitando os discípulos e os acontecimentos de Jesus. Os seus milagres eram consideráveis em nossas noites estelares. Eu buscava decifrar os laços que nos uniam, mas um é certo: nenhum de nós estava sozinho em nossas carências. Mostrávamos nosso passado para melhor entender o sentido da vida. Eu mesmo gostava de narrar sobre um discurso meu de uma Páscoa: fui tão enfático em dizer que Jesus amava Maria entre as flores do jardim que só faltou dizer que se

amaram no crepúsculo. Riram de mim numa de minhas narrativas ao confundir Maria com Juliana, mas nunca descobriram meu pecado da cachoeira. Todos estavam na história de Frei Rovilio, em seus delírios de ser um turquinho que, nos anos 30 depois de Cristo, havia estado em Jerusalém negociando a salvação de sua alma diretamente com Jesus, por troca de suas especiarias. Avaliava suas riquezas como símbolo da sexualidade. Nunca se consegue traduzir os nossos feitos, muito menos o tamanho de nossa alma. Depois, acabado o pinhão, apagado o fogo, nos recolhíamos. Cantávamos aí mesmo o *Salve Regina*. Dávamo-nos ao luxo da preguiça e não íamos até a capela só porque o inverno gelava nossas velhas carnes. Também porque caminhar na velhice não é para todos, bem como certas plantas, alguns freis sofriam mais que outros nas noites de inverno.

Ao terminar minha narrativa me sinto distante de Juliana. Não encontramos a intimidade que esperava. Mantive minha castidade sem grande repressão. Não tive nem saudade nem falta do que tanto carecia. Ela não se tornou nem Ester nem Judite para mim. Vejo que ela passa e não a atraio muito mais que a outros freis. A todos serve do mesmo jeito. Devo-lhe pouco mais que minha gratidão pela caridade coletiva. Apenas os olhos brilham ao vê-la, bem mais os dela que os meus.

Minhas palavras se esgotam e é hora de pôr minhas mãos sob a manta, que o inverno veio pra valer.

Brilhava o sol da quinta-feira santa... *ma que*, disse frei Bepi, é segunda... meus pensamentos se apagam, meus anjos falecidos. É vero, o médico falou que por um tempo e um pouco mais os medicamentos não controlam mais a multiplicação, como é mesmo?, das proteínas ou corpos *como se dice?*

Lembranças da Enfermeira Madalena

A beleza das lembranças supre o tanto de esquecimento de tudo que vi e ouvi. O tempo apaga. Em palavras digo que pouco sobra de uma pobre enfermeira que cuidou de freis numa casa de cuidados. Todos concluem seus dias e morrem como qualquer vivente. Deus não faz diferença entre gramas e carvalhos. Tudo tem seu tempo. Me apresento: sou uma mulher sem pretensão de ser memorialista; assim mesmo não vou deixar de dizer algumas coisas que minha profissão me deu oportunidade de presenciar. Cuidei por 15 anos de freis com doenças leves e graves. Meu cuidado especial foi Jobi.

Dele guardo recordações especiais. Não sei se sonho o que vi e ouvi, ou se a realidade dos fatos foram muito fortes. Por isso ainda estão vivas. Muito vivas. Parecem plantas. Por mais que se queira retirar, não se consegue. São exóticas as que se plantaram dentro de mim. Uma coisa de louco, certos acontecimentos, desde a prestativa e adorável Juliana até o amável sonhador. Os dois é que eram.

Espanto meu! Frei Jobi um dos residentes da casa. A principal figura dos meus propósitos para escrever o que escrevo. Fui até seu quarto ajudá-lo a vestir-se. Já era um cadeirante. E que pessoa!, daquelas que você pede a Deus pra não levar. Ou se ele quiser um igual, que o faça prá ele, que a gente precisa de seres assim pra se ter em conta que a humanidade não está perdida. Pois digo, o meu espanto quando ele disse: Madalena, aqui está um livro que escrevi. Se você achar que vale a pena encontre um jeito de publicar. Tenho aqui um dinheiro pra isso. Tomei nas mãos a obra: vou ler sim, mas por que a congregação não publica? Não sei se o provincial concordaria em tornar público o que escrevi. Junto está um texto. Autorizo você a fazer dele o que bem entender, afirmou. Frei Jobi, e se minha congregação entender de não publicar?, retruquei. Encontre um amigo com menos restrições, já que a liberdade é pouca em você e em mim. Levei as folhas e passei a ler.

Fiquei em dissonância completa. Entre a crença de Jobi e a da Igreja ia uma grande distância. A minha crença e a dele não fechavam, apenas havia consonância sobre o viver a caridade. Nem ao menos falava sobre a vida eterna. Para mim, maior espanto que ver fantasmas. Ou seria ele um crente de um Cristo homem apenas?

Mas cada qual diga o que lhe aprouver. Vou fazer de tudo para cumprir a vontade de Frei Jobi. Agora o dever me chama. O sol já vai alto e seus raios dardejaram. Vamos, irmã Madalena, que o sofrimento pede tua solidariedade. E lá me vou com meus freis. Ia esquecendo: em Frei Jobi se acelerou a demência. Começou a andar quieto. *Sono un vecchio que é morto!*, falou certa feita.

Abrirei minhas palavras para não se perder nenhum de meus encantos e espantos. Vejam, gente, quem mora perto da morte tem o que contar. Tudo aí me comovia. Acho que minha vida começou a ser outra desde que, no agravamento da doença do Frei Jobi, comecei a ouvir o seu coração em seus escritos e em suas falas assustadoras. Quando ele começou a acelerar o seu juízo imperfeito ouvia dele ideias e histórias cheias de sustos. Se são verdadeiras ou não, pouco me importava, o que conta: mexeram com minha vida. Parece verdade que a gente pode muito pouco. Se pode mais com a alma dos outros. E que alma tinha aquele velho frei!

Não fiz outra coisa senão cuidar de gente. Deus me deu um talento. Comigo a dor não tem vez. Muito mais eu digo. Olho pros sofredores e eles se acalmam. Eles sabem que estão em boas mãos. Meu talento é tirar vida donde parece o fim. Louvo ao Senhor por isso.

Da infância pouco posso dizer. Uma coloninha assustada no meio do mato. Me enchi de sombras e de chuvas. As manhãs de sol eram uma bênção. Vivía de milhos e de porcos, nossa riqueza. Das verduras, galinhas, dos ventos e das águas levava de graça a minha vida. Que mãe eu tive! Meu pai: um colono muito particular, uma rara inteligência. Comungava com livros de toda ordem. Será que não estou me achando? Nada diria se minha vida de velha irmã não fosse tão extraordinária. Exalto minha mãe, peça rara. Mandona, mas a perfeição dela anda na ponta de meus dedos a ponto de fazer milagres. Falo de mim desse jeito que é pra não desmerecer o Deus que age por mim. Que necessidade essa minha de achar que sou a tal. Amo falar do que vi e ouvi.

Desvelos tantos que nem Jesus os teve. Meu pai um madrugador. Cinco filhos de alegrias. Um vigário à disposição para perdoar as falhas.

Estávamos sempre listos diante de Deus. Nossa fé era de indigentes. Caminhava quilômetros entre barros, gelos, poeiras e sustos para conhecer os livros. No meio do mato nunca estive tão bem. As árvores foram meu desvelo. Nada mais me encantava que o bulício das aragens na verdura dos matos. Cumpria a vida sem nada esperar. Até que um dia Deus me veio buscar, achando que não poderia viver sem mim. Fui estudar em escola de freiras. Para tanto trabalhava e porque elas gostaram de meu serviço, me acostumei tanto me tornando uma delas. De amores humanos então tive merrecas. Nenhum namorado. Só Jesus.

Fui me aperfeiçoando na austeridade, que sorriso de irmãs é coisa rara. Até hoje me pergunto se Deus é tão miserável pra se pedir tanto. Nisto eu concordo com Frei Jobi. Que coisa é essa de a gente pedir tanto se ele sabe de nossas dores. Minha congregação tem na dor dos outros uma vocação cheia de obrigações. Hoje, à distância, me vejo apagando desesperos. Deus pôs na ponta de meus dedos a sorte de quem chora. Se até consolei frades incomodados com a sorte, imagina pobrezinhos que agradeciam por serem bem atendidos, a exemplo de uma mulher dizendo: você é o meu melhor presente. Acho que tenho muito de Cristo. Isso me confirmava o frei Jobi: você tem talento para a cura. Tuas mãos têm poder!

Revejo imagens confusas e outras cheias de luz. Todas me dizem o quanto fiz. Cansei de expulsar diabos, diabinhos e diabões quando se toldavam espíritos com desejos da morte. O ódio das pessoas era meu objeto de intercessão. Ali fazia repousar a pomba da paz. Mesmo na infidelidade conseguia bons resultados, embora diabos conspirando contra minha bondade.

O bem é uma estrada complicada. Futilidades parecem prevalecer. Deus tem um jeito bom em mim, apenas a sensibilidade me atrapalhando. Meu confessor me levava a crer que se não fosse irmã tinha tudo pra ser uma mulher de vida fácil. Interpelei-o uma vez dizendo que ele se enganava, pois trabalhei entre elas, tentando solucionar as dificuldades que pendiam mais para o horror. O centro municipal de saúde vizinhava com elas. Convivi com cinco delas na velhice. Tentei esconder o passado, avaliando a vocação religiosa. Deus olha o coração, dizia. Duas delas foram convidadas a serem religiosas. Ria com elas: agora que não têm mais desejo de pecar, sobra-lhes o Senhor. Como experiência levaram, por meses, a vida de minha congregação. Preferiram uma aposentadoria de putas velhas a ter a disciplina monástica.

Por falar delas, não posso deixar de dizer o seguinte: na vila, tida como arrabalde perigoso, eram elas a quem as pessoas estranhas podiam chegar. Mostravam-se íntimas e sem medo. Orientavam a direção solicitada. Dizia a madre superiora: não é por bondade. Apenas se expõem por causa do dinheiro. Não enfrentei a madre, mas acho que se haviam melhor na bondade do que as mulheres cheias de consideração.

Me dizem que sou bela, e de tanto em tanto, me pedem a razão de me ter dado a Deus. Chegam alguns desaforados a insinuar dúvidas sobre minha feminilidade. Embrabeço e devolvo, desaforada: aos meus calores e apetites do corpo preferi as alegrias de minha alma. Interessante: nos meus sessenta havia meu corpo inteiro. Nos olhares masculinos se descortinavam apelos eróticos. Me sobrava brincar afastando os inconvenientes. Adiante mostro o quanto os freis, quase mortos, exultavam com minha presença. O precônio pascal era eu.

O diabo espia os santos

Aprendi com os franciscanos o quanto pode pouco a santidade contra a natureza. Cismava em minhas reflexões preguiçosas, caminhando entre verdes no esmaecido da tarde. Nuvens escureciam a casa. Juliana me havia repreendido por dar atenção especial a um frei. Mal sabia ela que minha congregação recebia bons cobres pela atenção do filho mais velho. Justifiquei minha atenção, mas estava irritada com seu Jobi. Acho que ela levara um *deixa disso*, mulher. Vinha ela com as histórias do campo, parecendo serem as gramas culpada pelas incitações de suas leviandades. Faço voltas pra entrar no tema.

Chegou-se um frei entre as árvores. Suspendi a meditação. Desculpou-se pela interrupção de meus devaneios com flores e frutos. Percebi que escondia outra intenção além de uma conversa corriqueira.

— Senhora Madalena!, falou quase um sussurro.

— Pode falar, Frei Filipe.

— Tenho um carinho especial pela senhora.

— Fico feliz por me ter tanta estima.

— Sabe... Tenho saudades de uma mulher que muito me amou.

— Que bom que o senhor foi amado. Consegui resistir aos apelos dela, Frei?

— Caí uma vez em tentação, e o mal nunca mais me livrou.

As lágrimas eram abundantes. Pedi, então, para irmos ao parlatório da casa. Resistiu inicialmente dizendo ter vergonha da história. Ao falar que podiam não pensar bem por estarmos a sós, respondeu:

— O ambiente oculto me conforta.

— Vamos caminhando, então, enquanto o senhor fala.

A dor da confissão do Frei começou a doer em mim. Nossos

olhos não se cruzavam na noite escura. Escura era a confissão. Lá vai ela em resumo.

A noite ia adiantada e eu esgotava meus recursos. O consolo em dores antigas é trabalho para exorcista. Confessava: repudiei aquela mulher. Tem mais, senhora Madalena. Pedi que não tivesse o filho. Ela olhou-me espantada, por pedir o crime. Ajoelhei-me pedindo perdão. Ela acalmou-se. Confessei que encontraria uma saída cheia de amparos. Rezamos juntos para que o caminho fosse leve e o filho tivesse dignidade, e, eu, alívio no desespero. Ela mostrou-se maior que eu. Consegui vê-lo, menino de sete bem feitos. O susto que levei, de tão grande, afrouxou meus apetites. O menino jamais saberia ser filho de um frei, mesmo porque não tinha condições de assumi-lo. Madalena, o que pode um franciscano além de mendigar. Minha teologia feita para explicar Deus não solucionava a saudade. A hora ia vizinha da meia noite. Com que idade está meu filho? Que dor! Mal sabia dele e da mãe.

Após pequeno silêncio, prometi ver o filho do homem que chorava. A noite passou por mim entre espantos. Nenhum sonho se ofereceu para aliviar a sorte franciscana.

Razões para cuidar

Que faço eu cuidando de quem morre? Qual a graça de nos cuidar?, falou Frei Eusébio. O mesmo de o senhor ter dado a vida por seus fiéis. Tenho graça ao sobrevoar o sofrimento. Cada suspiro a menos é uma conquista. Quando o senhor me vê entre as árvores quieta como uma flor, é então que deixo o meu Senhor me agradecer. Um tronco da árvore que me solicita a presença tem em mim a companheira. Muito mais valem estes velhos troncos franciscanos. Eles agradecem minha fortaleza. Me convinha ouvir suas histórias. Pois é, das palavras deles me vieram histórias enquanto me tornava cada um deles. De que estofo se forjam estes homens? Quando perdem seus objetos de paixão: discursos de amor, paróquias, solicitações, pregações austeras, mulheres tristes, comunidades perdidas, igrejas de pedras, olhares piedosos, aí que se vê o quanto Deus necessita das coisas e das pessoas. O tempo e suas medidas têm o que dizer. A eternidade tem boca grande, mas não consegue consolar. Entre gestos ternos ia eu tecendo minha glória ao fim daquelas santidades. Frustrações doídas por ver que a velha memória se desmanchava, carregada de histórias para ninguém mais ouvir. Cuidar, me parece conviver com o fim, enquanto colhia velhas lembranças. Cuidar tem disso, é a inefável hora de saber que nada mais se espera a não ser um tiquinho de vida a mais. Ouvi de um dizendo: valeu tanto quanto minha caminhada toda. Apenas cuidava da chaga renitente. Trocava seu passado pela compaixão dos segundos. Quando cansada de consolar uns dez, me vinha outro entregando uma rosa, compadecido de meu rosto extenuado. Não cuidava solita, também me cuidavam. Aí pensei com seriedade. É verdade, todos podem cuidar, ainda que trôpegos e de afetos cambiantes. Era eu, a cuidadora, espelho de um tempo frágil antes que se fizesse a eternidade incerta de Frei Jobi. Chorei com ele as incertezas da fé na sua enorme caridade. Batia os pinhões para que apreciassem os sabores em suas bocas murchas.

De alguns havia a sorte de dentes cuidados, que tudo perdura nos devidos cuidados. Não poucas noites contemplavam o bruxuleio das labaredas nas fogueiras de junho. Mais que o fogo, me encantavam os perfis vagos dos santos. Quem os visse à distância veria fantasmas em uma noite franciscana. O silêncio e as falas das fagulhas despertavam a vida que já era pouca. O Eusébio falou: isso é vida! Me bastava isso pra justificar minha entrega. Me lembro do frei Ambrósio: caíra-lhe um dente fazendo esconder a boca. Com o administrador se formou um diálogo completo:

— Frei, vamos fazer um implante dentário em Frei Ambrósio?

— Será que vale a pena pela dor e o dinheiro? Você sabe do câncer dele!

— Ele está escondendo a boca e já não fala, respondi.

— É vero, respondeu o provedor de recursos, também os que morrem têm direito de falar sem receios.

Seis meses depois Ambrósio se foi com todos os dentes.

Toda a comunidade sentiu que estava sendo cuidada até o fim. Todos sabiam do estado do velho Ambrósio, fortalecendo-se a confiança em quem cuidava. Fazíamos uma equipe confiável.

Por falar em equipe lembrei a Juliana, a que fazia de um tudo pra não diferenciar Frei Jobi dos outros. Mas, Nossa! Os olhos forjam luzes indiscutíveis quando amam: uma canção sertaneja. Não tive esta vantagem. Fui toda do Senhor e quase me arrependo. Receber um olhar assim vale por meia eternidade. É a esperança de não se consumir.

Em cuidar dá de tudo. Nada se oculta nas fragilidades: as almas se mostram como são. O melhor pra mim é absorver a fundura e a extensão dessas riquezas, bem maiores que os lagos da Patagônia. Colho vidas, sou suas vidas.

Juliana e Jobi

As pessoas são inesgotáveis. Em cada uma acontece um mar, mais, muito mais. Se somarmos todos os universos com suas galáxias ainda não poderemos nos aproximar das insólitas possibilidades humanas; até ousar: em cada ser humano. Vou por partes para avaliar com justeza e justiça o que cabia a cada um dos dois.

Primavera já inteira, do jeito próprio de todas elas, não se sabendo o porquê, o inverno não larga a sua vez. Sabe, aquele sol de 15 graus com brisa de dizer: este é o dia que o Senhor fez para mim. Pois é... a ternura de Juliana abraçada às costas de Jobi. As mãos sobre o peito cansado. Podia ouvir os vínculos se estreitando.

Por esses dias a casa de São Francisco já havia tomado um caminho melhor. Aí se fazia o possível a comunicação, pois sem ela não tem corpo nem alma que resistam. Ofereciam-se diversas oficinas. Aqueles que ainda podiam render e querer cumprir ofícios pastorais, nada lhes era impedido de fazer. Tinha carro aos que dirigiam e aos sem carteira havia um motorista. Havia uma van disponível aos interessados para eventos culturais e religiosos da cidade. Juliana cumpria seu papel de coordenadora das necessidades juntamente com um administrador. Uma cozinheira de mão cheia dava conta dos alimentos sob a supervisão de uma nutricionista. Um geriatra, entendido em psiquiatria, supria as demandas constantes. Pudera, 15 idosos, em média, no período em que lá estive, apresentavam muitas queixas, algumas delas forjadas para conversar com alguém. Por sinal uma bela figura humana era o geriatra, capaz de ler e traduzir o que se passava na história de cada um. Em conversa particular com ele e pra poder melhor reparar o sofrimento, eu decorava as lições do geropsiquiatra. Com um pouco mais de uma fala bem posta, ele decifrava os enigmas de cada um. Por essa parceria,

minha enfermagem traduzia um bom serviço. Li o texto decifrador de Jobi: *Muito sensível, de uma bondade admirável, mas de uma fé vacilante. Se inclina de afetos controlados para Juliana. De uma admirável visão crítica. Capaz de atrair os outros por sua fala dócil e convincente. É um grande auxiliar para aqueles que sentem a morte chegar. Tem mão de fada para o desespero. Não admite imposição de qualquer ordem. Diz não ter nascido para se dobrar ainda que sua coluna seja quebradiça. Possui espírito de humor não hostil, por vezes negro, não grosseiro. Brinca em situações constrangedoras. Diz: a cada lágrima compete um riso. Os freis têm nele um bom companheiro. Não manifesta, de nenhum jeito o que os olhos traem. Um controle férreo diz respeito a Jobi. Vem perdendo rapidamente o mal da memória. A virtude do medicamento tem pouco efeito.*

Ouvi um comentário leviano do dr. Aristides: já falei pro Jobi: escuta homem, Deus não mesquinha da propriedade humana, nem tampouco dos preciosos líquidos. Ele, então, se ri todo avaliando tudo como uma fortuidade sem destino, falando cheio de humor o que Jobi falou: o que não fiz no devido tempo não necessito agora em que tudo se declina. Nem tenho saudades daquilo que não careço mais.

Alertei Juliana sobre os olhares que se estendem voadores como pássaros na primavera. Fez de menos, dizendo que, por ela, faz tempo, se entregaria a ele com seu hábito de frades, menores ou nu, como se fizera na cachoeira. Afinal dizia ela, ele resiste pra não ofender meu falecido marido. Mas vou pegá-lo de jeito. Te digo, não estou aqui só pra zelar pelos freis em dependência. Não renego o valor de minha solidariedade, mas Deus vai me conceder meu antigo desejo. Tentei convencê-la de que tudo se havia mudado. Era como se procurasse na lua o esplendor do sol. Mais que fez foi rir e continuar a passar o hábito severo de Jobi com ternura como se fosse o próprio. Não havia dúvidas, ela andava por aí com segundas intenções.

Dois anos se passaram. O brilho dos olhares de Jobi diminuíram em proporção à doença. Diagnóstico: Alzheimer. Mesmo assim percebia-se o prazer de se ver atendido por Juliana. Se a mente esquecia, o corpo sabia. O que a razão perde ganha o animalzinho oculto, em alguns violento em outros, erótico.. Eu continuava a desconfiar sobre as intenções dela. A natureza é sábia em suas intenções. Espia como um gato na menor distração dos ratos. Quando menina observava a esperteza de nosso gato Rafael, de olho nas rolinhas. Se fazia de morto. Como

corisco de um raio o gatinho rajado se precipitava. Num pequeno ruflar de asas se cumpriam os preceitos naturais. Agora, o gatinho se resumia em Juliana. Podem acusar de pecado meu prazer em acompanhar a estimulação erótica sentida nos movimentos da gata Juliana em torno de seu pombo. Já não sabia se agora era eu a gata religiosa ou ela a gata comilona. Via que se precipitavam em Jobi as inferiores, concedendo-lhe satisfação os agrados reservados. Me perdoem, mas não vou deixar de me dar o prazer de lembrar.

Os freis frágeis, mas ainda independentes se dirigiam para os seus quartos a partir das dez horas. Depois os outros eram conduzidos ao descanso, auxiliados por mim e Juliana. Fiz de conta, pedindo auxílio ao frei André, para levar os cadeirantes, deixando Jobi para Juliana.

Passada meia noite fui ao quarto dela. Esperei até às duas. Nada de Juliana aparecer. Me dirigi, então, ao quarto de Jobi. Os dois dormiam abraçados ternamente. Acordei a gata e seu pombo. Jobi, desorientado, começou a chorar. Comecei a rir e a confortá-lo enquanto a gata se vestia. Ministrei um sedativo ao santo homem. Juliana saiu sem saber o que dizer.

Depois se fez silêncio em toda a casa já não mais tão franciscana.

Na primeira folga, cumpridas as oficinas e os cuidados da vida diária, fui conversar com a gata junto ao seu gatinho franciscano. Ele, diferente do costume, segurava firme a mão de Juliana. Não percebia toda a extensão do acontecido. Ela, nervosa, não conseguia se desfazer dele, enquanto ele a olhava sem pudor nem medindo a impertinência de seus gestos. Comecei então a preparar o medicamento. Falei em tão autoritário, oferecendo o comprimido. A distração valeu a libertação de Juliana que mais rapidamente que pode, cobriu seus seios quase desnudos. Ao se afastar ouviu de mim: vê se tira umas férias. Ao meio dia nos encontramos, a gatas, a curiosa e a gulosa.

São notáveis os momentos movediços. É bem como o sol, não se sabendo quando ele some ou surge nas semanas das enchentes de São Miguel. Também não sabia sobre os próximos acontecimentos. Nos tempos das revoluções, vendo-se homens à distância, não se sabe se vem para paz ou para aflição. Como seria nossa conversa? Por princípio não concordava em nada sobre as intimidades inusitadas de Juliana.

Comecei cheia de humor avaliando-a como uma mulher descuidada.

— Como coordenadora não achei correta a invasão da privacidade. E põe invasão...

— Não vai pensar que foi uma decisão solitária. Falei com o dr. Aristides.

— Não me diga que ele te obrigou a isso.

— Ele me disse que uma grande tensão emocional se fazia em Jobi. Temia até pelo suicídio uma vez que a doença de Alzheimer e as depressões esporádicas associadas a neuroses afetivas poderiam abreviar os dias.

— E vocês dois tiveram o entendimento de buscar uma terapia alternativa, invadindo o núcleo da depressão através dessa loucura.

— Se sua memória esquece, isentando-o de qualquer culpa, nada demais em conceder uma intimidade negada. Não fiz nenhuma agressão. Você sabe Madalena, que os fatos se apressavam. Se a vontade está prejudicada em Jobi, entendi que o bem maior seria o prazer guardado. Um presente não faz mal a ninguém.

— Me conta como foi?

— Bonito, acho você mais impressionada e desejosa que eu.

— Apenas curiosa.

— No tumulto dos corpos, os movimentos são certos. Assim fizemos. Parece verdade. A velhice não impede a ternura. Ao final apenas ele não sabia o que havia acontecido. Demonstrava, sim, uma leveza no rosto. Uma alma sem explicações, sem desculpas. Um corpo feliz. Parecia vê-lo num estado de amparos primitivos.

— Mas temo pelo resultado.

— Espero que esqueça, mas se assim não for, posso consolá-lo ainda mais. Por favor, Madalena, deixemos de lado nossa mesquinhez. Acaso Deus estará ferido pela nossa alegria? Acaso Deus carece controlar nossos órgãos, enchendo as almas de culpas? Acaso algum dos freis precisa saber? Acaso a intimidade é pública?

Me calei. Estava confusa. Se os males existem merecem remédio. Abracei Juliana. Todavia...

Outro dia

Fiz questão de passear com Frei Jobi. Um mau sentimento se instalava em mim. Algo dizia haver levandades de Juliana não lhe fazendo bem. Que maneira estranha de afastar a depressão! Ainda que o percebesse menos distante, nada me convencia do mal-estar. Ele não estava o mesmo. Damos algumas voltas em silêncio. Ambos confusos. Ele na incapacidade de reunir pensamentos e eu reunindo-os, perturbada. Descasquei uma laranja e a deposei em sua mão. Começou a chupar sem ânimo, me devolvendo a seguir. Tomei-a, experimentando o sumo dourado em minha boca. Gemi de prazer pelo agrado do sabor. Frei Jobi olhou-me com estranheza, parecendo lembrar de algo. Depositou sua mão na minha e uma lágrima desceu em sua face. Levei-o a seguir para dentro de casa, onde encontramos Juliana. Temi pela reação de Jobi. Seu olhar não correspondeu à minha preocupação. Olhou alheio a tudo que acontecia ao seu redor. Fiz sinal pra que ela se aproximasse. Com apoio dela conseguimos fazê-lo sentar junto à grande mesa das refeições. O bulício alegre de conversas foram se avolumando e os freis começaram a tomar seu café.

Me afastei muito abatida, temendo não saber contribuir de maneira saudável nos próximos momentos. O silêncio da capelinha agravou minhas incertezas. Afinal, era a responsável pela saúde da casa juntamente com Aristides. Agora me sentia como Jesus, abandonado entre dois ladrões e eu perdida entre amores resolvidos tardiamente. Não podia aceitar que um amor antigo tivesse acontecendo numa situação tão constrangedora: uma mulher consumando feitos eróticos com um frei demente. Lembrei Dante pondo no inferno um casal apenas por serem amantes. O poeta florentino dizendo: aí permaneceriam ainda que se lhes fosse dado sair daquele círculo vicioso, pois o amor seria preferido. O que acontecia entre Jobi e Juliana se refletia em Francesca e Paolo,

os dois condenados por um amor reprovado. Não havia condenação no amor clandestino do frade e sua companheira, entretanto a realidade era dúbia e o amor inconsequente, como o amor posto em Dante.

O amor estranho praticado por Juliana junto a um frei inconsciente lembra um romance japonês. Nele, velhos pagavam para transar com gueixas em sono profundo. Me arrepiava ao ler, pois as putas não apreciavam os pobres velhos. Me doía a lembrança deste romance proibido às irmãs do meu convento. Líamos trapaceando a superiora ao dizermos: são apenas histórias de velhos loucos. Tudo me vinha como em tempestade. Me condoíam os amantes da *Divina Comédia* tanto quanto a necessidade de mentir para ver de perto uma história japonesa com seus velhos desprezados. Por aí dá para imaginar a minha angústia que se fazia por causa de Frei Jobi.

Um retiro faz bem

A estas alturas das misérias humanas quem andava carente de tratamento era eu, tanto por não saber se, acaso, não estaria preocupada por inveja das delícias insensatas de Juliana ou se, de fato, pelo inusitado acontecimento. Minhas dúvidas se concentravam mais fortes ao pensar o quanto se condena e se faz assunto grave da história da sexualidade, emblemáticas num frei atravessando a vida como se carregasse uma pedra nas costas para cumprir sua vocação celibatária, tendo por justificativa a liberdade de servir melhor. Quando Jobi em sua consciência conversava anos atrás, afirmava categoricamente da validade de sua trajetória, com o qual eu concordava, pois a felicidade e a verdade só se fazem na interação. Nada se revela na solidão, nem a chuva que cai, nem o sopro do vento, muito menos um coração que pretende o infinito. A relação de um homem e uma mulher é pouca para quem pretende os céus, me dizia como justificativa pra sua castidade ainda quando a mente correspondia à normalidade. O que mais Jobi fazia era transitar entre sofrimentos e mortes. Pobre frei, mas duvido quem pudesse rir melhor que aquele santo homem. Agora, é certo, era o assombro do jeito com que Juliana impunha amor a um frei tão puro. Isso me enchia de suspeitas sobre o acerto da relação.

Pedi dispensa por um mês, invocando a bênção de minha superiora. Confessei as incertezas a um psiquiatra pra não me perder no transe que me afligia. A superiora me abençoou, condenando o que havia presenciado e o psiquiatra formulou uma proposta indiscreta, sugerindo que se mantivesse em discrição os amores estranhos dos dois. Porque negar o sexo a um demente?, dizia.

Voltei, então, somente com a bênção.

Nem bem chegara, fui ter com Juliana pra ver melhor como cuidar do imbróglio. Encontrei-a na maior agitação.

Narrou os acontecimentos corriqueiros e os volumes de azares que pendiam sobre alguns dos freis, espalhando o quanto a morte busca estragar a vida. Falava e falava, deduzia eu, querendo se livrar do pensamento que me possuía e era o seu também. Falou das roscas e dos pães, das pitangas e das pereiras, da cerejeira e das formigas, dos pássaros que chegavam, coisa nunca vista. Eles buscam as proximidades da cidade; as matas não os acolhem mais. Sabe, as abelhas picaram feio o vizinho nosso. Deu queixa no ministério público e levaram embora as caixas com mel e tudo. Por fim, baixando a voz, murmurou: estou cansada. Vou ver meus filhos. Já não sei se retorno. Um vento bom soprava sobre nós e um silêncio perscrutador nos envolvia. Olhou-me a seguir com olhos inquisidores, não escondendo um pouco menos que ódio.

— O que tu tens de averiguar a alma, se tua preparação é de apenas cuidar das doenças?

— Escuta Juliana, não se trata de minhas atividades profissionais. Se trata de acertar nossas atitudes. Pensa bem, querida, se os outros freis souberem do acontecido. Até os mais calmos vão ficar em alvoroço. Andei pensando e até acho que em Frei Jobi retornou a calma. Entendo, Juliana, que queira fazer o bem dando expressão àquilo que nele esteve reprimido. Não sei se é justo dar a ele, sem seu consentimento, o que ele supria com a devoção. Todos sabemos dos surtos de neurose depressiva dele, mas quem é que me garante que se localizava apenas na supressão dos desejos. Tem tanta mulher e homem em pior situação mesmo tendo uma sexualidade à feição dos melhores amantes.

— Mas que foi ótimo, foi! exclamou, rindo-se descontrolada. O homem tastaviu um pouco, mas depois cedeu aos meus apelos. Tive muito jeito, uma vez que parecia não saber mais o que era aquilo. A natureza é sábia e mesmo sem saber muito do acontecido, se saiu bem. Você está certa Madalena, pensando bem, deixe que o homem enterre o que quer enterrar.

O despertar da natureza

Parece bonito e tudo calmo, também semelhante aos escritos de Frei Jobi. Por falar neles, tive a indiscrição de mexer nas folhas que guardava como se fossem o seu espírito soprado em forma de letra. Me comove ainda a história das quatro mulheres envoltas numa tragédia, guardada a sete chaves. Por dez anos esconderam o tenebroso segredo com a virtude do silêncio, pouco comum em quem carrega um vulcão. Por fim a revelação da tragédia que se ocultava tendo-se um resultado bem expressivo. Se morreu Garbozza, salvaram-se os filhos bem cuidados.

Por aqui outros eventos me chamaram atenção.

A vida parece disposta a nos pregar dificuldades. Pois bem, frei Anselmo precisando de alguns medicamentos, cujo valor exorbitava aos outros, solicitou se os sobrinhos, a quem auxiliara tanto, poderiam contribuir um pouco para não onerar a congregação. A resposta foi dura contrapondo-se à expectativa de nosso monge. Ele abismou-se. Isso mesmo, caiu em profunda dor. Muito esforço foi feito para que dessa desmedida atitude emergisse o perdão. Telefonei para um dos sobrinhos, aquele que obtivera os melhores benefícios de Anselmo e, agora, em melhor condição financeira. Bem, calei-me após ouvir o impropério de suas palavras. Faz como faço, tome genérico!, gritou. Desliguei o telefone para não cair na tentação de, ao ficar desorientada, dizer o que faria inveja ao diabo. Na verdade, explicava ao frei desolado: acho que os sobrinhos se distanciaram tanto que mal fazem ideia da extensão de sua bondade. Eles estão bem e, mentindo, informei que eles estavam passando por uma crise que já vinha de longe. Minimizada a ofensa familiar o frei falou: *va bene, va bene, i vechi son lontano de tutti*, e sorriu de um riso compassivo. Sabia muito bem que não era verdade o que se passava com o sobrinho.

Falo tais coisas para introduzir os acontecimentos sequentes ao caso do inusitado amor julijobiano. Muito me atraía o memorável acontecimento. Toda a atenção era pouca, temendo que se extrapolasse o acontecido.

Passei a conversar com os mais expertos dos freis, atirando no verde pra colher o maduro, até que o velho frei Eusébio, negro, sábio e cheio de bom humor, fez o mesmo, não abrindo o jogo do que sabia. Madalena, Madalena, caçoava, vou falar de um bem querer, vou falar pra todo mundo, vou falar pra todo mundo... e desmantelava-se em gargalhadas. Muito mais sabia ele. Por fim foi claro. Ouvi tudo, querida Madalena. Ouvi até teu jeito suave de acalmar o rapaz, mais gargalhava o frei. Sou da paz, sou da paz. O silêncio é ouro. Depois, pra nada mais dizer, despistou falando do quanto o ouro e a prata feriram a América Latina. Finalizou, como que me mandando passear: Deus nos tenha a todos na bondade que o resto é de menos.

Era a plena primavera. Os gorjeios não cessavam. Cessava tampouco uma realidade febril que se ia nas conversas. Os comentários eram silenciados quando alguém da direção chegava por perto dos pequenos grupos falantes. Chegou a hora de falar abertamente, buscando soffrear o tumulto dos sentimentos e das palavras. Embora santos, o apetite malévolos da maledicência e o desejo mal controlado não dão tréguas. Comecei a ouvir brincadeiras, pois não há jeito de se ocultar uma verdade numa pequena casa. A ausência de Juliana foi um santo remédio. Não mais a apontavam como Cleópatra, nem como Semíramis, a rainha da Assíria. Aos poucos as conversas tomaram outros rumos. Aprendi: conversar sobre o que se oculta, diminui seu poder. É como um vulto misterioso, uma vez tomado nas mãos, se torna apenas um pano agitado ao vento.

Histórias de pastores

Apesar da grosseria, sinto-me tentada a dizer: o ser humano é um troço espantoso. Há sempre excessos, transbordando nos desejos, nas atitudes, nas ideias. E por aquilo que ouvi das bocas de freis já falecidos, outros vivos, inteiros ou pela metade, é coisa de espantar. Narro a história de Frei Conrado. Quase dois metros dobrando-se pela idade. O que de melhor havia nele era o jeito quase infantil de contar suas histórias. As palavras fluíam como fluíam as águas do riozinho de minha infância. Limpas e rápidas, avançando corajosamente. Sentava a seu lado como sentava ao lado de meu pai, ouvindo as histórias de meu avô. Acho isso o principal na minha vida: estar sentada ao lado de alguém ouvindo da vida como se a gente bebesse água com muita sede. Estar ao lado de Conrado e de meu pai era tudo de bom! Até que não me parece má ideia avaliar o céu como lugar de ouvir histórias. E não havia um rei muito mau que, de ouvir histórias, esquecia de matar? Me calo, que fale o frei sobre o caso da aparição de Nossa Senhora a duas crianças de uma de suas paróquias, o Pietro e a Cândida. Enquanto falava estava atenta, meus olhos fixos na distância infinita de onde veio a doce mãe consolar duas crianças. Afinal a vida de italianos da colônia não era moleza. Aí não se esgota tudo que se possa ter e imaginar.

- Me vieram um dia, *due bambini* e uma mãe.
- Padre, eu vi Nossa Senhora, disse a menina.
- Eu também, disse o menino.
- Eles não mente, reforçou *la mama*.
- Quando foi isso?, perguntei, sem dar muita atenção.
- Ontem de manhã, disse a menina.
- Eles iam pra escola, Frei. É coisa de Deus, *dice la mama*.
- Ela me falou, mas o Pietro não ouviu, *dice la bambina*.

— Ele é distraído. Um foguete. Tanto que nem prestou atenção per *la Madona*, falou *la mama*.

— Vão pra casa e se aparecer de novo, vocês me chamam. Quero *parlar con la madona, va bene*.

— A bênção, frei!, falaram ao sair! Contentes porque foram ouvidos.

Pela tarde veio o pai das duas e pediu prudência sobre o caso, porque a língua da colônia é maldosa.

— A menina é muito impressionada. Não é *la prima volta* que ela vê umas figura.

— Todo o ano ela vê?, perguntei.

—Aço que nó! Mais pros mês de fevereiro e março, o pai respondeu.

Agradei a informação e ele foi embora.

Era o forte período da colheita da uva, muita uva e das boas. O sol e a chuva foram bem certos. Por causa dos acontecimentos lembro até dos cachos, assim ó, desse tamanho.

No domingo me assustei com o movimento na frente da Igreja. Quis saber a razão daquele barulho todo.

— A guria do seu Crestani, *quella* da visão, falou que vai ver Nossa Senhora encima do pinheirinho junto do capitel. O pessoal aí também quer ver, falou o fabricanteiro.

Pra não contradizer ninguém, fui junto. A mais animada era a mãe da menina O piazzino não estava nem aí pra visita de Nossa Senhora. Começou aquele fervor preocupante. Chegamos ao local e na frente *la mama*, toda ancha, na frente do pinheirinho entre arbustos. *Varda, mama* gritou a pequena Francesca. É ela! Um frêmito perpassou a pequena turbamulta. Orações, cantos, exclamações, tudo ao mesmo tempo. Ma hoje não vejo *la dona*, falou pra mim o pequeno. Vai ver que você andou aprontando alguma, falei rindo em seu ouvido. No! No! Frei! Depois de dez minutos de visão da Francesca, ela voltou-se pra mim dizendo: ela disse tchau, fazendo assim com a mão. Depois, todos voltamos para casa.

Tinha em mãos um abacaxi, e, se de fato, Nossa Mãe estaria querendo visitar minha gente? Resolvi ver imediatamente o acontecido.

Falei com o Bispo que me sugeriu ver qual a razão para a menina ter os transtornos ditos pelo pai. O que aconteceu para o menino não ver a segunda aparição? Se o pai disse que ela costumava ter visões, a de Nossa Senhora não seria mais uma? Por que essas loucuras aconteciam somente em certos meses? Com estas perguntas fui ao médico. Este não teve dúvidas. Pediu pra que fosse ver onde a menina dormia. Nestes meses os colonos costumam fazer vinho. Aconselho que veja se a menina e o piá não dormem no quarto sobre o qual as uvas estão em fermentação. O mosto exala um produto tóxico, se ingerido em grande quantidade, pode afetar o sistema nervoso. Dito e feito, fui até a casa do colono e não deu outra. Tudo explicado. Havia frestas no quarto e eu mesmo senti o produto inalado. Fechamos tudo e a menina nunca mais viu Nossa Senhora. Em uma missa o médico esclareceu o acontecido. A dificuldade posterior veio das brincadeiras picantes sobre a menina. A fera humana se mostra por qualquer razão. Ainda no mês seguinte a família se mudou pra Santa Catarina. Foi no tempo das migrações. Sou de opinião que em tudo pode haver a graça de Deus. Aproveitamos a saída de muitos migrantes e fizemos uma novena pra Nossa Senhora pra que a sorte os acompanhasse. Se não apareceu aqui pouco importa, dizia. Ela continua como mãe. Uma boa proteção não faz mal a ninguém.

Outro frei maravilhoso, contador de histórias, era o Frei Honório. Ele me fazia lembrar o romance Gargântua, por seu interminável apetite. Quase dois metros de diâmetro, parecendo um gigante. Sua simplicidade ingênua, brincadeiras e histórias inocentes traziam alegria. A infância nunca se afastou dele. Quando, porém, refletia revelava-se um filósofo. As narrativas me davam a sensação de uma compaixão não traduzível em palavras. Certa feita me falou assim:

Sabe, Madalena. Teu jeito de cuidar da gente é bom. Também cuidei muito das pessoas. Tinha piedade dos sofredores. Visitava as casas dos doentes. Naquele tempo não tinha tantos remédios. Uma vez fui visitar uma mulher que não tinha jeito de morrer. Pediu pra eu dar uma bênção pra morrer bem. Dei a bênção e ele ficou boa. Todos me procuravam para dar bênção. Acho que depois de Jesus fui eu o mais abençoador. Acho que abençoei mais pelo tempo que vivi. Não quero desfazer das bênçãos do Senhor, mas as minhas também curavam. Acho mais por que acreditavam do que pela força de minhas mãos.

Pensava: Interessante, um corpo tão grande numa alma tão delicada. Cheguei a chorar o dia que me mostrou uma figura do anjo

da guarda. Sempre peço a ele pra me cuidar. Minha filosofia é pequena, mas minha devoção, acho que ajuda mais que as ideias de Santo Tomás que era gordo como eu. Tinha compaixão, muita compaixão. Sempre conversava e conversava com quem vivia com dor na alma. Falava com todas as letras: Que coisa triste é ver uma pessoa sem saber o que fazer quando dói na alma. Uma das dores é quando uma mãe perde um filho. Chorava junto, era o que eu podia fazer. Quando minhas mãos pesavam sobre a cabeça dela, parecia que devolvia o filho. A dor se ia devagar, devagar, enquanto dizia: a tua dor vai embora que teu filho tá no céu. Não sabia se estava, mas a mãe acreditava. A gente, Madalena, tem que encontrar um jeito de ajudar. Eu tinha o meu. A caridade ajuda muito.

Assim eu me convencia com Gargântua de que a vida vale a pena porque buscamos encontrá-la nos outros: a nossa fica maior. Acho que o amor é isso.

O retorno de Juliana

Juliana voltou diferente. Já não lhe atravessava mais a ansiedade. Em razão do avanço da doença de Jobi, nem mais brilhavam os olhos. Isso é que é morrer. Apagavam-se as luzes. Não mais reagia aos convites. Alheio a tudo e aos antigos costumes. Um corpo ausente. Até escrevi como desabafo. *Nada mais resta da leveza do ser. Nada mais resta da antiga casa das memórias dos feitos lembrados. Nem culpa, nem glória, tampouco a ilusão do amor vivido. Levados foram a alma e do corpo silenciado, a morte. Nem a fé e a caridade se colhem neste coração quieto. Muito menos que um feto de quem se espera vida. Tanto lhe fazia a hora ou eternidade. Apenas uma laranja à dez da manhã em pleno sol, revela a vida esmaecida. Pobre Jobi, nem Juliana, nem campo a memória guarda.*

Pois bem, Juliana em reciprocidade à ausência jobiana, calava enquanto fazia seu dever sem coração. Posto que havia um morto a velar onde outrora o dia vinha inebriar as horas. O fecundo brilho das jabuticabas e das pitangas não mais delineava o tamanho de um suspiro.

Na casa São Francisco minimizou-se o prêmio da alegria, apenas risos ligeiros, sem inspiração. De não suportar tanta monotonia, comecei a não mais suportar o meu silêncio. Retornei para minha casa. Fui cuidar de minha mãe. Tento a densidade da hora.

Releio no silêncio de minha casa meus escritos. Vou mandar para a publicação o livro de Jobi, acompanhando seus pedaços de sermões e meu testemunho. Acredito: comunicar é multiplicar a vida.

Veio-me uma carta: faleceu nesta Páscoa o Frei Francisco Bigliardi.

Lia as últimas páginas do livro sem nome as quais denominei: **os últimos sermões.**

Rascunho para o segundo domingo do advento.

Queridos irmãos em Cristo, hoje é o dia de a gente se preparar para receber o Menino. *Dio a bisogno de noi!* De pouco adianta as velas do advento, se não mostrarmos nossa luz. Nossa luz é feita da fé em tudo que diz respeito à caridade. Falo por mim que tenho andado aplainando muitas veredas. Ninguém pode dizer que não fui exemplar. Mostrei o dom de Deus feito nas obras do dia-a-dia. A ninguém neguei daquilo que podia fazer o bem. Concedi dignidade aos que morrem e alegria aos jovens pelos salões esportivos. Estou perdendo todos os fios de cabelos e se dobram minhas costas pelo amor que dedico a vocês. Não peço para lembrar a minha bondade. Quero que mostrem os caminhos de Deus pela conduta dentro e fora de casa. Os De Marchi, os Floriani, os Liberali, os Franceschetto, os Bergonsi, os Borella podem dizer que as mulheres e eles com seus filhos estão mostrando as veredas de Deus? Não esqueço de ninguém, mas minha memória está se apagando como uma vela no toco. E depois... Deus não costuma agir por conta própria, ele depois da vinda de Jesus, ficou sem saber o que fazer sem nossa colaboração. Pergunto, então, estão preparados para limpar a alma da inveja, do rancor, da falta de delicadeza, da falta de conversas com os mais velhos? Estou vendo nossa igreja caindo aos pedaços e ninguém se mexe para fazer alguma coisa por ela. Sei que ela não é tão importante, mas temo que possa cair sobre nós. Isso não é importante, mas que ficaria linda, ficaria. Deus não precisa de casa para se dar bem. Precisamos de uma igreja bonita para que nossos olhos saibam que existe beleza. E por nossos olhos, Deus seja louvado. O meu coração sente que está mais fraco, mas não o coração de Deus em mim. Agora vamos acender a segunda vela e em silêncio pensemos sobre a luz pela qual iluminamos os caminhos dos outros, são os caminhos de Deus. Todos aqueles que convivem perto de nós nada tem a reclamar? Não vou falar mais porque o mundo não se salva pelas palavras, mas pelas nossas ações.

Dia seis de janeiro

Vou ser curto e grosso. Não vou dar voltas, vou encilhar o cavalo, sem luxo, que é preciso andar. Hoje é o dia dos reis no qual o menino se mostrou. Ninguém sabe de onde vieram e para onde foram. Pequenos reis, sem dúvida, dois brancos e um preto. Grande coisa não eram, que os romanos não aceitavam competição. Por estes dias uma estrela brilhou no caminho e Herodes percebeu que andava em perigo. É disso que vou falar. Deus esteve no campo e uma estrela indicava o caminho. Herodes somos nós quando matamos a presença de Deus nas figuras pequenas: uma criança, uma mulher, um homem cansado, um trabalhador do campo, um vaga-lume, uma grama, uma casinha, uma estrela, uma lágrima, um pedido qualquer. É aí, meus paroquianos, onde está Deus. Deus não precisa de muito pra se mostrar. E quando se trata de ver e fazer com os outros, aí Deus tem a morada. Somos Herodes quando temos medo de ver a Deus diante de nós. Saudemos aquele que está ao nosso lado que aí está Deus. Bendito o Senhor de nossa aldeia. Os pequenos pastores nos saúdam também. São eles os nossos conhecidos e quem ainda vamos conhecer. Que ninguém nos seja estranho, até os cabeludos e os pequenos ladrões, todos eles mostram a face difícil de Deus. Preferimos a face generosa, mas Deus tem seus costumes desconhecidos. Amemos a vida ainda que triste, que Deus também suspira pelo melhor. Amém!!

Sermão para as irmãs no dia da Assunção de Nossa senhora.

Sei de vossa dedicação queridas irmãs e do abandono do corpo em favor do Senhor. Como a água da sanga pura e dócil sobre a terra, assim vossa submissão. Frágil sou ao dizer de vosso sacrifício. A privação do corpo e seus naturais apelos para sentir a iluminação divina é uma consagração tamanha, maior que a maior montanha. As crianças, os mendigos, aqueles que sofrem, ninguém pode dizer, em suficiência, a generosidade acolhedora. Tapais o corpo em escuras vestes, pois o que conta é o que se tem na alma. Sei de vossos seios inúteis e dos desejos em chama guardados no recôndito zelo. Ir além da força natural pondo em vista a divina vontade é obra de santas, que, penitentes, buscam a perfeição. Ó céus me dizei do que mais precisais para salvar o mundo?

O silêncio do corpo permite as vozes, ora sutis, ora elevadas da alma. Não permitais que a obscuridade e as sombras permeiem vossos caminhos. Se o deserto se estender por semanas, não deixai vossa contemplação se apequenar, que Deus guarda as melhores águas para suas amadas criaturas. Vinde e vede como o Senhor é bom. Ele é mais real que a estrada ao caminhante. Sorri para a face de Deus que se esconde em cada gesto e na paisagem por onde andais. A virgindade animada pela fé produz sonhos mais puros que as águas límpidas dos vales. Que digam umas às outras: somos filhas da divina vontade! Somos filhas da divina luz. Somente aquelas, porém, que se alimentarem dos sonhos de Deus poderão segurar em paz a natureza. Nas explosões das estrelas, nas fontes, nos pequenos pássaros, nas sementes perdidas, nos suspiros dos aflitos, nos ventos do inverno e nas lembranças fugidias, aí Deus faz sua morada e aprecia ser encontrado. Que cada um tenha seu abrigo no Senhor.

Não se oculte a misericórdia em pequenas proposições! Tenham cuidado de Deus que passa a toda hora. Tenham paz e não aflição, Deus é cheio de dons. Cultivai o bem!!!! Subi a Deus com Nossa Senhora!!! Mas minhas filhas, se acaso, as vestes religiosas ficarem pesadas, rasguem elas e vão procurar a Deus noutro lugar.

Numa sexta desvairada

Sexta-feira santa, no Gólgota mortal de árvores miradas se ouve aflitos gritos invocando Deus, que a dor condenado ninguém ouvia, mais alto, mais alto se fazia a voz alta, silenciada pelos soldados, porque a voz da dor já não comovia os céus. Mutilada a alma sofredora, cansada de suspiros silencia e múrmuras vozes dos viventes se desleixam de crer por se verem os quietos brados sem resposta. Ó peroração sem destino certo como os ventos invernais, soprando sobre a lagoa de águas em espasmos repetidos contra as pedras e ninguém pra afastar o sopro de rajadas sobre as ondas inocentes. *Stabat mater, dolorosa*, de lágrimas e soluços hirtos, longe de qualquer consolo, pobre mãe de um filho poderoso entregue ao delírio do poder romano. Sem valor o direito humano do filho erguido e da mãe prostrada. Comum imagem pelos séculos sem fim, e ninguém do bom poder a demover a alma humana de suas convulsões raivosas. Bondade tenhas Deus, bondade tenhas de tua criatura, criada nesta fera morte sem consolo. Diz-me tu, sem demora, que consolo eu vejo, pois se ao filho negou-se a piedade o que me sobra pecador que sou? Só me resta o devaneio e a poesia, o riso brando e a humildade plena, o consolo mútuo e o amor devoto. Te consolo filho do homem que vejo teu poder ausente, empresto a existência que em mim se adianta, de meu peito a solidariedade vem em teu socorro. Entre esgares de pouco ar ouço e me vem a pouca força em mim restante. Empresto a Deus o que em mim faz falta. Pouco importa se assim é dito: de pouco adianta este gesto inofensivo. Misericórdia é meu poder e nada mais eu posso. Vou em frente em movimentos brandos, estendendo braços que de tanto erguidos possam calar a dor de Deus no alto de um morro distante, onde ainda a mesma cobiça devasta inocentes.

Ressurexit sicut dixit, alleluia!!

Depois do lenho, entre linhos o puseram. Dos linhos e do lenho saiu. O sonho de discípulos, sonhadores como eu. Aurora solene, moída na esperança, construção necessária aos desesperados, tão desejada e florida pelo sonho de Deus, dada aos homens para alívio de quem morre. Viva luz das velas das abelhas, chama divina embalando vidas entre ausências e angústias. Terna entrevista do jardineiro com Maria, a mulher das dores grandes ao perder o seu amado das palavras doces, carinho sem corpo, sobranço sonho da alma. Caridade plena no viver de quem precisa de um carinho ameno. Aí estão as pedras solidárias na dureza de passos sem destino... mas, pra que sofrer da desconfiança triste de quem penúrias vela. Aí está aquele que não perde a vida apesar de morto. Dize-me onde puseste o corpo, reclamou Maria. Uma palavra basta para a história toda. Um sopro além do tumulto humano. Entre arbustos frágeis, se mostrou um Deus que se dilui nas brasas e nos ventos. Solene morte se tornou propícia aos que dizem: nada para além das vistas. Pequenas migalhas de visões alegres dos crentes pobres nas andanças ao cair da tarde. Ó Emaús, Cafarnaum, Betsaida podereis sorrir que o mestre existe. Não o tenho em carnes vivas, mas na penumbra serena das palavras ditas e do amor confessado entre poeiras para as gentes de feridas fundas. Ó mãe Maria que o tiveste ente estrelas de Belém, não chores mais que prova existe que volveu entre aqueles que da vida longe andaram.

Eis-me aqui, franciscano peregrino, entre montanhas de gente alegre. Sonho breve de um ser amável. Tirei de mim amor pequeno e dei aos outros alívios tantos sem querer cobrar valias. Tenho em mim tua mente viva e nesta noite, entre tantas outras, me consola o meu viver ameno, sem consolo de mulher amena. Tiveste Maria a esperar por ti, e eu apenas tua palavra divina a me ter completo.

Os céus vos tenham, colonos bons de tarefas duras. Tenham entre bois e terra arada a semente da fé na vida alheia onde Deus se mostra.

Estes dois últimos sermões mostram um homem desesperado, de palavras diferentes.

Irmã Madalena



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

Catálogo do Projeto Passo Fundo
www.projetopassofundo.com.br



Agostinho Both - Autor de diversos livros. Artigos em inúmeras revistas e em capítulos de livros, todos de natureza acadêmica. Após a aposentadoria, escreveu romances sobre temas relevantes de nossa cultura. Possui estilo literário livre de preceitos acadêmicos. A bagagem, como professor e administrador universitário, faz com que penetre com estilo leve e crítico nas questões do cotidiano da nossa cultura. Acima de tudo, busca forma pessoal, advogando a estética em primeiro lugar.

Aqui é narrada a história de um homem de convicções pouco ortodoxas, entretanto passou a vida fazendo o bem. Mais que os conflitos afetivos de um homem e uma mulher, transcendeu Frei Joel, analisando a austeridade judaica e a ternura de Deus em Cristo. Viveu franciscano entre colonos tendo a Cristo como um homem, mas em tudo o divino o chamava a realizar bravuras de Odisseu. Nada do homem lhe foi segredo. Morreu sem consciência do bem que fez. A velhice roubou o dom da comunicação, deixando, em escritos, memórias comunicativas.



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura



Portal
Domínio Público
Biblioteca digital desenvolvida em software livre

